

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL
PLAGEDER**

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA SILVA

**DILEMAS E PERSPECTIVAS DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO E DOS
REMANESCENTES DO SALADEIRO SÃO CARLOS DE QUARAÍ, RS**

Porto Alegre

2022

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA SILVA

**DILEMAS E PERSPECTIVAS DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO E DOS
REMANESCENTES DO SALADEIRO SÃO CARLOS DE QUARAÍ, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Orientador: Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel

Porto Alegre

2022

ANA LÚCIA OLIVEIRA DA SILVA

**DILEMAS E PERSPECTIVAS DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO E DOS
REMANESCENTES DO SALADEIRO SÃO CARLOS DE QUARAÍ, RS**

Trabalho de conclusão submetido ao Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER, da Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Desenvolvimento Rural.

Aprovada em: Porto Alegre, ____ de _____ de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Lovois de Andrade Miguel – Orientador
UFRGS

Profa. Dra. Cláudia Ribeiro
UFRGS

Prof. Me. Etho Roberio Medeiros Nascimento
UFRGS

Este trabalho é dedicado à professora Diva Simões (*in memoriam*), à Associação Amigos do Saladeiro, ao município de Quaraí/RS e a todas as pessoas que atuam efetivamente para a valorização e preservação do patrimônio cultural.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente às pessoas, às organizações e às instituições que possibilitaram a realização e a complementação dos estudos acerca do desenvolvimento rural e sua temática. Às colegas do “Trio Maravilha”, Daniela Moreira da Silva e Mônica da Silva Moreira Zang, que foram parceiras amáveis, incansáveis e tornaram esse percurso alegre, agradável e sereno. Também sou grata pelas contribuições que resultaram na concretização deste desafiante trabalho final e que oportunizaram a obtenção de conhecimentos sobre contextos antes, por mim, inexplorados.

“The past is never dead. It’s not even past.”
 (“O passado nunca está morto. Nem sequer é passado.”)
 WILLIAM FAULKNER, 1950

RESUMO

A cidade de Quaraí, na fronteira com o Uruguai a oeste do Rio Grande do Sul, teve um importante papel na economia regional no final do século XIX e início do século XX, relacionado à produção de charque nos saladeiros. O saladeiro São Carlos, construído no começo do século XX nos arredores da cidade de Quaraí, foi um eminente representante deste expressivo momento histórico. Atualmente, subsistem elementos estruturais remanescentes do saladeiro São Carlos em um local denominado Parque Dyonélio Machado. A preocupante situação de abandono da área levou ao tema deste trabalho para abordar acerca da história, as suas condições atuais, a importância para a comunidade e perspectivas futuras. O objetivo traçado foi contextualizar tais aspectos e discutir sobre a valorização do patrimônio cultural representado pelo Parque e os remanescentes do São Carlos. Para alcançar os resultados, utilizou-se o método qualitativo com pesquisa bibliográfica, documental e de campo com aplicação de entrevistas presenciais. Os resultados apontaram para a existência de uma importante memória coletiva da comunidade de Quaraí e de seu entorno em relação ao contexto de prosperidade do período de funcionamento dos saladeiros. Se, de um lado, constatou-se uma preocupação da comunidade local com a preservação dos remanescentes e com a pouca estrutura do Parque, de outro, identificou-se uma baixa participação social em relação a temas pertinentes àquele espaço. Por fim, pôde-se identificar um elevado potencial do Parque como fator de desenvolvimento local, especialmente com o turismo. Conclui-se pela necessidade de uma urgente inclusão do Parque nos planos de gestão pública, seja pelo apoio da política destinada ao patrimônio cultural, seja pela participação efetiva da comunidade de Quaraí. Considera-se possível que as ações procedentes podem contribuir para que a comunidade usufrua adequadamente de um local público de lazer estruturado e que ocorra concomitantemente a valorização e preservação do patrimônio, promovendo, assim, o desenvolvimento local.

Palavras-chave: Parque Dyonélio Machado; saladeiro São Carlos; Quaraí; turismo; patrimônio cultural.

ABSTRACT

The city of Quaraí, situated on the border with Uruguay to the west of Rio Grande do Sul, played an important role in the regional economy in the late 19th and early 20th centuries, related to the production of jerked beef in *saladeiros*. The São Carlos *saladeiro*, built at the beginning of the 20th century on the outskirts of Quaraí city, was an eminent representative of this expressive historical moment. Currently there are remaining structural elements from the São Carlos *saladeiro* in a place called Dyonélio Machado Park. The worrying situation of abandonment of that area led to the theme of this work to address about the history, its current conditions, the importance for the community and future perspectives. The defined objective was to contextualize these aspects and to discuss about the valorization of the cultural patrimony represented by the Park and the São Carlos remnants. In order to achieve the results, the qualitative method was used with bibliographic, documentary and field research with the application of face-to-face interviews. The results pointed to the existence of an important collective memory of Quaraí community and its surroundings in relation to the context of prosperity of the period of operation of the *saladeiros*. If, on the one hand, there was a concern about the local community with preservation of the remnants and with little structure of the Park, on the other hand, a low social participation was identified in relation to relevant themes to that space. Finally, it was possible to identify a high potential of the Park as a factor of local development, especially with tourism. It is concluded by the need for an urgent inclusion of the Park in public management plans, either through the support of the policy addressed to cultural patrimony or through the effective participation of the Quaraí community. It is considered possible that the proceeding actions can contribute to the community properly enjoy a structured public place of leisure and that valorization and preservation of the patrimony occur concomitantly, thus promoting the local development.

Key words: Dyonélio Machado Park; *saladeiro* São Carlos; Quaraí; tourism; cultural patrimony.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Os caminhos das dimensões de revitalização urbana	29
Figura 2 - Esquema gráfico do plano inicial do Trabalho de Conclusão de Curso	33
Figura 3 - Limite entre os biomas Pampa e Mata Atlântica no Rio Grande do Sul	34
Figura 4 - Localização geográfica de Quaraí no Rio Grande do Sul.....	35
Figura 5 - Localização geográfica de Quaraí no Corede Fronteira Oeste	35
Figura 6 - Mapa de efetivo de bovinos no Rio Grande do Sul entre os anos de 2016 e 2018..	37
Figura 7 – Linha do tempo das principais ocorrências entre 1494 e 1756	41
Figura 8 - Trecho da obra de Jean Baptiste Debret sobre a charqueada no Rio Grande do Sul	45
Figura 9 - Gravura “Boutique de carne seca” de Jean Baptiste Debret.....	46
Figura 10 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1777 e 1860.....	50
Figura 11 - Foto de Emilio Calo com sua família	55
Figura 12 - Trabalhadores do saladeiro Novo Quaraí	58
Figura 13 - Local para onde os animais abatidos eram transferidos no saladeiro Novo Quaraí	58
Figura 14 - Recorte do Jornal <i>A Federação</i> de 1911.....	60
Figura 15 - Recorte do Jornal <i>A Federação</i> de 1911.....	60
Figura 16 - Nota sobre a formação da sociedade anônima do saladeiro São Carlos.....	61
Figura 17 - Cabos aéreos na fronteira do Brasil com o Uruguai sobre o Rio Quaraí-Saladeiro Novo Quaraí	63
Figura 18 - Cabos aéreos na fronteira do Brasil com o Uruguai sobre o Rio Quaraí-Saladeiro São Carlos.....	64
Figura 19 – Remanescentes do Frigorífico Swift Armour em Santana do Livramento/RS	68
Figura 20 - Remanescentes do Frigorífico Swift Armour em Rosário do Sul/RS	68
Figura 21 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1893 e 1945.....	69
Figura 22 – Fotos históricas de Quaraí/RS: casas que podem ter marcado o início da formação dos bairros do município e os moradores do passado	73
Figura 23 - Vista dos remanescentes do São Carlos do bairro Saladeiro	74
Figura 24 - Moradias do bairro Saladeiro.....	75
Figura 25 - Obra de revitalização do saladeiro São Carlos de Quaraí em 1991.....	77
Figura 26 - Convite do evento de inauguração da revitalização do saladeiro São Carlos.....	78

Figura 27 - Matéria sobre o administrador do Parque	79
Figura 28 - Ponte da Sanga da Saboeira	79
Figura 29 - Matéria sobre o tombamento dos remanescentes do saladeiro São Carlos.....	81
Figura 30 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1945 e 2014.....	83
Figura 31 - Gráfico por eixo temático pesquisa sobre priorização de ações	87
Figura 32 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 2018 e 2020.....	89
Figura 33 - Reunião dos membros da AAS com representante da AMA em abril de 2021	90
Figura 34 – Representação e delimitação da área do Parque Dyonélio Machado, 2021.....	91
Figura 35 - Ato de entrega do Livro do Tombo de Quaraí na Câmara de Vereadores do município, 05 de novembro de 2021	92
Figura 36 - Foto da assinatura da carta de intenções entre Quaraí e Artigas, 05 de novembro 2021	92
Figura 37 - Palestra sobre patrimônio cultural, apresentações culturais e exposição no Clube Comercial de Quaraí, 05 de novembro de 2021	93
Figura 38 - Membros da Associação em visita aos remanescentes do Saladeiro São Carlos no ano de 2021.....	94
Figura 39 – Quadro-resumo das ações realizadas no ano de 2021	95
Figura 40 - Foto dos remanescentes do saladeiro São Carlos em 1991	96
Figura 41 – Fotos dos remanescentes do saladeiro São Carlos no ano de 2022.....	97
Figura 42 - Folder com a letra da música Saladeiro, de Jorge Abella.....	109
Figura 43 - Charque comercializado no Mercado Público de Porto Alegre.....	110
Figura 44 - Charque comercializado no Mercado Público de Porto Alegre.....	111
Figura 45 - Participante do I Encontro Binacional servindo carreteiro de charque no almoço típico	112

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Síntese do conteúdo do Plano Municipal de Saneamento Básico de Quaraí (2020)	
.....	36

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	15
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	19
2.1	PATRIMÔNIO CULTURAL.....	19
2.2	O PATRIMÔNIO CULTURAL E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL.....	20
2.3	MEMÓRIA COLETIVA.....	24
2.4	IDENTIDADE RURAL	26
2.5	A FÁBRICA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL	26
2.6	PARQUE URBANO E REVITALIZAÇÃO URBANA.....	27
3	METODOLOGIA.....	29
3.1	OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO	31
3.2	CAMPO EMPÍRICO DE ESTUDOS	33
3.2.1	Localização de Quaraí	34
3.2.2	União de fronteira.....	38
4	GADO, CHARQUEADAS E SALADEIROS	38
4.1	OS SALADEIROS DE QUARAÍ.....	51
4.1.1	Por que Saladeiros e não charqueadas.....	51
4.1.2	Saladeiro Novo Quaraí: itinerário, vínculos e negócios.....	52
4.1.3	Saladeiro São Carlos.....	58
4.1.4	“CABLECARRIL”: Inovação e contrabando.....	62
4.1.5	FRIGORÍFICOS: frio que aqueceu a indústria da carne.....	65
5	O SURGIMENTO DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO	70
5.1	O BAIRRO SALADEIRO	72
5.2	A ESPERANÇA RENOVADA: AÇÕES PONTUAIS AO LONGO DOS ANOS.....	75
5.3	AÇÕES COMPARTILHADAS ENTRE QUARAÍ E ARTIGAS.....	81
5.4	AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA.....	84
6	PERCEPÇÃO E EXPECTATIVAS DA COMUNIDADE DE QUARAÍ QUANTO AO PARQUE DYONÉLIO MACHADO	96
6.1	Percepções	98
7	PROPOSIÇÕES DE AÇÕES DE REVITALIZAÇÃO, MANUTENÇÃO E DE PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO	106
7.1	PROPOSIÇÕES	106

7.1.1	A “Prata da casa”	108
7.1.2	O charque na gastronomia	109
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
9	REFERÊNCIAS	117
10	APÊNDICES	123
	APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	123
	APÊNDICE B – ENTREVISTA I.....	124
	APÊNDICE C – ENTREVISTA II	127
	APÊNDICE D – ENTREVISTA III.....	130
	APÊNDICE E – ENTREVISTA IV	132
	APÊNDICE F – ENTREVISTA V	135
	APÊNDICE G – ENTREVISTA VI.....	137
	APÊNDICE H – ENTREVISTA VII	140
	APÊNDICE I – ENTREVISTA VIII	144
	APÊNDICE J – ENTREVISTA IX.....	147
	APÊNDICE K – ENTREVISTA X	149
	APÊNDICE L – ENTREVISTA XI.....	151
	APÊNDICE M – ENTREVISTA XII	153
	APÊNDICE N – ENTREVISTA XIII.....	155
	APÊNDICE O – ENTREVISTA XIV	158
	APÊNDICE P – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE – UFRGS.....	159
11	ANEXOS	160
	ANEXO A – Estatutos da Sociedade Industrial São Carlos de 24 de fevereiro de 1915	160
	ANEXO B – Maquete eletrônica do saladeiro São Carlos.....	161
	ANEXO C – Decreto Nº 8.547 de 1º de fevereiro de 1911.....	162
	ANEXO D – Decreto Nº 5.574 de 14 de novembro de 1928.....	166
	ANEXO E - Projeto de Lei Nº 1.390/1995 - Denominação do Parque Dyonélio Machado	170
	ANEXO F - Registro da área do Parque Dyonélio Machado de 1987	173
	ANEXO G - Relação dos Prefeitos de Quaraí.....	176
	ANEXO H - Delimitação e denominação dos bairros de Quaraí.....	177
	ANEXO I - Imagem do bairro Saladeiro	178
	ANEXO J - Ofício enviado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura pelo arquiteto Antônio Augusto de Nadal, em 1998.....	179

ANEXO K - Matéria do jornal <i>Folha de Quaraí</i> - trabalho escolar vencedor da Amostra de Artes e Ciências na Escola Estadual Dartagnan Tubino de Quaraí, em 2005.....	182
ANEXO L – Foto com Professoras Terezinha Saldanha, Diva Simões, arquiteto Antônio Augusto Nadal e a estudante Ceila Silva na Câmara de Vereadores de Quaraí protocolando o Projeto de Lei (2005).....	183
ANEXO M - Lei Estadual Nº 12.491 de 16 de maio de 2006	184
ANEXO N - Formulário de priorização de ações e de avaliação do Iº Encontro Binacional Saladeiro Patrimônio e Memória.....	185
ANEXO O - Gráficos priorização de ações do tema “aspectos jurídico-legais”.....	186
ANEXO P - Carta de Intenções entre Quaraí e Artigas	187
ANEXO Q - Lei Diva Simões, que institui o Dia da Valorização e Conscientização do Patrimônio Cultural do município de Quaraí.....	188
ANEXO R - Lei Diva Simões - Publicação em fevereiro de 2022 na página da Prefeitura de Quaraí/RS.....	189
ANEXO S - Matéria <i>Jornal Zero Hora</i>. Edição de 03 de abril de 2021	190
ANEXO T - Anteprojeto que dispõe sobre a criação e organização do Conselho Gestor do Parque Municipal Dyonélio Machado.....	191
ANEXO U - Material didático do curso de Procedimentos básicos para a manutenção dos remanescentes do saladeiro São Carlos	192
ANEXO V - Projeto de revitalização do Parque Dyonélio Machado elaborado por Bruna Copetti	193
ANEXO W - Projeto de revitalização do Parque Dyonélio Machado elaborado por Bruna Copetti.....	194
ANEXO X - Receita de carreteiro de charque.....	195
ANEXO Y - Receita de creme de moranga com charque	196
ANEXO Z - Receita de risoto de charque e moranga	197

1 INTRODUÇÃO

O gado bovino teve relevante influência em relação à ocupação do espaço agrário do Rio Grande do Sul, sobretudo no bioma Pampa. Desde os períodos pretéritos até o presente, a bovinocultura tem tido um papel fundamental na economia e no desenvolvimento do Estado e do Brasil, fornecendo matéria-prima para a alimentação humana, como a carne e o leite, ou para confecção de diversos subprodutos.

Anterior à chegada dos colonizadores europeus à América do Sul, na área que atualmente compreende os estados do sul do Brasil e os países adjacentes, já existiam povos de etnias indígenas que contribuíram para a formação socioeconômica do continente sul-americano. Ao longo dos séculos seguintes, os colonizadores portugueses foram avançando para o oeste do continente, dominando áreas já povoadas por indígenas e onde já haviam se estabelecido reduções jesuíticas pelos espanhóis, os quais introduziram o gado para a alimentação dos povos missioneiros.

Após a queda das Missões, ocasionada pelos ataques dos bandeirantes paulistas e, mais tarde, pela Guerra Guaranítica, o gado criado nas reduções foi abandonado no Pampa gaúcho, onde existiam amplas pradarias naturais. No século XVII, os extensos rebanhos de gado bovino xucro, que constituíram a chamada Vacaria Del Mar, foram explorados por indígenas e pelos gaúchos. Com uma necessidade crescente de abastecimento de alimentos e animais para a atividade da mineração, em Minas Gerais, o tropeirismo se intensificou como atividade de transporte dos animais até o sudeste do Brasil. O declínio do ciclo do ouro no começo do século XVIII e uma crescente demanda pelo couro e pela carne salgada, o charque, fizeram com que o interesse pelo bovino como matéria-prima se ampliasse, tornando a pecuária bovina a principal atividade econômica no Rio Grande do Sul.

A partir do contexto econômico que se apresentava no país naquela época, foram sendo implantadas, no Rio Grande do Sul, as unidades de fabricação do charque, as charqueadas. Essas eram, geralmente, instaladas próximas a cursos d'água para a sanidade do produto e descarte de resíduos resultantes da sua produção. As charqueadas se caracterizavam por serem estabelecimentos rústicos de abate e produção de charque, pouco equipados, e utilizavam a mão de obra dos escravos.

A partir das publicações da historiadora Sandra Jatahy Pesavento sobre a história do Rio Grande do Sul, são apresentados neste estudo alguns dos principais acontecimentos referentes à produção do charque desde o início das charqueadas, no Rio Grande do Sul, até o

seu declínio no século XX. A camada da sociedade produtora de charque que vinha se apropriando de extensas áreas apresentava, também, discordâncias com relação à Coroa.

Com a vinda de novas tecnologias e procedimentos como o gerenciamento empresarial, em especial de origem europeia, emergiram nos países do Prata estabelecimentos industriais com a função de produzir charque (*“tajado”*). Nas regiões de fronteira do estado gaúcho, esses estabelecimentos eram denominados de saladeiros. Além da produção em escala industrial, esses locais permitiram o aproveitamento quase que total das reses abatidas com o tratamento primário do couro, a produção de farinhas de ossos, de graxa, sabão, velas e de outros subprodutos.

Paralelamente ao funcionamento dos saladeiros da fronteira, ocorreram vários fatos que propiciaram uma conjuntura atribulada para as unidades saladeiris, como o surgimento dos frigoríficos, dificuldades de transporte do produto, por não haver ferrovias, mudanças no contexto político e econômico do Brasil e a institucionalização da Lei de Desnacionalização do Charque. Essas ocorrências foram algumas das causas do declínio da atividade de produção da carne seca e salgada, resultando no fechamento dos estabelecimentos produtores em Quaraí. Os saladeiros perderam a razão econômica de existir, ultrapassados tanto pelas ascendentes empresas frigoríficas quanto pelas novas tecnologias empregadas na elaboração do produto.

Os frigoríficos da região da fronteira do Rio Grande do Sul, simultaneamente com os do país vizinho, Uruguai, apresentavam estruturas e gestão empresariais qualificadas, mais eficientes do ponto de vista produtivo e econômico, o que impulsionou o seu crescimento e foi, também, uma das causas do desmantelamento dos saladeiros. Com a introdução da refrigeração, substituiu-se o método de conservação da carne, que até então era feita com a utilização do sal. O mercado consumidor, acostumado a alimentar-se com o charque, pôde experimentar um sabor diferenciado e, aos poucos, foi optando pela carne refrigerada no lugar da carne seca e salgada.

O contexto de alta produtividade, entrada de capital e de desenvolvimento da cidade, apesar de os impactos negativos serem pouco mencionados pela historiografia é o que está arraigado na memória da comunidade de Quaraí. Daquela época próspera, restaram apenas remanescentes das imponentes estruturas prediais do saladeiro São Carlos que compõem o Parque Dyonélio Machado. Onde havia o saladeiro Novo Quaraí, provavelmente ainda existam alguns vestígios, porém o local tem muita vegetação, é de difícil acesso e, por ser uma propriedade privada, é preciso permissão para uma investigação mais detalhada.

A área de 22,9 hectares onde se localizam os remanescentes do saladeiro São Carlos foi denominada de Parque Dyonélio Machado, por meio do Projeto de Lei municipal nº 1390

de 1995. Esse espaço foi doado em 1991 ao município de Quaraí pela família Macedo (QUARAI/RS, 1987). Os doadores listaram exigências que deveriam ser cumpridas por parte da prefeitura de Quaraí; do contrário, toda área retornaria a ser de propriedade dos herdeiros da família Macedo.

A existência de remanescentes do saladeiro reforça a memória coletiva com forte representação para a comunidade de Quaraí de uma vida pretérita próspera. Contudo, o local do Parque, mesmo pertencente ao poder público, foi negligenciado por muitos anos, e apenas ações pontuais de valorização e revitalização comprovam a referência nostálgica e cultural em relação a todo o conjunto de elementos que lá se apresentam como um verdadeiro patrimônio cultural.

Os poucos cuidados e uma precária manutenção foram feitos por um breve tempo e com insuficiente apoio administrativo municipal, o que propiciou ações de vandalismo e invasões de posseiros em parte da área, onde já existem obras clandestinas. Ainda assim, atualmente, observa-se a movimentação de visitantes para passeios, encontros, registros fotográficos em redes sociais, eventos no local ou em seu entorno, pois, além dos remanescentes do saladeiro São Carlos, estão presentes uma rica vegetação, uma fauna peculiar e um rio em área de preservação ambiental que divide os dois países.

Poucos atores locais, de fato, deram a devida importância para a história e para o patrimônio cultural. Foi por meio de suas ações que parte da comunidade de Quaraí se mobilizou em torno da valorização do saladeiro. A exemplo disso, tem-se a Lei nº 2.356, de 06 de dezembro de 2005, tendo como origem uma iniciativa popular que dispõe sobre o tombamento do conjunto arquitetônico e das ruínas do saladeiro São Carlos, localizados no Parque Dyonélio Machado, criando, também, o livro do tombo. Ainda assim, mesmo com a instituição desta Lei municipal, o destaque se voltou para os remanescentes e não para a totalidade do Parque.

A população de Quaraí conta com uma opção de lazer naquele local, que necessita urgentemente de uma revitalização e melhorias para que seja usufruído com segurança e da melhor maneira possível por todos. Além disso, a cidade apresenta outros atrativos que podem ser incorporados, juntamente com o Parque, a um plano de desenvolvimento municipal, no qual se incluiriam ações integradas de planejamento e execução.

Em 2019, teve início um projeto de extensão desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, com o objetivo de incentivar e promover a preservação do patrimônio cultural do saladeiro São Carlos. A partir das atividades desenvolvidas, pôde-se obter informações sobre o contexto histórico desta unidade de produção do charque, em Quaraí.

Entendeu-se que seus remanescentes integram o conjunto de elementos constituintes do Parque Dyonélio Machado e observou-se uma deficiência do município em empenhar-se pela preservação e manutenção daquele espaço. Diante dessa compreensão e para dar continuidade ao aprendizado acerca do desenvolvimento rural, surgiu a motivação para a elaboração do presente estudo. Assim, ao participar de atividades de extensão, reunir, organizar informações sobre o tema e obter respostas ao problema identificado, o propósito traçado inicialmente era de poder oferecer contribuições acadêmicas ao município.

Desse modo, a problemática que se identificou está dividida em dois tópicos. O primeiro refere-se à situação atual do Parque do Saladeiro Dyonélio Machado, que abrange a degradação dos remanescentes do saladeiro São Carlos; o abandono e a falta de manutenção do espaço; os possíveis riscos aos usuários do Parque e, ainda, a existência de insegurança legal por meio da precariedade do documento de propriedade da área. O segundo tópico diz respeito a uma compreensão da representação do Parque para a comunidade de Quaraí, englobando o seu valor histórico; a memória coletiva de uma prosperidade econômica passada; a expansão urbana, a demanda por um espaço de encontro e lazer e, finalmente, o potencial do Parque como fator de desenvolvimento local.

A partir dos múltiplos aspectos apresentados na problemática, o tema delineado para o estudo é: Parque do Saladeiro Dyonélio Machado: história, situação atual, importância para a comunidade de Quaraí, RS, e perspectivas futuras. Para a realização da investigação acerca do tema apresentado, o objetivo geral disposto é: contextualizar a situação atual e discutir acerca da preservação e valorização do patrimônio cultural representado pelo Parque do Saladeiro Dyonélio Machado e os remanescentes do Saladeiro São Carlos. Para tanto, incluem-se os objetivos específicos de resgatar a história econômica da região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, em especial no que tange à produção de charque na época de funcionamento dos saladeiros; contextualizar a situação atual do Parque e dos remanescentes; determinar a percepção e as expectativas da comunidade de Quaraí a respeito do Parque do Saladeiro Dyonélio Machado; identificar e conceber proposições de ações de revitalização e manutenção do espaço do Parque do Saladeiro Dyonélio Machado e de preservação de seus componentes históricos.

A introdução do trabalho se constitui no primeiro capítulo, apresentando de maneira resumida os tópicos desenvolvidos. No Capítulo 2, é exposta uma revisão da literatura sobre conceitos relacionados ao tema. O terceiro capítulo traz a metodologia utilizada para alcançar os objetivos do estudo como as pesquisas biográfica, documental e de campo. No Capítulo 4, é exibido um breve resgate da história do Estado no que se refere à introdução do gado bovino

do Rio Grande do Sul, à produção de charque e à história dos saladeiros de Quaraí. O quinto capítulo é dedicado à história do Parque Dyonélio Machado, abordando sobre o bairro Saladeiro, ações pontuais e compartilhadas com o Uruguai. A percepção da comunidade de Quaraí quanto ao Parque é apresentada no Capítulo 6. Na sétima seção, são expostas a identificação e a concepção de proposições de ações de revitalização e manutenção do espaço do Parque e de preservação dos elementos históricos presentes.

A partir das análises, dos resultados e das constatações sobre o tema estudado, são apresentadas, no capítulo final, as considerações sobre o papel do Parque Dyonélio Machado para a comunidade de Quaraí, não apenas como uma potente representação histórica de valor simbólico, mas também como um fator que pode ainda contribuir para o desenvolvimento local.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Para a realização do estudo e sua fundamentação, buscou-se dados por meio de uma revisão de literatura. Com a intenção de obter o entendimento acerca do tema proposto e respostas para problemática identificada foi realizada uma pesquisa a partir de fontes secundários sobre os conceitos de patrimônio cultural, participação social, memória coletiva, identidade rural, patrimônio industrial, parque urbano e revitalização urbana.

2.1 PATRIMÔNIO CULTURAL

Nos termos da legislação de 1937, patrimônio é “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público” (BRASIL, 1937). A concepção mais recente de patrimônio incorpora conceitos que complementam o seu significado e remetem à existência de distintos elementos que requerem reconhecimento cultural e sua preservação, bem como a memória que resguardam. Nos termos da legislação de 1937, patrimônio é “o conjunto de bens móveis e imóveis existentes no País e cuja conservação seja de interesse público” (BRASIL, 1937).

O Artigo 216 da Constituição de 1988 apresenta patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira” (BRASIL, 1988).

Canclini (1994) aponta que o conceito de patrimônio inclui muito mais do que a “herança de cada povo como sítios arqueológicos, arquitetura colonial, antigos objetos em desuso, mas também os bens culturais visíveis e invisíveis – novos artesanatos, línguas, conhecimentos e outros”. Para o autor, foi ampliada a política patrimonial de conservação e administração do que foi produzido no passado aos usos sociais que relacionam esses bens às

necessidades contemporâneas das maiorias (CANCLINI, 1994). Canclini (1994) destaca, ainda, o reconhecimento de que o patrimônio de uma nação não é composto somente por bens culturais de classes hegemônicas, mas também por “produtos da cultura popular como músicas indígenas, textos de camponeses e operários, sistemas de autoconstrução e preservação dos bens materiais e simbólicos elaborados por todos os grupos sociais”.

Para Gonçalves (2007) os objetos, lugares e práticas que compõem um patrimônio precisam encontrar ressonância junto a seu público, podendo evocar no expectador as forças culturais complexas e dinâmicas das quais emergiu e as quais representa. Muñoz Viãs (2003) afirma que o patrimônio é aquilo que os grupos ou pessoas concordam em entender como tal, e seus valores não são algo inerente, indiscutível ou objetivo, mas algo que as pessoas projetam sobre eles. Para o autor o que justifica a preocupação com os bens patrimoniais não são suas circunstâncias materiais, mas o caráter simbólico que adquirem. O patrimônio local é capaz de ser um fórum de memória que permita refletir sobre o passado a partir de preocupações e desafios do presente, projetando de modo participativo o futuro (PRATS, 2005).

2.2 O PATRIMÔNIO CULTURAL E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

A legislação brasileira estabelece, por meio da Constituição Federal de 1988, a responsabilidade relativa à preservação e promoção do patrimônio cultural. Os agentes de desenvolvimento que atuam na gestão pública e sociedade civil organizada são corresponsáveis pelos bens considerados de valor histórico e cultural. Nesse sentido, é atribuição do gestor municipal a instituição de políticas públicas de preservação e promoção deste patrimônio.

A diversidade cultural no Brasil é constituída por distintas formas de expressão, podendo ser tangível e intangível de modos de vida que compõem os bens culturais e, para que estes possam, dessa maneira, ser considerados, é necessário estarem relacionados à identidade, à memória e à história de determinada comunidade. Com o devido reconhecimento como patrimônio, os bens culturais só estarão assim garantidos por meio de ações conjuntas entre sociedade e governo inicialmente, através de inventários, registros, tombamento, acautelamento para sua preservação.

Sundström (2019) apresenta, em seu estudo, o histórico das políticas públicas brasileiras voltadas à preservação do patrimônio cultural. A autora afirma que, por meio de sua análise, houve a percepção de que “a efetiva participação popular é algo recente e ainda necessita de consolidação”. Sundström (2019) aponta que, “historicamente, a Igreja e o Estado foram os primeiros responsáveis por instituir o que era digno de proteção e preservação para a conservação, acesso e representação do passado”. Reconhecendo o percurso histórico das

políticas públicas, é possível verificar que houve vários esforços para implementar mecanismos legais de preservação do patrimônio cultural no país. O ato de incluir o tema na Constituição Federal de 1988 foi um avanço para que houvesse o reconhecimento por parte da sociedade, da relevância dos bens culturais para o país. No início do século XXI, a legislação específica foi ampliada com o acréscimo dos conceitos de bens materiais e imateriais passíveis de serem incluídos como patrimônio cultural.

Vale destacar que, com a instituição do Plano Nacional de Cultura – PNC¹, foi criado o Sistema Nacional de Informações e Indicador, o qual apresenta como um de seus objetivos “proteger e promover o patrimônio histórico e artístico, material e imaterial”. O referido plano delinea, em seus capítulos, as diretrizes voltadas à efetivação da proteção, valorização e promoção da cultura do Brasil. Salienta-se o conteúdo exposto no Artigo 3º do Capítulo II, Inciso VI, que atribui ao poder público:

[...] garantir a preservação do patrimônio cultural brasileiro, resguardando os bens de natureza material e imaterial, os documentos históricos, acervos e coleções, as formações urbanas e rurais, as línguas e cosmologias indígenas, os sítios arqueológicos pré-históricos e as obras de arte, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência aos valores, identidades, ações e memórias dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira [...] (BRASIL, 2010).

O documento da Lei também traz as competências do Estado quanto ao fortalecimento da sua função em relação à institucionalização das políticas culturais, à intensificação do planejamento de programas e ações voltadas ao campo cultural e à consolidação da execução de políticas públicas para cultura. Nesse sentido, uma de suas competências está em:

[...] preservar o patrimônio material e imaterial, resguardando bens, documentos, acervos, artefatos, vestígios e sítios, assim como as atividades, técnicas, saberes, linguagens e tradições que não encontram amparo na sociedade e no mercado, permitindo a todos o cultivo da memória comum, da história e dos testemunhos do passado (BRASIL, 2010).

Entre as ações e estratégias do Plano, estão as relativas ao reconhecimento e fortalecimento da cultura também em regiões limítrofes. O Brasil apresenta uma extensa área de fronteira com diferentes países latino-americanos. Essa característica pode ser um aspecto pertinente para a implementações de ações culturais que consolidem a integração entre os povos. Destacam-se as seguintes estratégias do Plano relacionadas a esse tema:

[...] Fortalecer a participação brasileira nas redes, fóruns, reuniões de especialistas, encontros bilaterais, acordos multilaterais e em representações nos organismos internacionais, ligados à cultura, dando amplitude e divulgação às suas discussões, afirmando princípios, conceitos, objetivos e diretrizes estratégicas de nossa política

¹Disponível em:

cultural. [...] Estimular a circulação de bens culturais e valores, incentivando a construção de equipamentos culturais nas áreas de fronteira, com o objetivo de promover a integração dos países limítrofes. [...] (BRASIL, 2010).

Toda a atividade realizada pelos trabalhadores para a produção fabril também é apontada em ações e estratégias do Plano Nacional de Cultura. O patrimônio cultural é um eixo a ser incluído no plano de desenvolvimento dos municípios brasileiros, como pode ser visto nas ações contidas no texto do referido documento:

[...] Mapear o patrimônio cultural brasileiro guardado por instituições privadas e organizações sociais, com o objetivo de formação de um banco de registros da memória operária nacional. [...] Desenvolver e implementar, em conjunto com as instâncias locais, planos de preservação para as cidades e núcleos urbanos históricos ou de referência cultural, abordando a cultura e o patrimônio como eixos de planejamento e desenvolvimento urbano. [...] (BRASIL, 2010).

Para valorizar e preservar os bens culturais locais existentes, planejar estratégias que visam a benefícios para a comunidade é fundamental. Sob essa perspectiva, o Plano Nacional de Cultura sugere o fomento, a articulação em rede e a capacitação de educadores e agentes multiplicadores sobre o tema da valorização do patrimônio material e imaterial e a criação de locais com o propósito de ser um meio de difusão do conhecimento acerca do patrimônio cultural. Assim, a área da educação pode incluir, em seus programas pedagógicos, conteúdos para estudos teóricos e atividades, como pode ser interpretado o trecho da descrição do plano.

[...] os museus comunitários, ecomuseus, museus de território, museus locais, casas do patrimônio cultural e outros centros de preservação e difusão do patrimônio cultural, garantindo o direito de memória aos diferentes grupos e movimentos sociais. [...] Capacitar educadores e agentes multiplicadores para a utilização de instrumentos voltados à formação de uma consciência histórica crítica que incentive a valorização e a preservação do patrimônio material e imaterial [...] (BRASIL, 2010).

O plano também aborda a participação social, trazendo as ações voltadas a estimular a organização de instâncias consultivas, construir mecanismos de participação da sociedade civil e ampliar o diálogo entre sociedade civil e entes públicos da área da cultural. Importante salientar que a vigência do Plano Nacional de Cultura de 2010 estava estipulada, inicialmente, em dez anos e foi estendida para 12 anos. Em 2021, o prazo foi ampliado para mais 12 anos².

A exemplo de organização social, tem-se o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU) do Rio Grande do Sul, cuja uma de suas atribuições é a de debater e defender o fortalecimento de políticas públicas e a preservação do patrimônio histórico e cultural do Estado. Para tanto, o CAU/RS formou a Comissão Especial de Patrimônio Cultural (CPC) para

² Disponível em:

complementar e ampliar ações relativas à educação patrimonial, por exemplo. Os propósitos da Comissão incluem o desenvolvimento da Rede Estadual de Proteção e Promoção do Patrimônio Cultural, ampliação da articulação com órgãos dos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, criação e consolidação de normas, documentos ou regramentos técnicos sobre intervenções no patrimônio cultural, fomentar e garantir a participação de profissionais arquitetas e arquitetos nos conselhos municipais de patrimônio³.

A legislação acerca do patrimônio cultural deixa clara a relevância do reconhecimento das comunidades e do poder público com relação à preservação e valorização dos bens, sejam materiais ou imateriais. A proteção do patrimônio, nas suas diversas formas, exige amplo envolvimento para permitir o seu uso mais adequado. A Constituição Federal de 1988 estabelece (Artigo 23, III) que é “dever da União, do Distrito Federal, dos estados e municípios proteger os documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos”⁴.

No mesmo Artigo, no inciso IV, é estabelecido que haja a aplicação de medidas de preservação para impedir “evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural”. Deste modo, entende-se que, além de medidas documentadas com a finalidade de reconhecimento valorização do patrimônio cultural, é necessária uma efetiva implementação de ações para a sua proteção e preservação.

O dever de proteger e preservar o patrimônio cultural não está restrito ao ente público, abrange também a sociedade civil. Desta maneira, está determinado pela Constituição Federal, no artigo 216, que o “poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação” (artigo 216, § 1º)⁵.

A atenção e o cuidado de bens patrimoniais históricos, culturais são de responsabilidade compartilhada para que os benefícios procedentes das ações de valorização, preservação e promoção do patrimônio cultural sejam de todos. Neste sentido, o direito humano ao acesso à cultura e à participação social é garantia de que mecanismos de atuação social sejam reivindicados e efetivamente utilizados para a proteção e preservação de bens culturais. Assim, Dantas(2009) afirma que o patrimônio é uma construção social, que depende daquilo que um determinado grupo humano, em dado momento, considera digno de ser legado às gerações

³ Disponível em: <https://www.caurs.gov.br/conheca-a-comissao-de-patrimonio-cultural-do-cau-rs/> Acesso em: maio de 2022.

⁴ Constituição federal, 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 14 de maio de 2022.

⁵ *Ibid*

futuras. Richter (1999), citado por Pordeus (2008), reforça a ideia de que o reconhecimento do valor cultural de determinado bem não necessita ser oficial ou estatal, compete igualmente à sociedade a tarefa de explicitar o interesse social em conservar dado significado. Segundo Pordeus (2008), são diversas as situações que inibem o engajamento participativo quanto à gestão do patrimônio cultural. Conforme o autor, existe falta de informação e de educação formal acerca do tema da cultura como motor do desenvolvimento humano. Pordeus (2008) conclui que:

É comum se minimizar ou mesmo negar a importância da participação popular nos destinos da coisa pública, em particular no que diz respeito aos grupos subordinados, pois persiste o grau de separação entre os setores superiores e inferiores da sociedade, oportunidade em que protela o desenvolvimento humano (PORDEUS, 2008. P.21).

Em uma era em que a tecnologia propicia a comunicação mundial e o compartilhamento diversificado do conhecimento, o passado tem condições de permanecer na memória da sociedade ou repassado para as gerações futuras com ações que tenham tal propósito. Para tanto, a participação dos cidadãos seja da esfera pública ou privada é essencial para que suas raízes e identidade sejam fortalecidas e duradouras. Assim, em relação ao patrimônio cultural, Pordeus (2008) aponta que:

A necessidade de controle social acerca do patrimônio cultural é importante porque tende a ofertar mecanismos próprios de bem-estar social, de vez que faculta à comunidade local os instrumentos propiciadores do direito fundamental ao desenvolvimento humano. Por isso ser importante a sistemática de atuação, principalmente do Poder Público, para que a educação formal seja realmente reformada e aberta para incluir as pessoas, conscientizando-as de suas responsabilidades, em detrimento das desigualdades sociais. [...] o significado da proteção do patrimônio cultural, pelo Poder Local, é marcado pela possibilidade maior, por parte do Município, de preservar a identidade cultural local e alcançar o sentimento do povo e, assim, possibilitar a geração de desenvolvimento social e econômico nas cidades que abrigam elementos históricos culturais (PORDEUS, 2008. P.20-21).

2.3 MEMÓRIA COLETIVA

Para a compreensão dos significados atribuídos aos saladeiros pela comunidade de Quaraí, necessitou-se realizar uma revisão de literatura para elucidar sobre o contexto identificado. Nesse sentido, buscou-se entender o conceito de “memória coletiva”, pois as pessoas entrevistadas, de Quaraí, mencionaram a relevância dos saladeiros para a história e para o desenvolvimento da cidade.

A produção de conhecimento sobre memória coletiva está fortemente associada ao trabalho desenvolvido pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs. Ele escreveu um livro em 1950 sobre o tema e, por meio de seus estudos, afirmou que a memória se caracteriza por dois tipos, sendo um individual e outro coletiva. Este segundo, requer que recordação e localização

das lembranças só podem ser objeto de análise considerando os contextos sociais que atuam como base para o trabalho de reconstrução da memória (SILVA, 2013). Conforme Silva (2013), é por meio da categoria de “memória coletiva” de Halbwachs que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, pois as memórias de um sujeito nunca são apenas suas, e nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social. Segundo Schmidt & Mahfoud (1993), na memória coletiva o passado é permanentemente reconstruído e vivificado enquanto é ressignificado. Ela se apresenta como a solução do passado, no atual, e como recomposição quase mágica ou terapêutica, como algo que cura as feridas do passado (SCHMIDT & MAHFOUD 1993).

Nora (1993) define “lugares de memória” para os locais onde são construídas as identidades coletiva e individual. Para o autor, o lugar de memória pode ser aquele que existe de maneira concreta, como um museu, uma biblioteca, um arquivo ou pode ser algo abstrato, formado intelectualmente como um lema, um evento, uma intuição (NORA, 1933). Quando um objeto escapa do esquecimento, fazendo com que uma comunidade reinvesta com seus afetos e emoções, constitui-se, assim, um lugar de memória (NORA, 1933). Andrade (2008) afirma que os lugares de memória “são patrimônios culturais projetados simbolicamente e podem estar atrelados a um passado vivo que ainda marca presença e reforça os traços identitários do lugar”.

Voltando à compreensão de memória, conforme Simson (2003), as memórias podem ser subterrâneas ou marginais que correspondem a versões sobre o passado dos grupos dominados de uma dada sociedade. A autora afirma que essas memórias não estão em evidência ou foram criados elementos para serem expostos nem registros ou catalogações. A expressão desta memória só acontece quando lembrada por conflitos sociais, quando são realizadas pesquisas científicas por meio do método biográfico ou da história oral, criando condições para que se revele e possa ser registrada e analisada (SIMSON 2003). A autora acrescenta que, depois desse processo, elas passam a fazer parte da memória coletiva de uma dada sociedade (SIMSON, 2003). Para Simson (2003), o processo de construção compartilhada da memória se dá pelo seguinte modo:

As memórias subterrâneas geralmente se encontram muito bem guardadas no âmago de famílias ou grupos sociais dominados nos quais são cuidadosamente passadas, de geração a geração, através de relatos, músicas, quadras poéticas, ocasiões em que os membros do grupo se auxiliam mutuamente na tarefa de lembrar, cada um contribuindo com detalhes que denotam processos rememorativos dos outros participantes. É o que denominamos uma construção compartilhada da memória (SIMSON, 2003. P.15).

Portelli (1997) sugere que se considerarmos a memória um processo, e não um depósito de dados, poderemos constatar que, à semelhança da linguagem, a memória é social,

tornando-se concreta apenas quando mentalizada ou verbalizada pelas pessoas. O autor afirma que a memória é um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados (PORTELLI, 1997).

2.4 IDENTIDADE RURAL

Municípios de diferentes regiões têm aspectos comuns na sua formação histórica. Um deles é estar ligado às atividades desenvolvidas em tempos passados. Muitas unidades urbanas tiveram sua origem associada à produção agropastoril, como é o caso das pequenas cidades localizadas distantes das metrópoles brasileiras. Nestes casos, a identidade rural é presente e reconhecida por meio de expressões culturais e práticas cotidianas.

O símbolo de identidade, os saberes e as especificidades culturais podem promover o desenvolvimento local. O legado de gerações anteriores é como um reconhecimento público que faz parte de uma identidade coletiva. Com relação ao espaço rural, de acordo com Pretto e Monastirsky (2013), a “memória das pessoas que vivem no campo é estruturada nas suas experiências e hábitos”. Para os autores, a “identidade rural não está baseada apenas na relação de produção agropecuária, mas também nos traços culturais referentes ao vínculo dos habitantes com a paisagem rural, com a terra e relações sociais”.

2.5 A FÁBRICA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

O começo da industrialização em distintos setores, no qual se iniciava a produção em escala com o propósito de comercializar os mais diversos produtos para os mercados do Brasil e do exterior, era pleno de métodos fabris peculiares. Esta fase industrial traz à luz a memória de lugares onde havia relações sociais de trabalho diferenciadas das atuais. Tais aspectos, além de formar um conjunto para a identificação do patrimônio cultural, também se enquadram no que se pode chamar de patrimônio industrial. Conforme Meneguello (2011), “pesquisas referentes ao patrimônio industrial incluem questão dos processos coletivos e individuais da memória associada ao trabalho (inclusive imaterial), os acervos e o estudo dos bens edificados associados à indústria”.

Um exemplo da utilização do patrimônio industrial como elemento potencial para o desenvolvimento local está na zona ribeirinha entre a Argentina e o Uruguai, “onde há uma tipologia de seu patrimônio cultural e industrial com uma variedade intangível, arqueológica, etnológica, industrial, portuária” (MÉNANTEAU e BORETTO OVALLE, 2005). Os autores destacam que o local “apresenta saladeiros e frigoríficos, que os sucederam com o advento da indústria da refrigeração, cujas chaminés ainda são visíveis aos navegadores”. Assim como no Brasil, esses monumentos industriais do Baixo Uruguai, conforme Ménanteau e Boretto Ovalle

(2005), desempenharam, “entre meados do século XIX e XX, um papel essencial na economia dos países do Prata, onde os *tasajos* (carnes salgadas e secas) e a famosa *corned beef* (fábrica Liebig / Anglo em Fray Bentos) são os símbolos desta florescente indústria de carne”. Este patrimônio comum entre os países citados, presente nas duas margens dos rios, oferece um forte potencial turístico que pode ser um motor de desenvolvimento local (MÉNANTEAU e BORETTO OVALLE, 2005).

2.6 PARQUE URBANO E REVITALIZAÇÃO URBANA

Os municípios, independentemente de suas dimensões espaciais, demandam por espaços públicos abertos de convivência. Bovo e Conrado (2012) acreditam que esses espaços “assumem no contexto das cidades funções importantes no que diz respeito às transformações urbanas que eles provocam”. Nesse sentido, se inserem os parques urbanos que, para Campos *et al* (2020), “têm se modificado com o tempo, principalmente no que tangem aos enfoques dados em seus vários momentos, consequências geradas por influências de fatores socioeconômicos, culturais das populações e pela específica localização”. Os parques urbanos, segundo Campos *et al* (2020), “são extensas áreas verdes, geralmente maiores que praças e jardins públicos, que podem exercer inúmeras funções”. De acordo com Melo (2013), esses locais “valorizam o espaço circundante e são capazes de melhorar a qualidade de vida dos cidadãos, proporcionando, em sua infraestrutura, locais com capacidade de realizar atividades culturais, esportivas, sociais, ambientais, etc.”.

O conceito de parque urbano é amplo e engloba diferentes aspectos a ele relacionado como o ambiental, social, econômico e cultural. Quanto ao conceito de patrimônio arqueológico, Cruz (2016) assevera que “é todo e qualquer vestígio remanescente da cultura material humana”. A definição de patrimônio arqueológico também pode ser encontrada no artigo 1º da Carta de Lausanne para a proteção e a gestão do patrimônio arqueológico, de 1990. Esta estabelece que tal conceito:

Compreende a porção do patrimônio material para a qual os métodos da arqueologia fornecem os conhecimentos primários. Engloba todos os vestígios da existência humana e interessa todos os lugares onde há indícios de atividades humanas, não importando quais sejam elas; estruturas e vestígios abandonados de todo tipo, na superfície, no subsolo ou sob as águas, assim como o material a eles associados (CARTA DE LAUSANNE, 1990. P. 02).

Cruz (2016) enfatiza o conteúdo da Carta acerca do patrimônio arqueológico e as responsabilidades da sociedade em relação à sua preservação por se tratar, geralmente, de elementos frágeis, mas de imenso valor histórico e cultural. Portanto, a consciência da

valorização deve ser fortalecida, pois este tipo de patrimônio não pode ficar desprotegido, uma vez que existe amparo legal para sua manutenção. Nesse sentido, Cruz (2006) aborda que:

Ainda sobre esta Carta, temos que o patrimônio arqueológico é um recurso frágil e não renovável. Por isso, a proteção é uma obrigação moral humana e de responsabilidade pública coletiva. E, que as políticas de preservação devem ser aplicadas além de que, o público geral deverá ter acesso ao conhecimento para que eles também funcionem como agentes de uma “conservação integrada” (CRUZ, 2016. P.30).

A elaboração de um plano de revitalização que atenda às necessidades da comunidade como um todo para obter benefícios comuns é relevante para a manutenção e preservação de patrimônio cultural. Nessa direção, Espírito Santo (2015) relaciona o conceito de revitalização à “estratégia interventiva e de preservação e ao processo de remodelação em espaços propícios a serem reinventados, para fins de promoção de iniciativas populares de cunho social, cultural ou econômico”. Sanches (2013) entende que a revitalização urbana:

[...] é um instrumento de integração das ações coletivas. Por isso, deve ser entendida como integradora de várias dimensões que pertencem a outros campos de planejamento urbano, um instrumento que procura através de integração de várias noções compreender as necessidades e os problemas dos territórios e em conjugação com os outros instrumentos chegar a uma melhor resolução possível dos planos. Entretanto, verifica-se como um instrumento processual abrangente a vários campos da gestão territorial (SANCHES, 2013. P. 21).

Para Gachineiro (2011), citado por Sanches (2013), a “administração central e local têm um papel fundamental porque pode orientar as estratégias de revitalização tendo a possibilidade de colocar os habitantes no desenrolar do processo”. Seguindo a reflexão acerca da revitalização, Sanches (2013) considera que “revitalizar, significa encontrar uma relação de equilíbrio entre as leis do desenvolvimento econômico, as necessidades dos habitantes, a valorização do seu território e a promoção dos seus direitos”. O autor acrescenta que a ação de revitalizar é:

[...] favorecer: a valorização do espaço público, na valorização dos seus equipamentos e através do seu desenho transmitir um sentido de segurança e conforto, promover o reforço das relações sociais que contribuem muito para melhorar as condições de vida dos habitantes, preservar a identidade da cidade e valorizar os conhecimentos tradicionais, ao mesmo tempo valorizar os recursos culturais e patrimoniais, promover a criatividade e a diversidade natural e paisagística, no desenvolvimento de um turismo cultural dominante associado à manutenção e a salvaguarda dos sítios urbanos classificados e criar o equilíbrio funcional do espaço urbano. (SANCHES, 2013. P. 25)

Conforme Sanches (2013), a revitalização urbana “precisa de uma metodologia que interliga os diferentes instrumentos de gestão ou de intervenção urbana”. O autor acrescenta que devem ser fortemente considerados os “fatores potencializadores de novos dinamismos, centrados no indivíduo com relação com as dimensões socioeconômicas, culturais e ambientais do contexto urbano”, o que demonstra a figura a seguir.

Figura 1 - Os caminhos das dimensões de revitalização urbana



Fonte: Sanches (2013). P.24

Os fatores potencializadores de dinamismos se conectam formando um sistema no qual o indivíduo é integrante e contribui para o fortalecimento da valorização do espaço urbano e seus componentes. Embora a figura represente aspectos de maneira ampla, as especificidades de cada contexto requerem atenção para a elaboração de um planejamento e execução de revitalização eficientes.

3 METODOLOGIA

O presente estudo foi realizado entre os meses de abril e junho de 2022. No primeiro mês, com o município de Quaraí definido como campo empírico, os métodos estabelecidos para o desenvolvimento da pesquisa qualitativa foram a realização de uma reconstituição histórica com a utilização de fontes secundárias, pesquisa documental para complementação de informações sobre a situação atual do Parque e do saladeiro. Acrescentou-se a pesquisa de campo com a aplicação de entrevistas semiestruturadas, com 14 pessoas-chave sobre a percepção e o entendimento com relação ao propósito do Parque e sobre suas potencialidades de uso. O último procedimento metodológico foi a realização de interpretação parcial de dados resultantes da atividade de extensão.

Para alcançar os objetivos propostos, realizaram-se as etapas de pesquisa sugeridas por Gil (2011): planejamento, coleta de dados, análise e interpretação e redação do relatório. O presente estudo é qualitativo quanto à sua abordagem, a qual, segundo Gerhardt e Silveira (2009), não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, etc.

Quanto à sua natureza, a pesquisa é aplicada, pois, de acordo com Gerhardt e Silveira (2009), este tipo de pesquisa objetiva gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Com relação aos objetivos, a pesquisa é descritiva, uma vez que, conforme Gil (2011), pesquisas deste grupo têm por finalidade levantar as opiniões, atitudes e crenças de uma população. O autor aponta, ainda, que “pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática”.

Os procedimentos incluíram a pesquisa documental que utiliza materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa (GIL, 2011). Também foi utilizada a pesquisa bibliográfica, realizando um levantamento para complementação das informações, pois, segundo Gil (2011), esta é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos publicados em periódicos científicos.

No período de abril a maio de 2022, foi feita uma pesquisa em fontes secundárias para alcançar o primeiro objetivo de levantar informações sobre história econômica, sobre o gado, o charque no Rio Grande do Sul e o saladeiro de Quaraí. Para atingir o segundo objetivo, de investigar acerca da percepção e entendimento dos agentes locais em relação ao propósito e significado do Parque Dyonélio Machado, foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada (ver APÊNDICE A).

Na etapa executada entre os meses de abril e maio de 2022, o levantamento de informações que consistiu na realização de verificação documental e de pesquisa de campo, obtiveram-se dados sobre o Parque Dyonélio Machado e sobre a percepção dos agentes locais sobre a área, sua representação e sua relevância. A pesquisa de campo se caracteriza pelas investigações em que, além do levantamento bibliográfico e/ou documental, é realizada coleta de dados junto a pessoas, utilizando recursos de diferentes tipos (FONSECA, 2002 citando GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturada, permitindo que o entrevistado falasse “livremente sobre assuntos que iam surgindo como desdobramentos do tema principal” (GERHARDT; SILVEIRA, 2009). As informações foram registradas com a utilização de um gravador e feitas posteriores análise e considerações. Este procedimento que consentiu na entrevista foi informado antecipadamente ao interlocutor.

O roteiro de entrevista (ver APÊNDICE A) foi composto por questões voltadas a obter dados referentes à compreensão dos interlocutores sobre o Parque Dyonélio Machado e o

saladeiro e sua relevância para o município; sobre a situação atual do local e dos remanescentes do saladeiro São Carlos; quais proposições de melhorias capazes de serem efetivadas podem contribuir com a preservação e valorização do Parque e dos remanescentes históricos. Também foi feita uma pesquisa documental sobre a situação passada e atual do Parque do saladeiro e sobre as potencialidades.

3.1 OPERACIONALIZAÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Diversas áreas do conhecimento, como a sociologia, por exemplo, propiciam o debate e a reflexão acerca da memória, que se entende estar estreitamente relacionada aos valores histórico e simbólico, à identidade de uma comunidade e à sua cultura. Portanto, para evidenciar e confirmar tais aspectos em Quaraí com relação ao saladeiro São Carlos, foram realizadas entrevistas com algumas pessoas-chave da cidade que têm relação com os poderes legislativo, executivo, de entidade representativa de proteção do patrimônio cultural da cidade e pessoas da comunidade.

A escolha dos entrevistados se deu a partir das atividades exercidas referentes ao Parque Dyonélio Machado. Quatorze pessoas, com diferentes atividades em áreas de atuação diversas, foram convidadas a participar da pesquisa por meio de entrevista presencial. Foi feito contato com a representante da Associação Amigos do Saladeiro (AAS) de Quaraí, professora Terezinha Saldanha, para auxiliar na identificação de pessoas e para agendar a entrevista. A atividade de modo presencial ocorreu nos dias 27 e 28 de maio de 2022, no município de Quaraí.

Foi elaborado um roteiro de entrevista semiestruturado com 19 perguntas (ver APÊNDICE A). Quatro pessoas, por conta de compromissos, não puderam fazer o atendimento presencialmente e solicitaram o envio do arquivo das perguntas para responderem em forma de texto. Não houve retorno de dois convidados, e dois participantes enviaram o roteiro respondido. Para preservar a identidade dos interlocutores, optou-se por codificar com letras as 14 entrevistas em romanos e as pessoas participantes por letras.

Ao iniciar a atividade, foi informado quanto aos objetivos do estudo e solicitada a autorização por meio do Termo de Consentimento, Informado, Livre e Esclarecido para a utilização do conteúdo das respostas, para análise e conclusão do estudo. Foi utilizado um gravador para realizar o registro oral das respostas, as quais foram transcritas para posterior análise e interpretação. Os textos resultantes das transcrições não foram submetidos às correções ortográficas, respeitando a linguagem oral dos interlocutores.

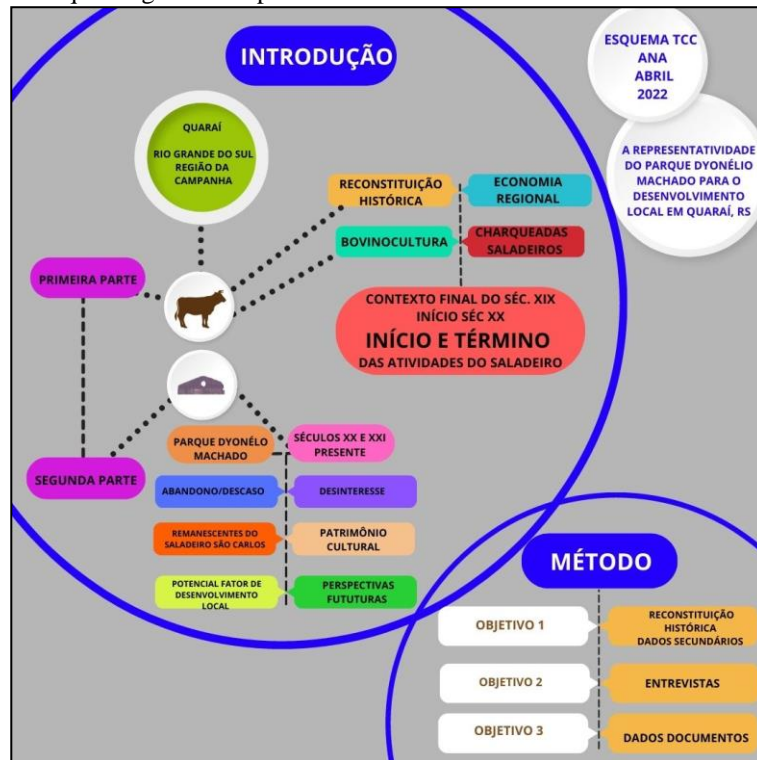
As questões foram elaboradas para que as respostas pudessem ser expressas de maneira ampla e, assim, obter informações para identificar sobre a representação do Parque Dyonélio

Machado para essas pessoas. Desta forma, procurou-se, também, avaliar se o valor histórico; a memória coletiva de uma prosperidade econômica passada; a expansão urbana, a demanda por espaço de lazer e a percepção do potencial do Parque como fator de desenvolvimento local estariam presentes no conteúdo das respostas.

Para identificar e conceber proposições de ações de revitalização e manutenção do espaço do Parque Dyonélio Machado e de preservação de seus elementos históricos, foi realizada uma pesquisa documental. Uma das etapas consistiu em buscar os dados gerados a partir do diagnóstico sobre a preservação do saladeiro como patrimônio cultural, destacando as potencialidades, fragilidades, ameaças e perspectivas para o desenvolvimento local. Tal diagnóstico foi resultado de um encontro binacional realizado entre os dias 29 e 30 de novembro de 2019, em Quaraí.

O evento foi promovido pela Associação Amigos do Saladeiro, em parceria com a prefeitura municipal, comunidade e participantes de Artigas, Uruguai. O objetivo da atividade era retomar, de maneira institucional e participativa, ações em prol do processo de preservação, valorização e resgate do patrimônio e memória do saladeiro. A programação do evento incluía uma oficina participativa com a utilização da matriz SWOT, a qual resultou em um diagnóstico acerca da preservação do saladeiro como patrimônio cultural. A figura a seguir expõe um esquema esboçando o plano inicial de pesquisa. Foram utilizados recursos gráficos da plataforma Canva de design gráfico.

Figura 2 - Esquema gráfico do plano inicial do Trabalho de Conclusão de Curso



Fonte: Elaborado pela autora

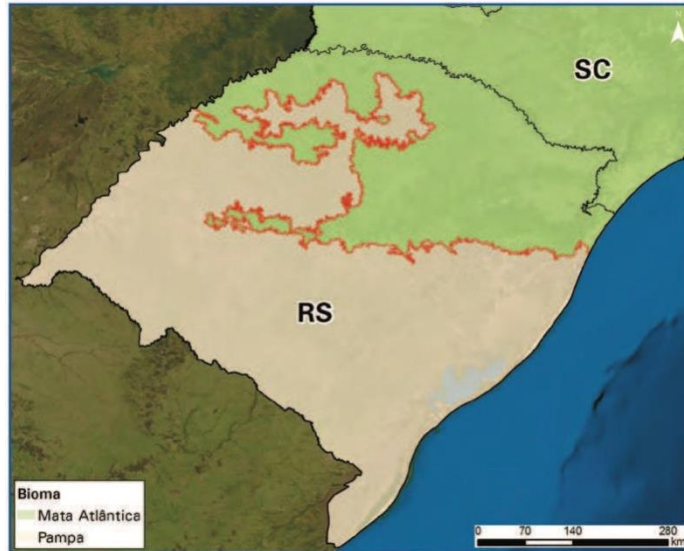
3.2 CAMPO EMPÍRICO DE ESTUDOS

Antes de dar início ao caminho do reconhecimento do valor histórico e cultural do saladeiro São Carlos, traçado por meio das ações que foram efetivadas, expõe-se a caracterização do município de Quaraí, localizado na região oeste do Rio Grande do Sul em meio ao bioma Pampa. A respeito deste distinto meio natural, que abrange parte do Estado, parcela demonstrada na Figura 3, muito já foi dito em trabalhos científicos e na literatura ficcional, retratando o ambiente sulino para o Brasil e exterior. A apresentação de uma descrição minuciosa acerca do bioma foi publicada em “Campos Sulinos – Conservação e uso sustentável da biodiversidade” (2009). O Pampa, que foi um dos elementos essenciais para a multiplicação da gadoaria, para o desenvolvimento da pecuária e, conseqüentemente, para a produção do charque no Rio Grande do Sul, é apresentado como:

Os Campos Sulinos, ou bioma Pampa, abrangem regiões pastoris de planícies nos três países da América do Sul – cerca de dois terços do estado do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de Buenos Aires, la Pampa, Santa Fé, Entreríos e Corrientes e a República Oriental do Uruguai. Estão localizados entre 34° e 30° latitude sul e 57° e 63° latitude oeste. No Brasil, o Pampa só existe no Rio Grande do Sul e ocupa 63% do território do estado, na sua história de convívio com a cultura humana foi lhe reservado o destino de servir como um grande cocho no decorrer de 300 anos para a produção pecuária. Composto um mosaico de fatores e elementos, partilhado entre os primeiros caminhantes humanos, aproximadamente 10.000 anos (A.P. – antes do presente), lugar e território de várias etnias de povos pré-colombianos, que lhe denominaram Pampa. Termo de origem *quichua* (ou quechua), língua aborígene da

América do Sul, também falada no império Inca, significa “região plana” e está associada à paisagem dominante de extensas planícies cobertas de vegetação rasteira, características do extremo sul do território brasileiro e reunindo sobre o mesmo manto campestre os *hermanos* das Repúblicas Platinas. (SUERTEGARAY, 2009, p.43)

Figura 3 - Limite entre os biomas Pampa e Mata Atlântica no Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE, 2017

3.2.1 Localização de Quaraí

A vila de São João Batista do Quaraí passou a ser cidade no ano de 1890. A presença dos poderes executivos e judiciários, além do já existente legislativo, é que deram condições para a vila elevar-se à categoria de cidade⁶. Geograficamente, Quaraí está localizado na região sudoeste do Rio Grande do Sul, possui área territorial de 3.270,10 km², uma latitude de 30°23'1" sul e uma longitude de 56°27'05" oeste, estando a uma altitude de 112 metros⁷. A cidade de Quaraí está inserida no Bioma Pampa Gaúcho, limita-se ao norte-nordeste com Alegrete e noroeste com Uruguai, ao sul-sudoeste com Santana do Livramento, a leste com Rosário do Sul e ao sudoeste com o Uruguai, tendo o Rio Quaraí como o divisor na maioria da linha de Fronteira⁸. A Figura 4 mostra a localização geográfica de Quaraí no Rio Grande do Sul, e a Figura 5 exhibe o município conforme o Corede⁹ Fronteira Oeste.

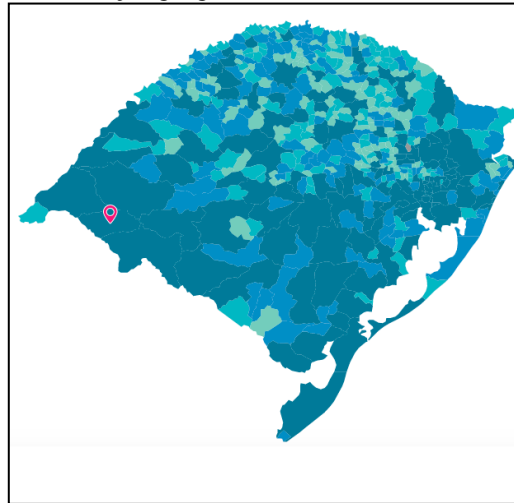
⁶ Fonte: Relatório Final do Plano de Saneamento Básico de Quaraí, 2020)

⁷ *Ibid*

⁸ *Ibid*

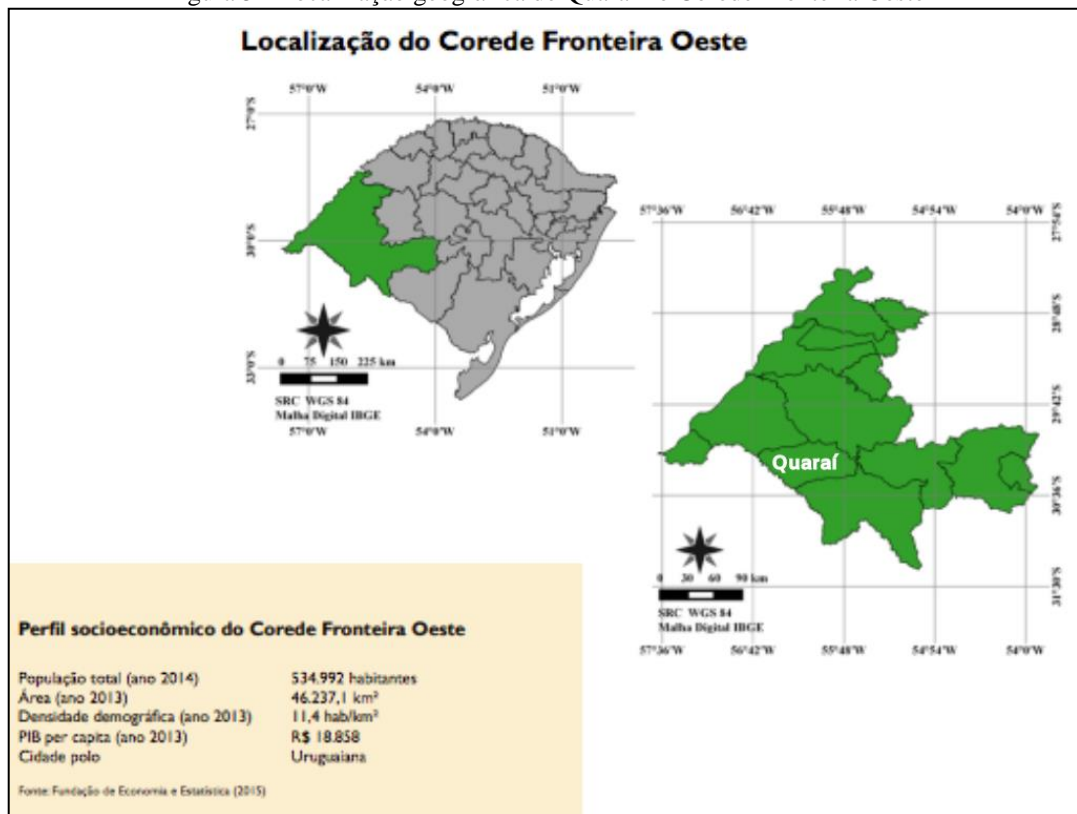
⁹ (Os Conselhos Regionais de Desenvolvimento – COREDEs, criados oficialmente pela Lei 10.283, de 17 de outubro de 1994, são um fórum de discussão para a promoção de políticas e ações que visam ao desenvolvimento regional. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/conselhos-regionais-de-desenvolvimento-coredes#:~:text=Os%20Conselhos%20Regionais%20de%20Desenvolvimento,que%20visam%20o%20desenvolvimento%20regional.Acesso em: 14 de maio de 2022>)

Figura 4 - Localização geográfica de Quaraí no Rio Grande do Sul



Fonte: IBGE Cidades, 2022

Figura 5 - Localização geográfica de Quaraí no Corede Fronteira Oeste



Fonte: Konrad, 2016

O Relatório Final da Revisão do Plano Municipal de Saneamento Básico de Quaraí, versão 01 de 2020 (QUARAÍ, 2020), inclui as características locais do município. No quadro a seguir, é exibida uma síntese do conteúdo do documento quanto ao clima, aos recursos hídricos, à flora, à geomorfologia, à geologia e ao solo.

Quadro 1 – Síntese do conteúdo do Plano Municipal de Saneamento Básico de Quaraí (2020)

CARACTERÍSTICA	DESCRIÇÃO
CLIMA	<ul style="list-style-type: none"> • Classificação Climática de Köppen - clima temperado úmido, na variedade de Clima Subtropical ou Virginiano. • Grande amplitude térmica diária (oscilam entre 3°C e 18°C - frio e, superam a 30°C nos meses mais quente). • A evaporação anual é elevada, ficando acima de 1.600mm, o que conduz à superação das chuvas médias. • Integrada ao Planalto da Campanha, apresentando altitudes em relação ao nível médio do mar (Datum Torres) entre 30 m e 360 m e um regime de precipitações médias anuais entre 1.300 mm e 1.500mm.
RECURSOS HÍDRICOS	<ul style="list-style-type: none"> • O município é drenado por duas bacias hidrográficas: a Bacia do Rio Quaraí e a Bacia do Rio Ibirapuitã. • O Rio Quaraí é afluente da margem esquerda do Rio Uruguai, sendo que na Bacia do Rio Quaraí destacam-se as sub-bacias dos arroios Quaraí-Mirim, Guarupá e Quatepe. • O Decreto nº 657/1992 promulgou o Acordo de Cooperação para o Aproveitamento dos Recursos Naturais e o Desenvolvimento da Bacia do Rio Quaraí, entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Oriental do Uruguai.
FLORA	<ul style="list-style-type: none"> • A cobertura vegetal é a pastagem natural com uma variedade de gramíneas, cuja altura é variável, chegando a 50 cm. Pode-se apresentar em forma quase contínua ou em tufos; quando esta forma acontece é descontínua, alternando com variedades rasteiras.
GEOMORFOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> • Domínio Morfoestrutural da Bacia Sedimentar do Paraná. Na Região Geomorfológica do Planalto da Campanha, corresponde à Unidade Geomorfológica do Planalto de Uruguaiana (IBGE, 1986). • A região do Planalto da Campanha representa a porção mais avançada para oeste e para sul do Domínio Morfoestrutural das Bacias Sedimentares. As formas de relevo dessa região geomorfológica foram esculpidas em rochas efusivas básicas da Formação Serra Geral, e secundariamente, no arenito da Formação Botucatu (IBGE, 1986).
GEOLOGIA	<ul style="list-style-type: none"> • Duas regiões de solo bem distintas, sendo uma onde predominam os solos formados a partir de rochas eruptivas basálticas, nos quadrantes nordeste, noroeste e sudeste do município, e outras onde predominam os formados a partir do arenito que embasa toda a sequência eruptiva, o Arenito Botucatu, no quadrante sudoeste.
SOLO	<ul style="list-style-type: none"> • Coberto, em quase sua totalidade, por um lençol de rochas eruptivas, em uma pequena parte na qual estas foram gastas pela erosão, aparece o arenito. • Há uma região muito pedregosa, de terras em que predomina a argila preta, de ricos campos, e outra com terras silicosas vermelhas, de pastos fracos.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

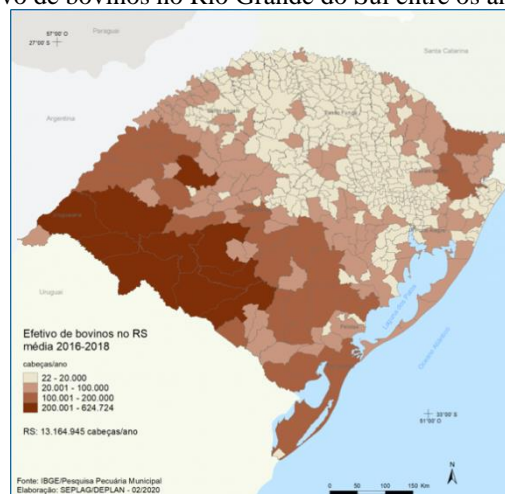
Quanto aos dados populacionais de Quaraí, de acordo com dados do Censo de 2010, realizado pelo IBGE, apresentava 23.021 habitantes e densidade demográfica de 7,31 hab./km². Já a população estimada no ano de 2021 era de 22. 5031 habitantes. Pode-se afirmar que houve uma pequena redução na população em Quaraí. O município não apresentou diferença

significativa quanto aos percentuais relativos ao gênero da população, e as faixas etárias de maior incidência estão dispostas entre 15 e 19 anos e de 45 a 49 anos (IBGE, 2010).

A economia da cidade está baseada na atividade agropastoril, tendo ênfase no cultivo de uva e arroz em casca e na criação de bovinos e ovinos. Historicamente, Quaraí está estreitamente relacionada à pecuária. Na atualidade, a atividade ainda se destaca na economia local. O ambiente do Pampa propicia a criação do gado bovino, que, em termos de número de cabeças, é representativo entre os municípios produtores do Rio Grande do Sul, como pode ser verificado na Figura 6, a qual mostra o mapa de efetivo de bovinos entre os anos de 2016 e 2018. O Atlas Socioeconômico do Estado destaca que:

O rebanho bovino encontra-se concentrado no oeste e sul do Estado, associado principalmente a presença dos campos limpos, ambientes característicos do ecossistema Pampa e integrado a produção de arroz nas várzeas dos rios. Destacam-se os municípios de Alegrete com 575.364 cabeças e Santana do Livramento com 541.608 cabeças em média para o período 2018-2020. Já Uruguaiana, Dom Pedrito, Rosário do Sul, São Gabriel e Quaraí apresentam médias entre 250 e 350 mil cabeças para o mesmo período. (RIO GRANDE DO SUL, 2020, p. 144)

Figura 6 - Mapa de efetivo de bovinos no Rio Grande do Sul entre os anos de 2016 e 2018



Fonte: RIO GRANDE DO SUL (2020).

Embora a pecuária seja uma atividade ainda presente no município com 12,94% de estabelecimentos, a economia de Quaraí apresenta o maior número de empresas no setor do comércio. Conforme dados apresentados pelo DataSebrae (2020)¹⁰ estas participam com 59,5% no valor agregado do município, índice referente ao ano de 2018. Já o valor agregado relativo à participação dos estabelecimentos agropecuários é de 17,5%. O Índice de Desenvolvimento

¹⁰ Disponível em: https://datasebrae.com.br/municipios/rs/Perfil_Cidades_Gauchas-Quarai.pdf. Acesso em: 18 de julho de 2022.

Socioeconômico (Idese) é 0,68 colocando o município na 453^a posição no estado do Rio Grande do Sul e o índice de Gini de 2010 era de 0,547. Outras atividades agrícolas são desenvolvidas como a cultura do arroz, soja, sorgo, laranja e uva¹¹.

3.2.2 União de fronteira

Quaraí, no Brasil, e Artigas, no Uruguai, embora divididos pelo Rio Quaraí e com algumas diferenças culturais, são dois municípios irmanados em consequência de fatos que revelam o imenso valor histórico e cultural dado ao local. Com o estudo e a aproximação, observou-se que, mesmo ocorridos muitos conflitos ao longo do tempo entre os dois países, houve também uma interação amistosa entre as duas cidades.

A comunidade de Quaraí refere-se aos habitantes da cidade uruguaia como “irmãos antiguenses”. Nesse sentido, esforços conjugados para valorização do patrimônio cultural, dos dois países são visíveis. Todavia, os poucos projetos implementados geraram resultados efetivos, especialmente no que se refere aos saladeiros e ao Parque Dyonélio Machado.

4 GADO, CHARQUEADAS E SALADEIROS

Abordar os saladeiros do Rio Grande do Sul necessita de uma imprescindível compreensão da maneira que o gado bovino chegou ao Estado. Para tanto, recorreu-se a autores que se debruçaram na pesquisa historiográfica por meio de qualificadas consultas e análises de documentos e relatos acerca do passado da região sul do Brasil, que foi determinada por muitas disputas. A pecuária foi uma das atividades, apesar de inúmeros percalços, de destaque para a economia gaúcha. O resgate histórico que se segue mostra um breve panorama que apresenta alguns fatos que esclarecem sobre o passado do Rio Grande do Sul.

O gado bovino teve relevante influência em relação à ocupação do espaço agrário do Rio Grande do Sul, sobretudo no bioma Pampa. Desde períodos pretéritos até o presente, a bovinocultura tem desempenhado um papel fundamental na economia e no desenvolvimento do Estado e do Brasil, fornecendo matéria-prima para a alimentação humana, como a carne e o leite, ou para confecção de diversos produtos e subprodutos. Ainda no passado, a tração animal exercida pelos bovinos era utilizada para o transporte de mercadorias e nas atividades agrícolas que exigiam o uso de implementos.

Anterior à chegada dos colonizadores europeus à América do Sul, na área que atualmente compreende os estados do sul do Brasil e, também, os países adjacentes, já existiam

¹¹ Ibid

povos de etnias indígenas que contribuíram para a formação socioeconômica do continente sul-americano.

Em 1494, Espanha e Portugal assinaram o Tratado de Tordesilhas definindo suas áreas coloniais. No entanto, ao longo dos séculos seguintes, os colonizadores portugueses foram avançando para o oeste do continente dominando áreas já povoadas por indígenas e onde já haviam se estabelecido reduções jesuíticas pelos espanhóis.

Os jesuítas tinham o propósito de reunir as populações nativas, que viviam de maneira dispersa pelo continente, para difundir a doutrina cristã e transmitir a cultura europeia. A nação Guarani foi uma das que acolheu os jesuítas se adaptando às reduções, convivendo com um maior número de pessoas em um mesmo local. Nas áreas das Missões, foram construídas, pelos próprios índios e padres, várias edificações para o abrigo dos habitantes, um cemitério e uma igreja imponente ao centro. No entorno, havia terras comunais com plantações de milho, mandioca, trigo e erva-mate, pois a prática da agricultura era exercida pelos índios, garantindo a alimentação de todos os membros da missão. Os padres jesuítas trouxeram o gado da Europa, e o manejo era realizado pelos guaranis.

No período inicial da colonização no Brasil, ocorreu o envio dos primeiros padres jesuítas que chegaram à Bahia no ano de 1549, acompanhados por Tomé de Sousa, incumbidos da tarefa de catequizar os habitantes indígenas¹². A religião, certamente, não foi o único aspecto pelo qual as Missões se destacaram na América. Paz (2018) afirma que as Missões foram também um ponto de encontro mútuo entre práticas e saberes próprios dos nativos e dos evangelizadores¹³.

As Missões se localizavam em um território onde não existia ainda uma demarcação definitiva entre os reinos espanhol e português. Em sua primeira fase, foram formadas as províncias jesuíticas de Guayrá, Loreto; San Ignacio Mini; Tape, esta última a oeste do Rio Grande do Sul, onde havia 18 reduções; Itatim no Sul do Mato Grosso e outra na região dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai, com 26 reduções¹⁴.

Garcia (2007) aponta que a Província Jesuítica do Paraguai, composta por cerca de trinta reduções, estava localizada nos limites do Império espanhol com o Estado do Brasil no

¹² SANTOS, B.M. . Missões e Colégios: os jesuítas no Brasil no final do século XVI. *Sacrilegens*, [S. l.], v. 4, n. 1, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/sacrilegens/article/view/26417>. Acesso em: 16 abr. 2022.

¹³ PAZ, C.D.. A missão jesuítica: as complexas relações que vão além da expansão do cristianismo. *IHU ON-LINE*. Ed. 530. 2018. Disponível em: <https://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/7457-a-missao-jesuitica-as-complexas-relacoes-que-vaio-alem-da-expansao-do-cristianismo>. Acesso em 16 de abril de 2022.

¹⁴ *Ibid*

sul da América. Os índios lá aldeados, chamados genericamente de guaranis ou, simplesmente, missioneiros, foram alvo, no século XVII, de uma série de ataques dos paulistas, conhecidos como bandeirantes, em busca de escravos (GARCIA, 2007). Entre 1580 e 1640, ocorreu a União Ibérica, período em que Portugal esteve agregado a Monarquia espanhola, após um processo de substituição dinástica (DE SÁ, 2015). No mesmo período ocorreram muitos ataques dos bandeirantes paulistas nas Missões Jesuíticas, o que fez com que o governo espanhol armasse padres e os indígenas para defender as fronteiras deste império face às investidas luso-brasileiras (CHIOGNA e DE MOURA, 2015). Segundo as autoras em relação às invasões bandeirantes, no ano de 1641 ocorre a famosa batalha de M'bororé com a vitória indígena.

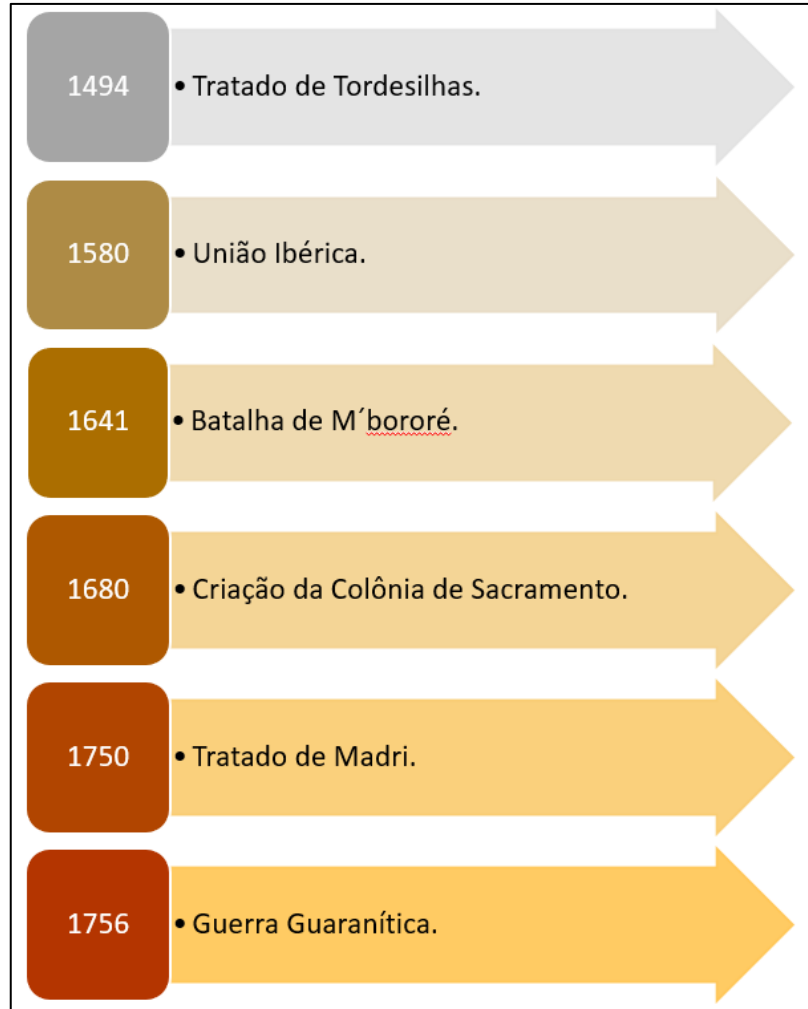
Portugal fundou a Colônia do Sacramento em 1680 com o intuito de expandir seu território e comércio de produtos destinados ao Prata. Prado (2003) aponta que a Colônia, estabelecida na margem norte do rio da Prata, em frente a Buenos Aires, significou o abandono dos limites estipulados pelo tratado de Tordesilhas. No século XVIII, Sacramento ocupou papel destacado enquanto porta de entrada de produtos introduzidos por comerciantes luso-brasileiros e estrangeiros no Prata (PRADO, 2000).

Conforme Chaves (2015) em janeiro de 1750, foi assinado o Tratado de Madri, por intermédio do qual a Coroa portuguesa conseguiu assegurar as terras conquistadas pelos sertanistas paulistas no oeste e sul do Estado do Brasil. Ao Norte, no vale Amazônico, também foram atendidos os interesses portugueses, garantindo a defesa daquele território diante da possibilidade de investidas de franceses, holandeses, espanhóis e ingleses (CHAVES, 2015). Consolidou, assim, o controle político-administrativo do Estado do Grão-Pará e Maranhão, fortalecendo o vínculo com o Reino e não ao Governo Geral do Brasil (CHAVES, 2015). Espanha e Portugal também estabeleceram permuta do território dos Sete Povos das Missões, que passaria para o domínio lusitano, pela Colônia de Sacramento que ficaria em poder da coroa espanhola (CORREIA E GODODOY, 2013).

De acordo com Silva (2017) os habitantes que viviam nas regiões que seriam cedidas à monarquia portuguesa se recusaram a realizar a mudança demandada pelo acordo, e assim entraram em conflito com os exércitos ibéricos ocasionando a chamada “Guerra Guaranítica”, em 1756. Tal fato proporcionou a partida e o abandono dos jesuítas e índios Guaranis das missões, assim como o seu definitivo desmantelamento. Com isso, o imenso contingente de gado bovino que havia se formado se dispersou pelo Pampa. Para Porto (1954), “a origem de toda riqueza pecuária do Estado Oriental do Uruguai e do Rio Grande do Sul encontra-se no gado que os Jesuítas introduziram nas reduções. São eles os fundadores da nossa economia

rural”. Os principais fatos da fase histórica até o ano de 1756 estão representados na Figura 7 a seguir.

Figura 7 – Linha do tempo das principais ocorrências entre 1494 e 1756



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

As características naturais da região abrangida pelo Pampa favoreceram o aumento do rebanho solto. A presença de extensas áreas planas e onduladas pelas coxilhas com a presença de campos nativos, água e o clima temperado permitiram que o gado trazido pelos jesuítas se alimentasse e se reproduzisse, formando amplamente a Vacaria del Mar. Com essa denominação, Miguel (2018) caracteriza como uma das principais linhas da evolução e diferenciação dos sistemas agrários do Rio Grande do Sul. Essa abordagem fornece elementos para uma clara compreensão sobre a introdução do gado bovino no Estado em distintos períodos. O autor aponta que a Vacaria Del Mar, “a partir do século XVII teve como elemento de base a exploração do gado bovino xucro ou (“chimarrão”) por indígenas e “homens livres”

(os “gaúchos”)” para a extração do couro. Neste mesmo período, não houve uma ocupação perene estruturada e de demarcações fundiárias ou de possessões (MIGUEL, 2018) no Pampa.

Ainda pela perspectiva dos sistemas agrários do estado do Rio Grande do Sul, Miguel (2018) classifica o Tropeirismo/ Sesmarias implantado no início do século XVIII e, de acordo com o autor, se caracterizava do seguinte modo:

[...] teve como elemento de base o apresamento dos bovinos e muars xucros e sua condução a pé para as regiões do sudeste do Brasil. Essa situação ocorreu devido à descoberta de ouro em Minas Gerais, que passou a demandar uma quantidade crescente de alimentos e animais de transporte. A intensificação do tropeirismo de animais proporcionou as condições para a instalação de tropeiros e militares ao longo dos caminhos e das zonas de criação de bovinos e muars. A instalação perene dessas populações visava a organizar a captura desses animais (em parte sesmarias com uma grande área) para a prestação de serviços (estalagens, albergues, etc.), ou tinha objetivos militares ou administrativos (proteção da fronteira, cobrança de tributos e impostos, etc.) [...] (MIGUEL, 2018. P.193).

Com o declínio do tropeirismo, que se pode referir como um ponto de ruptura entre uma etapa de um sistema agrário e outra, inicia-se a fase das estâncias, na qual se vinculam a criação extensiva de bovinos e ovinos, a produção de charque e lã, a utilização da mão de obra dos escravos procedentes da África. Destaca-se a atividade das charqueadas, que teve seu começo na região de Pelotas, no Rio Grande do Sul. Em razão das características do mercado emergente do charque, ocorreu uma melhoria das práticas de manejo da criação dos bovinos nas estâncias de criação de gado (MIGUEL, 2018).

Pesavento (2014) apresenta essa fase afirmando que o ciclo do ouro trouxe uma dinâmica econômica que propiciou a produção do charque no Sul. O enfraquecimento da mineração ocasionou uma redução da demanda por bovinos. Nesse sentido, a autora aponta que:

No final do século XVIII, com a decadência das minas, deu-se um retraimento da procura de animais para corte e transporte. Tal fenômeno, contudo, não havia de causar a decadência da economia sulina, uma vez que, nesse momento, dois novos produtos gaúchos apareciam. Através do trigo e do charque, mercantilizava-se a economia rio-grandense, com uma produção especializada de determinados produtos que objetivavam o mercado interno brasileiro (PESAVENTO, 2014. P.17).

Em seus apontamentos, Pesavento (2014) descreve que nesse período também teve início a mercantilização da pecuária, pois a demanda por carne se ampliou devido à produção em maior escala do charque. Revelando-se uma atividade lucrativa, a produção do charque fez com que os açorianos se orientassem para a pecuária. Em consequência, nasceu um mercado regionalizado para o bovino, ao mesmo tempo em que um novo valor à carne era atribuído e que “independia das flutuações da economia nacional pois, servia de alimento para os escravos” (PESAVENTO, 2014).

Traçando um histórico em relação ao charque no Rio Grande do Sul, Pesavento, (2014) em sua obra sobre a história do Estado, destaca os principais acontecimentos, desde o início das charqueadas, no século XVIII, passando pelo período de volumosa produção até o seu declínio no século XX. São evidenciados os fatos que influenciaram no desdobramento desta atividade econômica, como as possessões, a intensificação do contrabando de gado na área neutra, a obtenção de sesmarias e a vinda dos escravos para o Estado. Desse modo, a autora descreve os motivos pelos quais a pecuária do Rio Grande do Sul se desenvolveu em determinada época.

Em 1777, teve lugar o Tratado de Santo Ildefonso entre as duas Coroas ibéricas, estabelecendo que tanto Sacramento quanto as Missões ficariam para terras de Espanha. Entre as possessões de ambas as nações, seria criada uma área neutra - os Campos Neutrais - entre a Lagoa Mangureira e a Lagoa Mirim e a costa marítima. Essa "terra de ninguém transformou-se logo numa área de intenso contrabando do de gado, justamente numa época em que a pecuária se desenvolvia com o charque. Ocorreu então uma verdadeira corrida para obtenção de sesmarias. Interessava a Coroa que fossem distribuídas terras nas áreas de jurisdição indecisa, além dos Campos Neutrais, para garantir a posse da área. De 1780 até 1801, aproximadamente, processou-se uma nova política de distribuição de terras, sob o governo de Veiga Cabral. Os açorianos foram expropriados de suas terras em favor dos pecuaristas. O charque rio-grandense, proporcionando riqueza, foi capaz de introduzir em grande escala o escravo no Rio Grande do Sul. (PESAVENTO, 2014.P.19)

No Brasil, o começo das atividades nas charqueadas do Sul ocorreu no período colonial. Na mesma fase, os saladeiros platinos, segundo Pesavento (2014), atuavam com a prerrogativa de exercerem a produção do charque (“tasajo”) com mão de obra livre e, ainda, com amparo governamental. A autora acrescenta que:

[...]a pecuária era a atividade fundamental do Vice-Reinado do Prata. Assim, os "saladeros" gozavam da isenção dos tributos de exportação e dos direitos de importação do Sal de Cádiz. Foi também criada na Banda Oriental (Uruguai) uma milícia para evitar o contrabando. [...] (PESAVENTO, 2014.P.19).

Pesavento (2014) apresenta o contexto de opulência econômica da camada senhorial produtora de charque que vinha se apropriando de extensas áreas de terra e destaca o cenário das discordâncias com a Coroa. Conforme a autora, os latifundiários gaúchos, além das terras, se apropriaram monopolisticamente dos cargos, passando a agir mais em proveito próprio, em detrimento dos interesses coloniais lusitanos. Ainda em 1801, com a conquista das Missões Orientais, o Rio Grande do Sul obteve sua fronteira oeste e uma nova área para expansão das sesmarias (PESAVENTO, 2014). Segundo Pesavento (2014), o Estado se tornou "Capitania Geral" em 1807, independente do Rio de Janeiro e subordinada ao Vice-Rei do Brasil concomitantemente, e o processo de apropriação da terra foi acompanhado da expansão econômica da pecuária sulina, oportunizando o enriquecimento de sua camada senhorial.

Os saladeiros do Prata entraram em crise a partir de 1810 com o advento das guerras de independência na região. Em consequência, as atividades saladeiris sofreram um

desequilíbrio, ocasionando o envio do gado platino “para as charqueadas rio-grandenses que se viram beneficiadas com a desorganização dos concorrentes” (PESAVENTO, 2014). Outra situação que favoreceu a consolidação dos interesses dos rio-grandenses foi a vinda da família Real para o Brasil. D. João VI realizou uma campanha contra a Banda Oriental, anexando-a com o nome de Província Cisplatina, em 1820, estabelecendo estâncias na região e recolhendo matéria-prima para as charqueadas (PESAVENTO, 2014). A conquista da Cisplatina, segundo Pesavento (2014), abriu para o Rio Grande uma nova fronteira entre o Ibicuí e o Quaraí, dilatando a concessão de sesmarias por mais essa região, e permitiu a intensificação das ligações econômicas no Prata.

Após a derrota na Guerra da Cisplatina¹⁵, o Brasil assinou, em 1828, o acordo de paz com a Argentina criando um país independente na Província Cisplatina, atual Uruguai. As consequências disso foram a perda do gado uruguaio para as charqueadas do Rio Grande do Sul e o deslocamento dos bovinos para o abastecimento dos saladeiros platinos em fase de reestruturação. A insatisfação política por parte das oligarquias das províncias brasileiras com relação ao governo central era crescente, e eclodiram rebeliões em defesa das ideias federativas e republicanas.

O descontentamento com relação ao mando central se alastrava pelo país, uma vez que os recursos gerados pelas províncias eram investidos na produção do café e muito pouco era destinado às províncias que abasteciam os cofres do governo central. No Rio Grande do Sul, em 1835 inicia-se a Guerra dos Farrapos¹⁶, uma das mais duradouras revoltas do Estado sob o comando de Bento Gonçalves. De acordo com Pesavento (2014), a insatisfação dos rio-grandenses se dava pela avaliação de incompetência administrativa do Império e pela exploração das províncias em benefício próprio e em favor da economia cafeeira. Foi uma revolta sustentada por estancieiros gaúchos que disponibilizavam seus trabalhadores para a luta. Pesavento assevera que:

¹⁵ “No bojo do processo de construção dos Estados Nacionais, a Guerra Cisplatina – travada entre Brasil e a República das Províncias Unidas, atual Argentina – afigurou-se como marco fundamental para a conformação do espaço político platino, fragmentando, pelo surgimento do Uruguai como Estado autônomo, o território do antigo Vice-Reinado do Rio da Prata”. Fonte: JUNQUEIRA, L. F..A Bahia e o prata no primeiro reinado: comércio, recrutamento e guerra cisplatina (1822-1831), Dissertação de mestrado UFBA. 2005. Disponível em <https://repositorio.ufba.br/handle/ru/11345>. Acesso em: 20 de abril de 2022

¹⁶ “A Guerra dos Farrapos” Dividiu-se em três fases: a primeira, de setembro de 1835 a setembro de 1836, a da separação; a segunda, de 1836 a 1843, a fase da rebelião; e a fase de “reintegração” do Rio Grande do Sul ao Império, de 1843 à paz de Ponche Verde, acordada em fevereiro de 1845. Apesar de concessões e da anistia aos rebeldes, o então presidente do Rio Grande do Sul, Duque de Caxias, não firmou o tratado de paz. Ele sabia que não estava lidando com “esfarrapados”, mas com a elite estancieira local – que pegara em armas indignada com o fato de o charque uruguaio pagar 4% de imposto no Rio, enquanto o charque gaúcho pagava 25%. In. BUENO, E. “Brasil, uma história”, 2012.

Da percepção que os "farrapos" tinham dos acontecimentos, o centro era acusado de "má gestão dos dinheiros públicos", de realizar gastos supérfluos sem aparelhagem material do país (abertura de estradas, construção de portos) e de onerar o Rio Grande do Sul com impostos, sem indenizá-lo por danos sofridos. Por trás dessas acusações, vê-se a percepção de que o Rio Grande do Sul era explorado economicamente pelo centro (PESAVENTO, 2014.P.37).

O francês Jean Baptiste Debret descreveu em seu livro *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, publicado em fascículos, na França entre os anos de 1838 e 1839¹⁷, como era a produção do charque em uma província no Rio Grande do Sul. Na Figura 8, no trecho do texto da referida obra em destaque, ele reporta com detalhes as estruturas existentes na charqueada em que ele esteve para realizar seu relato. Pode-se imaginar desde o manejo dos bovinos até as etapas da elaboração do produto feita pelos escravos.

Figura 8 - Trecho da obra de Jean Baptiste Debret sobre a charqueada no Rio Grande do Sul

La charquiada, vaste établissement où se prépare la viande salée et séchée au soleil, réunit, dans son enceinte, le coral, parc où se gardent les bœufs vivants; la tuerie, adjacente au coral; le saloir, bâtiment oblong; le séchoir, vaste champ hérissé de pieux supportant des cordes tendues; et les chaudières, ainsi que leurs fourneaux, abrités sous un hangar spacieux. Toute cette fabrique est dominée par un petit plateau sur lequel est élevé le corps de bâtiment habité par toute la famille du charquiadeiro (maître de l'établissement).

Le coral est une enceinte de six à sept pieds de haut, plus ou moins vaste, et formée de la réunion d'une grande quantité de troncs d'arbres enfoncés très-près les uns des autres, et à laquelle on ménage une entrée, qui se ferme par une barrière. Un petit couloir, de douze pieds de long sur quatre de large, et adhérent au coral, communique à la tuerie; ses murailles, de même système de construction que l'enceinte, mais plus épaisses et hautes seulement de cinq pieds, servent de chemin élevé au nègre chargé de lancer le laço (lacet) aux cornes du bœuf qu'il vient d'amener dans le couloir. L'autre extrémité du même lacet, attachée autour d'un moulinet, force peu à peu le bœuf de s'approcher de la tuerie et de venir apporter sa tête à l'endroit où il reçoit le coup qui l'abat.

Fonte: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3736>, 2022

A publicação também exibe gravuras do pintor e desenhista francês, que retratam a vida dos trabalhadores nas charqueadas e no local da comercialização do produto na cidade do Rio de Janeiro, uma das cidades brasileiras para onde era levado naquela época. Na publicação de 1835, o autor produziu uma gravura representando um espaço comercial que vendia, entre variados alimentos, o charque. Ele também descreveu como os produtos eram dispostos no ponto de venda. A imagem pode ser conferida na Figura 9.

¹⁷ Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3802>. Acesso em 07 de maio de 2022.

Figura 9 - Gravura “Boutique de carne seca” de Jean Baptiste Debret



Fonte: “*Voyage pittoresque et historique au Brésil*”, 1835. Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3736>. Acesso em: 07 de maio de 2022

Ao contrário dos saladeiros platinos, as charqueadas eram obrigadas a pagar para o governo central altos impostos sobre sua produção, elevadas taxas para a importação do sal e encargos sobre a légua de terra. Já o charque platino podia entrar no Brasil pagando um valor de imposto reduzido. Isso fazia com que os preços do produto brasileiro fossem reduzidos, o que, segundo Pesavento (2014), “manifestavam-se os interesses do centro e norte do país, que queriam comprar o alimento para seus escravos a baixo custo”. As intenções dos revolucionários eram de se descolarem do poder imperial sem se distanciarem economicamente das províncias brasileiras, pois objetivavam dar prosseguimento ao escoamento do charque para as províncias. No entanto, houve um bloqueio por parte do governo central, na barra do Rio Grande, sem que os charqueadores pudessem realizar o deslocamento da produção ao mercado interno.

Nessa medida, propunham federar-se às demais províncias que, como eles, quisessem adotar a forma republicana. É nesse sentido que deve ser entendida a projeção do movimento revolucionário até Santa Catarina, revelando ainda o interesse na aquisição de um porto (Laguna) para o escoamento da produção por via marítima. A barra do Rio Grande permaneceu, durante todo o tempo da revolução, fechada aos farrapos, ficando a cidade em mãos dos "legalistas". Em face dessa situação, foi só através das ligações com o Prata, das exportações por Montevideú e dos contínuos reforços em munições e cavalos, que chegavam da Banda Oriental, que os farrapos puderam sustentar 10 anos de lutas contra o Império (PESAVENTO, 2014.P.38)

Com atribulações e conflitos no Prata, o Império do Brasil demandou apoio do Rio Grande do Sul e, a partir disso, ofereceu paz aos revolucionários. Assim, houve o aumento do valor do imposto alfandegário sobre o charque importado, o direito de os estancieiros escolherem o presidente de sua província, a promessa de que as dívidas seriam pagas pelo

governo central (PESAVENTO,2014). Além disso, todos os farrapos poderiam passar para o exército brasileiro com os mesmos postos com os quais lutavam nas forças rebeldes. (PESAVENTO, 2014).

A partir dos tratos com o Império, relacionados aos benefícios oferecidos à província e pelo contexto de problemas políticos e sociais no Prata, a pecuária rio-grandense foi favorecida, pois se tornou a atividade que garantiu o abastecimento de carne aos combatentes e às charqueadas do Brasil. Todavia, já havia se iniciado uma dinâmica de recuperação nos saladeiros platinos. Os saladeiristas do Prata iniciaram a aquisição de maquinários para a diversificação de sua produção, aproveitando melhor sua principal matéria-prima, o gado. Ao mesmo tempo, começaram um movimento de transferência dos saladeiros para uma região mais próxima ao litoral, que facilitava o escoamento de suas produções e reduzia seu preço. Por conta desta localização, ocorreu uma melhoria sanitária, para a época, que propiciava o escoamento dos resíduos diretamente para o mar. Contudo, todo esse empreendimento teve entraves trazidos pelos conflitos entre os comandos platinos, inclusive brasileiro. Foi neste momento que as charqueadas do Rio Grande do Sul atuaram contrabandeando o gado do Uruguai. Pesavento (2014) acrescenta que:

O tratado de 1851, que assinalou a derrota de Oribes, sedimentou a desorganização da atividade saladeiril uruguaia: estabeleceu que o gado uruguaio não pagaria imposto nas alfândegas brasileiras, enquanto o charque platino seria onerado com taxas para entrar no país. Dessa forma, beneficiavam-se as charqueadas sulinas, com a possibilidade de obtenção de matéria-prima a baixo preço, tendo dificultada a entrada do concorrente no mercado interno (PESAVENTO, 2014.P.40).

Ainda nesse período, os custos de produção das charqueadas podem ser considerados baixos, pois, conforme Pesavento (2014), antes mesmo de 1850, a oferta de mão de obra revelava-se elástica, era possível comprar gado por preços baixos e adquirir terras pelo regime de concessão de sesmarias. Porém, vários acontecimentos dessa época começaram a interferir no contexto de sucesso das charqueadoras, especialmente no que se refere à própria mão de obra, a qual no Brasil ainda era formada pelo contingente de escravos vindos da África. O tráfico de escravos acabou e os que integravam o conjunto de excedentes no país foram transferidos para a “zona do café eixo central da economia brasileira” (PESAVENTO, 2014).

Inicia-se um processo de transição na economia escravista que, aos poucos, vai alterando as atividades produtivas com a contratação de mão de obra livre. Para Pesavento (2014), no Rio Grande do Sul, a economia era subsidiária da economia central de exportação, a província tinha parte de seus ganhos captados pelo centro e, ainda, teve dificuldade de obtenção de mão de obra com elevação do seu preço, fazendo com que a maior parte dos custos incidisse na reposição da força de trabalho. A autora apresenta o sistema escravista como

“economia do desperdício” e o descreve referenciando como a mão de obra escrava aumentava os custos de produção do charque:

Na escravidão, é através do acréscimo de horas de trabalho ou pelo aumento de número de escravos que se obtém maior produção. O escravo, por seu turno, só é levado a trabalhar mais através da coerção física. Ora, o aumento da vigilância e da repressão tendia a desgastar mais rapidamente as forças do trabalhador, encurtando sua vida média. Dessa forma, mais rapidamente se fazia necessária a reposição de mão de obra escrava nas charqueadas sulinas, conhecidas como "purgatório dos negros". A cada nova compra, todavia, era exigido maior desembolso de capital para a aquisição de um "artigo" que rareava no mercado. Por outro lado, na medida em que o escravo só trabalhava mediante o emprego da violência física, intensificar seu trabalho significava aumentar o número de feitores, funções essas sempre remuneradas, o que implicava mais gastos para o charqueador (PESAVENTO, 2014.P.41).

Para a obtenção do retorno dos seus investimentos nas compras de escravos, para os senhores estancieiros e charqueadores, sob a concepção escravista, os escravos deveriam trabalhar sempre. No entanto, a atividade charqueadora se dava por safras, o que onerava ainda mais a produção do charque. Pesavento (2014) destaca que contradições, próprias do escravismo como sistema, tenderam a se agravar e quando surgiu uma conjuntura desfavorável, ocorreu a "crise dos braços", a partir da segunda metade do século XIX, e quando os concorrentes platinos se rearticularam.

Inevitavelmente, a partir da década de 1860, a crise das charqueadas rio-grandenses iria se revelar, pois os saladeiros platinos investiram em tecnologias inovadoras para a produção da carne, o que demandava maiores investimentos. O modelo de empresa moderna existente na Europa, com estrutura de molde capitalista, foi aplicado nos saladeiros que iniciaram a contratação de mão de obra assalariada conforme a necessidade, bem como a aplicação da divisão social do trabalho com atividades cada vez mais especializadas. Houve muitas transformações geradas pelo novo padrão de indústria saladeiril, que, além de produzir um charque de melhor qualidade, era comercializado por um preço inferior ao do produto rio-grandense. Segundo descreve Pesavento (2014), ocorreram as seguintes mudanças:

Generalizou-se o uso de máquinas a vapor, demandando a inversão de mais capital. Intensificou-se o aproveitamento regular do boi, com a obtenção de uma gama variada de subprodutos: couros salgados e secos, graxa, sebo, sangue, esterco. Melhorias sanitárias, aparelhamento dos portos, construção de vias férreas e intensa propaganda, na Europa, dos produtos uruguaios foram manifestações dessa renovação. Por outro lado, como economia central do país, gozava do mais amplo amparo governamental, com legislação protecionista. O resultado dessa empresa tecnicizada e assalariada foi o incremento de produtividade e a possibilidade de colocação, no mercado interno brasileiro, de um artigo a preço mais baixo que o charque rio-grandense (PESAVENTO, 2014.P.42).

Desse modo, as conjunturas que se apresentavam tanto no Prata quanto no Brasil foram decisivas para o declínio das charqueadas no Rio Grande do Sul. Arelada às determinações do

poder central brasileiro e sofrendo concorrência com o charque platino, a economia sul-riograndense tinha pouca autonomia em relação às decisões políticas do país. Era clara a intenção do governo central de reduzir o preço do charque, e os produtores gaúchos não conseguiam manter, em acordo com o poder central, constante a limitação da entrada do produto platino. O setor sofreu consequências por apresentar um despreparo quanto à tomada de decisão mais adequada para o enfrentamento de problemas, como a descapitalização e a falta de escravos.

No período republicano, o Rio Grande do Sul se colocava como importante fornecedor de produtos para os mercados nacional e internacional. A economia gaúcha ainda era subsidiária de base agropecuária (PESAVENTO, 2014). A bovinocultura era praticada de maneira extensiva e dependente da terra e do gado para aumentar a produção. Com a falta de tecnologia adequada e de cuidados sanitários, não era habitual exercer o manejo cuidadoso com os bovinos, que, em consequência disso, contraíam doenças e tinham baixo peso. Os animais abatidos não eram classificados e, para tal função, eram incluídos reses prenhas e novilhos. Assim, os produtores não obtinham crescimento e qualidade de seus rebanhos. Pesavento (2014) apresenta a seguir outros aspectos desse panorama:

os poucos cuidados na seleção genética do gado e a pequena importação de reprodutores selecionados davam como resultado um animal de pouco peso e muito chifre, com baixo rendimento de carne. Não se achava ainda completo o processo de cercamento dos campos. Era muito pouco generalizado o uso de balanças para a pesagem do gado, tendo este o seu peso calculado "a olho" (PESAVENTO, 2014.P.68).

A carne, procedente das estâncias, mesmo sendo o principal insumo para a produção do charque, era de baixa qualidade e dependia dos preços pagos pelos charqueadores que, por sua vez, dependiam da economia central exportadora e da demanda interna. Os produtores comercializavam o produto para o centro do país, mas não recebiam um pagamento adequado que cobrisse seus custos de produção e garantisse um ganho. A negociação da compra do gado a um baixo preço com os estancieiros era uma alternativa para que pudessem obter alguma compensação. Os principais fatos da fase histórica até o ano de 1860 estão representados na Figura 10 a seguir:

Figura 10 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1777 e 1860



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

Na República Velha (1889 a 1930), a situação das charqueadas sofreu um agravamento. A começar pelo gado, que era de inferior qualidade, se comparado com o do Prata, as unidades de produção eram rústicas, sem adequações sanitárias, sem maquinário apropriado, e as condições de trabalho eram precárias e insalubres. O charque elaborado tinha uma péssima apresentação e se destinava ao mercado disputado por concorrentes estrangeiros e nacionais, pois, com a crise do café, surgiram produtores de outros estados brasileiros que também iniciavam a atividade de criação e exploração do boi. Outro problema enfrentado pelos charqueadores foram os altos valores cobrados pela importação do sal de Cádiz e os preços pagos pelo transporte do charque por ferrovias ou por mar, o que aumentava o valor do insumo e, conseqüentemente, os custos de produção. O aumento do preço do charque, para que os

produtores pudessem obter lucro, não era indicado por causa do baixo poder aquisitivo das camadas populares urbanas de consumidores e pela maior presença de concorrentes no mercado interno (PESAVENTO, 2014).

O Rio Grande do Sul não tinha poder de influência com relação às decisões políticas econômicas do governo e continuava dependendo do poder central e seus interesses que, conforme Pesavento (2014), “convinha baratear os gêneros de subsistência dos trabalhadores nacionais, reduzindo com isso a tensão social que se agravava pela política inflacionária de defesa do café”. Neste contexto, segundo a autora, “Para enfrentar essas dificuldades, o charqueador encontrou duas formas: pagar uma baixa remuneração para o operário da charqueada e manipular os preços do gado”. As charqueadas, como já foi apontado, tinham enorme desvantagem em relação aos saladeiros platinos, que já haviam iniciado a utilização da refrigeração como uma tecnologia mais avançada para a conservação da carne.

4.1 OS SALADEIROS DE QUARAÍ

Para se ter um panorama socioeconômico de um lugar, em uma fase da história, recorre-se a registros da literatura. A reconstituição é realizada a partir da organização dos fatos reportados que transportam o leitor ao momento vivenciado no passado. A descrição que se dispõe é carregada por percepções e motivos de quem a realiza, e o conteúdo exibido estimula a realização de descobertas sobre contextos desconhecidos e provoca reflexões acerca das causas das mudanças ocorridas ao longo do tempo e suas consequências.

4.1.1 Por que Saladeiros e não charqueadas

Importante destacar que charqueada é o local onde era utilizado o sal para a conservação da carne. Era assim a fabricação do charque em Pelotas, que utilizava mão de obra escrava, com pouco aproveitamento do bovino e de sua carcaça. O processo era rústico, uma fabricação com baixa eficiência e com muito pouco cuidado sanitário. Os saladeiros seguem os mesmos moldes de fabricação utilizados no Prata, com normas de higiene e processos ingleses por meio dos quais eram aproveitadas praticamente todas as partes do bovino. Um modo de fabricação que pode ser considerado eficiente para a época.

Ao se relatar a experiência da fronteira, é necessário abordar sobre os saladeiros que pertenceram ao segundo ciclo do charque no Rio Grande do Sul. Já com escravos libertos, a indústria do charque tradicional, da primeira fase, especialmente a de Pelotas, passou por uma crise. Naquele contexto, a mão de obra passou a ser remunerada, a pouca qualidade do ciclo de produção tornou essa produtividade muito cara e toda esta indústria gaúcha começou a ter sérios problemas econômicos.

Os saladeiros da fronteira com o Uruguai eram empresas capitalistas implantadas com capital uruguaio. Em seu estudo, Volkmer (2007) refere-se às articulações e ações executadas pelo empresário uruguaio Emilio Calo, que, além de atuar ativamente para manter o negócio e o seu bom andamento, exercia forte influência para assegurar os laços com o Uruguai. A autora relaciona aspectos da organização empresarial estabelecida pelos “charqueadores uruguaios nesta fronteira do Rio Grande do Sul”:

[...]na administração interna da empresa (de cada unidade produtiva – saladeros e charqueadas) havia indivíduos competentes e bastante próximos aos sócios. - os sócios conferindo à empresa mais do que capital em dinheiro. Sobretudo, garantindo a manutenção dos vínculos com o Uruguai. - todos eles estrangeiros, buscando uma boa inserção na sociedade local, para o que contribuiu estarem os interesses da elite local vinculados aos negócios do charque e comércio fronteiriço. - essa elite local, municipal, igualmente associada ao negócio: eram os fornecedores de gado às charqueadas, eram comerciantes dependentes dos lucros das charqueadas e eram, ainda, funcionários diretos das mesmas (como Olavo Saldanha que, ao deixar o cargo de Intendente de Quaraí volta a ser o comprador geral da Novo Quarahy). - também integrava o negócio uma elite que evidenciava sua força em um nível mais regional, como o coronel João Francisco. (VOLKMER, 2007. P. 107).

Assim se dá a peculiar inserção produtiva no oeste do Rio Grande do Sul com a instalação de saladeiros com melhores condições técnicas para a produção do charque. A indústria saladeiril do oeste do Estado cresceu em função da sobretaxa do charque do lado brasileiro e do avanço das ferrovias no Uruguai. Foram erguidas unidades produtivas em diferentes municípios da fronteira, como Barra do Quaraí, Santana do Livramento e Quaraí. As cidades na fronteira entre Brasil e Uruguai, Artigas e Quaraí, cresceram em população, pois havia oferta de trabalho nas safras e ocorreu uma certa expansão urbana. O comércio desenvolveu, e os habitantes que obtinham mais recursos com a atividade econômica tinham acesso a produtos vindos da Europa, pois, quando o charque era levado ao porto de Montevideú, o transporte de volta trazia as cargas europeias, incluindo o sal para a produção do charque, que era em grande parte proveniente da região de Cádiz (Cádiz), na Espanha. É em Quaraí que está o foco deste estudo, que teve dois saladeiros, o Novo Quaraí e o São Carlos. Uma inusitada peculiaridade daquelas indústrias foi a instalação de dois sistemas, para a época inovadores, de cabos aéreos sobre o Rio Quaraí para a travessia do charque até o Uruguai. Por eles, também era feito o traslado de diversos produtos importados para o Brasil.

4.1.2 Saladeiro Novo Quaraí: itinerário, vínculos e negócios

Volkmer (2007), historiadora que fez uma relevante pesquisa sobre os empresários uruguaios proprietários dos saladeiros de Quaraí, contesta apontando que a historiografia elaborou generalizações e negligenciou estudos sobre “as relações de certos grupos econômicos com o Estado” e foram destacados aspectos que ocorreram em outras regiões no mesmo

período. Além disso, a autora salienta que, no período de transição, a indústria do charque e os empresários envolvidos nesses negócios mantiveram participação no cenário econômico e político. Portanto, para Volkmer (2007), “a importância da indústria do charque foi subvalorizada nestes estudos, mais interessados na análise dos novos produtos que compunham as exportações”.

Diante de um cenário socioeconômico e político dos anos da República Velha brasileira, são apresentados, por meio da pesquisa de Volkmer, (2007), os dois saladeiros do município de Quaraí, desde sua implantação, passando pelo período de funcionamento, até o encerramento da atividade fabril do charque. A autora, ao abordar períodos de produção do charque, destaca que os saladeiristas uruguaios enfrentaram entraves para a exportação dos seus produtos derivados do gado:

O início da década de 1890 revelaria aos saladeiristas grandes dificuldades para a colocação do charque platino no mercado brasileiro. Ainda em 1889 haveria um grande aumento dos impostos aduaneiros sobre os produtos estrangeiros, importados, similares aos produzidos no Brasil. Entre eles o extrato e conservas de carne, ficando muito prejudicadas as indústrias uruguaias (VOLKMER, 2007. P.43)

Como consequência disso, a concorrência ampliada para a entrada no mercado fez com que os saladeiristas uruguaios se transferissem para o Brasil, fato considerado positivo para o país (VOLKMER, 2007). Segundo a autora, no período entre 1890 e 1910, o número de animais mortos no Uruguai e na Argentina para a fabricação do *tasajo* teve queda progressiva. Nas charqueadas do Rio Grande do Sul, principalmente, os saladeiros da fronteira aumentaram significativamente sua produção (VOLKMER, 2007).

A história dos saladeiros de Quaraí é repleta de peculiaridades, talvez desconhecidas por muitos, mas que são essenciais para o entendimento acerca da sua existência e da atividade exercida nestas indústrias fronteiriças do charque. Volkmer (2007) relata como ocorreu o início do primeiro empreendimento saladeiril no município cujo nome era Novo Quarahí¹⁸.

Em 30 de agosto de 1893, em Montevidéu, comparecem para celebrar um contrato de sociedade Don Pedro Clouzet, de nacionalidade francesa, e os irmãos Don José, Don Antônio e Don Félix Guerra, uruguaios. Os dois primeiros, Clouzet e José Guerra, residentes em Montevidéu, e os últimos, Antônio e Félix Guerra, residentes em São João Baptista do Quarahy, Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O contrato pretendia o estabelecimento e exploração de uma charqueada, com uma casa de comércio anexa, sob a firma de Guerra Hermanos & Clouzet (VOLKMER, 2007. P.43).

Conforme o relato de Volkmer (2007), o terreno para edificação da charqueada foi doado pela Intendência de Quaraí, e os sócios estabeleceram dois escritórios para as operações da charqueada Novo Quarahí. Um deles se localizava em Montevidéu, onde dois dos sócios,

¹⁸ Nomenclatura utilizada pela pesquisadora Márcia Volkmer (2007).

Don Pedro Clouzet e José Guerra, tomaram conta de operações externas e o outro, em Quaraí, ficara a cargo de Antônio Guerra (VOLKMER, 2007). A autora refere que, “em 03 de março de 1896, dissolve-se a sociedade e Clouzet compra quase integralmente as partes que os outros sócios tinham e fica com o ativo e passivo da mesma”. Serão quase quatro anos de brigas judiciais (VOLKMER, 2007).

No ano de 1900, de acordo com Volkmer (2007) a cidade de Quaraí, então denominada de São João Batista do Quaraí, foi acometida por uma forte tempestade, e as estruturas do saladeiro Novo Quaraí sofreram muitas avarias. Este fato influenciou no valor cobrado pelo aluguel mensal, acordado por Clouzet, para que fosse entregue ao depositário e destinado ao pagamento dos reparos mais urgentes (VOLKMER, 2007).

Volkmer (2007) aponta que os problemas procedentes da dissolução da sociedade da “*Novo Quarahí*” também refletiram sobre os trabalhadores, que tiveram o pagamento de seus salários suspensos e, em 1899, exigiram seus salários na Justiça. Como não há dinheiro, os bens, imóveis e produtos da charqueada vão sendo penhorados, confiscados e repartidos (VOLKMER, 2007). A autora lembra que, além disso, o novo proprietário do saladeiro havia contraído muitas dívidas com bancos e não as saldou, e os bens da companhia foram a leilão em 1901. Foi marcada uma segunda data por não ter comparecido nenhum interessado no dia do evento agendado e divulgado. Volkmer (2007) relata que:

Um novo pregão é marcado para o dia 19 de abril. A cada nova praça, são abatidos 10% sobre o valor do imóvel. Em 27 de abril, Serino Alves – que era mandatário dos Bancos - oferece 255 contos de réis pela charqueada. Seu fiador será Emilio Calo. O valor não é pago e as últimas praças são anuladas. [...] Em 17 de março de 1902 o maior lance era de cem contos de reis (100:000#000) oferecido pelo Sr. Emilio Inocêncio Calo & Companhia.

Volkmer (2007) analisa a conduta de Emilio Calo, na época residente em Montevideú, dizendo que ele já estava administrando o Novo Quarahy há mais de um ano como arrendatário. A percepção da autora é que “Emilio Calo inicia as atividades produtivas em Quaraí em meio a um período de crise econômica no país, que ganharia vulto nos anos de 1900 e 1901”. Desta maneira, o capitalista uruguaio atuou de forma oportunista economicamente, já que o cenário era favorável no que se refere ao modo de aquisição do saladeiro, que facilitou a redução do valor a ser pago e, ao mesmo tempo, aproveitou a chance de produzir o charque com menores custos. Nesse sentido, Volkmer (2007) enfatiza que, passados seis anos da compra, o saladeiro seria classificado como a oitava maior empresa do país, considerando o seu volume de produção.

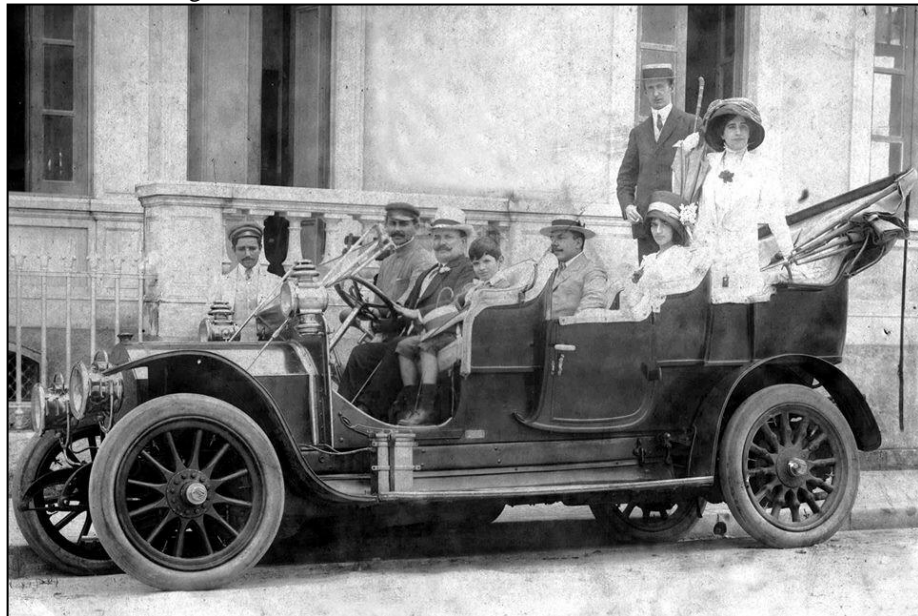
Neste contexto, houve um incremento na produção de gado bovino na região de fronteira refletido nas exposições. Ocorreu uma recuperação econômica especialmente no

tocante aos saladeiros e, apesar do baixo preço de comercialização do charque, os impostos cobrados sobre as exportações subiram, e a compensação pelos ganhos se deu pelo volume de produção. Na mesma época, a despeito da presente concorrência com países do Prata e com outros estados que iniciavam sua produção agrícola, a atividade pastoril se configurava em uma das mais relevantes para o estado do Rio Grande do Sul (VOLKMER, 2007). Aliado a isso, as operações de exportação de charque foram fundamentais para a arrecadação de impostos destinada ao Estado. Volkmer (2007) destaca que:

[...] em 1903 a charqueada Novo Quarahy foi responsável pela arrecadação de 11% de toda a receita arrecadada no Rio Grande do Sul através do imposto de exportação. Se somadas todas as charqueadas do estado, tem-se a dimensão da importância dessa indústria para a economia gaúcha (VOLKMER, 2007.P.55).

Emilio Calo, provavelmente com seus feitos comerciais de grande valia ou positivos, obteve notoriedade na cidade, especialmente em meio à elite local. Aos habitantes menos abastados, desprovidos de posses, a imagem do homem de negócios pertencente a um grupo privilegiado era o de benfeitor que oferecia meios de obter renda por meio de postos de trabalho no saladeiro em épocas de safra. A Figura 11 exhibe foto de Emilio Calo com sua família em um carro que, provavelmente, era um dos poucos que circulavam na cidade naquela época. A imprensa local acompanhava a trajetória de sucesso produtivo do saladeirista uruguaio, o que reforçava sua imagem ante a sociedade e, astutamente, promovia investimentos de terceiros.

Figura 11 - Foto de Emilio Calo com sua família



Fonte: Acervo Centro Cultural de Quaraí (2019)

Além da propagação de sua imagem por meio das matérias noticiadas no jornal da cidade e na imprensa uruguaia, alguns membros do mesmo grupo de Emilio Calo reforçavam

sua imagem altruísta. Ele também integrou o Clube Comercial de Quaraí (Club Comercial) e, como presidente, ampliou as atividades oferecidas pelo clube, especialmente as de recreação. O clube, fundado em 1895, era utilizado como espaço de confraternizações, atividades recreativas e culturais da elite local, que deveria contribuir com recursos financeiros para a manutenção da organização social. O saladeirista também fez parte do Club Progresso da cidade de San Eugenio, no Uruguai, hoje denominada de Artigas. Similar ao Quaraí, o clube uruguaio, inaugurado em 1903, aproximou oficialmente os dois países, possibilitando uma maior movimentação social nessa região da fronteira (VOLKMER, 2007).

Com a sua participação nos clubes mencionados, Emilio Calo obtém posição de destaque e, segundo Volkmer (2007), ele é convidado a participar de todas as solenidades na vizinha cidade uruguaia, surgindo como uma figura central nos festejos públicos, passando, também, a ser o incentivador de vários eventos. Nesse sentido, Calo conquistava cada vez mais evidência, pois sempre que ele participava amistosamente de qualquer atividade nas duas cidades, os jornais locais noticiavam e sua imagem, conforme Volkmer (2007), de um homem de espírito progressista, culto e altruísta era reforçada. Outros eventos promovidos por Emilio Calo eram as festas nos dois clubes, com a intenção de integrar as duas cidades e, também, atividades comemorativas voltadas aos trabalhadores do saladeiro, após o período de safra com resultados positivos. Portanto, Volkmer (2007) enfatiza que tudo isso conferiu visibilidade a Emilio Calo, sendo que:

Foi destaque ao promover melhoramentos no Comercial e ao participar da vida social em San Eugenio. Teve sua imagem veiculada como líder dos comerciantes, como indivíduo empreendedor e industrialista exitoso. Fora apresentado como o grande impulsionador da maior economia do município, administrando com louvor a Novo Quarahy e destacando-se como um dos primeiros criadores da cidade a promover a mestiçagem de raças bovinas (VOLKMER, 2007.P.84).

Verifica-se que todas as ações do estrangeiro Emilio Calo em terras rio-grandenses eram voltadas para obter prestígio e apoio dos agentes econômicos locais em benefício de sua indústria de charque. De acordo com Volkmer (2007), as charqueadas fronteiriças são constituídas por indivíduos com distinta atuação e posição econômica e política na sociedade da fronteira, unidos pelo objetivo comum de obter favorecimentos e bem gerir seus negócios.

No ano de 1903, o Clube Comercial, por meio da administração de Emilio Calo, obteve melhoramentos, e a cidade, conforme Volkmer (2007), voltava a ter um grupo de homens agindo coletivamente para a obtenção de favorecimentos. Este contexto beneficiava Calo, no sentido de obter melhores condições da indústria pecuária da fronteira oeste do Rio Grande do Sul (VOLKMER, 20007). Também houve ações para a regulação do mercado, como o movimento de apoio à Câmara Comercial de Porto Alegre, que solicitou o aumento do imposto

sobre a importação de charque platino (VOLKER, 2007). Em 1904, ocorreu a Revolução Blanca, um conflito no Uruguai, que trouxe consequências para a fronteira do Rio Grande do Sul e para as atividades nos saladeiros.

Na mesma época, havia o contrabando de gado bovino platino para os saladeiros da fronteira, e a cobrança de imposto por cabeça de gado desagradava os uruguaios, pois a exportação era lucrativa. Houve muita articulação política e comercial para que nenhum dos lados tivesse maiores prejuízos e obtivesse favorecimentos. Nesse sentido, Volkmer (2007) afirma: o sistema político de barganhas e concessões realizado pelo Partido Republicano Rio-Grandense, PRR, garantiu bons resultados econômicos dessa região do estado patrocinando o incremento da indústria do charque e o desenvolvimento pecuário. A autora enfatiza, ainda, o modo de mobilização de um grupo de pecuaristas da fronteira que se uniram para defender leis que os favoreciam e obter apoio do governo do Estado e aponta que:

Essas ações de “defesa” e manutenção de um poder político que até a primeira década do século XX ainda apresentava ameaças aos Republicanos no poder, acabou favorecendo o desenvolvimento das charqueadas no extremo oeste do estado a partir de 1890. Num plano econômico também era importante preservar a boa marcha desta indústria, uma vez que era responsável por grande parte dos recursos arrecadados no estado. [...]Os charqueadores da fronteira souberam aproveitar as condições que estavam dadas: grandes reservas de gado num amplo território conformado por três distintos países; livre passagem desse gado pelas fronteiras; apoio do estado para manutenção dos mercados e melhor colocação dos produtos (VOLKMER, 2007.P.104).

Nas Figura 12 e Figura 13, são apresentadas fotografias do que teria sido a atividade da produção do charque no saladeiro. As imagens foram captadas no Novo Quaraí e retratam o ambiente frequentado pelos trabalhadores, os “faeneros”, e o espaço onde os bovinos eram carneados. Atrás dos trabalhadores, que mostram suas facas, estão os montes do sal que era importado de Cádiz, na Espanha.

Figura 12 - Trabalhadores do saladeiro Novo Quaraí



Fonte: Acervo Centro Cultural de Quaraí (2019)

Figura 13 - Local para onde os animais abatidos eram transferidos no saladeiro Novo Quaraí



Fonte: Acervo Centro Cultural de Quaraí (2019)

4.1.3 Saladeiro São Carlos

Em alguns anos, concomitante ao saladeiro Novo Quaraí, já estaria em atividade outra indústria saladeiril no município de Quaraí. Denominada de São Carlos, mais do que uma empresa concorrente no disputadíssimo mercado do charque, de propriedade da firma uruguaia Mendive & Cia, também utilizava a estrutura das ferrovias do Uruguai para o deslocamento de seus produtos até o porto de Montevideú. Interessados em ingressar na atividade fabril do charque, grupos de criadores de Quaraí, Alegrete e Uruguaiana formaram uma sociedade anônima para aquisição do São Carlos, com objetivo de adquirir, também, a área total pertencente ao saladeiro, a fábrica de sabão e demais prédios. A partir daquele momento, o São Carlos apresenta uma constituição organizacional diferenciada. Além do propósito de produção

de charque, a formação da Sociedade Anônima tinha a intenção de coibir o *trust*, conforme descreve Volkmer (2007):

O Artigo 7º dos seus Estatutos, ao afirmar ser “absolutamente proibido a essa Associação, entrar em Trusts ou combinações quaisquer deste gênero”, evidenciava estar o grupo de fazendeiros de Quaraí bem alinhado ao discurso da União dos Criadores, que preconizava ações no sentido de combater o trust do charque surgido nesta mesma fronteira, em 1913(VOLKMER, 2007.P.137).

Segundo Volkmer (2007), a pecuária desenvolvida nos municípios do oeste do Rio Grande do Sul estava mais qualificada, apresentando raças bovinas procedentes de cruzamentos e conseqüente melhoramento genético. A autora discorre sobre o teor favorável do conteúdo publicado na revista da União dos Criadores, *A Estância*, com relação à utilização destes animais no abate realizado pelo saladeiro São Carlos. Para *A Estância*, tendo a charqueada São Carlos abatido somente tropas de gado mestiço em um primeiro momento, a região do Quaraí apresentava uma lição das vantagens indiscutíveis do cruzamento. Até mesmo o escoamento da produção via Uruguai é entendido como uma boa alternativa.

Um ponto dos estatutos da São Carlos que não foi abordado na revista trata dos benefícios que teriam os acionistas da empresa, como menciona Volkmer (2007). O texto do referido documento indica que os associados tinham a prerrogativa da preferência tanto para a compra como para a venda de bovinos, inclusive em fartas quantidades. Volkmer (2007) também observa o vínculo presente entre os associados ou pela equivalência nas extensões de terra, tamanho dos rebanhos, por atuarem no melhoramento das raças, por serem também comerciantes ou por suas posições partidárias. Ao considerar a constituição da Sociedade Anônima São Carlos, a autora alega que:

[...]não foi, portanto, um movimento dos criadores de Quaraí, incentivados pela União, contra os charqueadores da fronteira. Ao analisar os fatos em uma perspectiva bem aproximada, no que se refere à conduta dos indivíduos, novamente os vínculos pessoais garantiriam a manutenção do negócio mais do que as unilaterais “alianças de classe”.

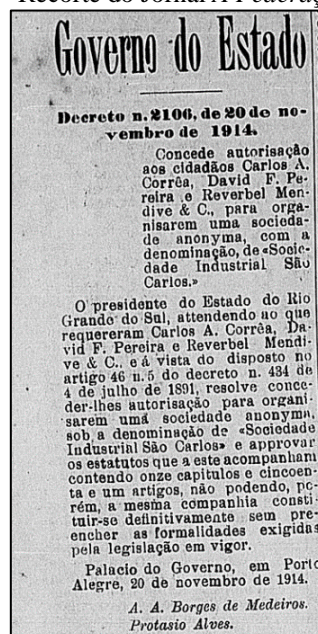
A constituição do saladeiro São Carlos é citada em diferentes fontes e entendeu-se que houve distintas fases. Ao que consta, a indústria saladeiril começou suas atividades no início do século XX com o quaraense Antônio Carlos Reverbel e o uruguaio Carlos Mendive, tradicional barraqueiro¹⁹. De acordo com nota publicada no jornal *A Federação*, no dia 16 de fevereiro de 1911, foi inaugurado o saladeiro São Carlos, como mostra a figura a seguir.

¹⁹ Significado de barraqueiro: Comerciantes de couro

Figura 14 - Recorte do Jornal *A Federação* de 1911

Fonte: Jornal *A Federação* de 1911²⁰

Em 21 de novembro de 1914, foi publicado no jornal *A Federação* o Decreto nº 2.106, de 20 de novembro de 1914, que autorizava a organização de uma sociedade anônima com a denominação de “Sociedade Industrial São Carlos” e aprovava os estatutos da organização em nome de Carlos A. Corrêa, David F. Pereira e Reverbel Mendive & C²¹. A Figura 15 apresenta o texto completo da nota do jornal.

Figura 15 - Recorte do Jornal *A Federação* de 1911

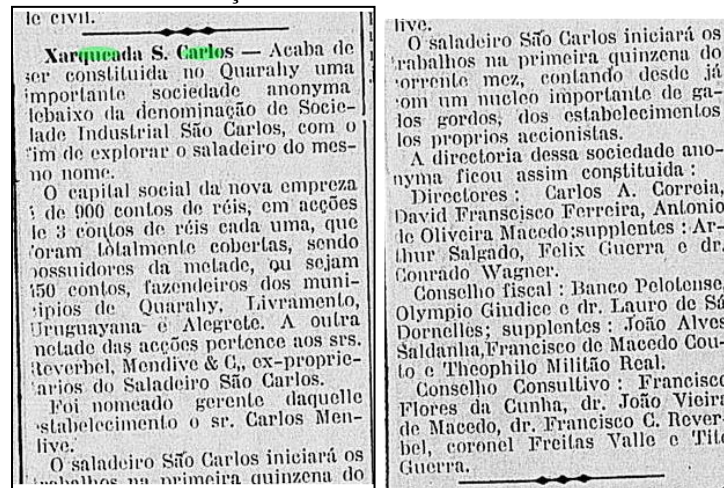
Fonte: Jornal *A Federação* de 1914

²⁰ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=23738>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

²¹ Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&pagfis=30871>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

No ano seguinte, em 09 de fevereiro de 1915, o jornal *A Federação* noticiou a constituição da sociedade anônima denominada Sociedade Industrial São Carlos. A nota descreve sobre o capital e os municípios de origem dos fazendeiros participantes, bem como informa que os antigos proprietários integram a sociedade e que Carlos Mendive foi nomeado gerente do estabelecimento, como mostra a figura a seguir:

Figura 16 - Nota sobre a formação da sociedade anônima do saladeiro São Carlos



Fonte: Jornal *A Federação* de 1915²²

O estatuto da Sociedade Industrial São Carlos, composto por 11 capítulos e 51 artigos, foi tornado público na edição do jornal *A Federação* do dia 21 de fevereiro de 1915. No conteúdo do artigo 2º do primeiro capítulo, consta a alteração do estabelecimento São Carlos para Sociedade Anônima, integrando os campos pertencentes ao saladeiro. Foi definido que o tempo da sociedade teria a duração de 25 anos, conforme registrado no documento. O documento pode ser conferido na íntegra no ANEXO A.

Segundo Wagner (2018), em 1916, a propriedade do São Carlos foi transferida para Osório, Rocha & Cia e, em 1918, passou para Gaudêncio da Conceição. Nesse mesmo ano teriam sido encerradas as atividades da empresa. No período em que funcionou, o São Carlos operou produzindo charque em grande escala, utilizando técnicas e equipamentos, e o produto era enviado ao Brasil e para outros países, atravessando o Uruguai até o porto de Montevideú. Produtos procedentes da Europa, que desembarcavam na capital uruguaia, retornavam de trem até San Eugenio (Artigas), de onde era distribuído para a cidade de Quaraí.

²²Disponível em:

<http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=388653&Pesq=Saladeiro%20S%c3%a3o%20Carlos&pagfis=31379>. Acesso em: 18 de abril de 2022

Tanto a produção como a gestão da indústria saladeiril seguiam os moldes platinos, mais eficientes para a época. Conforme a pesquisa documental, os processos da fabricação do charque no saladeiro São Carlos incluíam várias etapas. Freitas (2019) estimou o custo em réis, da elaboração do produto, considerando quatro delas: da manteação, da ressalga, da tombagem e da secagem. Para chegar ao valor estimado final, Freitas (2019) levou em conta os seguintes elementos: o valor do sal importado de Cádiz (Espanha); o valor de comercialização do gado na época do funcionamento do saladeiro; o custo da mão de obra; os equipamentos utilizados, como facas, afiadores, carrinho de ferro para transporte das mantas de carne, varais. O autor finalizou a estimativa chegando a um valor de 0:000\$690 (seiscentos e noventa réis) o quilo do charque produzido no saladeiro São Carlos em 1907. Freitas (2019) considerou “0:000\$1 (um réis) igual a R\$ 0,123, ficando o valor do quilo do charque em R\$ 84,87 (oitenta e quatro reais e oitenta e sete centavos) para o ano de 2019.

O custo de produção do charque no saladeiro, em tese, era compensado pelo volume de exportação, principalmente em fases em que as taxas eram mínimas ou inexistentes. As estruturas arquitetônicas fabris do saladeiro comportavam a escala de elaboração do charque e de outros produtos. Estas eram, em sua maioria, de alvenaria construídas com a utilização de pedras, tijolos, madeira e ferro. A partir de investigação *in loco*, documental e de imagens aéreas realizadas por membros da Associação Amigos do Saladeiro e com a marcação dos vestígios remanescentes, foi possível elaborar uma representação de algumas estruturas que provavelmente integraram o complexo industrial do São Carlos no início do século XIX (ver ANEXO B).

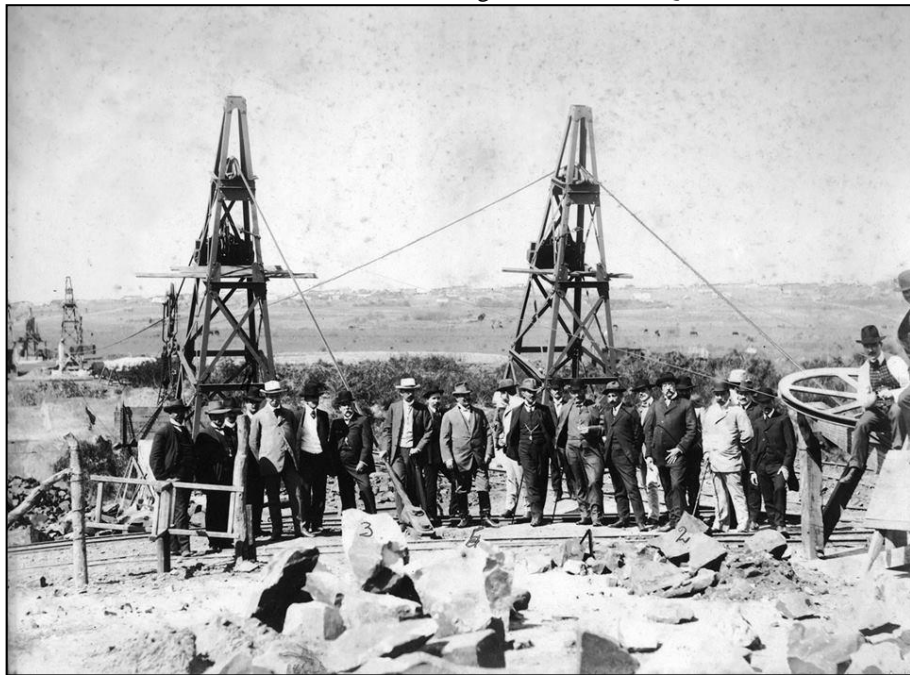
A conjuntura política e econômica do Brasil em meados dos anos 1920 ocasionou forte impacto na indústria saladeiril. Com isso, iniciou-se um processo de decadência fazendo com que o saladeiro de São Carlos entrasse em concordata e encerrasse suas atividades industriais em Quaraí/RS. A partir do término da produção no saladeiro, por volta de 1927, começou um longo processo de decadência e degradação de suas instalações e benfeitorias.

4.1.4 “CABLECARRIL”: Inovação e contrabando

Com uma intensa produção de charque e um amplo mercado para abastecer, os dois saladeiros tinham cargas significativas em quantidade para escoar. Era preciso realizar a travessia do Rio Quaraí, que divide Brasil e Uruguai, para que o trem da cidade de San Eugenio (Artigas) carregasse a carga do produto até o porto de Montevideú. Destaca-se que a malha ferroviária do Uruguai naquela época era vasta, e os trens de origem europeia eram muito eficientes. Inicialmente, essa operação era feita por balsa e o percurso era considerado demorado e tedioso.

Para dinamizar o transporte do charque e das demais mercadorias, o engenheiro Henry Holidge projetou e construiu o primeiro “*cablecarril*”²³ da região, com duas torres em cada margem do rio, unidas por cabos de aço, onde corriam duas cestas impulsionadas por uma máquina a vapor, como mostra a Figura 17, interligando o Saladeiro Novo Quaraí com a cidade de Artigas no Uruguai. O sistema inovador gilizou o traslado dos produtos. Em 1908, três empresas britânicas que construíram ferrovias no Uruguai implantaram um ramal para atender aos dois saladeiros, e foi instalado o segundo cabo aéreo para se conectar à linha do trem, atendendo ao saladeiro São Carlos²⁴, conforme mostra a Figura 18. Segundo o documento, em 1928 o saladeiro São Carlos entrou em concordata, em 1936 foi retirado o desvio ferroviário. Em 1945, foi removido o segundo desvio que era utilizado anteriormente para o Novo Quaraí, juntamente com a extensão que levava até a estação de Artigas.

Figura 17 - Cabos aéreos na fronteira do Brasil com o Uruguai sobre o Rio Quaraí-Saladeiro Novo Quaraí



Fonte: Acervo Centro Cultural de Quaraí (2019)

²³ “*La locomotora n° 5 del UNR y el Ramal a “Los Cables”, Archivo del Transporte Uruguayo*)

²⁴ *Ibid*

Figura 18 - Cabos aéreos na fronteira do Brasil com o Uruguai sobre o Rio Quaraí-Saladeiro São Carlos



Fonte: Acervo Centro Cultural de Quaraí (2019)

A falta de estrutura para o transporte, no Rio Grande do Sul, que viabilizasse o escoamento e a distribuição do charque, resultava na crescente prática de envio do produto para a exportação, passando pelo Uruguai no início do século XX. Tal conduta empresarial e comercial preocupava as autoridades brasileiras por conta das constantes perdas de arrecadação de impostos. Getúlio Vargas, então ministro da Fazenda (1925 a 1927), deixava claro, em seu discurso, o receio da precária fiscalização por parte do governo e o crescimento do contrabando. Isso fez com fosse feito um trabalho de averiguação nos estados onde esta conduta era recorrente, Mato Grosso e Rio Grande do Sul. Em seu discurso proferido no 2º Congresso dos Criadores, publicado do jornal *A Federação*, em 26 de abril de 1928, Vargas, então presidente do Estado gaúcho, discorre sobre ações do governo para coibir o contrabando²⁵.

[...] Outro dos grandes problemas que vivamente devem interessar à Federação Rural é a velha e debatida questão de todos os tempos - o contrabando. [...] Quando, no decorrer do ano passado, se reuniu o Congresso dos Criadores, cujos trabalhos acompanhei com interesse, ainda no exercício do cargo de Ministro da Fazenda, providenciando, como me cumpria, para a eficiência de um serviço federal, pendente de minha administração, destaquei dois funcionários idôneos, para que estudassem "in loco" o problema de contrabando nos Estados de Mato Grosso e Rio Grande do Sul. [...] O funcionário destacado para inspecionar o Rio Grande do Sul foi Dr. Rezende Silva, conferente da alfândega do Rio de Janeiro, competente e íntegro, hábil rastreador das fraudes fiscais e conhecido de quase todos vós. Ele percorreu toda região fronteiriça do Rio Grande do Sul - examinou, investigou, ouviu os criadores,

²⁵ MENSAGEM do Presidente do Estado Getúlio Vargas à Assembleia de Representantes do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: *A Federação*, 1928. In *O Pensamento Político de Getúlio Vargas*. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Júlio de Castilhos, realizadores. Porto Alegre/RS, 2004. Disponível em: http://www2.al.rs.gov.br/biblioteca/LinkClick.aspx?fileticket=NwIT_V_gzsM%3D&tabid=6457 . Acesso em 5 de maio de 2022.

fez conferências e apresentou seu relatório, bem como um projeto de reforma do serviço de repressão do contrabando. Esse relatório, porém, só me foi entregue poucos dias antes de deixar o ministério. Nada mais pude fazer. [...] Diante destes informes que vos transmito, penso que o único meio viável, eficaz e definitivo para extinguir o contrabando de charque será o que vulgarmente chamamos a desnacionalização do produto, isto é, a promulgação duma lei considerando como de procedência estrangeira todo o charque que não transitar somente pelo território nacional” (VARGAS.P.21-22).

Retrocedendo um pouco mais de uma década, o Decreto nº 8. 547, de 11 de fevereiro de 1911 (ver ANEXO C), regulamentava o serviço relativo à exportação de produtos nacionais para portos do Brasil por meio do trânsito como países estrangeiros. Com esta regulamentação, era necessário que os exportadores de charque requeressem o certificado de trânsito para seguir pelo país vizinho até o Brasil e nomear os negociantes nos diferentes portos. Era feita a conferência, o certificado era entregue ao comerciante indicado e o embarque era efetuado. Souza (2022) aponta que o charqueador uruguaio que quisesse exportar para o Brasil certa quantidade de fardos por contrabando comprava de um exportador brasileiro um certificado de exportação de charque para portos brasileiros em trânsito. Souza (2022) apresenta a descrição realizada por servidor designado pelo Ministério da Fazenda para fazer um diagnóstico da situação na fronteira apontando as operações fraudulentas.

A fraude girava em torno do representante do fisco brasileiro que atestava o embarque de uma mercadoria inexistente. O charqueador brasileiro vendia o certificado ao seu colega uruguaio que fazia a exportação do seu charque para os portos brasileiros como se a mercadoria procedesse do Brasil em trânsito pelo território uruguaio e, portanto, isenta do pagamento de direitos de importação no Brasil (SOUZA 2022.P06.).

A partir dos relatórios apresentados sobre as operações de trânsito de mercadoria na fronteira, o então presidente do Brasil, Washington Luis de Souza, assinou, em 1928, o Decreto nº 5.574, de 14 de novembro (ver ANEXO D), autorizando a remodelagem de repressão ao contrabando nas fronteiras do Brasil. Assim, essa medida obrigava o pagamento de imposto de importação quando o charque reingressava em território brasileiro, como era feito com o charque platino (SOUZA, 2022). Este fato fez com que os saladeiros e as charqueadas ainda existentes entrassem em declínio até o seu fechamento.

4.1.5 FRIGORÍFICOS: frio que aqueceu a indústria da carne

Como visto anteriormente, paralelamente ao funcionamento dos saladeiros da fronteira, ocorreram vários fatos que formaram uma conjuntura atribulada para as unidades saladeiris, como o surgimento dos frigoríficos, dificuldades de transporte do produto, por não haver ferrovias, mudanças no contexto político e econômico do Brasil e a institucionalização da Lei de Desnacionalização do Charque. Essas ocorrências foram algumas das causas do declínio da atividade de produção da carne seca e salgada, resultando no fechamento dos

estabelecimentos produtores em Quaraí. Os saladeiros perderam a razão econômica de existir, ultrapassados tanto pelas ascendentes empresas frigoríficas quanto pelas novas tecnologias.

Constituindo-se em fatores fundamentais para o desenvolvimento da região, os saladeiros de Quaraí promoveram a pecuária regional e demandaram mão de obra nas épocas de safra. Com uma abundante produção destinada, em parte, para exportações, estas unidades produtivas da carne bovina também serviram para o acúmulo de capital privado para os seus fundadores e proprietários e, como já não havia escravos, exploravam a mão de obra assalariada de baixo custo. Foram, também, estruturas industriais que funcionaram por poucas décadas, sua inserção econômica acabou e a produção da carne se deslocou para outros municípios da região com mais condições técnicas e empresariais, que atenderam, assim, às demandas internas e externas crescentes, isto é, pode-se dizer que foi uma experiência capitalista efêmera.

Os frigoríficos da região da fronteira do Rio Grande do Sul, paralelamente com os do país vizinho Uruguai, apresentavam estruturas e gestão empresariais qualificadas, o que impulsionou o seu crescimento e foi, também, uma das causas do desmantelamento dos saladeiros. Com a introdução da refrigeração, modernizou-se o método de conservação da carne. O mercado consumidor, acostumado a alimentar-se com o charque, pôde experimentar um sabor diferenciado e, aos poucos, foi optando pela carne refrigerada no lugar da carne seca e salgada. Isso fez com que a produção da carne nos frigoríficos no início do século XX ultrapassasse a dos saladeiros no Prata, causando a crise das indústrias saladeiris. Nesse sentido, Pesavento (1980) também inclui a situação frágil e insegura da atividade pastoril no Estado.

Viu-se que, antes que se descortinasse o primeiro conflito mundial, a pecuária sulina mostrava-se estagnada, sem maior avanço de suas forças produtivas. O Rio Grande apresentava reduzida capacidade de acumulação, precária tecnologia e baixa rentabilidade. A crise configurava-se não somente no plano da produção — uma pecuária extensiva e uma charqueada obsoleta, em descompasso tecnológico com os avanços mais recentes de frigorificação da carne — mas também no do mercado. Revelava-se, claramente, o drama gaúcho de produzir para o mercado interno um artigo que, apesar de apresentar um elevado custo de produção, não podia ser oferecido a um alto preço, pois, com isto, tanto se restringia o consumo quanto induzia o aparecimento de concorrentes (PESAVENTO, 1980. P.290)

Fonseca (1985) destaca as impressões sobre a indústria do charque do secretário da Fazenda do RS, Álvaro Baptista, em relatório escrito em 1909, destinado ao presidente do Estado. O conteúdo refere-se ao descrédito da eficiência da atividade charqueadora, considerada, na época, a mais rendosa para Rio Grande do Sul. O secretário considerava a comercialização do charque apenas realizada nos países do Prata, no Brasil e em Cuba insuficiente para que houvesse o desenvolvimento do setor e sua continuidade. Ele julgava, com isso, um fator que ameaçaria, também, a pecuária no Estado. Os frigoríficos viriam “a ser uma nova opção para aproveitamento da principal matéria-prima local, a carne, foi dos poucos

pontos em que houve plena concordância entre governo e oposição” na época (FONSECA, 1985). Os países do Prata já apresentavam indústrias frigoríficas desenvolvidas e, como destaca Fonseca (1985), esta “era entendida como a saída por excelência para a pecuária, que tinha ainda no salgamento da carne a forma de obter um produto que pudesse ser transportado por grandes distâncias”.

Como a conjuntura gaúcha em geral indicava que a necessidade de avanço econômico, era necessária a redução do contrabando para que o governo pudesse ter uma arrecadação ascendente. A instalação de frigoríficos era, na época, uma das melhores opções para o fomento da pecuária, especialmente para a região oeste do Estado. Uma atividade estava diretamente ligada à outra, e os produtores de gado teriam uma saída para a comercialização dos bovinos e poderiam ampliar seus ganhos para investir em melhorias.

Para Pesavento (1980), com a instalação dos frigoríficos na segunda década do século XX, ocorreu a reorganização da indústria da carne. Para a autora, as possibilidades que se abriram com a Primeira Grande Guerra, com o crescimento da demanda por carne dos países em conflito, foram percebidas pelo capitalismo estrangeiro e por setores de pecuaristas. Estes últimos procuraram implantar um frigorífico nacional, e o Estado tanto acolheu a entrada do capital estrangeiro como também apoiou o projeto local dos estancieiros (PESAVENTO, 1980).

No Rio Grande do Sul, em 1917, foram instalados os primeiros frigoríficos que tinham origem norte-americana (FONSECA, 1985). As indústrias Armour e Wilson foram implantadas na cidade de Santana do Livramento, e a Swift em Rio Grande, sendo que no mesmo ano também foi construída a empresa Frigorífico Rio-Grandense, em Pelotas, a qual foi vendida quatro anos após sua inauguração para a inglesa Westey Brothers (FONSECA, 1985), tendo seu nome substituído para Frigorífico Anglo. Nesse período, os saladeiros ainda coexistiam com estas grandes indústrias da carne refrigerada. No entanto, os custos de produção da indústria saladeiril eram elevados, se comparados com os dos frigoríficos. Por dependerem de uma estrutura de transporte para a distribuição de charque que aumentava o preço final do produto e, ainda, terem que realizar pagamento obrigatório de elevados valores de impostos, essas empresas sentiram, ao longo dos anos seguintes, a pressão econômica e, aos poucos, foram retraindo sua produção até o seu cancelamento.

Os frigoríficos que se instalaram em municípios da região da Campanha gaúcha e na fronteira oeste do Estado também tiveram seu período de ampla produção e foram uma das causas do desenvolvimento da economia. A exemplo disso, apontam-se as Companhias Swift e Armour, de Rosário do Sul e de Santana do Livramento. Nesta última cidade, a fábrica se instalou em 1917 e, desde então, a região produtora de gado ampliava a oferta de trabalho para

a população local e de outras regiões, inclusive do Uruguai. Nos anos das duas Grandes Guerras, os frigoríficos exportavam seus produtos para atender à demanda por carne nos países europeus. A partir do término dos conflitos mundiais, esses frigoríficos entraram em declínio, indo até o seu fechamento a partir da década de 1980, restando apenas algumas estruturas arquitetônicas, como em Rosário do Sul e Santana do Livramento, como mostram as imagens da Figura 19 e Figura 20, registradas por ocasião deste estudo.

Figura 19 – Remanescentes do Frigorífico Swift Armour em Santana do Livramento/RS



Fonte: Acervo próprio (2022)

Figura 20 - Remanescentes do Frigorífico Swift Armour em Rosário do Sul/RS



Fonte: Acervo próprio (2022)

Daquela época, em Quaraí, restou o prédio do que teria sido e onde teria funcionado a atividade de produção de charque no saladeiro São Carlos, um bairro próximo ao local que teria se formado por comerciantes e trabalhadores da época em que os dos saladeiros ainda estavam em atividade, com muitos relatos sobre a história vivenciada pelos antepassados dos moradores da cidade. O prédio, aos poucos, foi depredado, e a área, próxima ao Rio Quaraí, foi

praticamente esquecida, desprezada. Os principais fatos da fase histórica até o ano de 1945 estão representados na Figura 21 a seguir:

Figura 21 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1893 e 1945



Fonte: Elaborado pela autora

5 O SURGIMENTO DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO

O contexto saladeiril de alta produtividade, de entrada de capital e de desenvolvimento da cidade, apesar de esses impactos serem pouco mencionados pela historiografia, é o que está arraigado na memória da comunidade de Quaraí. Entretanto, daquela época próspera como mencionado anteriormente, restaram alguns componentes das estruturas prediais do saladeiro São Carlos. O local onde havia o saladeiro Novo Quaraí é uma área privada, e, presumivelmente, ainda permanecem alguns vestígios. A casa dos atuais proprietários preserva poucos traços do período em que havia atividade de produção do charque. No momento presente, seus moradores exercem a atividade de produtores de gado.

A área onde se localizam, atualmente, os remanescentes do saladeiro São Carlos recebeu a denominação de Parque Dyonélio Machado, por meio do Projeto de Lei municipal número 1.390, de 1995 (ver ANEXO E). A seguir, são transcritos trechos do documento para esclarecimento quanto à destinação da área onde se situam os remanescentes do saladeiro São Carlos. Conforme descrito (ver ANEXO F), a matrícula nº 3921, registrada em 13 de novembro de 1987, no Cartório de Registro de Imóveis de Quaraí/RS, o imóvel consiste em:

“Uma área de terras com a extensão superficial de duzentos e vinte e nove mil, cento e quarenta e um metros quadrados (229.141,00 m²), situado na primeira zona da cidade, na zona suburbana, no local denominado Saladeiro, em cuja área funcionará a Escola Agro Industrial “João Vieira de Macedo”, limitando ao Norte, com a estrada para a zona urbana de Quaraí; Sul, com o Rio Quaraí; Oeste, com um logradouro público municipal e ao Leste, com área pertencente ao Banco Nacional do Comércio S/A e área prometida para vender à Luiz Pacheco Prates e Jarbas Pinheiro” (Matrícula do Registro de Imóveis. 2015. Folha 01).

Na matrícula referida, é apontado que o proprietário da área era o Banco Nacional do Comércio S/A. O R.1-3921, denominado de transmitente, por meio do interveniente-cedente, João Vieira de Macedo, que, segundo o documento, “passa a área para a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, denominada de Comprador e Cessionário”. Entretanto, há a inclusão de uma observação no registro em “que o outorgante-cedente João Vieira de Macedo cede todos os direitos e ações decorrentes do contrato datado de 15/05/1945, adquiridos de Luiz Pacheco Prates e Jarbas Pinheiro, de comum acordo com o Banco Nacional do Comércio S/A, relativamente à fração de terras acima”.

A Averbação AV.2-3921, de 13/11/1987, complementa trazendo a imposição do Interveniente-Cedente, na cláusula que registra o “bem doado com suas benfeitorias, atuais, possa reverter ao seu poder, ou a seus herdeiros ou sucessores, em qualquer tempo, no caso de ficar extinta a mencionada Escola de ensino agrícola ou mudada a sua finalidade e subtraída ou mudada a denominação João Vieira de Macedo”. Nesta cláusula, ainda está incluída a

observação de que a escola deve conter o prenome e os nomes do pai do Doador, pois deseja que esta doação e a criação do referido estabelecimento de ensino técnico o sejam “*in-memoriam* dos seus progênitos”.

O Registro R.3-3921, de 13/01/1992, com o título “Revogação de Doação”, na forma do título “Escritura Pública de Renovação de Doação por Acordo, nº 12.454”, lavrada em 26/12/1991, tem como objeto da revogação os seguintes termos:

João Vieira de Macedo, através do R.1-3921 fez doação à Pontifícia Universidade Católica, de uma área de campo com 229.141 m² estabelecendo condições através da AV.2-3921 da presente matrícula, que a donatária deveria construir nessa área uma escola agroindustrial, com denominação de “João Vieira de Macedo”, o que não foi cumprido; agora através da presente escritura revoga a doação antes mencionada, voltando o imóvel objeto do R.1-3921, a plena propriedade do mesmo aos outorgantes, como sucessores de João Vieira de Macedo, os quais poderão, a partir desta data dispô-la para o fim que lhe aprouver”. O valor da transação foi de Cr\$ 25.000.000,00. O transmitente doou à União Sul Brasileira de Educação e ensino, entidade mantenedora da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Os adquirentes foram os sucessores de João Vieira de Macedo (Matrícula do Registro de Imóveis. 2015. Folha 01).

O Registro R.4-3921, de 13/01/1992, com o título “Doação com encargos”, na forma do título Escritura Pública de Doação sujeita a encargos, nº 12.455, lavrada em 26/12/1991, descreve o imóvel e o valor do registro anterior e tem como doadores a sucessão de João Vieira de Macedo e como donatária a Prefeitura Municipal de Quaraí, na figura do então prefeito Juarez Custódio Gomes. O registro finaliza frisando que:

A presente doação é feita mediante as seguintes condições: a donatária se compromete a manter íntegra a áreas e as edificações, realizando todos os reparos que se fizerem necessários à conservação do “Saladeiro”, de acordo com o projeto idealizado pela Secretaria de Lazer e Turismo, sob a responsabilidade técnica do setor respectivo da Prefeitura, durante a administração do Dr. Juarez Custódio Gomes, especificamente durante o ano de 1991, o prédio da antiga “Escolinha”, destinar-se-á à Administração do “Saladeiro”, onde funcionará a marcenaria e as oficinas destinadas ao ensino profissionalizante; a donatária deverá, dentro da área doada, destinar uma área de 5.000 m², que servirá à Paróquia-São João Batista, desta cidade; em caso do não cumprimento dos encargos antes mencionados, por parte do donatária, como órgão da administração direta, a prefeitura municipal obriga-se a instituir uma fundação Pública, para essa finalidade, a que será dirigida por um conselho da comunidade, sendo que este e a Direção da Fundação, deverão, obrigatoriamente, participar os seguintes membros: um representante da família dos doadores; os prefeitos e suas primeiras damas, o atual e os futuros; um representante da Associação Comercial; um representante da Associação dos Produtores Rurais; um membro do Rotary e outro do Lions Club; um representante da Câmara de Vereadores e um representante da Paróquia local e, finalmente, no caso do não cumprimento dos encargos antes mencionados, incluindo este último, o bem ora doado deverá retornar ao patrimônio dos doadores. (Matrícula do Registro de Imóveis. 2015. Folha 01 - verso).

A partir da análise do referido documento, entende-se que algumas providências foram tomadas de acordo com as condições propostas para a efetivação da doação. Porém, a maioria dos prefeitos que assumiram a administração municipal não deu seguimento para efetivar ações que atendessem às condições propostas (ver ANEXO G). Pelo contrário, pouca ou nenhuma

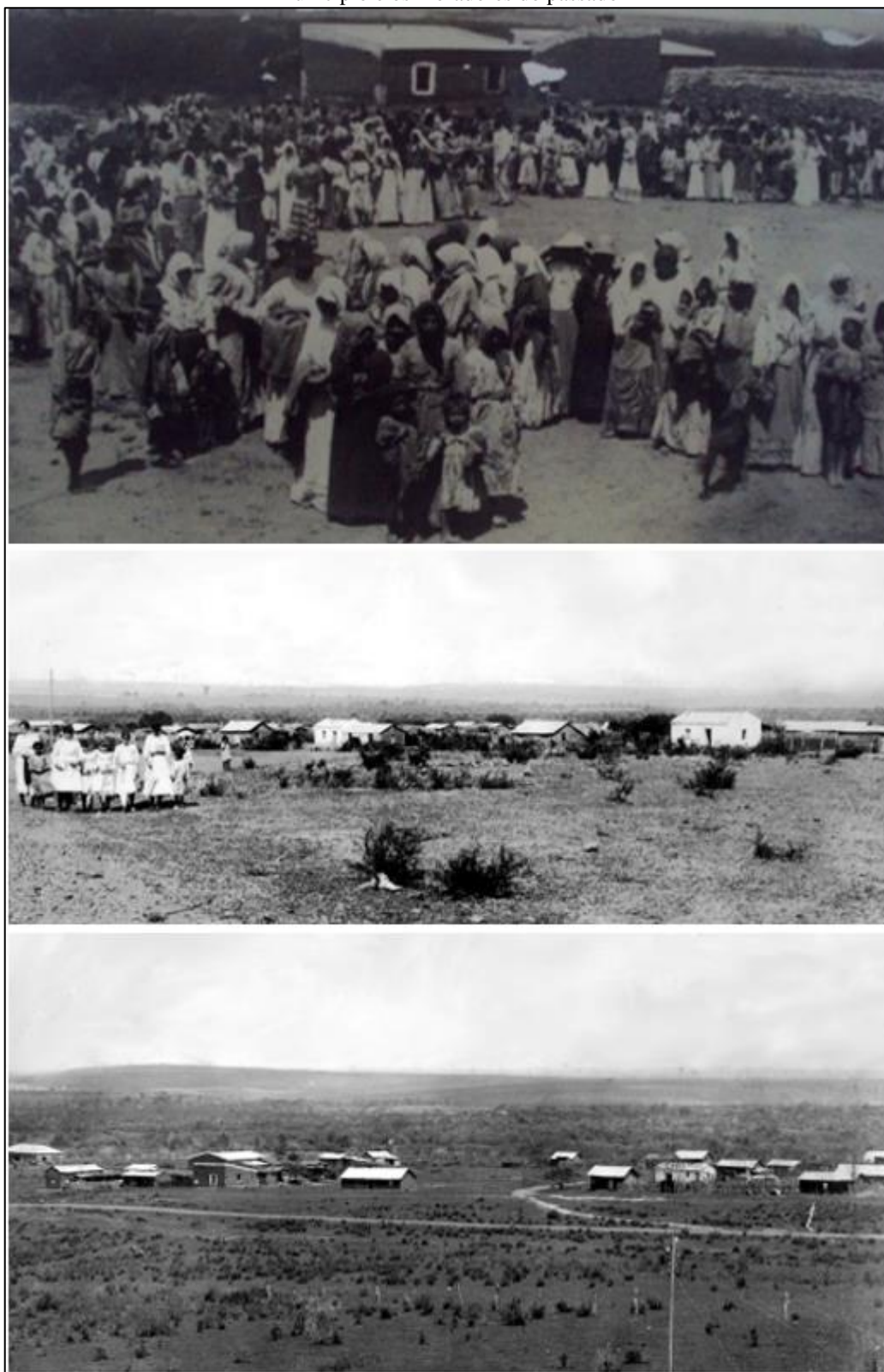
atenção devida foi dada ao local. Com este estudo, pretende-se informar a comunidade da existência de um documento que comprova como a área foi repassada para a prefeitura do município. Deste modo, é possível que sejam realizadas reflexões e consequentes ações de valorização do Parque.

5.1 O BAIRRO SALADEIRO

A partir dos estudos referentes aos saladeiros e à dinâmica econômica e social daquela época em que havia ampla produção de charque, observou-se certo crescimento urbano na cidade de Quaraí. Quando os saladeiros estavam ativos, na região onde se localizavam, houve migração de pessoas que chegavam para suprir a demanda por mão de obra naqueles estabelecimentos ou pela dinâmica comercial emergente. Isso começou com a fundação do saladeiro Novo Quaraí e, posteriormente, com o São Carlos. O fato é que naquele momento começava a se formar um bairro na cidade, um pouco distante do Centro, mas bem próximo das unidades produtoras de charque e do Rio Quaraí.

Havia, naqueles anos, uma imensa movimentação naquela região da cidade por ser ali uma via para o escoamento até o Rio Quaraí, de produtos destinados ao porto de Montevideu e para os recebimentos de produtos de origem estrangeira. Com isso, foram sendo construídas pequenas casas iniciando, a formação de uma vila composta por famílias dos trabalhadores dos saladeiros. O atual bairro Saladeiro é um elemento social marcante para a história da cidade e das antigas indústrias de charque locais. A Figura 22 exibe fotos históricas da época dos saladeiros que mostram casas que podem ter estabelecido o início da formação dos bairros de Quaraí e os moradores do passado.

Figura 22 – Fotos históricas de Quaraí/RS: casas que podem ter marcado o início da formação dos bairros do município e os moradores do passado



Fonte: Acervo do Centro Cultural de Quaraí (2019)

O bairro Saladeiro tem enfrentado enchentes ao longo do tempo e, no traçado dos bairros, expostos no plano diretor de Quaraí, do ano de 2006 (ver ANEXO H), é possível

identificar a sua localização próxima ao Rio Quaraí. Os moradores convivem no entorno do Parque Dyonélio Machado (ver ANEXO I), de onde podem ser vistos os remanescentes do São Carlos, como demonstrado na

Figura 23. O bairro conta com uma associação, onde são pautadas questões relativas à comunidade e às demandas para as melhorias do local.

Figura 23 - Vista dos remanescentes do São Carlos do bairro Saladeiro



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro (2019)

A área do Parque Dyonélio Machado é parte da paisagem local e uma opção de lazer para a população do município e para moradores do seu entorno. O bairro Saladeiro conta com a presença de duas escolas. Uma é de educação infantil e fica no prédio do casarão onde era o escritório do São Carlos. A outra, localizada na mesma rua, é de ensino fundamental, cujo nome é Emilio Calo. Um dos moradores da rua do Parque é artesão e confecciona réplicas de madeira, em miniatura, dos remanescentes do São Carlos. Portanto, ao circular pelas ruas do bairro, é possível lembrar dos saladeiros, pois pode-se passar por alguma referência, além dos seus remanescentes. Na figura a seguir, são exibidas moradias do bairro Saladeiro registradas no ano de 2019.

Figura 24 - Moradias do bairro Saladeiro



Fonte: Acervo pessoal (2019)

5.2 A ESPERANÇA RENOVADA: AÇÕES PONTUAIS AO LONGO DOS ANOS

O local do Parque, mesmo pertencente ao poder público, foi negligenciado por muitos anos, e apenas ações pontuais de valorização e revitalização comprovam a referência nostálgica e cultural em relação a todo o conjunto de elementos que lá se apresenta como um verdadeiro patrimônio cultural²⁶.

Assim, o Parque do Saladeiro Dyonélio Machado de Quaraí é um elemento urbano que contém resquícios industriais da produção do charque e integra um sentimento comunitário de um tempo esplendoroso, repassado pelas pessoas que testemunharam a realidade decorrida, mas que, contraditoriamente, se encontra em condições precárias.

A manutenção e os cuidados necessários só foram feitos por pouco tempo e com insuficiente apoio administrativo municipal. A desatenção propiciou ações de vandalismo e de ocupações indevidas em parte da área onde já existem obras clandestinas. Ainda assim, observa-se a movimentação de visitantes para passeios, encontros, registros fotográficos em redes sociais, eventos no local ou no seu entorno. É um lugar de lazer que possui, em sua paisagem, além dos remanescentes do saladeiro São Carlos, uma vegetação diversa com fauna peculiar e

²⁶ O Artigo 216 da Constituição conceitua patrimônio cultural como sendo os bens “de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira”. Fonte: Iphan (2022). Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/218>. Acesso em: 07 abril de 2022

um rio em área de preservação que divide os dois países. Poucos atores locais, de fato, deram a devida importância para a história e para o patrimônio cultural, realizando ações que movimentaram a comunidade em torno da valorização do Parque do Saladeiro Dyonélio Machado.

A exemplo disso, tem-se o trabalho da professora e historiadora Diva Simões, que dedicou sua carreira ao magistério e à valorização da história local e, em especial, à dos saladeiros. Diva Simões escreveu sobre a história destas indústrias do charque relatando o que a cidade vivenciava naquele momento. Ela reuniu, também, um significativo acervo que doou, ainda em vida, para o Comando do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado de Quaraí²⁷. Atualmente, não se tem informação sobre a localização ou o destino dado aos livros doados.

Reconhecida pela comunidade pelo seu trabalho, a professora Diva era solicitada para contribuir com seus textos a fim de complementar documentos e pesquisas sobre os saladeiros, o charque produzido na fronteira, sobre a sociedade, a economia local. Ela escreveu um texto contando resumidamente a história das indústrias do charque da cidade, para a promoção do evento de inauguração da revitalização do saladeiro, realizado pela Secretaria de Cultura do município em 1991.

A responsável pelo trabalho foi a professora de música Alda Calvete, que naquele ano foi convidada pelo então prefeito Juarez Custódio para revitalizar o saladeiro. Com o apoio de Custódio, a professora buscou recursos a fim de implementar as ações. Na época, foram feitas melhorias no local que permitiram a visita e o uso para lazer, como o cerceamento, a instalação de um portão, a colocação de um piso junto aos remanescentes, realização de limpezas frequentes e a introdução de bancos de madeira.

Em reunião online ocorrida em 30 de novembro de 2021, com a presença dos membros da Associação Amigos do Saladeiro, de Quaraí, do atual prefeito do município, Jeferson Pires, do presidente da Câmara de Vereadores, Mario Teixeira de Sousa, e do vereador Maurício Castro, a professora Alda Calvete descreveu como foi o seu trabalho efetuado na recuperação da área do saladeiro São Carlos, em 1991. Ela relatou que o prefeito daquela época, Juarez Custódio, a convidou para implantar melhorias no local, dizendo que teria todo o seu apoio, pois queria que tal feito fosse uma marca de seu governo. Calvete aceitou o convite e iniciou a

²⁷ Registro da doação do acervo da professora Diva Simões. Disponível em : http://www.eb.mil.br/web/noticias/noticiario-do-exercito?p_p_id=101&p_p_lifecycle=0&p_p_state=maximized&p_p_mode=view&_101_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_assetEntryId=1917354&_101_type=content&_101_groupId=11425&_101_urlTitle=5-regimento-de-cavalaria-mecanizado-amiga-do-regimento&inheritRedirect=true#.YnhBXRPMKJI. Acesso em 02 de maio de 2022

busca por recursos para a realização do trabalho, indo nas estâncias para solicitar contribuições aos seus proprietários, pois eram necessários trabalhadores, ferramentas e verba. Muitas foram as contribuições, e Alda recrutou trabalhadores para a obra de revitalização no saladeiro São Carlos, como mostra a figura a seguir.

Figura 25 - Obra de revitalização do saladeiro São Carlos de Quaraí em 1991



Fonte: Acervo de Alda Calvete (1991)

Uma corticeira que existia no local chamou atenção de Alda. Vendo o estado debilitado da planta, ela a recuperou e disse que gostaria que a árvore se tornasse o símbolo do Parque e até mesmo de Quaraí. Calvete falou sobre o pedido de apoio ao Iphan e mencionou o importante auxílio da professora Diva Simões e de muitas outras pessoas da cidade. Aos representantes do Instituto, foi dito que era necessário dar início a um trabalho que tinha como um dos objetivos mostrar para a cidade o seu valor histórico, fazendo algo para que a comunidade pudesse usufruir.

Com seu empenho, Alda Calvete conseguiu doações e realizou muitas melhorias, inclusive a construção de banheiros para os visitantes. No início de seu projeto, ela identificou resistência das pessoas, mas, aos poucos, elas foram aderindo à ideia. O feito de Calvete proporcionou a doação do terreno para a prefeitura. Ela relatou que, ao término de seu trabalho no saladeiro, o dono da área a convidou para ir à sua casa e disse: “Alda, nunca pensei que esse lugar pudesse ser aproveitado para a comunidade. Por tua causa, eu vou doar esse terreno todo do saladeiro para a prefeitura. Eu tenho certeza de que, quando tu fores embora, tu vais levar o saladeiro junto. Eu estou fazendo isso em homenagem a ti, pelo que tu estás fazendo para Quaraí”.

Alda Calvete se emocionou ao lembrar de sua história em Quaraí, do reconhecimento dado e de tudo o que foi feito pelo saladeiro. Ela disse, ainda, que foi junto com o prefeito ao cartório para realizar o ato de doação da área do saladeiro à prefeitura de Quaraí. Calvete

destacou, também, o evento de inauguração da área revitalizada, o qual contou com a participação de músicos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Esteve presente um expressivo público formado de brasileiros e uruguaios, da cidade de Artigas, que presenciou o evento. Logo após a abertura do Parque revitalizado, ela se mudou para outra cidade, e a área ficou sob os cuidados da prefeitura de Quaraí. A figura a seguir exibe o convite para a atividade cultural de inauguração do saladeiro revitalizado.

Figura 26 - Convite do evento de inauguração da revitalização do saladeiro São Carlos



Fonte: Acervo de Alda Calvete (1991)

O Parque Dyonélio Machado teve um administrador nomeado no ano de 1994. Para uma função essencial voltada a manter as mínimas condições de utilização do Parque, a contratação de um administrador, com o propósito de transformar a área em um ponto de visitação para a comunidade e para turistas, foi concretizada. O aposentado Olímpio Menezes pretendia implantar um camping para que as pessoas pudessem utilizar o local usufruindo dos recursos naturais presentes na área. Segundo relatos de pessoas que conheceram Menezes, ele iniciou suas tarefas fazendo pedidos básicos para implementar as melhorias. No entanto, ele não foi atendido, pois houve forte resistência na administração municipal. Ele permaneceu no cargo por um curto período, saindo no mesmo ano. A figura a seguir mostra a matéria publicada no jornal *Folha de Quaraí* sobre o administrador do Parque.

Figura 27 - Matéria sobre o administrador do Parque



Fonte: Jornal *Folha de Quaraí*. Edição de 1994. Acervo de Terezinha Saldanha

Em 1998, foi preparado, voluntariamente, pelo arquiteto Antônio Augusto de Nadal, um orçamento (ver ANEXO J) com especificações de ações necessárias para a preservação da ponte que se localiza próximo ao Parque Dyonélio Machado e dos remanescentes do saladeiro São Carlos, como mostra a Figura 28. No teor do documento, é enfatizada a importância da valorização do patrimônio histórico-cultural que esses dois elementos possuem para Quaraí. Mais uma vez, a falta de diligência por parte da administração pública com relação ao Parque e ao patrimônio cultural é apontada.

Figura 28 - Ponte da Sanga da Saboeira



Fonte: Acervo próprio (2019)

Após sete anos da entrega deste documento, mais uma ação pontual de valorização do saladeiro foi realizada. Foi uma iniciativa da professora Terezinha de Jesus Saldanha, que, em 2005, lecionava na Escola Dartagnan Tubino, na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos, EJA. A professora, natural de Quaraí, conhecedora da história dos saladeiros e de sua relevância para a cidade, propôs aos seus alunos uma tarefa de pesquisa sobre o tema (ver ANEXO K). A partir dos estudos e das atividades realizadas pelos estudantes, foram constatados o abandono da área do saladeiro e a inexistência de registros que promovessem a preservação dos elementos históricos e daquele espaço. Os alunos sentiram-se motivados para dar início a um movimento em favor do tombamento dos remanescentes do São Carlos.

Além de pesquisas bibliográficas e entrevistas sobre a história e as condições do saladeiro, os estudantes também coletaram assinaturas da comunidade para encaminhar à Câmara de Vereadores de Quaraí um Projeto de Lei (PL) de iniciativa popular, com a finalidade de tomba a área e criar o livro do tombo. Para que houvesse engajamento dos habitantes, foi feita ampla divulgação na mídia local, informando sobre o projeto e o seu objetivo. Com quase duas mil assinaturas, foi protocolado (ver ANEXO L), no dia 04 de outubro daquele ano, o Projeto de Lei que obteve aprovação no mês seguinte. No dia 06 de dezembro, a Lei Municipal nº 3.256 foi sancionada pelo prefeito municipal em exercício, Amílcar Pereira, e assim foi determinado o tombamento do conjunto arquitetônico, dos remanescentes do saladeiro São Carlos e a criação o livro do tombo.

Na mesma época foi informado, na *Folha de Quaraí*, sobre a constituição de um grupo executivo para a preservação da memória e do patrimônio histórico-cultural da cidade, cujo objetivo era atuar para efetivar a revitalização do Parque Dyonélio Machado. Na matéria, redigida por Maximiliano Meirelles, são destacados os locais com significativo potencial turístico para a região de Quaraí e da fronteira. Na figura a seguir, tem-se o texto na íntegra.

Figura 29 - Matéria sobre o tombamento dos remanescentes do saladeiro São Carlos



Fonte: Jornal *Folha de Quaraí*. Edição de 27 de dezembro de 2005. Acervo de Terezinha Saldanha (2019)

Os remanescentes do saladeiro de Quaraí se caracterizam por serem um testemunho de um passado em que a atividade da produção do charque e de outros produtos promoveu desenvolvimento econômico na localidade e arredores, incluindo a cidade uruguaia de Artigas, na fronteira com o Brasil. Dessa forma, o conjunto arquitetônico remanescente do saladeiro São Carlos foi declarado patrimônio histórico e cultural por meio da Lei nº 12.491, de 16 de maio de 2006, conforme legislação patrimonial e cultural do estado do Rio Grande do Sul (ver ANEXO M).

5.3 AÇÕES COMPARTILHADAS ENTRE QUARAÍ E ARTIGAS

Além de destacar a relevância da cooperação entre países para a proteção e conservação um bem natural comum, a água, as ações do projeto da Bacia do Rio Quaraí trouxeram, mais uma vez, um resgate da história da fronteira, das experiências de integração e de alianças, como aconteceu com os saladeiros. Questões ambientais relacionadas à água no cenário internacional foram pautadas nos programas de organismos internacionais.

A preocupação com a demanda por água em condições de utilização e consumo fez com que fosse promovida a cooperação entre países para o gerenciamento das águas. Foi o caso do Comitê Intergovernamental, Coordenador dos Países da Bacia da Prata (CIC), que realizou a primeira fase do Programa Marco para Gestão Sustentável dos Recursos Hídricos da Bacia. A execução da primeira etapa teve apoio do Departamento de Desenvolvimento Sustentável da SG/OEA, o qual atuou como Agência Executora do Programa das Nações Unidas para o Meio

Ambiente (PNUMA) no ano de 2014²⁸. As instituições de Artigas, Uruguai, e Quaraí, Brasil, que participaram conjuntamente foram: grupo “Artigas 86” e Sindicato Rural de Quaraí²⁹. Os coordenadores definidos para a execução das ações previstas foram a professora Terezinha Saldanha e o dr. Herman Pintos.

Um dos objetivos apontados do Programa Marco da Bacia do Prata foi fortalecer a cooperação transfronteiriça entre os governos da Argentina, Bolívia, Brasil, Paraguai e Uruguai³⁰. Sendo assim, de acordo com a descrição do projeto, de maneira integrada, a ideia era assegurar a gestão dos recursos naturais compartilhados da bacia de modo sustentável, no contexto da variabilidade e das mudanças climáticas com a intenção de capitalizar oportunidades para o desenvolvimento nos aspectos sociais, econômicos e ambientais.

Foram elaborados quatro projetos-piloto. Um deles foi o Projeto-Piloto Demonstrativo para a resolução de conflitos de uso da água na bacia do Rio Cuareim-Quaraí, no limite entre o Brasil e o Uruguai³¹. O projeto tinha por propósito contribuir para a redução dos potenciais conflitos relacionados com o uso da água nessa bacia por meio do fortalecimento de institucionalidade existente e da melhoria das condições para o cumprimento dos acordos internacionais³².

Foram elaborados um diagnóstico e um planejamento de ações, como as de Educação Ambiental, as quais foram demandas identificadas como necessárias para a consolidação e sustentação dos avanços no longo prazo³³. Foram priorizados, também, projetos com foco nas necessidades dos habitantes da Bacia do Prata, e quatro destes, foram realizados pelas comunidades da Bacia do Rio Quaraí e financiados pelo Programa Marco³⁴. Os projetos executados foram: Projeto Ambiental Gestão de Resíduos nos bairros Saladeiro (Quaraí) e Bella Vista (Artigas); Projeto de Turismo “Saladeiro – uma fronteira e uma história Compartilhadas”³⁵. Acesso em 04 de maio de 2022); Projeto Social – Trabalhadores do Rio; Projeto Social – Ambiente Saudável – Hortas Comunitárias – Saladeiro e Estiva. Os principais fatos desta fase até o ano de 2014 estão representados na Figura 30, a seguir:

²⁸ Disponível em: <http://ppdcuareim.blogspot.com/> . Acesso em: 09 de maio de 2022)

²⁹ *Ibid*

³⁰ *Ibid*

³¹ *Ibid*

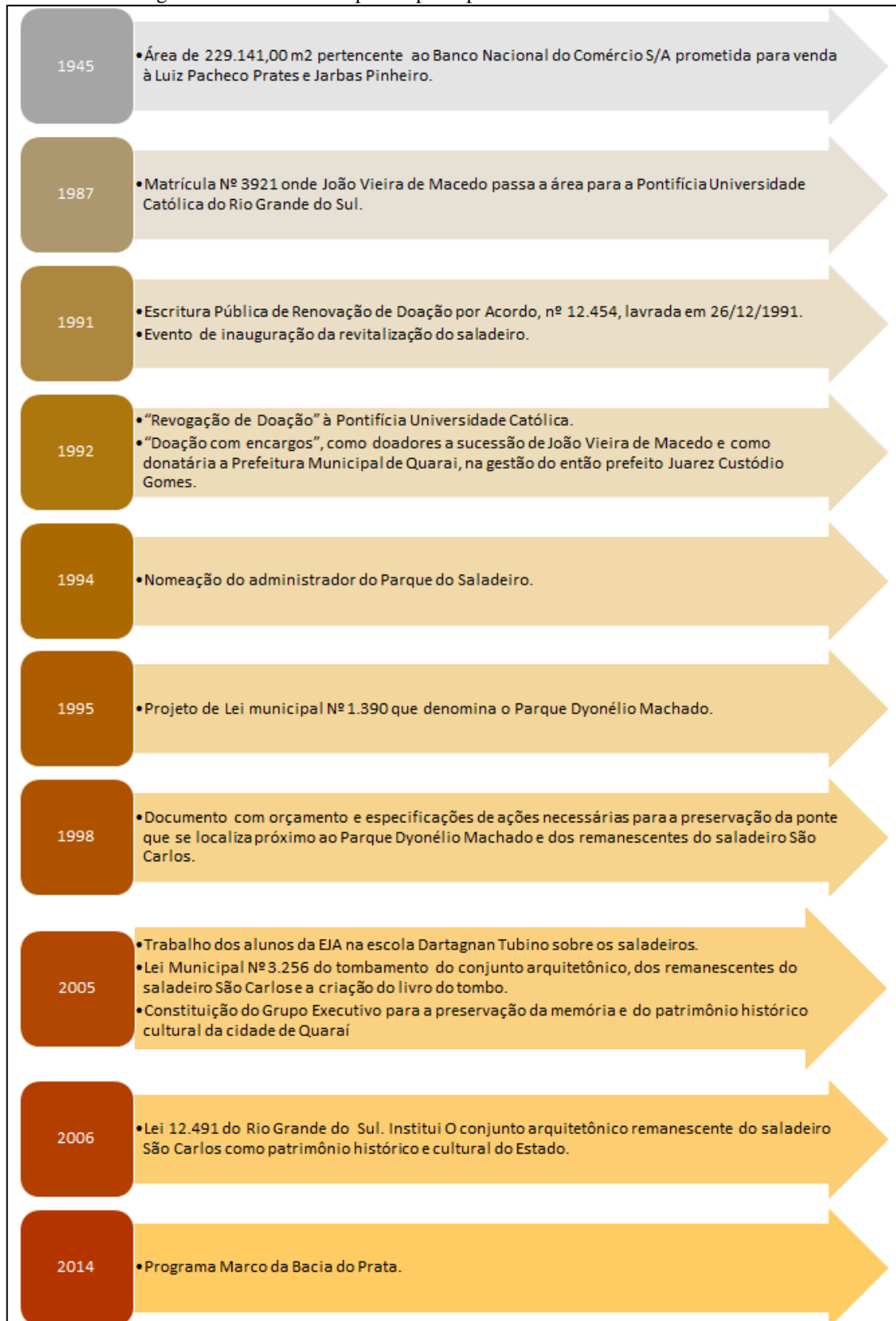
³² *Ibid*

³³ *Ibid*

³⁴ *Ibid*

³⁵ Vídeo do projeto disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Bbby4YoIuB4>

Figura 30 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 1945 e 2014



Fonte: Elaborado pela autora (2022)

5.4 AÇÕES DO PROJETO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Ao conhecer o contexto do saladeiro e, posteriormente, entendendo que seus remanescentes integram o conjunto de elementos do Parque Dyonélio Machado, constatou-se uma deficiência na preservação e memória dos saladeiros durante a elaboração de um projeto de extensão desenvolvido pela UFRGS, cujo objetivo principal apresentado é incentivar e promover a preservação do patrimônio cultural do saladeiro São Carlos do Parque Dyonélio Machado, com diversas ações em conjunto com a comunidade local.

A descrição do projeto de extensão universitário apresentou ações que englobam apoio técnico para a realização de atividades de mobilização e conscientização voltadas à comunidade de Quaraí acerca da necessidade e premência de preservação e resgate das ruínas do saladeiro São Carlos. Nesse sentido, foi prevista, também, a realização de um diagnóstico participativo, o apoio a pequenas ações culturais e eventos locais, com o intuito de dar visibilidade e legitimação ao projeto de resgate e preservação do patrimônio da cidade.

Com a formação da Associação Amigos do Saladeiro, foi acrescentado à proposta o item de desenvolvimento de ações de apoio e assessoramento na elaboração de projetos de preservação e valorização do patrimônio histórico e cultural. Foi incluído, também, o auxílio à realização de iniciativas, em nível da UFRGS, com o propósito de propagar e promover a necessidade de resgate e de preservação do patrimônio (produção de vídeos, game, reconstituição digital, etc.) e implantar Grupo Gestor do Parque Dyonélio Machado, indispensável para a efetiva preservação do conjunto arquitetônico do saladeiro São Carlos.

A partir da definição dos objetivos e da justificativa do projeto de extensão, foram iniciadas as atividades para cumprir a proposta. Assim, em 2018, foi feita a primeira visita exploratória a Quaraí. Naquele momento, foram realizados encontros em Artigas e Quaraí, onde houve diálogos sobre a história, sobre as ações desenvolvidas localmente, gravação de entrevistas que resultaram na produção de um videodocumentário³⁶ e de uma maquete eletrônica do saladeiro, na qual foram reconstituídas as torres dos cabos aéreos³⁷.

Em 2018, impulsionado por lideranças quaraíenses, formou-se um coletivo, com a participação de alguns membros da comunidade, com representantes de diversas instituições preocupadas com a preservação das ruínas do saladeiro São Carlos e do próprio Parque Dyonélio Machado. Este coletivo propôs a criação da Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos para consolidar-se como uma organização formalizada. Desta forma, as ações em prol

³⁶Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8DAubg_7tuE. Acesso em: 15 de abril de 2022

³⁷ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Hx2qrUEuTGQ>. Acesso em: 15 de abril de 2022

da retomada do processo de preservação e resgate do patrimônio e memória do saladeiro São Carlos, em Quaraí, teriam um caráter institucional.

Neste contexto, em 2019, inseriram-se atividades de preparação e a realização do I Encontro Binacional Saladeiro Patrimônio e Memória. Idealizado e executado por este grupo, o evento ocorreu em Quaraí/RS, de 29 a 30 de novembro do mesmo ano, e contou com uma importante participação de instituições e parceiros brasileiros e uruguaios, além de um expressivo envolvimento de lideranças e representantes das comunidades de Quaraí e Artigas.

Após o encontro, foram feitas a organização dos dados obtidos nas atividades, a tabulação, uma análise, um relatório e uma apresentação com os principais resultados. O material produzido pelos membros da Associação Amigos do Saladeiro restituiu as atividades preparatórias efetuadas ao longo dos anos de 2018 e 2019, assim como as ações empreendidas no decorrer e após a realização do I Encontro Binacional Saladeiro Patrimônio e Memória.

Ocorreram reuniões presenciais e a distância, envolvendo a equipe da UFRGS, lideranças de Quaraí e participantes na organização do I Encontro de Quaraí. Ao longo do período preparatório, foram feitos contatos e aproximações com diversas instituições quaraenses que potencialmente tivessem direta ou indiretamente relação com a preservação e resgate do patrimônio do saladeiro São Carlos, entre elas a Prefeitura Municipal de Quaraí, Câmara de Vereadores de Quaraí, Secretaria Municipal de Turismo, Indústria e Comércio de Quaraí, 5º RCMec de Quaraí, Intendência de Artigas-UY, Comtur/Quaraí, Corsan/Quaraí.

Após a definição da programação do encontro, foram iniciados os encaminhamentos para a produção de material de divulgação na mídia local e nas redes sociais³⁸ para que os interessados pudessem fazer sua inscrição previamente. O programa do evento apresentou várias atividades. Entre elas, destacam-se a abertura com a presença de autoridades de Artigas e de Quaraí, a exibição dos vídeos sobre o saladeiro São Carlos, abraço simbólico no saladeiro, almoço temático com exposição de artesanato local, oficina participativa, avaliação e encaminhamentos.

A oficina participativa teve o objetivo de aplicar uma ferramenta de planejamento para a identificação de ações e proposições consideradas necessárias e urgentes, para promover a preservação do patrimônio histórico e cultural do saladeiro São Carlos e no âmbito mais amplo e regional. Dois grupos de trabalho utilizaram o método da matriz SWOT (Forças,

³⁸ Página do Facebook da Associação Amigos do Saladeiro com material de divulgação do Iº Encontro Binacional. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmigosSaladeiroSaoCarlos/photos/a.101970614604999/101970594605001/?type=3&theater>. Acesso em: 01 de maio de 2022.

Oportunidades, Fraquezas e Ameaças), conforme oito eixos temáticos anteriormente definidos. Foram eles: preservação/patrimônio; gestão e planejamento; desenvolvimento social; aspectos jurídicos/legais; educação; cultura e identidade, turismo e, por fim, meio ambiente.

Depois de organizar os dados e analisá-los, os principais resultados apontaram para o interesse da comunidade em manter os remanescentes do saladeiro em condições de serem um atrativo cultural da cidade. Os dois grupos de trabalho, após uma sistematização das informações, apresentaram as ações elencadas. Em linhas gerais, importantes aspectos, de caráter mais amplo e transversal, foram identificados ao longo da atividade. Entre eles, está a existência de uma problemática local complexa envolvendo o patrimônio histórico. Foi constatado que a preservação e proteção deste patrimônio envolvem múltiplas intervenções, muitas delas complexas e imbricadas, as quais abrangem as mais diversas áreas e temas (meio ambiente, legislação, questões fundiárias, etc.).

Vale enfatizar a identificação do envolvimento de uma diversidade de atores sociais, com lógicas e perspectivas distintas e, por vezes, contraditórias, como moradores locais e dos arredores, moradores urbanos, órgãos públicos, associações, etc. Outro aspecto salientado foi a compreensão de que as ações de resgate e proteção do patrimônio do saladeiro São Carlos não devem ser atribuídas unicamente à Prefeitura Municipal de Quaraí. A constatação da existência de inúmeros atores locais, individuais ou coletivos, fortemente sensibilizados e mobilizados com a problemática, revelou um potencial para ação coletiva, articulada entre os diferentes segmentos da sociedade de Quaraí e arredores para a formatação e execução de um projeto de resgate e proteção do Patrimônio Cultural.

Também foi ressaltada a necessidade de uma coordenação única, a qual reúna representantes de diferentes instituições e segmentos da sociedade local, que possa centralizar e concentrar as ações em prol do resgate e da preservação do saladeiro e do Parque Dyonélio Machado. A identificação de uma demanda social pelo resgate e pela preservação do patrimônio histórico do saladeiro São Carlos foi salientada, assim como a importância, tanto em termos históricos como culturais deste patrimônio, para a sociedade quaraíense e mesmo da vizinha Artigas. A mobilização para responder a essa demanda social, em um projeto coletivo, pode representar um grande potencial para o êxito de ações em prol do resgate e preservação do patrimônio em questão.

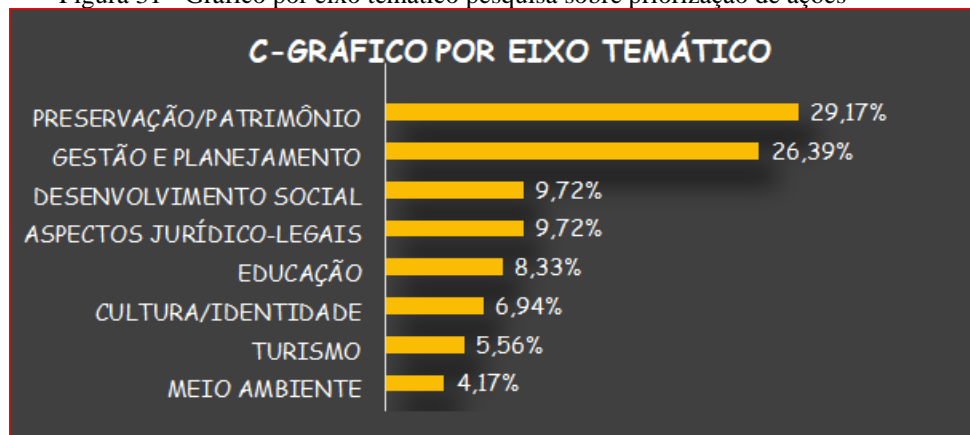
O Encontro Binacional foi a primeira etapa da atividade de extensão. Após seu término, foi reconhecido pelos participantes que o grande número e a amplitude das ações propostas pelos grupos de trabalho na oficina participativa demandavam necessariamente a realização de uma pesquisa específica que propiciasse um ranking das ações de acordo com a

sua ordem de prioridade. A partir disso, foi avaliado que os resultados obtidos poderiam proporcionar uma compreensão mais clara e objetiva do ordenamento das ações a serem empreendidas ao longo do tempo.

Desse modo, membros da Associação Amigos do Saladeiro deram continuidade ao trabalho elaborando formulários eletrônicos online. No início de 2020, os participantes do I Encontro Binacional Patrimônio e Memória foram convidados a responder o questionário sobre a priorização das ações, dentro de uma escala de 1 a 5, sendo 1 uma ação imediata e de maior prioridade e 5 uma ação a longo prazo e, portanto, de menor prioridade com indicação de realização posterior. Também foi enviado formulário para a avaliação do I Encontro Binacional (ver ANEXO N).

Destacam-se alguns resultados da pesquisa que complementaram o diagnóstico participativo. Os temas relacionados com a preservação do patrimônio e com a gestão e planejamento receberam o maior número de proposições de ações. Os demais assuntos, ainda que relevantes, apresentaram percentuais inferiores de propostas. Como pode ser verificado na figura a seguir.

Figura 31 - Gráfico por eixo temático pesquisa sobre priorização de ações



Fonte: Relatório I Encontro Binacional Saladeiro São Carlos Patrimônio E Memória /Brasil – Quaraí Uruguai – Artigas, 2019

Os resultados referentes ao eixo temático do patrimônio e preservação apontaram a necessidade urgente de ações que impeçam, de modo imediato e definitivo, o processo atualmente em curso de degradação e destruição do patrimônio. As ações que possibilitem um acesso mais qualificado ao espaço do Parque Dyonélio Machado (segurança, banheiros, limpeza) foram consideradas urgentes. Ainda que relevantes e necessárias, foi identificado nas respostas que as ações de cunho cultural e identitárias não precisam de um tratamento prioritário, sendo apresentadas como subordinadas e dependentes da realização e efetivação das ações mais urgentes anteriormente apontadas.

Voltados ao tema da gestão e do planejamento, os resultados deixaram clara preocupação da comunidade com relação ao estado de degradação dos remanescentes e à precária infraestrutura oferecida aos frequentadores. São considerados prioritários, também, os procedimentos para impedir a continuidade da ocupação ilegal dos locais do Parque. As ações de implantação de políticas culturais e de captação de recursos, ainda que elencadas como necessárias, foram consideradas menos prioritárias e passíveis de realização em médio prazo.

Outro resultado que chamou atenção está relacionado ao tema “aspectos jurídico-legais”. Os itens com maiores percentuais no ranking de priorização são, respectivamente, os relativos à criação de um conselho com a participação do poder público e da comunidade; atender ao que está disposto no termo de doação e legalizar a Associação Amigos do Saladeiro (AAS) (ver ANEXO O).

Em 2020, foi encaminhada para equipe do curso de design da Universidade Federal do Rio Grande do Sul a demanda de confecção de jogo eletrônico destinado a estudantes do ensino fundamental de Quaraí, com o tema do saladeiro. A solicitação para a produção do “*game*” incluía o desenvolvimento de uma atividade que proporcionasse às crianças a compreensão do que acontecia no saladeiro, mostrando a produção do charque, a transformação do bovino em uma série de produtos derivados, como a carne (charque), ossos (farinha de osso), couro (botas, sapatos e acessórios), sebo (velas, sabão e óleo para cozinha), chifre (botão e pentes), pelo (pincéis e escovas). Esta atividade contribuiria para a compreensão acerca da relevância que ela teve em termos econômicos e sociais para Quaraí e região. Os nomes sugeridos para os personagens foram Carlos (para o menino) e Aurora (para a menina). Esses nomes são comuns e muito utilizados na região de Quaraí e têm muita relação com a região fronteira com o Uruguai, e, além disso, o jogo poderia ser produzido com a linguagem em português e espanhol, com o propósito de reforçar a participação dos uruguaios e transformar a revitalização do Saladeiro em um projeto binacional. Os principais fatos desta fase até o ano de 2020 estão representados na Figura 32 a seguir.

Figura 32 - Linha do tempo das principais ocorrências entre 2018 e 2020



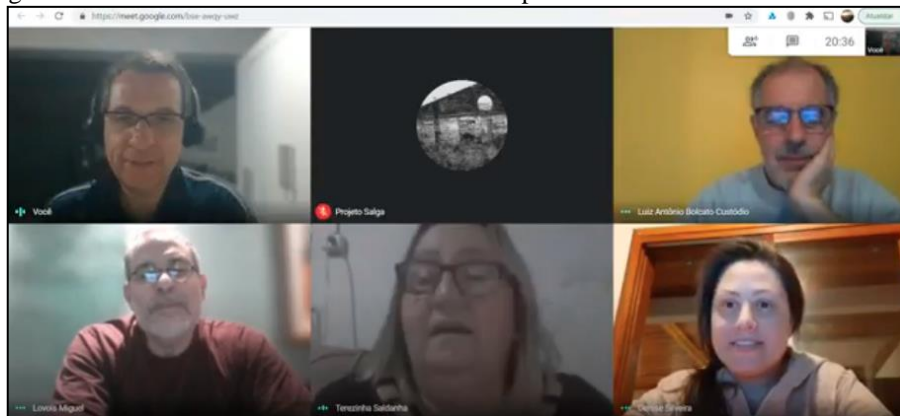
Fonte: Elaborado pela autora

Ocorreram eleições para a escolha de prefeito e vereadores nos municípios brasileiros em 2020. Em 2021, os membros da Associação dos Amigos do Saladeiro planejaram e executaram várias ações. Nos dias 25 de janeiro e 09 de fevereiro de 2021, os membros realizaram duas apresentações de modo presencial e remoto sobre o relatório do I Encontro Binacional para os integrantes da nova administração municipal de Quaraí. Nas ocasiões, foi enfatizado que um dos resultados identificados por meio das atividades realizadas no evento binacional foi a demanda pela formação de um conselho gestor para o Parque Dyonélio

Machado. No mesmo ano, a Associação também fez um convite a outras pessoas de Quaraí e de Porto Alegre para integrarem o grupo. O arquiteto e professor quaraense Luiz Custódio, especialista em patrimônio cultural, aceitou o convite e passou a ser membro da organização.

Outras estratégias que merecem destaque são as que se referem ao desenvolvimento de redes de cooperação para promover o conhecimento acerca do patrimônio cultural por meio de mapeamentos, inventários e ações de difusão. Nesse sentido, a Associação Amigos do Saladeiro dialogou com a Associação Amigos do Meio Ambiente (AMA) do município de Guaíba para articular ações conjuntas com o intuito de promover o patrimônio cultural relacionado aos saladeiros. A organização guaibense atua na preservação de reservas naturais e do patrimônio histórico e da memória de Guaíba e da região. Um dos patrimônios valorizados pela AMA são os remanescentes do Matadouro São Geraldo³⁹. A Erro! Fonte de referência não encontrada. mostra reunião dos membros da AAS com representante da AMA em abril de 2021.

Figura 33 - Reunião dos membros da AAS com representante da AMA em abril de 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro

Para frequentar o Parque Dyonélio Machado, uma das reivindicações da comunidade de Quaraí era a poda de árvores e corte da grama que cobria os remanescentes do Saladeiro São Carlos e que dificultava a visitação. Em 2021, a Secretaria de Obras de Quaraí limpou, instalou lixeiras e fixou placas na entrada e no interior da área e, ainda, asfaltou a Rua Ascânio Tubino, que dá acesso ao Parque.

Por iniciativa da AAS, em sessão da Câmara de Vereadores de Quaraí, no dia 05 de novembro de 2021, foi apresentado um programa considerado como uma contribuição da Associação Amigos do Saladeiro para proporcionar a preservação e valorização dos remanescentes do saladeiro São Carlos e a revitalização do Parque Municipal Dyonélio

³⁹ Disponível em: <http://amaguaiba.org/matadouro/>. Acesso em maio de 2022.

Machado de Quaraí/RS⁴⁰. Nessa mesma sessão, foi doado o termo de referência da elaboração do levantamento topográfico, planialtimétrico, cadastral, cartorial e georreferenciamento da área do Parque Dyonélio Machado em Quaraí/ RS e entorno, que tem por objetivo identificar a localização das estruturas do antigo saladeiro. O documento foi elaborado pelos membros da Associação Amigos do Saladeiro de maneira voluntária. Uma das imagens do termo de referência mostra a delimitação da área do Parque, sendo exibida na Figura 34.

Figura 34 – Representação e delimitação da área do Parque Dyonélio Machado, 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro, 2021

Na mesma manhã do dia 05 de novembro de 2021, ainda na Câmara de Vereadores, também foi feita a entrega do Livro do Tombo, preparado pelo arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio, integrante da Associação Amigos do Saladeiro. Nesse livro, serão registrados os bens culturais do município de Quaraí em função do valor e interesse histórico e cultural. A figura a seguir mostra o referido ato, com a presença de representantes da AAS e de autoridades municipais.

⁴⁰ Facebook Prefeitura de Quaraí/RS. Publicação sobre as lixeiras no Parque Dyonélio Machado. Disponível: <https://www.facebook.com/prefeituradequarai/photos/pb.100069174400690.-2207520000../3121514718107211/?type=3>. Acesso em: 30 de abril de 2022.

Figura 35 - Ato de entrega do Livro do Tombo de Quaraí na Câmara de Vereadores do município, 05 de novembro de 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro (2021)

Uma carta de intenções entre a prefeitura de Quaraí e a intendência de Artigas foi entregue ao intendente da cidade, Pablo Caram, que, junto a autoridades brasileiras e uruguaias, assinou o documento, como mostra a Figura 36. A carta apresentou a disposição das duas cidades em realizar ações conjuntas e articuladas em prol da preservação e promoção dos remanescentes do saladeiro São Carlos (ver ANEXO P). Na mesma sessão, o vereador Maurício de Castro protocolou o Projeto de Lei Diva Simões, instituindo 11 de fevereiro como o Dia da Valorização e Conscientização do Patrimônio Cultural do Município de Quaraí. A Lei Diva Simões foi promulgada no dia 21 de dezembro de 2021 (ver ANEXOS Q e R).

Figura 36 - Foto da assinatura da carta de intenções entre Quaraí e Artigas, 05 de novembro 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro, 2021

Luiz Antônio Bolcato Custódio proferiu palestra sobre preservação do patrimônio histórico e cultural destacando as particularidades e as potencialidades para as coletividades e

ressaltou o caso ao patrimônio dos saladeiros das cidades de Quaraí e Artigas. A atividade, que ocorreu no Clube Comercial, contou com apresentações de artistas locais e uma exposição do acervo do arquiteto quaraense Augusto Nadal, como mostra a figura a seguir.

Figura 37 - Palestra sobre patrimônio cultural, apresentações culturais e exposição no Clube Comercial de Quaraí, 05 de novembro de 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro

Na manhã do dia 06 de novembro de 2021, um grupo formado pelo vice-prefeito municipal, secretários municipais, cônsul uruguaio, integrantes da Associação Amigos do Saladeiro, superintendente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) RS, Leonardo Maricato, e o autor da lei estadual de tombamento do Parque Dyonélio Machado, Reginaldo Pujol, realizaram visita aos remanescentes do saladeiro São Carlos e em Artigas. A atividade também fez parte do roteiro previsto naquele momento. A Figura 38 exibe os membros da AAS fazendo um breve levantamento das condições dos remanescentes do saladeiro e do Parque, com a finalidade de elaborar um documento sobre possíveis ações emergenciais de revitalização do local.

Figura 38 - Membros da Associação em visita aos remanescentes do Saladeiro São Carlos no ano de 2021



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro

Após as ações cumpridas, em novembro, os membros da AAS reuniram-se e avaliaram como positivos os resultados das atividades. A partir disso, foram debatidos outros aspectos, e uma das demandas urgentes da AAS é a finalização de seu regimento para que possa dar, definitivamente, encaminhada sua formalização. É consenso entre seus membros que somente com a legalização da organização será possível prospectar recursos financeiros para a execução de projetos voltados à preservação do patrimônio cultural de Quaraí. O grupo tem desempenhado ações de maneira exclusivamente voluntária, contando com apoios institucionais. Considera-se que o trabalho desenvolvido em três anos foi essencial para dar visibilidade ao Parque Dyonélio Machado e aos remanescentes do saladeiro, ao mesmo tempo que possibilitou a identificação do valor simbólico dado a ele. Na Figura 39, estão listadas as atividades executadas pelos integrantes da Associação no ano de 2021.

Figura 39 – Quadro-resumo das ações realizadas no ano de 2021

Apresentação do relatório do I Encontro Binacional para a nova administração municipal de Quaraí.
Debate com membros da Associação Amigos do Saladeiro transmitido pela NN TV de Quaraí ⁴¹ .
Cine-debate virtual “Preservação, Identidade e Cultura em Quaraí” ⁴² .
Matéria sobre o saladeiro São Carlos publicada no jornal <i>Zero Hora</i> , de Porto Alegre (ver ANEXO S).
Proposta do Anteprojeto de Lei Municipal sobre a criação do Conselho Gestor do Parque Dyonélio Machado (ver ANEXO T).
Proposta de um curso de interpretação e sinalização dos remanescentes do saladeiro São Carlos (ver ANEXO U).
Limpeza do Parque Dyonélio Machado e colocação de lixeiras e placas informativas realizadas pela prefeitura municipal.
Planejamento de programação para visita a Quaraí, em novembro de 2021 ⁴³ .
Sessão na Câmara de Vereadores de Quaraí.
Apresentação do programa com a contribuição da Associação Amigos do Saladeiro para revitalização do Parque Dyonélio Machado, com vistas à valorização e preservação dos remanescentes do saladeiro São Carlos.
Doação do termo de referência da elaboração do levantamento topográfico, planialtimétrico, cadastral, cartorial e georreferenciado da área do Parque Dyonélio Machado em Quaraí/RS e entorno.
Entrega do Livro do Tombo.
Carta de intenções entre prefeitura de Quaraí e intendência de Artigas/Uruguai.
Palestra do arquiteto Luiz Antônio Bolcato Custódio sobre preservação do patrimônio histórico e cultural.
Exposição fotográfica do Arquiteto Augusto Nadal.
Visita aos remanescentes do saladeiro São Carlos.

Fonte: Elaborado pela autora (2021)

⁴¹ Divulgação dos vídeos do Debate na NN TV. Disponível em: <https://www.facebook.com/Nntvonline/videos/918199469007109> e <https://www.facebook.com/Nntvonline/videos/2581239842169318>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

⁴² Divulgação dos vídeos do cine debate. Disponível em: <https://www.facebook.com/AmigosSaladeiroSaoCarlos/videos/506240390376591> e <https://www.facebook.com/prefeituradequarai/videos/727199114624816>. Acesso em: 15 de maio de 2022.

⁴³ Informação sobre as atividades publicada no site da Câmara de Vereadores de Quaraí/RS. Disponível em: [https://www.camaraquarai.rs.gov.br/imprensa/noticia\)s/0/1/2020/73](https://www.camaraquarai.rs.gov.br/imprensa/noticia)s/0/1/2020/73). Acesso em: 10 de maio de 2022

6 PERCEPÇÃO E EXPECTATIVAS DA COMUNIDADE DE QUARAÍ QUANTO AO PARQUE DYONÉLIO MACHADO

As poucas estruturas que restaram, mas que atravessaram décadas, retratam, simbolicamente, um pedido de valorização para a comunidade e seus representantes. Observa-se que o Parque sofreu, ao longo do tempo, depredações e descuido. Comparando imagens dos remanescentes do saladeiro São Carlos feitas na década de 1991 com fotos de 2022, como mostram a Figura 40 e a Figura 41, nota-se a diminuição das estruturas históricas com pedras e tijolos, acúmulo de lixo, inexistência de cercas, falta de iluminação. Além disso, há locais com risco de quedas sem a devida sinalização e falta segurança. Muitas placas informativas, colocadas por meio da execução de um projeto, foram danificadas. As condições do portão de ferro da entrada do Parque estão péssimas e inutilizam a peça. O espaço do Parque está, atualmente, sob responsabilidade da prefeitura.

Figura 40 - Foto dos remanescentes do saladeiro São Carlos em 1991



Fonte: Acervo Alda Calvete

Figura 41 – Fotos dos remanescentes do saladeiro São Carlos no ano de 2022



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Ao se observar as figuras, compreende-se que, no decorrer do tempo, o interesse pela cidade de Quaraí de manter o local, também, foi se degradando, e as poucas ações singulares realizadas não deram conta de preservar o Parque e os remanescentes do saladeiro. Interpretando as imagens, é possível avaliar que Quaraí, mesmo tendo vivenciado uma realidade econômica positiva no passado, no começo do século XX ainda era uma pequena cidade dependente das decisões do Estado e do poder central brasileiro. Pode-se afirmar que foram poucos anos em que, de fato, os saladeiros causaram uma dinâmica que favoreceu certo desenvolvimento local, o que ficou, de alguma maneira, marcado na memória coletiva da comunidade.

Certamente, os empresários uruguaios, daquela época, identificaram benefícios para obter uma boa margem de lucro, produzindo o charque na cidade brasileira. Os saladeiros

sofreram sérias consequências quando o governo brasileiro estancou os benefícios por meio de medidas legais e quando entraram os frigoríficos em outras cidades da região da fronteira. Outros aspectos, como a falta de infraestrutura para o transporte e a mudança de comportamento no consumo de carne, provocavam desinteresse por parte dos novos investidores.

Esta conjuntura fez com que os saladeiros não tivessem mais as mínimas condições para continuar a sua produção, indo, inevitavelmente, à falência. A cidade de Quaraí, mesmo localizada ao lado de outro país, o que poderia continuar a ser visto como uma oportunidade econômica, deixou de ser interessante para a produção do charque. A área do saladeiro ficou abandonada por um longo período, e suas estruturas começaram a sofrer ações do tempo e depredações.

Portanto, procura-se identificar, com este estudo, as razões pelas quais as pessoas não se apropriaram do local onde se encontram os remanescentes do São Carlos, pois, em termos culturais, o saladeiro carrega forte significado simbólico do passado. Desse modo, pode-se averiguar, também, sobre a pouca incidência da comunidade de Quaraí com relação à participação social para preservar o saladeiro e detectar os fatores que o levaram ao abandono por tanto tempo, já que as lembranças remetem nostalgicamente a um contexto de riqueza da cidade. Nesse sentido, ao constatar que o Parque é importante para a comunidade, busca-se investigar quais são os motivos para esta atribuição.

6.1 Percepções

A realização de 14 entrevistas com moradores possibilitou conhecer percepções relacionadas ao Parque Dyonélio Machado e aos remanescentes do saladeiro São Carlos. As pessoas que aceitaram participar da pesquisa atuam nas áreas de educação, gestão municipal, poder legislativo do município, produção e assistência técnica rural, comércio, sendo que alguns participantes são aposentados.

Quanto à escolaridade dos interlocutores, nove têm ensino superior completo, sendo três com pós-graduação; três concluíram o ensino médio; um tem ensino fundamental incompleto e um não respondeu. Treze pessoas são naturais do município de Quaraí, e uma é de uma cidade de outro estado. Os interlocutores residem em diferentes bairros da cidade, sendo que dois deles foram considerados distantes do Parque, e os demais foram apontados como sendo próximos. Apenas uma pessoa afirmou que não tem frequentado o espaço.

Os 14 interlocutores responderam que conhecem o Parque e os remanescentes do saladeiro São Carlos. Todos conhecem o Parque com a denominação de Dyonélio Machado, mas também disseram que o identificam com outros nomes, como Ruínas do Saladeiro (11

respostas); Parque do Saladeiro (duas respostas) e São Carlos (uma resposta). Quanto à propriedade da área, cinco pessoas responderam que não sabem de quem é a área, e nove disseram que é da prefeitura. No entanto, somente duas respostas foram firmes, convictas. As sete restantes apontaram a prefeitura como provável dona do Parque, e os interlocutores esperavam que fosse dada alguma confirmação.

O questionamento acerca da função do Parque teve respostas convergentes no sentido de que o espaço é voltado ao lazer da população e que há um forte valor histórico e cultural para a comunidade. O turismo também foi apontado como uma das principais alternativas de utilização do Parque reconhecidas e que deve ser localmente mais considerado. Algumas pessoas se referiram a eventos passados que ocorreram no local como pontos positivos.

[...]Olha, para mim, é um ponto turístico. O pessoal vem para aí tomar chimarrão na sombra. Aqui eu considero um ponto turístico. Nos domingos tem movimento de tarde. Eu gosto porque eu me "*interto*". Porque se não é isso aí, não tem nada. Não tem nada aqui né? No saladeiro não tem nada, nada. Ninguém faz nada. Teve também a romaria que foi muito lindo. Bah eu nem me lembro o ano. Foi na época do prefeito Juarez. [...] Quando teve a romaria foi muito lindo. O meu guri é enfermeiro, foi ele quem veio com a ambulância e depois não tivemos mais nenhum evento. Que foi tombado. Que não pode, né? Agora a pouco ia ter um evento aqui...negócio de som. Eles iam fazer aí. Ia ter uma lona para não passarem para lá. Até deixaram tudo aqui em casa, para os carros não passarem para lá (informação verbal)⁴⁴.

Os eventos, em períodos passados, foram lembrados por terem proporcionado grande movimentação de visitantes e pelo comportamento das pessoas que desrespeitaram as estruturas do Parque e os remanescentes históricos, depredando e, posteriormente, abandonando o local. Também foi relatado, conforme o trecho da informação verbal, sobre o recente aumento da procura pelo Parque por conta da pandemia, o que ocasionou a restrição de circulação de pessoas em outros locais.

Olha, isso aqui já fizeram de tudo. No começo fizeram esse negócio de CTG (Centro de Tradições Gaúchas), festas, gineteada. Estragaram muito a estação (estação meteorológica) atando cavalos nos mourões. As pessoas não respeitam as coisas. Uma vez teve uma grande festa, não me lembro o ano. Um aniversário de um CTG que fizeram uma marcação aqui. Passaram meses fazendo coisa aqui. Foi quando fizeram mais umas cercas, dessas daí. Fizeram um galpão que depois deixaram abandonado aí e desmancharam aos poucos. Teve uma época que teve até pista de moto, motocross. Foi bem movimentado, mas depois abandonaram também. Era mais para eventos que usavam. Agora o pessoal vem para cá. Quando começou a pandemia (2020), que as pessoas não tinham pra onde ir, vinham tudo para cá. Agora voltou porque domingo passado tava bem friozinho, tava um dia bom e encheu de gente. Tinham parado de vir. Porque no verão, o sol é muito quente e não tem sombra, não vinham. No inverno o pessoal quer sol. E agora tão voltando. Vem bastante pessoal do Uruguai também.

⁴⁴ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (F) **Entrevista VI**. [27 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quarai, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE G desta monografia

No forte da pandemia, vinha quantidade de gente de Artigas passar as tardes de domingo e nos feriados (informação verbal)⁴⁵.

O retorno do trânsito de pessoas no Parque Dyonélio Machado se deu em função de um contexto pandêmico que fez despertar a demanda por locais abertos onde não ocorressem aglomerações. Por ter uma área ampla com recursos naturais e elementos históricos, o Parque se apresentou como uma alternativa de local para que a comunidade pudesse frequentar ao ar livre. Outros motivos, como apontado no trecho de informação verbal a seguir, que levaram a população a procurar mais pelo espaço, foram a limpeza realizada pela prefeitura e o asfaltamento da rua que dá acesso ao Parque.

[...]quando a gente recebeu o ano passado era um matagal só, era uma coisa impressionante. Teve um rapaz que se encarregou e motivou que nós fizéssemos isso. Houve uma cobrança muito forte pra que se mobilizassem num mutirão para fazer e isso aconteceu e se deu uma limpada lá. E o pessoal utilizou muito. Foi muito bacana porque utilizaram muito e ajudaram a conservar um pouco no período da pandemia. Como não podiam ir para a praça, tinham limitações o pessoal começou então a utilizar aquela área muito seguidamente nos sábados à tarde, nos domingos ali, para tomar chimarrão e estarem ao ar livre. É um espaço de lazer para a população. É o que a gente ainda pretende torná-lo com um espaço de visitação histórica em função da história das ruínas e um espaço de lazer. Se pensou em um primeiro momento estabelecer praças de esporte, praças de lazer para as crianças... o que deu uma freada com esses estudos, desse pessoal que está cuidando da questão histórica do saladeiro, de que não se poderia fazer muitas alterações na estrutura do Parque, enfim. Mas, se pretende dentro daquele contexto fazer o cercamento, de fazer um chamamento mais organizado para a questão histórica com a identificação, com o cercamento, com a identificação de cada ponto ali histórico. Também fazer os banheiros, fazer estacionamento, gerar iluminação. Isso a gente pretende fazer. Se concluiu recentemente, custou R\$ 700.000,00 aqueles 700 metros que faltavam de asfalto. Então hoje a via é totalmente asfaltada. Se pretende fazer uma ciclovia ali para incentivar a chegada até lá de bicicleta (informação verbal)⁴⁶.

A maior parte das pessoas entrevistadas frequenta o Parque atualmente e, ao ser indagada sobre a utilização da área, o lazer foi indicado como a principal finalidade. As respostas foram complementadas com outros propósitos de uso, como realização de eventos, encontros, para tirar fotografias, como ponto turístico para levar visitantes, para crianças brincarem, para o resgate da memória, para atividades educativas sobre a história do saladeiro e do município, para trabalhos de pesquisa e de defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de Quaraí e Artigas.

Ao ser solicitada uma avaliação atual das condições do Parque, muitas respostas foram convergentes quanto às condições da rua que dá acesso ao Parque, que foi asfaltada, e à limpeza realizada pela prefeitura. A área estava com muita vegetação que impossibilitava o acesso a

⁴⁵ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (G) **Entrevista VII**. [27 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE H desta monografia

⁴⁶ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (H) **Entrevista VIII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE I desta monografia

diferentes pontos das áreas e estava encobrindo os remanescentes históricos. A atitude dos usuários de deixarem o Parque sujo, descartando resíduos de maneira incorreta, foi apontada como um dos principais problemas, pois reconhecem que a prefeitura tem cumprido com sua função, pelo menos em parte, de manter a limpeza da área. Uma outra questão abordada foi sobre as ocupações, moradias irregulares na área do Parque, conforme informação verbal que segue.

[...]Acho que também tem essa falta de conscientização da população. Isso daí tem que iniciar nas escolas, né? Porque ali dentro do Parque tem uma escola e as professoras dali trabalham bastante essa questão ambiental. E dizem que é mais o pessoal que não mora ali, que vai lá e usa como depósito de lixo. As pessoas não têm consciência, né? Não moram no bairro, eles vêm de fora. Como o bairro é afastado, eles vão lá e descartam as coisas ali, nos arredores como lixão. Mas o pessoal do Parque deve tirar, da Secretaria de Obras. Eles devem retirar. Ah era dos animais que eu ia falar. Porque aquilo ali é do município, mas não tem delimitações, entende? Ali na frente foi doado para uma família e fizeram uma chácara, ali. Tipo, até luz a família tem. E no fundo também. Na verdade, aquilo ali é enorme, só que aí o pessoal tá usando até ali nas ruínas. eles botam vaca de leite e cavalo. Aquela pessoa que tá ali na frente conseguiu até registrar luz ali. Não sei como. Porque é uma área pública. Ele tem que ter uma cedência do município. Imagina, ali não tem 22 hectares... tem, mas já tá fechado. Por exemplo, alguém deu cedência para ele, se não iam colocar luz e o município pode tirar ele dali a qualquer momento, porque a área é pública (informação verbal)⁴⁷.

Para confirmar as informações, solicitou-se a opinião sobre o atual estado do Parque, e a maioria respondeu que existem muitos problemas que devem ter atenção a fim de que sejam obtidas as melhores soluções. Quanto aos remanescentes do saladeiro São Carlos, foi mencionada a preocupação quanto à sua preservação, pois estes têm sofrido ações de vandalismo, depredações e deterioração por conta da ação do tempo. A falta de estrutura para atender aos visitantes também foi um dos aspectos indicados, como, por exemplo, a inexistência de sanitários, de iluminação, de cercamento, de delimitações das áreas onde se localizam os remanescentes, de espaços para estacionamento, de sinalização de áreas de risco, de funcionários responsáveis por fornecer informações e pela segurança. Quanto à limpeza do local, esta foi indicada como a necessidade mais atendida. No entanto, o comportamento das pessoas com relação a isso tem chamado a atenção, pois foram instaladas lixeiras na área, por exemplo, as quais foram levadas ou depredadas pelos próprios usuários.

[...]a prefeitura trabalha e a população depende de uma conscientização para manter aquilo da forma que a prefeitura cuida. Não dá pra tá investindo toda hora, tem que ter um pouco da conscientização. Foram espalhadas lixeiras, mas a população depredou. O pessoal quebra muita coisa, então eu acho que falta um pouco de conscientização não só no Parque, mas na cidade inteira em si. Em Quaraí, em

⁴⁷ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (B) **Entrevista II**. [26 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE C desta monografia

Livramento, qualquer cidade. É a conscientização do ser humano (informação verbal)⁴⁸.

A percepção acerca do significado do Parque Dyonélio Machado para os interlocutores enfatiza o valor histórico e cultural dos remanescentes do saladeiro presentes na área. A fase histórica do município que remete aos anos de existência dos saladeiros está presente na memória das pessoas. Aquele período próspero economicamente é muito lembrado, pois, “querendo ou não, conta a história da pecuária que é o que hoje gira a economia de Quaraí”(informação verbal)⁴⁹. O Parque também foi referido como um retrato de Quaraí e que deveria ser um símbolo da cidade. Outro significado dado foi o de “oportunidade enorme para o município, para a região, para a fronteira de ser explorado, mas totalmente abandonado e não reconhecido” (informação verbal)⁵⁰.

Apenas três interlocutores disseram desconhecer a história do saladeiro, e 11 afirmaram conhecer. Contudo, a maioria informou não saber detalhes e que seria bom ter mais conhecimento a respeito do tema. A missão de transmitir a história do saladeiro para as novas gerações é considerada relevante para que a memória local, assim como os elementos físicos ainda existentes sejam preservados, como foi registrado em uma das respostas.

Sim. Sobre as charqueadas ali. A gente fez esse trabalho sobre esses assuntos. Na época acho que Quaraí tinha uns 11 mil habitantes e mandávamos o charque lá para Artigas. Se parar, dá pra contar mais ou menos direitinho. Passei para o meu filho o que era ali porque, como a gente tá sempre indo ali, é bom, né? Saber que ali trabalharam pessoas que tinham um salário que pagou para muitas famílias sobreviverem naquela época. Então, é legal passar para os filhos da gente também (informação verbal)⁵¹.

A mensagem que a história dos saladeiros ofereceu para cada um dos interlocutores é marcada pela época de desenvolvimento econômico que a atividade fabril do charque trouxe para o município. Outra visão é que tudo é cíclico e se pode aproveitar o potencial que se apresenta em casa ciclo, no caso do Parque, o turismo. Isso, somado à relevância histórica, é entendido como forma de trazer muita contribuição à comunidade local para o desenvolvimento socioeconômico. Também foi referido que a mensagem dessa história se relaciona com a imagem da cidade, por suas peculiaridades, e que isso deve ser tratado com o propósito de

⁴⁸ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (E) **Entrevista V**. [27 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE F desta monografia

⁴⁹ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (B) **Entrevista II**. [26 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE C desta monografia

⁵⁰ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (J) **Entrevista X**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE K desta monografia

⁵¹ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (I) **Entrevista IX**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE J desta monografia

proporcionar mais visibilidade ao município e aos seus atrativos. Foi dada, ainda, ênfase com relação ao contexto de fronteira e à mensagem de cooperação internacional.

[...]Uma mensagem de cooperação fronteiriça, de empreendimentos na fronteira em uma época onde não se pensava nesse tipo de coisa. Na verdade, foi uma antecipação do que muito tempo depois as pessoas entenderam como sendo o Mercosul. Provavelmente eles tinham naquele momento, naquela situação histórica, uma visão de cooperação e de Mercosul muito mais moderno do que se tem hoje que é uma situação muito mais de competição do que de cooperação (informação verbal)⁵².

A cidade de Quaraí, notadamente, vem apresentando certa expansão urbana. Os antigos casarões construídos nos séculos passados, aos poucos, estão saindo de cena e dando lugar a prédios de apartamentos ou condomínios comerciais, com uma arquitetura de linhas contemporâneas, especialmente nas áreas mais centrais. Neste novo contexto, o qual apresenta um crescimento populacional, surge a necessidade de mais infraestrutura para a cidade, em que se incluem espaços públicos de lazer. Nesse sentido, 11 dos interlocutores acreditam que o município precisa de um número maior de locais para o lazer com uma estrutura adequada aos usuários. Foi sugerido que nesses ambientes de lazer seja incluída a cultura.

Necessita de lazer, de cultura... porque o lazer que se faz aqui em Quaraí é um show. Faz um show na praça e vai todo o povo lá dançar e gosta. Se vai algo cultural, é meia dúzia que vai ali. Então, precisamos educar o povo a gostar do que é da cultura verdadeira. Nós só temos nesse sentido de shows. Mas, para o lado da cultura, não tem nada. E quando tem, o povo não é educado para tal (informação verbal)⁵³.

A existência do Parque Dyonélio Machado é uma alternativa para suprir a necessidade da comunidade de ter um local onde possa ser frequentado para lazer, descanso, passeio, turismo, etc. Entretanto, atualmente, o espaço exige ações básicas de revitalização que não necessitam de investimentos de grandes proporções para que sejam executadas. Sendo assim, as respostas se voltaram principalmente para o melhoramento na infraestrutura do espaço.

Oportunizando espaços de convívio e de lazer aos visitantes, porque a exemplo do Passeio 7 de Setembro. Podemos ter aqui um Parque Linear (Passeio 25 de Agosto, já denominado no Plano Diretor) e um Parque de Lazer, Cultural e Turismo com o adequado investimento em infraestrutura, sinalização turística e – por que não? – com equipamentos culturais (informação verbal)⁵⁴.

O Parque Dyonélio Machado é dotado de atributos peculiares, como: a localização em região de fronteira, a presença do Rio Quaraí, vegetação e fauna próprias do bioma Pampa, espaços onde podem ser implementadas estruturas de apoio ao visitante, estando localizado em área urbana com um bairro circunvizinho, um conjunto arquitetônico histórico a serem

⁵² Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (J) **Entrevista X**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE K desta monografia

⁵³ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (L) **Entrevista XII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE M desta monografia

⁵⁴ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (L) **Entrevista XIII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE M desta monografia

considerados em um planejamento de revitalização. O conteúdo das respostas revela uma variedade de possibilidades que atendem à comunidade e promove o desenvolvimento local. O turismo, como alternativa de uma atividade socioeconômica, foi mencionado de maneira recorrente, como enfatizado na seguinte informação verbal: “Tanto no desenvolvimento da cultura como no turismo e, conseqüentemente, no desenvolvimento econômico. Porque no momento que tu traz turismo, gera mais receita pra a cidade” (informação verbal)⁵⁵.

O grupo respondente mostrou preocupação quanto à situação atual do Parque Dyonélio, apresentou sugestões para as melhorias possíveis, demonstrou ter conhecimento acerca da história do saladeiro São Carlos e reconhecimento do valor histórico e cultural do local. Mas a maioria das pessoas entrevistadas afirmou que a comunidade em geral não se empenha para manter o Parque.

Falta de empoderamento, de cultura. Eles querem, eles acham, mas não é minha responsabilidade. Muito fácil a gente, é fácil botar defeito no que os outros estão fazendo. Só grupos pingados se importam. Porque no geral diz que não é da conta deles. Ah... tem valor histórico e tal, mas não fazem campanha que tem que fazer e outros vão e sujam, depredam. Alguns veem que estão depredando, mas não têm responsabilidade e vão deixando assim. Dizem: Ah ..., mas vocês têm que fazer alguma coisa (informação verbal)⁵⁶.

A limpeza do Parque, como podas de árvores, corte de grama, recolhimento semanal de lixo, feita pela prefeitura foi o serviço municipal apontado pelos interlocutores, como medida de melhoria realizada para que a comunidade pudesse frequentar a área. Segundo relatos, depois da gestão do municipal no início da década de 1990, nenhuma providência foi adotada para preservação e manutenção do Parque até o momento. Apesar da limpeza se revelar como aspecto positivo, foi exposta a preocupação com a maneira com que está sendo feita e que a área ainda carece de mais atenção no que diz respeito à infraestrutura, para garantir a segurança dos usuários e para a preservação do patrimônio histórico presente no local.

Acho que tiveram alguns méritos. Acho que limparam, acho que asfaltaram. Acho que cumpriram com alguns compromissos. Mas não entenderam nada. Receberam ordens e estão fazendo. Mas não entenderam o que estão fazendo. Era melhor que não fizessem nada e que entendessem o que fazer coisas que não entendem. Ou seja, estão tratando o Parque que nem um bueiro (informação verbal)⁵⁷.

O questionamento a respeito de melhorias obteve respostas convergentes relacionadas à revitalização que guarneça o Parque com infraestrutura apropriada e, conseqüentemente, se realizadas, darão ao local condições adequadas de utilização. Com isso, atividades educativas,

⁵⁵ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (K) **Entrevista XI**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE L desta monografia

⁵⁶ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (L) **Entrevista XIII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE M desta monografia

⁵⁷ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (J) **Entrevista X**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE K desta monografia)

culturais e de turismo local poderão ser implementadas, o que, provavelmente, irá estimular a participação da comunidade para preservar o espaço e criar opções de trabalho que possam gerar renda para complementação financeira. Também foi salientada a dificuldade de execução das ações de revitalização do Parque pela gestão pública, pois esta depende de aprovação da Câmara de Vereadores e da disponibilidade de recursos humanos. Além disso, foi apontado que não há impedimentos referentes a recursos financeiros e à vontade política.

Melhorar a infraestrutura do local para tornar mais atrativo. Não vai ter um apelo para as crianças principalmente. No meu ponto de vista tem que criar algumas outras alternativas que chamem a atenção e que prendam as pessoas lá, que levem as pessoas para desfrutarem do local. E ali se mistura a história, a cultura com lazer. Se tu não misturar lazer e entretenimento com o cultural, fica muito difícil. Uma chegada até aquele lago que tem lá é muito importante. Turismo sem águas é muito complicado. Tenho certeza que, chegando lá, tu vê a história das ruínas, mas se tiver um caminho que te leve até a beira do rio para tu te deparar com o rio, com a água, é muito mais atrativo e isso chama muito mais atenção.[...] O investimento não é tão grande. Nós temos o Custódio que está nos dando um apoio maravilhoso. Mas essas coisas a gente depende muito. Porque se botarem o projeto ao nosso alcance e nós tivermos capacidade de ter algo em cima da mesa, tu consegue trabalhar melhor. Porque uma coisa pode ficar registrada, não tem problema nenhum de registrar no teu gravador: dinheiro não falta. Vontade política não falta. O que nos falta efetivamente é se montar essas coisas com base em projetos sólidos, consistentes e executáveis. Agora nós vamos avançar, podem ter certeza que nós vamos avançar. Fazermos esse cercamento. Se fizer um muro lá, um muro bacana com um portão, recuperar aquele portão que é histórico. Então, se a gente recuperar isso, tendo um porteiro, um cara que cuide dos banheiros, tendo um funcionário. Tu bota o cara pra ficar lá de noite e o cara meia-noite vaza, e quem é que vai de madrugada lá controlar? (informação verbal)⁵⁸.

Também foram indicadas ações que estimulassem a participação social em Quaraí para a reflexão, o debate e requerimento para o cumprimento de políticas públicas sobre o tema e sobre a demanda da população. Foram sugeridas atividades educativas, de valorização do patrimônio cultural da cidade, realização de campanha de conscientização para a preservação dos remanescentes históricos do saladeiro e do Parque, execução de consulta pública sobre o desejo da comunidade em relação ao uso do Parque, criação de meios para a participação da população no debate e na formulação de políticas públicas e formação de um “conselho, porque seria uma oportunidade; essa é a primeira e aí ela coloca a comunidade dentro e diz que tá aceitando a comunidade e conversar para fazer o planejamento. Ideias têm aos montes... falta sentar e fazer” (informação verbal)⁵⁹.

⁵⁸ Entrevista concedida por TAL, Fulano de. (H) **Entrevista VIII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistadora: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE I desta monografia

⁵⁹ Entrevista concedida por TAL, Fulana de. (L). **Entrevista XII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistador Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. A entrevista encontra-se no APÊNDICE M desta monografia.

7 PROPOSIÇÕES DE AÇÕES DE REVITALIZAÇÃO, MANUTENÇÃO E DE PRESERVAÇÃO DO ESPAÇO DO PARQUE DYONÉLIO MACHADO

Como descritos anteriormente, algumas ações e projetos já foram efetuados para melhorias no Parque ou para a promoção do patrimônio histórico e cultural do local, especialmente no que se refere ao conjunto arquitetônico tombado. A partir do presente estudo e da atuação da Associação Amigos do Saladeiro, pôde-se identificar proposições de revitalização e manutenção do Parque, como, por exemplo, trabalhos acadêmicos que sugeriram alternativas viáveis.

Estudantes de cursos de graduação elaboraram projetos de revitalização do Parque Dyonélio Machado. Um exemplo disso é o trabalho de conclusão desenvolvido pela estudante Bruna Copetti, do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade da Região da Campanha, em 2012. O projeto apresentou sugestões para que os frequentadores da área do Parque pudessem visitar a área e usufruir de uma boa infraestrutura.

Foram criados elementos estruturais na entrada do Parque, próximos aos remanescentes históricos e na orla do Rio Quaraí. O projeto se caracterizou por ser uma intervenção em um patrimônio histórico com a intenção de valorizá-lo, acrescentando novos usos sem descaracterizá-lo, conservando todo o conjunto arquitetônico já existente. Entre os objetivos do projeto, estava incluída a visita dos habitantes da cidade e de turistas que teriam acesso a áreas de convivência por meio de trilhas pavimentadas. Como demonstrado nos ANEXOS V e W, Copetti acrescentou à ideia uma portaria que teria todas as informações necessárias aos visitantes, estacionamento, museu, escola de artes, bar, mirante, sanitários, playground e espaço para abrigar a administração do Parque.

Em 2019, com o título “Saladeiro São Carlos, ressignificando o vazio”, Mariane Silva Groff elaborou seu trabalho de conclusão de curso de Arquitetura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, no qual apresenta um projeto para o Parque Dyonélio Machado. Mariane é natural de Quaraí e na sua infância ouvia sobre a história do saladeiro, ao mesmo tempo em que testemunhava, aos poucos, a depredação do local. Com isso, ao término de seu curso, quis realizar um trabalho para enfatizar o incalculável valor do Parque. O foco de seu projeto era revitalizar a área por meio do paisagismo, da implantação de um centro de interpretação, na linha de museu tecnológico e de um restaurante.

7.1 PROPOSIÇÕES

O conjunto arquitetônico do saladeiro São Carlos representa um extraordinário remanescente da arquitetura industrial do início do século XX, sendo, também, um relevante

testemunho da importância econômica da atividade saladeiril para a sociedade de Quaraí e arredores. Portanto, tem um inegável valor para a cultura imaterial da sociedade local.

Atualmente, tanto a integridade da área do Parque Municipal Dyonélio Machado quanto as ruínas remanescentes do saladeiro São Carlos encontram-se seriamente ameaçadas. Após seu fechamento, ao longo do tempo, este importante conjunto arquitetônico tem sofrido intensas e contínuas agressões, como: ocupações de áreas do Parque por posseiros, obras de infraestrutura clandestinas, degradação das ruínas pelas intempéries, destruição e retirada de materiais de construção, vegetação alta cobrindo as ruínas, lixo depositado, etc.

Por não apresentar as condições mínimas de segurança e infraestrutura, como, por exemplo, cercas (divisas), iluminação, banheiros e guardas, a utilização e usufruto, por parte da população quaraíense do Parque Municipal Dyonélio Machado, ainda é restrita e pontual. Contudo, o Parque oferece elementos históricos culturais e naturais, como o Rio Quaraí, a vegetação e a fauna que apresentam um enorme potencial turístico e cultural para o município e arredores. Nesse sentido, apresenta-se, a seguir, um conjunto de propostas de ações e deliberações construídas coletivamente entre os membros da Associação Amigos do Saladeiro, entendidas como necessárias e de extrema urgência a serem realizadas:

- Constituição, por parte da Prefeitura Municipal de Quaraí, de um Conselho de Gestão do Parque Dyonélio Machado. Este Conselho teria como objetivos articular, deliberar, implementar e acompanhar ações e projetos em prol da preservação do saladeiro São Carlos e do Parque Dyonélio Machado. Como sugestão, a formação deste conselho poderia incluir representantes da Prefeitura Municipal de Quaraí; da Associação Amigos do Saladeiro; da Intendência de Artigas; do Ministério Público Estadual; do Exército Brasileiro; da Câmara de Vereadores de Quaraí; da Câmara de Comércio de Quaraí; do COMTUR/Quaraí; da Emater/Quaraí; do Sindicato Rural de Quaraí.
- Estabelecimento de um Grupo de Trabalho para discutir e encaminhar soluções para a situação fundiária e legal envolvendo o Parque Dyonélio Machado. Sugere-se a participação neste grupo de trabalho de representantes da Prefeitura Municipal de Quaraí; da Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos; do Ministério Público Estadual e da Câmara de Vereadores de Quaraí.
- Composição de um Grupo de Trabalho para discutir e encaminhar ações e atividades, de realização imediata e emergencial, com o intuito de impedir a continuidade da degradação do patrimônio do saladeiro São Carlos, assim como permitir uma melhoria das condições de uso e de segurança do Parque Dyonélio Machado. Sugere-se a participação neste grupo de trabalho de representantes da

Prefeitura Municipal de Quaraí; da Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos; da Intendência de Artigas; do Exército Brasileiro; da Câmara de Vereadores de Quaraí; da Câmara de Comércio de Quaraí; do COMTUR/Quaraí; da Emater/Quaraí e do Sindicato Rural de Quaraí.

Após sistematizar os resultados, apresenta-se como sugestão o ordenamento de um conjunto de iniciativas de acordo com a prioridade com o propósito de implementar a revitalização emergencial do espaço do Parque. Em primeiro lugar, entende-se que existe a necessidade de designar uma pessoa para atuar na administração do local. O administrador terá como uma de suas atribuições ser o interlocutor entre prefeitura e representantes de entidades de apoio. Também, se avalia como essencial a convocação de um profissional (arquiteto ou engenheiro) da Prefeitura para acompanhar projetos e fiscalizar obras e atividades.

A partir das ideias inicialmente concebidas, foi feita uma sistematização e ordenamento, conforme cada aspecto identificado com indicação de etapas e alguns detalhes de acordo com a especificidade de cada iniciativa. Antes de iniciar as ações de revitalização, recomenda-se fortemente que sejam verificados os aspectos legais quanto à propriedade da área que foi doada sob condições preestabelecidas. As propostas de demandas prioritárias são referentes a:

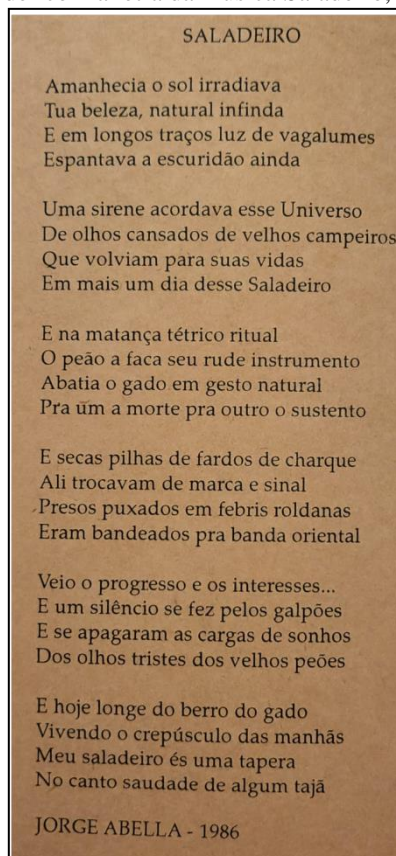
- 1 – Aspectos legais vinculados às obrigações decorrentes da escritura de doação;
- 2 – Segurança e integridade dos remanescentes;
- 3 – Gerenciamento de riscos aos visitantes;
- 4 – Desenvolvimento do planejamento geral de gestão e definição de prioridades;
- 5 – Implantação de infraestrutura para uso público;
- 6 – Projetos de comunicação e promoção cultural.

7.1.1 A “Prata da casa”

Entende-se que o município possui um conjunto de elementos naturais e culturais que podem ser integrados em um plano desenvolvimento local. O Butiazal, o Areal e o Cerro do Jarau são lugares que apresentam, também, um forte potencial turístico e cultural. Os quaraíenses ilustres, como artistas plásticos, músicos e escritores, se somam à cultura local com suas relevantes obras. A exemplo disso, tem-se o artista plástico Nelson Boeira Faedrich, que criou o brasão da cidade e gravuras que ilustram a lenda “Salamanca do Jarau”; o compositor e pianista Natho Henn; o pianista Miguel Proença; o escritor e psicanalista Cyro Martins e o escritor Dyonélio Machado.

A cidade é composta por um significativo patrimônio cultural material e imaterial. Além disso, Quaraí se destaca por seus músicos nativistas que animam as festas e realizam shows. O compositor Jorge Abella é um artista reconhecido pelo público quaraíense. Ele criou, em 1986, a canção “Saladeiro”, cuja letra revela a memória de um passado carregado de simbolismos e que está representada na figura a seguir.

Figura 42 - Folder com a letra da música Saladeiro, de Jorge Abella



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro (2022)

7.1.2 O charque na gastronomia

Uma das fontes de proteína animal mais consumida nos séculos passados era proveniente da carne conservada com o sal. No Brasil, o amplo contingente de escravos que trabalhava nas lavouras de cana de açúcar era alimentado com a carne salgada. Desde a região Nordeste até o Sul, a carne salgada, com suas distintas denominações regionais, integrou a refeição da população do país em diferentes fases da história. O percentual de consumo de charque no Brasil contemporâneo, certamente, é bem menor do que em épocas passadas, embora o número de habitantes seja maior, assim como a demanda por carne.

A carne é um componente relevante na dieta dos brasileiros e está presente no prato das comunidades das cinco regiões brasileiras, seja ela de gado, de frango, de peixe, de ovino

ou de suíno. Em 2021, conforme dados da Associação Brasileira dos Criadores de Suínos (ABCS), “em números absolutos, o brasileiro passou a consumir 4,12 kg *per capita* ano a mais de todas as carnes, sendo que reduziu 2 kg de carne bovina” a quantidade que, em 2015, era de 28,82 kg *per capita*⁶⁰.

Quanto ao consumo de charque no país, não estão disponíveis dados atualizados. De acordo com informações publicadas na página Web da Coordenadoria de Defesa Agropecuária do Estado de São Paulo, “250 mil toneladas de produção e R\$ 3,5 bilhões de faturamento por ano, gerando 7,5 mil empregos diretos e 10 mil empregos indiretos, segundo os últimos dados divulgados pela Associação Nacional das Indústrias de Carne Seca (Anics), o charque, o jerked beef e a carne de sol são considerados produtos cárneos típicos do mercado brasileiro”⁶¹. No Rio Grande do Sul, há poucas fábricas de charque, e São Paulo é o estado que mais produz atendendo à demanda interna. No Mercado Público de Porto Alegre, capital gaúcha, existem lojas que comercializam o produto vindo de uma fábrica do município de Bagé, Rio Grande do Sul, e de outro do estado paulista, como pode ser verificado na Figura 43 e na Figura 44.

Figura 43 - Charque comercializado no Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Acervo próprio (2022)

⁶⁰Disponível em: [https://abcs.org.br/noticia/brasileiros-tem-aumentado-o-consumo-per-capita-de-carnesuina/#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros%20absolutos%2C%20o%20brasileiro,3%2C11%20kg%20respectivamente\).](https://abcs.org.br/noticia/brasileiros-tem-aumentado-o-consumo-per-capita-de-carnesuina/#:~:text=Em%20n%C3%BAmeros%20absolutos%2C%20o%20brasileiro,3%2C11%20kg%20respectivamente).) Acesso em: 10 de maio de 2022.

⁶¹Disponível em: <https://www.defesa.agricultura.sp.gov.br/noticias/2021/charque-jerked-beef-e-carne-de-sol-sao-abordados-em-curso-inedito-do-ital-que-tem-chef-rodrigo-oliveira-na-programacao,1441.html>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

Figura 44 - Charque comercializado no Mercado Público de Porto Alegre



Fonte: Acervo próprio (2022)

Compreendendo o significado histórico, cultural e econômico da bovinocultura para o Rio Grande do Sul e para os saladeiros, é imprescindível o reconhecimento da sua relevância para a formação identidade cultural do Estado. Nessa direção, o charque procedente da produção saladeiril da fronteira oeste, em especial para Quaraí, faz parte de um conjunto de elementos simbólicos presentes na memória afetiva e coletiva da comunidade. O charque foi um alimento que atravessou regiões brasileiras e alimentou um contingente de trabalhadores das lavouras e da mineração do passado brasileiro. Pode-se apontar que foi o que proporcionou uma dieta com valor proteico, garantindo, muitas vezes, a segurança alimentar para estas populações. Especificamente como ingrediente integrante da culinária regional, Knierim (2012) descreve como foi a introdução do charque na alimentação no país:

Além do tropeirismo, um outro momento histórico que provoca mudanças profundas na economia sulista é a instalação das primeiras charqueadas a margem do arroio Pelotas. Depois de enfrentar três anos de secas no Nordeste, o português José Pinto Martins decide deixar o Ceará e instalar a sua indústria de carne seca aqui no sul. Não mais o couro e sim a carne, a partir daquele momento, ganha valor de comércio, provocando nas estâncias uma mudança na cultura do pastoreio. Com o comércio da carne seca que alimentava escravos dos engenhos de açúcar da Bahia, Pernambuco e inclusive de Cuba, escravos da mineração em Minas Gerais e escravos domésticos no Rio de Janeiro, ocorrem também trocas culturais que não podem ser reduzidas apenas ao arroz de carreteiro. O charque, ou a carne seca, irá fazer parte de dezenas de receitas do sul, do Nordeste ou da região mineira (KNIERIM, 2012. P.26).

Comida também é patrimônio, e a culinária de determinado local é um meio para se conhecer sua herança cultural. As preferências por determinados alimentos indicam as possibilidades naturais ou comerciais de uma região, as tradições do seu povo e suas técnicas de preparação (Mariani, Sorio & Arruda, 2011). Segundo Dentz (2011), a gastronomia típica

compreende um conjunto dos pratos característicos de uma região, elaborados em conformidade com valores simbólicos, tradicionais e históricos.

Para Maciel (2004), a cozinha de um povo é criada em um processo histórico que articula um conjunto de elementos referenciados na tradição, no sentido de criar algo único, particular, singular e reconhecível. A autora aponta a identidade social como um processo relacionado a um projeto coletivo, o qual inclui uma constante reconstrução, e não como algo imutável, estando assim sujeitas a constantes transformações. É nesse sentido que se destaca o charque como um elemento identitário neste estudo.

O I Encontro Binacional, evento que fez parte das ações da Associação Amigos do Saladeiro e do projeto de extensão universitária da UFRGS, sendo promovido por várias entidades, como citado anteriormente, foi realizado com o apoio da Emater-Ascar, de Quaraí, um almoço temático no qual o tradicional carreteiro de charque foi incluído no cardápio. O público presente pôde saborear um prato preparado com alimento de imenso valor histórico e cultural do município, como mostra a figura a seguir:

Figura 45 - Participante do I Encontro Binacional servindo carreteiro de charque no almoço típico



Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro

Esperava-se que, em Quaraí, por ter tido uma estreita relação com a pecuária e a produção de charque nos saladeiros, tivesse pratos elaborados com charque que fossem oferecidos por meio da gastronomia local. No entanto, não foi encontrado em nenhum dos cardápios de estabelecimentos que oferecem alimentação, sequer uma opção com o ingrediente.

Consta no Plano Nacional de Cultura a ação de “promover as culinárias, as gastronomias, os utensílios, as cozinhas e as festas correspondentes como patrimônio brasileiro material e imaterial, bem como o registro, a preservação e a difusão de suas práticas”. Portanto, Quaraí tem a possibilidade utilizar, como estratégia para a valorização do patrimônio cultural da cidade, a gastronomia com a utilização do charque em pratos típicos ou recriados, sem perder a tradição local e regional. Inserir pratos com o charque é uma maneira alternativa para os restaurantes fomentarem, também, a cultura, o patrimônio e a economia local. Por isso, como forma de incentivo, incluíram-se nos anexos deste estudo receitas preparadas com charque que foram selecionadas para publicação sobre a cozinha do Palácio Piratini, em 2012, que traz informações sobre a gastronomia do Estado (ver ANEXOS X, Y e Z).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo esteve centrado no Parque Dyonélio Machado quanto à sua atual situação, que abrange a degradação dos remanescentes do saladeiro São Carlos, o abandono e a falta de manutenção do espaço, os possíveis riscos aos usuários do Parque e, ainda, a insegurança legal ocasionada pela precariedade do documento de propriedade da área. Um segundo tópico incluído diz respeito à representação do Parque para a comunidade de Quaraí que engloba o seu valor histórico; a memória coletiva de uma prosperidade econômica passada; expansão urbana; a demanda por um espaço de encontro e lazer e, finalmente, o potencial do Parque como fator de desenvolvimento local.

A partir dos resultados obtidos, comprovou-se que, na opinião dos participantes, as atuais condições do Parque, como o abandono dos remanescentes e do terreno total do Parque, a falta de estruturas com condições para atender aos usuários e a existência de documento insatisfatório de propriedade da área, requerem resoluções urgentes. Antes de qualquer plano de revitalização, é recomendado que sejam feitas verificação e manutenção da integridade legal do lugar e deixar claro para a comunidade a quem, de fato, pertence o Parque.

Quanto aos remanescentes do saladeiro, é inquestionável o interesse histórico, cultural e turístico para a comunidade de Quaraí e região. Percebeu-se a urgente necessidade de que sejam estabelecidos critérios básicos para que o Parque Dyonélio Machado possa oferecer um sistema de visitação controlada, que respeite a legislação existente de proteção do patrimônio cultural no Brasil. Os remanescentes não estão sendo preservados adequadamente e correm um sério risco de desaparecerem totalmente.

O valor simbólico dado aos saladeiros pela população de Quaraí ficou claro, ao se comprovar a memória coletiva referente ao próspero contexto econômico do período em que

era realizada a fabricação do charque nessas unidades fabris do passado. Quanto à valorização do patrimônio cultural, algumas ações pontuais foram efetivadas por meio da participação popular de pessoas que atuaram voluntariamente. A exemplo disso, tem-se o movimento realizado pela professora Terezinha Saldanha, em parceria com seus alunos, com a professora Diva Simões e com o arquiteto Guto Nadal, em 2005, em favor da instituição da Lei Municipal nº 3.256, a qual determinou o tombamento do conjunto arquitetônico, dos remanescentes do saladeiro São Carlos.

A percepção e as expectativas da comunidade de Quaraí a respeito do Parque do Saladeiro Dyonélio Machado identificadas a partir dos resultados, foram de que o espaço está negligenciado pelo poder público e pela comunidade. Mesmo considerando a relevância histórica, ambiental e social, a população e seus representantes ignoraram, desprezaram e descuidaram do Parque. É entendido que há a necessidade de que sejam promovidas campanhas de valorização e conscientização com esclarecimentos sobre o Parque, ações de consulta pública, educação patrimonial, ambiental. Além disso, considerado como um local de lazer, foi indicado que sejam feitas melhorias na infraestrutura do espaço para promover a utilização do Parque com segurança para os usuários e para a preservação dos elementos históricos. Também, foi asseverado que o Parque em condições de uso tem um potencial para estimular o turismo cultural, fomentando, assim, o desenvolvimento local.

As ações singulares e momentâneas, apesar da sua relevância, não estimularam nem conduziram articulações contínuas entre diferentes entes de áreas interdisciplinares. Desse modo, poderiam ser geradas reflexões, debates e sistematização sobre o tema do patrimônio cultural para apoiar a realização de planos e procedimentos efetivos com o intuito de valorização e preservação, além de motivar o engajamento da comunidade nestas questões. No entanto, salienta-se que a revitalização realizada na gestão do prefeito Juarez Custódio, pela professora Alda Calvete, foi muito significativa, e as pessoas lembram como o espaço do Parque foi melhorado com a limpeza, o ajardinamento e o cercamento.

Ainda com relação a iniciativas de melhoramentos a serem feitas no Parque, uma das observações a acrescentar é a utilização do espaço para a colocação de animais, como equinos e bovinos, naquela área. Um fato que poderia desagradar muitos cidadãos é visto com naturalidade pela comunidade, talvez pela pecuária estar enraizada culturalmente. Foi verificado que os animais são colocados de maneira dispersa, o que pode ocasionar algum tipo de risco. Como o Parque tem amplas dimensões, sugere-se reservar um espaço para tal finalidade, em que os animais possam ficar em segurança sem prejudicar o trânsito de pessoas. Afinal, a presença desses animais remete ao contexto rural, às origens e à história do município.

A cidade de Quaraí está passando por um processo expansão urbana, e a demanda por um espaço de encontro e lazer é considerada crescente. Os resultados indicaram que a revitalização do Parque Dyonélio Machado atenderia à grande parte desta necessidade da população local e, também, poderia ser um ponto turístico do município, atraindo visitantes de outras localidades. Além disso, a cidade apresenta outros atrativos que podem ser incorporados, juntamente com o Parque, a um plano de desenvolvimento municipal, no qual se incluiriam ações integradas de planejamento e execução.

Nesse sentido, o envolvimento da sociedade se faz necessário. Isto é assegurado pela legislação brasileira, garantindo a organização civil com o intuito de atuar em cooperação com os organismos públicos na elaboração e execução de políticas públicas para proteção, preservação, promoção de bens culturais que podem contribuir para o desenvolvimento local. Porém, o que foi constatado por meio das entrevistas é que a participação social e comunitária no município é baixa, prejudicando o encaminhamento e a efetivação de providências.

Quanto aos métodos utilizados, estes cumpriram com os objetivos propostos. A historiografia sobre Rio Grande do Sul e sobre o charque é extensa. Mas, especificamente sobre os saladeiros de Quaraí, são poucas as publicações existentes. Quanto ao histórico do saladeiro São Carlos, foram encontrados registros e publicações dispersas e que apresentam algumas divergências relacionadas a datas, período de funcionamento, tipos de produtos fabricados, estruturas prediais, etc. Também existe uma lacuna de informações sobre o período de quase 60 anos, que se iniciou com o fechamento do saladeiro até a criação do Parque Dyonélio Machado. Por meio das entrevistas, os relatos de duas pessoas que foram para a área do Parque com o objetivo de atender à estação meteorológica instalada no local e para moradia falaram sobre como era usado o espaço a partir de 1966. Próximo a essa época, sem precisar os anos, uma das pessoas participantes declarou ter havido uma escola técnica que oferecia cursos de marcenaria e agricultura em sistema de internato, na mesma área onde hoje é o Parque.

Por meio da pesquisa documental, foi possível verificar que muitos dados estavam dispostos de maneira dispersa, carecendo de uma investigação mais aprofundada, sistematização e arquivamento. No presente estudo, foram reunidos alguns documentos que se consideraram relevantes para atender aos objetivos da pesquisa, preservar a memória do Parque e, ao mesmo tempo, compartilhar com o público interessado no tema. Existe uma miríade de informações, documentos e outras fontes a serem desvendadas. Sugere-se prospectar, apurar, analisar e organizar conteúdos de acervos ainda inexplorados.

Quanto à realização e de pesquisa de campo, houve um atendimento muito acolhedor e, sempre que solicitados contatos para agendamentos de reunião, encontros, informações e

entrevista, estes foram prontamente atendidos pelos membros da Associação Amigos do Saladeiro. Enfatiza-se que uma das ações que fez com que houvesse um reconhecimento da relevância do Parque Dyonélio Machado para a comunidade de Quaraí foi a criação desta Associação. A organização atua contribuindo de maneira voluntária para a promoção e valorização do patrimônio cultural do município, incluindo o Parque Dyonélio Machado e os remanescentes do saladeiro São Carlos. Nesse sentido, com pouco tempo de existência, o grupo integrante da Associação já realizou diversas atividades.

Apesar das ações promovidas, o coletivo tem clareza entre seus membros de que qualquer atividade, por mais imbuído que ele seja, por mais que a prefeitura disponibilize recursos, que a Câmara de Vereadores apoie uma ação de revitalização, se não houver uma estrutura perene, contínua, um conselho gestor com um administrador, corre-se o risco de perder todo o trabalho realizado até então. Por isso, a Associação persiste no trabalho de ressaltar a importância de consolidar um conselho gestor ou, ao menos, que a entidade tenha um representante em conselho municipal já existente. Para os membros da organização, é consenso de que é preciso institucionalizar o saladeiro, o que irá permitir que as demandas perpassem a administração municipal. O conselho gestor terá a finalidade de dar as diretrizes para que sejam executadas as tarefas do melhor modo possível. É reiterado e necessário que, além de um administrador, tenha alguns funcionários, para poder manter a área de 22 hectares nas melhores condições possíveis.

Por meio dos resultados, também foi identificada a disposição de implementar as ações para a revitalização do Parque, assim como foram expostos diversos impedimentos para encaminhamentos e efetivação delas. Espera-se que este estudo contribua para a construção de argumentos e justificativas para o cumprimento de procedimentos necessários. Tem-se a expectativa de que o Parque seja, de fato, um lugar de qualidade e identidade local, dados a relevância e o valor simbólico atribuído pela comunidade aos saladeiros. O contexto de um passado próspero pode ser a motivação para que a comunidade possa buscar meios que estimulem e incrementem o desenvolvimento local.

9 REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. **Lugar de memória memórias de um lugar: patrimônio imaterial de Igatu, Andaraí, BA.** PASOS: Revista de Turismo y Patrimonio Cultural. 6..2008. Disponível em: http://www.pasosonline.org/Publicados/6308/PS0308_13.pdf. Acesso em: 09 de junho de 2022.

BOVO, M. C.; CONRADO, D.. **O parque urbano no contexto da organização do espaço da cidade de Campo Mourão (PR)**, Brasil. Caderno Presentinho de Geografia, v. 1, n. 34, p. 50-71, 2012. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/1845>. Acesso em: 20 de abril de 2022.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil (1988)**. Brasília, DF: Presidência da República, 2013. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.html. Acesso em: 19 de abril de 2022.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937**. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Rio de Janeiro, 30 nov. 1937. Diário Oficial da União, Rio de Janeiro, 06 dez. 1937. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/del0025.htm. Acesso em 21 de abril de 2022.

BRASIL. **Lei nº 12.343, de 2 de dezembro de 2010**. Institui o Plano Nacional de Cultura - PNC, cria o Sistema Nacional de Informações e Indicadores Culturais - SNIIC e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20072010/2010/lei/l12343.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2012.343%2C%20DE%20%20DE%20DEZEMBRO%20DE%202010.&text=Institui%20o%20Plano%20Nacional,SNIIC%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%A Ancias. Acesso em: 19 de abril de 2022.

BRUXEL.S.J.. **O gado na antiga banda oriental do Uruguai**. Disponível em: <http://www.anchietano.unisinos.br/publicacoes/historia/volumes/013.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2022.

CAMPOS, J. C. *et al.* **Conceito de parque urbano aplicado ao longo do córrego Ipiranga na cidade de Anápolis, Goiás, Brasil: contradições e discussões**. Revista da Casa da Geografia de Sobral (RCGS), v. 22, n. 1, p. 154-168, 2020. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/f64a/c40761d5e706415428b23ff37c872435f0ff.pdf>. Acesso em 20 de abril de 2022.

CANCLINI, N. G.; **O patrimônio cultural e a construção imaginária do nacional**. Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, Iphan. n. 23. Rio de Janeiro, 1994. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/DocReader.aspx?bib=reviphan&pagfis=8429>. Acesso em: 18 de abril de 2022.

CHAVES, O. R. (2015). **América portuguesa: do Tratado de Madri ao Tratado de Santo Ildefonso**. Revista Territórios E Fronteiras, 7(2), 218–234. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/352>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

CHIOGNA, A. M.; DE MOURA, G. R. **Avante Guerreiros! as Batalhas de Caaçapaguacu e M'bororé** (1639 e 1641). Revista Historiador, n. 4, 2011. Disponível em: <https://revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/96>. Acesso em: 23 de julho de 2022.

CORREA, J.; GODOY, P. **O Tratado de Madri e as políticas territoriais no Brasil Meridional (1750-1777)**. Colóquio Baiano Tempos, Espaços e Representações, v. 1, p. 1-17, 2013. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/229300485.pdf>. Acesso em: 27 de Julho 2022.

CRUZ, C. K. M. da. **Parques históricos da Região Metropolitana do Recife: processos de tombamento e preservação do patrimônio arqueológico**. 2016. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/20050>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

DANTAS, F. S.. **O direito fundamental à memória**. Tese [Doutorado em Direito] - Programa de Pós-graduação em Direito, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, 2008. Disponível em: <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/4176> Acesso em 29 de maio de 2022.

DEBRET, J.B., 1768-1848. *Voyage pittoresque et historique au Brésil [...] (Volume 2)[...] ou, Séjour d'un Artiste Français au Brésil, depuis 1816 jusqu'en 1831 inclusivement, époques de l'Avenement et de l'Abdication de S. M. D. Pedro 1er, fondateur de l'Empire brésilien. Dédié à l'Académie des Beaux-Arts de l'Institut de France, par J. B. Debret. Editor: Paris : Firmin Didot Frères. 1835.* Disponível em: <https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/3736>. Acesso em: 06 de maio de 2022.

DENTZ, B.G. Z. V.. **Identidade gastronômica alemã em águas mornas (SC): um estudo para o fortalecimento do turismo de base local**. 2011. 136 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento e Gestão do Turismo e da Hotelaria) - Universidade do Vale do Itajaí, Balneário Camboriú, 2011. Disponível em: <https://siaiap39.univali.br/repositorio/handle/repositorio/1385>. Acesso em 21 de abril de 2022.

DE SÁ, H. C. T. **O Rio de Janeiro na União Ibérica: uma análise da Alfândega no contexto social e econômico colonial** (c. 1580-c. 1640). Revista Digital Estudios Historicos, n. 15, p. 12, 2015. Disponível em: <https://estudioshistoricos.org/15/eh%201512.pdf>. Aceso em: 22 de julho de 2022.

ESPÍRITO SANTO, P. S. do et al. **Requalificação urbana nos espaços de lazer em Salvador**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Especialização em Gestão Pública Municipal – modalidade a distância, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira-UNILAB. Disponível em: <https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/486/1/Patricia%20Soares%20do%20Espirito%20Santo.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

FONSECA, P. C. D.. **A Transição Capitalista no Rio Grande do Sul: A Economia Gaúcha na Primeira República**. Estudos Econômicos (São Paulo), vol. 15,n2 , 1985. Disponível em: www.revistas.usp.br ,<https://www.revistas.usp.br/ee/article/view/162053>. Acesso em: 04 de maio de 2022.

FREITAS D. F. B. **Aplicação do método de custeio baseado em atividades (ABC): uma comparação da produção do charque entre Quaraí/RS (1907) e Bagé/RS (2019)**; 2019; Monografia; (Aperfeiçoamento/especialização em Especialização em Gestão Agroindustrial) - Universidade Federal do Rio Grande. Santo Antônio da Patrulha/RS (2019).

GARCIA, E. F. **De inimigos a aliados: como parte dos missionários repensou o seu passado de conflitos com os portugueses no contexto das tentativas de demarcação do Tratado de Madri**. Anais de História de Além-Mar, v. 7, p. 123-137, 2007. Disponível em: https://historiapolitica.com/datos/biblioteca/frontera_garcia.pdf. Acesso em: 24 de julho de 2022.

GERHARDT, T.E.; SIVEIRA, D. T. **Métodos de pesquisa** / [organizado por]. Coordenado pela Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS e pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

GONÇALVES, J. R. S. **Os limites do patrimônio**. In LIMA FILHO, M. F.; ECKERT, C. e BELTRÃO, J. F. Antropologia e Patrimônio Cultural: diálogos e desafios contemporâneos. Blumenau: Nova Letra, 2007. Disponível em: http://www.reginaabreu.com/site/images/attachments/capitulos/18-antropologia_e_patrimonio_cultural-dialogos_e_desafios_contemporaneos.pdf. Acesso em: 25 de julho de 2022.

HALBWACHS, M.. **A memória coletiva**. S. Paulo: Vértice/Sociologia Política. Editora Revista dos Tribunais. São Paulo, SP. 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4005834/mod_resource/content/1/48811146-Maurice-Halbwachs-A-Memoria-Coletiva.pdf. Acesso em: 29 de abril de 2022.

ICOMOS, Conselho Internacional dos Monumentos e Sítios. **Carta de Lausanne**.. 1990. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Lausanne%201990.pdf>. Acesso em: 31 de maio de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Publicações. GP - **Plataforma Geográfica Interativa**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/biomas/#/home>. Acesso em: em 15 de maio de 2022.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/quarai/panorama>. Acesso em: 13 de maio de 2022.

JORGE, F.C..**O Bioma Pampa no processo de ensino-aprendizagem**: projeto alia conteúdos escolares à realidade dos estudantes. Revista Dicipa. Unipampa. 2018. Disponível em: <https://unipampa.edu.br/dicipa/o-bioma-pampa-no-processo-de-ensino-aprendizagem-projeto-alia-conteudos-escolares-realidade-dos>. Acesso em: 10 de maio de 2022.

KNIERIM,L.C.. **Gastronomia gauchesca**. In: Brochado, A. e Heidel, A.C.. A Cozinha do Palácio Piratini. P. 21-39. Porto Alegre. 2021. Disponível em: <https://www.palaciopiratini.rs.gov.br/upload/arquivos/202110/26185827-culinaria-palacio-v10.pdf>. Acesso em : 13 de maio de 2022

KONRAD, O *et al.*. **Atlas das biomassas do Rio Grande do Sul para produção de biogás e biometano**. - Lajeado : Ed. da Univates, 2016. Disponível em: <https://www.univates.br/editora-univates/publicacao/176>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

MACIEL, M. . **Uma cozinha à brasileira. Estudos Históricos**, (33), 25-39. Rio de Janeiro. Disponível <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2217/1356>. Acesso em: 05 de maio de 2022.

MARIANI, M., SORIO, A. A. & DE OLIVEIRA D. (2011). **Carne Ovina, Turismo e Desenvolvimento Local**: Potencialidades para o Mato Grosso do Sul. *Interações*, 12(1), 31-39. Campo Grande.. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/inter/a/BkxQzPCXCXTzb9B5pGGwTtq/?lang=pt>. Acesso em: 07 de maio de 2022.

MELO, M. I. O. **Parques urbanos, a natureza na cidade**: práticas de lazer e turismo cidadão. 2013. 204 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Turismo) - Centro de Excelência em Turismo, Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/14302>. Acesso em 31 de maio de 2022.

MENEGUELLO, Cristina. Patrimônio Industrial como tema de pesquisa. In: **Seminário Internacional História do Tempo Presente**, 1, Florianópolis, Anais do I Seminário Internacional História do Tempo Presente, UDESC, ANPUH-SC, 2011.

MÉNANTEAU, L.; BORETTO OVALLE, R.. **Le patrimoine culturel et industriel du Bas-Uruguay** (Argentine, Uruguay) : typologie, spécificités et potentialités touristiques. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/32228928_Le_patrimoine_culturel_et_industriel_du_bas-Uruguay_Argentine_Uruguay_typologie_specificites_et_potentialites_touristiques. Acesso em: 23 de abril de 2022.

MIGUEL, L.A.. **Dinâmica e diferenciação de sistemas agrários** [recurso eletrônico] / organizador Lovois de Andrade Miguel ; coordenado pelo Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/ UFRGS. – 2. ed. rev. e ampl. – dados eletrônicos. – da UFRGS, 2018. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad102.pdf>. Acesso em : 18 de abril de 2022.

MUÑOZ VIÑAS, S. **Teoría contemporánea de la restauración**. Madrid: Editorial Síntesis, 2003. Disponível em:https://www.academia.edu/36293739/VINAS_Salvador_Munoz_Teoria_Contemporanea_de_la_Restauracion_pdf . Acesso em: 25 de julho de 2022.

NORA, P. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo: Departamento de História de Pontifícia Universidade Católica de São Paulo / PUC-SP, nº10, 1993.

PESAVENTO, S. J. **História do Rio Grande do Sul**. Martins Livreiro Editora. 9.ed. Porto Alegre, 2014.

PESAVENTO, S. J. **República velha gaúcha: charqueadas, frigoríficos, criadores**. Editora Movimento e Instituto Estadual do Livro, Departamento de Cultura, Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, RS. Porto Alegre, RS, Brasil. 1980.

PORDEUS, E.. **Direito à cultura e desenvolvimento: a participação social na proteção do patrimônio cultural no Estado brasileiro**. *Prim Facie*, v. 7, n. 13, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/primafacie/article/view/7242/0>. Acesso em : 20 de maio de 2022

PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral**. Projeto História 15. São Paulo, 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 24 de julho de 2022.

PRADO, F.P. **Colônia do Sacramento: a situação na fronteira platina no século XVIII. Horizontes Antropológicos** [online]. 2003, v. 9, n. 19. Acesso em: 27 de Julho 2022 . Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-71832003000100004>>. Acesso em: 21 de julho de 2022.

PRATS, L. **Concepto y gestión del patrimonio local**. *Cuadernos de Antropología Social*, 2005. v. 21, p. 17–35. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1809/180913910002.pdf> . Acesso em: 25 de julho de 2022.

QUARAÍ, Prefeitura Municipal de. **Plano Municipal de Saneamento Básico /Produto K: Relatório Final Revisão do Plano Municipal, 2020**. 909 fl.:il. Color.

QUARAÍ (RS). **Cartório de Registro de Imóveis**. Certidão. Banco Nacional do Comércio S/A. Registro em: 13 de novembro de 1987.

RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Planejamento, Governança e Gestão. **Atlas Socioeconômico do Estado do Rio Grande do Sul**. 6 ed. Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://atlassocioeconomico.rs.gov.br/inicial>. Acesso em: 21 de maio de 2022.

SANCHES, J.J.L. **Revitalização do espaço urbano e a paisagem**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de Lisboa. Faculdade de Arquitetura. Disponível em: <https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/11811/3/1-Revitaliza%C3%A7%C3%A3o%20do%20Espa%C3%A7o%20Urbano%20e%20da%20Paisagem.pdf>. Acesso em: 30 de maio de 2022.

SILVA, G. F. D.. HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz. Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, p. 247-253, 2013.

SIMSON, O. R. M.. **Memória, cultura e poder na sociedade do esquecimento**. *Augusto Guzzo Revista Acadêmica*, São Paulo, 2003. Disponível em: <<http://www.fics.edu.br/index.>>. Acesso em: 25 de maio de 2022.

SCHMIDT, M. L. S., & MAHFOUD, M. (1993). **Halbwachs: memória coletiva e experiência**. *Psicologia USP*, 4(1-2),1993. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/34481>. Acesso em 18 de maio de 2022.

SUERTEGARAY, D.M.A; SILVA, L.A.P. In PILLAR, V. P. *et al.* Editores. **Campos Sulinos** - conservação e uso sustentável da biodiversidade. Ministério do Meio Ambiente. Brasília. 2009. Disponível em” <http://ecoqua.ecologia.ufrgs.br/arquivos/Livros/CamposSulinos.pdf>. Acesso em 19 de abril de 2022.

PINTO, L. J. S.; SANTOS, E. D. O.; THOMÉ-ORTIZ, H.; AGUIRRE-GONZÁLEZ, N. A.; JASPER, J. R. **A gastronomia regional no turismo rural da metade sul do Rio Grande do Sul**. Revista de Turismo Contemporâneo. cV. 5, n. 2, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/turismocontemporaneo/article/view/10966>. Acesso em: 14 maio. 2022.

PORTO, A. **História das missões orientais do Uruguai** (Parte I). 2.ed. Porto Alegre: Selbach, 1954.

SALADEIRO, ASSOCIAÇÃO AMIGOS DO. **Relatório Iº Encontro Binacional Saladeiro São Carlos Patrimônio e Memória** /Brasil – Quaraí/ Uruguai – Artigas, 2019.

SILVA, M. G. da. **O ‘índio historiador’ da redução de São Luis**: escrita e autoria a partir do relato de Crisanto Nerenda (1754-1772). Dissertação (Mestrado em História)-Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2017. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/170398>. Acesso em: 30 de julho de 2022.

SOUZA, S. B. . **Charqueadas e frigoríficos na fronteira**: o trânsito pelo porto de Montevideu no início do século XX. Disponível em: <https://www.abphe.org.br/arquivos/susana-bleil-de-souza.pdf>. Acesso em 02 de maio de 2022.

SUNDSTRÖM, Admeire da Silva Santos. Políticas públicas de preservação do patrimônio cultural no Brasil e o papel social do bibliotecário. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 106-132, maio 2019. ISSN 1980-6949. Disponível em: <<https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1155/1134>>. Acesso em: 20 maio 2022.

VARGAS, G.. **O Pensamento Político de Getúlio Vargas**. Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul e Museu Júlio de Castilhos, realizadores. Corag. Porto Alegre/RS, 2004. V.2.

VOLKMER, M.S.; MILDRE, S.E.S.. **O Processo de Reestruturação Econômica no Rio Grande do Sul - Aspectos da Indústria do Charque na Fronteira Platina**. In: Anais do VII Encontro de Iniciação Científica e III Encontro de Pós-Graduação Latino-Americana, São José dos Campos, 2003.

VOLKMER, M.S.. **‘Onde começa ou termina o território pátrio’** Os Estrategistas da Fronteira: empresários uruguaios, política e a indústria do charque no extremo oeste do Rio Grande do Sul (Quaraí 1893-1928). Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo, 2007.

WAGNER, I.G.L., **Saladeiros a gênese do desenvolvimento de uma fronteira**. Revista Rio Quaraí. Comitê da Bacia Hidrográfica do Rio Quaraí. Quaraí, RS. 2018.

10 APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

Roteiro de entrevista para complementação do Trabalho de Conclusão do Curso de graduação em Desenvolvimento Rural da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Título: Parque Dyonélio Machado: história, situação atual, importância para a comunidade de Quaraí, RS e perspectivas futuras.

Data:

Nome:

Naturalidade:

Local de moradia (bairro, vila, área rural):

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado?

2 - E os remanescentes do saladeiro?

3 - Com qual denominação/nome você conhece esse espaço?

4 - Você sabe a quem pertence o Parque?

5 - Para que serve o Parque?

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque?

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque?

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque?

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação das ruínas do saladeiro São Carlos:

9.2 - Sobre segurança para os usuários:

9.3 - Estrutura para o visitante:

9.4 - Manutenção e limpeza:

9.5 - Apoio aos visitantes, informação:

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você?

11 - Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele?

12 - Que mensagem essa história traz pra você?

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Por quê?

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer?

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Como?

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Por quê?

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque?

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas?

19 - Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque?

APÊNDICE B – ENTREVISTA I

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. (A). **Entrevista I**. [26 de maio. 2022].

Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010401 arquivo .mp3 (25'51").

Data: 26 de maio de 2022

Nome: A

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Bairro da Guarda

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Também

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Parque Dyonélio Machado Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Sim, ao município.

5 - Para que serve o Parque? Na verdade, durante a pandemia foi um ponto turístico nosso que a gente ia também como lazer. A gente foi umas quantas vezes ali. Eu sempre tive ele como ponto turístico do município.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Lazer e eventos

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? De limpeza hoje já foi feita uma geral. Mas tem muita coisa para ser ajustada assim, né? Para poder ser um ponto onde as pessoas possam ir sem preocupação, sem ter medo. Eles fizeram uma limpeza geral. Na verdade, a limpeza que foi feita, eu penso né, que quando aquele negócio da pandemia... daí fizeram uma limpeza para o desafogo das pessoas, né? Pra mim, daí colocaram cestinhas e ajustaram, deram uma maquiada, vamos dizer. Tiraram a vegetação. Quando nós entramos, eu fui lá ver... me pediram para fazer a limpeza, eu fui lá pra ver e a gente tirou foto e era muito lixo, mas hoje já não tem (lixo). Eles têm uma pessoa que toda a semana, tipo segunda feira, ir para lá e limpar. É o funcionário da secretaria de obras, da prefeitura. Antes não tinha a limpeza. Começou no governo do prefeito Jeferson. Antes até fizeram alguma limpeza, mas não tinha uma frequência.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

As pessoas picharam bastante naquela parte maior, mas fechada lá. Ali tá toda pichada. Na época da revitalização feita pela Alda Calvete, tinha rodeio e o Parque era fechado. Eles usavam ali toda a estrutura fechada. Saía rodeio, saía um monte de coisa. Eu me lembro que ali naquela parte onde é as ruínas, passa o colégio, a parte da direita, eles colocavam o "lonão" para fazer os bailes ali.

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Uma coisa que hoje é até por coisa dos buracos, canaletas que tem no chão é um problema. Até na parte de acessibilidade se tu for levar alguém, algum cadeirante, tu não tem como levar em alguns lugares. Eu acho assim: o Butiazal e o Cerro do Jarau estão distantes da cidade. Nós temos um Parque aqui dentro praticamente da cidade onde muito mais gente ocupa.

9.3 - Estrutura para o visitante:

Não tem banheiro. Só tem as ruínas. Só tem o Parque.

9.4 - Manutenção e limpeza:

Já existe uma melhora.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Tiraram as placas que tinham. Tinha uma placa aqui indicando antes da ponte aqui, uma placa bonita do saladeiro, já arrebentaram

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É a história que o município teve também de dizer que já foi o terceiro município exportador e de gerar renda, gerador de renda. O Parque em si engloba uma história grande para o município, de dizer que já foi, já teve os transbordos para o Uruguai. Então é bem bacana que se conta.

11 - Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Na verdade, é uma história que foi contada que existiu que hoje se pode se modificar para outra história. É um ponto turístico que pode ser aproveitado muito. De uma história que foi anteriormente um recurso da charqueada, do charque, hoje a gente pode usar ela como um ponto turístico para também receber da mesma forma um capital de renda para o município importantíssimo. É contar a história em um ponto turístico.

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Na verdade, o que eu penso também sobre os pontos, nós temos muito para melhorar. Mas, se a gente começar a querer explorar também os pontos de lazer, para receber pessoas, nós temos que melhorar toda a estrutura também que é precária na parte de hotel, comida. Existe também essa dificuldade. Então é um começo que tu vai ter que começar a criar tudo junto e para ti ter mais espaço também, tu tem que começar a já criar desde o começo, né? Porque senão, quando chegar lá no final desse ciclo, a gente não vai ter onde colocar gente, a gente não vai ter onde colocar gente para comer, para jantar. Pontos existem, tipo praças, locais para lazer, tipo corrida de carro. Existe diversidade no município sobre espaços. Mas, é o que eu digo que a gente tem que focar em alguma coisa para a gente poder começar a crescer também, na outra parte. Tudo vai ter que começar junto. É que nem a gente tava falando esses dias... um cara nos perguntou, nós falamos muito em turismo, que a gente tem muito ponto turístico, mas quantos hotéis fazenda nós temos aqui? Aí tu vai trazer o turista para ficar no mesmo hotel da cidade, onde ele é acostumado a ficar, na cidade. Ele quer o quê? Ele quer a diferença. Ele quer vir num ponto turístico para ficar num hotel fazenda, fazer alguma coisa diferente. É diferente do que a Serra já tem. Para a gente começar acho que a primeira coisa acho que a gente deveria ter um hotel fazenda, uma coisa para diferenciar. Ah vai querer vir para turismo, vamos ficar num hotel fazenda. Vou no Cerro do Jarau, vou no Butiazal, vou nas ruínas...

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Ele pode ser um Parque municipal não só turístico, pode ter mais alguma coisa dentro dele.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Com turismo. Se fosse um Parque grande ele poderia contribuir com

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Não. Esse negócio do lixo é uma preocupação, muito, de um povo. Não colaboram e não é só no Parque. Não é só dentro do Parque. Tu vê que as pessoas, tinha um corredor que se chamava "corredor do amor" que hoje se conseguiu limpar, mas se passar lá agora vai ver lixo. Tem lixo. As carroças juntam nos lugares. É uma rua que atravessa do Matadouro que sai lá na Vila do Jóquei. É horrível. O que acontece? Os carroceiros, às vezes eles... Ah me tira galhos, cortam as árvores, tiram os galhos para mim e levam. Aí em vez de levar para no lixão, aí não eles vão ali que é pertinho e descarregam ali. Só que tu vai tirar um galho, aí tu diz, ah bota essa bolsa aqui junto, bota isso aqui, já tá limpando, aí vai tudo. Ali ainda existe lixo

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? A limpeza. Até hoje, a limpeza. Nessa administração, a limpeza e o asfalto. Hoje já tem um acesso muito melhor. Na época do Juarez foi feita revitalização completa lá. Não teve depois alguém que desse o valor para o Parque.

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? E eu acho que o principal que seria hoje é montar uma estrutura de banheiro com uma guarita para poder começar a fazer mais coisas. Para que tenham alguém ali de responsável. Que aí sim, começar a poder jogar coisa ali para

dentro, fazer coisas ali dentro, mais estruturas. Não ali na parte das ruínas, mas estruturas de banheiro, quem sabe uma pracinha pro pessoal, campinho de futebol, melhorar a estrutura ali. Que se tu botar um campo hoje ali, no outro dia os caras vão ali e quebram, pegam e serram as traves embaixo e levam para vender o ferro. Porque é uma rua afastada. É um Parque afastado e não em muitos moradores na volta também.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque?

Na verdade, tem que educar o povo.

APÊNDICE C – ENTREVISTA II

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(B). Entrevista II.** [26 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010401 arquivo .mp3 (25'51")

Data: 26 de maio de 2022

Nome: **B**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Bairro Passo da Guarda. Quatro quilômetros do Parque.

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço?

Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? O município.

5 - Para que serve o Parque? A gente aprende na escola que é um ponto turístico. Mas também é dotado de muita história. A gente conhece os pontos turísticos na escola, no ensino fundamental.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Eu não frequento o Parque, vou esporadicamente para lazer

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Lazer e encontros

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Péssimas. Na verdade, eu acho assim... que o poder público fez a limpeza, mas como descarrego de consciência. Eles limparam aquilo ali para dizer para o pessoal que podia ir sentar e tomar mate. Mas, eles não viram de fato se eles "tavam" limpando de maneira certa, né? Eles só limparam... Não, e o pessoal já usa aquilo ali como um depósito de lixo, né? É que na real eu penso assim ó: tá, o poder público vai lá e limpa né? Porque ele é cobrado por parte da população, né? Uma parte, uma parcela pequena da população vai lá e joga o lixo, entendeu? Acho que também tem essa falta de conscientização da população. Isso daí tem que iniciar nas escolas, né? Porque ali dentro do Parque tem uma escola e as professoras dali trabalham bastante essa questão ambiental. Tanto é que tu vai ver que o Salvador uma vez participou de um projeto ali com as professoras. E dizem que é mais o pessoal que não mora ali, que vai lá e usa como depósito de lixo. As pessoas não têm consciência, né? Não moram no bairro, eles vêm de fora. Como o bairro é afastado, eles vão lá e descartam as coisas ali, nos arredores como lixão, mas o pessoal do Parque deve tirar, da secretaria de obras. Eles devem retirar. Ah era dos animais que eu ia falar. Porque aquilo ali, você sabe assim é do município, mas não tem delimitações, entende? Ali na frente foi doado para uma família e fizeram uma chácara, ali. Tipo, até luz a família tem. E no fundo também. Na verdade, aquilo ali é enorme, só que aí o pessoal tá usando até ali nas ruínas eles botam vaca de leite e cavalo. Aquela pessoa que tá ali na frente conseguiu até registrar luz ali. Não sei como. Porque é uma área pública. Ele tem que ter uma cedência do município. Imagina, ali não tem 22 hectares... tem, mas já tá fechado. Por exemplo, alguém deu cedência para ele, se não a RGE não ia colocar luz e o município pode tirar ele dali a qualquer momento, porque a área é pública. Não tiram porque não querem.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação das ruínas do saladeiro São Carlos;

Eu acho que cada vez tá mais vandalizada. Ela tinha bem mais estruturas. Hoje já tem bem menos. Teve um período que tinha até corridas de moto ali. Agora parece que acalmou, mas o pessoal ia para ali e acabava depredando.

9.2 - Sobre segurança para os usuários;

Não tem segurança. Até o Parque poderia ter um trabalho noturno. Não tem como tu ir de noite ali. Porque o pessoal até droga usa ali, né? Tem prostituição e tal. Sabe o que eu penso? No

Cerro do Jarau, ele tá muito bem conservado, mas ele é uma área privada. Não é pública, né? O Butiazal também é área privada e tá bem conservado. Claro que agora tá entrando a questão da soja. Mas o pessoal ia lá no Butiazal entravam e deixavam até fralda dentro das propriedades. O pessoal tinha que tá correndo eles

9.3 - Estrutura para o visitante;

Muito menos. Não tem banheiro

9.4 - Manutenção e limpeza;

Sim, agora eles estão limpando.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Muito menos. Tinham umas placas e deram tiros nas placas. Se tu pega o Jardim Botânico (de Porto Alegre) que eu fui visitar, tem até guarita com guarda, tem lancheria dentro. Não sei, Quaraí parece que não

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É a história do município que acho que é para passar para as outras gerações. História do município, da economia, porque querendo ou não ela conta a história da pecuária que é o que hoje gira a economia de Quaraí.

11 - Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Eu acho que a mensagem é que tudo é por fase. Eu vejo assim que, por exemplo, eu me criei com meu pai contando muita história de quartel e coisa, até do Cerro do Jarau ali. E eu acho que tudo termina, são ciclos e as vezes a gente quer que os filhos saibam esses ciclos e isso vai mudando, acho que é uma parte da história. Mas que poderia gerar renda hoje par o município na parte do turismo.

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Ah com certeza. Embora eu ache que lazer para a população tu consegue ainda numa cidade pequena l, por exemplo, tu levar um filho numa praça, uma coisa assim. Mas, se vem uma pessoa de fora te visitar, onde tu vai levar teu visitante? Porque tu não tem estrutura para levar ele, por exemplo, no saladeiro. Ou no Butiazal, que não tem um roteiro turístico, não tem uma infraestrutura. É o que falta em toda a fronteira oeste. Falta isso aí, eu acho. Se tiver estrutura, tu vai chamar o turista, vai chamar investidor. Tu não vai fazer um hotel em Quaraí se tu não tem onde levar uma pessoa. Tu vai ter um Parque que tá tudo quebrado, tu acha que alguém vai vir ver o saladeiro? Claro que não. Tu visita a Serra pela estrutura física, Tu vê que as empresas vão para a Serra. Teria que mudar a mentalidade do povo.

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Ele pode ser uma atração, pode ter esporte.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim, se ele tivesse estrutura ele iria contribuir, sim. A educação com esporte também e até para geração de emprego. Artigas tem a Pedra Pintada ali, que é um Parque municipal. É uma área com piscinas. A única coisa natural que tem é uma apedra essa e o pessoal trabalha ali. É o município, as pessoas trabalham para o município e aquilo ali gera renda, gera emprego e desenvolvimento para Artigas.

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Não, porque eles não cuidam. Tem lixo. Ali na agricultura tem um ponto de coleta que tu pode separar lá a rama. Tem que multar. Meu filho tem dois anos e sabe que não pode jogar lixo no chão.

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? A limpeza. No tempo do outro prefeito ele fez estrutura de banheiro lá. O pessoal desmanchou. Foi na época do Juarez. Depois não teve segurança.

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? De infraestrutura e eu acho que deveria ter uma empresa de segurança. Talvez se eles licitassem alguém que quisesse investir no Parque seria melhor do que o poder público. Porque o poder público muda muito. Entra um governo, sai o outro. O pensamento daquele prefeito não é o mesmo do outro e daqui a pouco teria que fazer uma consulta popular para ver o que a população pensa. Porque daqui a pouco tu tá lá

pensando que eles querem um Parque e a população não quer. Saber o que a população pensa dali. Esse trabalho é bem legal. Sabe o que o pessoal pensa do Butiazal? Que é só mais um butiá. Eles não pensam que aquilo ali é um ponto turístico.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Eu acho que tem que perguntar para a população para saber o que a população acha. Fazer uma consulta pública. Daqui a pouco é uma pequena parcela que quer tudo isso. Tu não vai conseguir educar os velhos

APÊNDICE D – ENTREVISTA III

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. (C). **Entrevista III**. [27 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010402 arquivo .mp3 (11'19").

Data: 27 de maio de 2022

Nome: C

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Vila Gaudêncio Conceição é do lado oposto do Parque. É mais longe.

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim. Eu sempre vou tirar fotos inclusive, lá.

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Eu conheço Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Não. O dono não.

5 - Para que serve o Parque? Olha, agora ele tá servindo como lazer. As pessoas vão para lá e ficam. Só que antes ele teve mais utilidade, no tempo das charqueadas. É mais turismo agora.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Eu sempre ia lá quando a minha irmã morava lá quase na esquina, passando o Parque ali. A gente sempre ia lá, ficava lá, andava por lá com as crianças e coisa. Agora eu vou de vez em quando tirar foto. Eu faço artesanato, eu levo e tiro foto lá

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Para tirar foto.

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Até que eles andaram limpando a segurança não é muito apropriada porque eles têm as valas, aquelas coisas, tem que ter muito cuidado para andar lá. Não tem iluminação.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos? Tá abandonado

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Não tem nada cercado. Uma criança mesmo, que caia ali, é muito perigoso. Vou com a minha neta e o meu neto ali quando eu vou.

9.3 - Estrutura para o visitante: Não tem. Acho que tem muita coisa para melhorar lá. No caso fazer banheiro, arrumar, tipo cercadinho naquelas partes onde tem aqueles buracos. Tem muita coisa ali. o Parque vai até a beira do rio. A gente foi até lá, inclusive foi eu e a Joana. É bem bonito lá. Daria para fazer alguma coisa lá. Se fizesse assim como eu penso a beira rio uma estrutura bonita que as pessoas pudessem ir caminhando daqui toda a beirada e chegar até lá... seria muito lindo, com churrasqueira

9.4 - Manutenção e limpeza: Agora tá mais limpo, pois fizeram uma limpeza lá.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.: É, eu acho que seria o caso de ter sempre uma pessoa ali informando quem chegasse no caso. Que tivesse já o conhecimento geral do Parque ali.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Eu acho que pela história dele, seria um excelente ponto turístico, se arrumasse tudo, deixasse tudo arrumadinho... Inclusive para a pessoa que vem de fora que nunca conheceu a história para saber toda a história, desde o tempo da charqueada, seria muito interessante

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Algumas coisas que vejo falar. Nunca me aprofundei no assunto, assim. Seria bom ter mais conhecimento. De repente ali mesmo dentro do Parque.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Eu acho que nunca deixe morrer a tradição dos antigos. No caso das charqueadas, que as pessoas nunca esqueçam do que aquilo foi

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Com certeza. Aqui é preciso sim.

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Acho que sim. Porque assim como eles tão, no verão eles já iam. Já ficavam lá nos domingos, já faziam churrasco, já ficavam. Eu acho que ele tando em perfeitas condições, chamaria mais gente. Até pessoas de fora para passarem o fim de semana. Eles levam churrasqueira e acampam lá. Tinha gente que ia lá e deixava sujeira e começaram a pedir que levassem o seu saquinho e trouxesse seu lixo de volta. É a conscientização de cada pessoa

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Como ponto turístico poderia atrair mais pessoas para a cidade

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Eu acho que isso teria de ser estudado. As pessoas vão lá e tem um cara que vai lá e limpa. Mas, eles mesmos tinham que limpar os lixos deles. Teria que ser na consciência de cada um

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Só limpeza. A gente esperava que fizesse banheiro e não fizeram nada até agora. Colocaram lixeiras, mas arrancaram tudo. Botaram umas placas. Não tem nada mais lá

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? eu acho que deixar uma pessoa fixa trabalhando lá, organizando, limpando no caso. Uma pessoa que entendesse.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Eu acho que construir banheiros, fazer um cercado ao redor das partes ali que são mais perigosas e cercar o Parque que ficasse só para pessoas, que não entrassem animais. Colocar iluminação. Muito quaraicense não se importa com o que a gente tem aqui né. Eles preferem até viajar para fora as vezes para conhecer outros lugares do que conhecer aqui o próprio lugar. tem gente que não conhece o Cerro do Jarau. Tem gente que não conhece, prefere viajar para Santa Catarina, para outros lugares e não conhecer a própria cidade. Tem gente aqui de Quaraí que conhece mais Artigas, no Uruguai do que o próprio Quaraí. Tem um turismo junto com um professor de Artigas que leva o pessoal do Uruguai para conhecer o saladeiro, o Cerro do Jarau, o Butiazal.

Data: 27 de maio de 2022

APÊNDICE E – ENTREVISTA IV

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(D). Entrevista IV.** [27 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010403 arquivo .mp3 (27'23").

Data: 27 de maio de 2022

Nome: **D**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Centro. Longe do saladeiro

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Ruínas do saladeiro. Porque é da minha infância

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Hoje... É, eu soube que teve uma doação. Hoje o Parque deve ser de... não sei se é do município, se é do estado, se é da União. Acho que é do estado, talvez. Ele foi doado por uma pessoa particular. Um proprietário que doou esse Parque com essa finalidade e daí doado. Eu acho que para a universidade, pro estado. Como é para a educação, aí cabe a um órgão maior do estado, referente, inserido na educação a procurar parcerias com o município para dar uma ocupação, uma utilidade ou sei lá, ceder para o município. A gente não sabe. Um comodato, sei lá. Alguma coisa. Não sei que termo seria no caso que eles aceitariam.

5 - Para que serve o Parque? Para muitas coisas. Primeiro porque ele serve, ele é um ponto de cultura. É alguma coisa que faz parte da nossa história. É cultural. É um ponto cultural. É um marco da nossa cidade, da nossa comunidade. Do município. Para nós é um ponto turístico,

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Agora não. Eu frequentei quando eu era criança. Mas agora faz muito tempo que eu não vou, não. De criança eu tenho uma lembrança gratificante, porque aquilo lá tinha uma utilidade para o município. Porque era um órgão que educava, que fazia com que as crianças tinham uma profissão. Trabalhavam ali para aprender. Tinham professores que davam aulas para que eles sássem dali com um conhecimento para uma profissão posteriormente. Porque como eram meninos, eram crianças. Mas é ali a escola. Isso aí é o que mais me marca. É o que eu tenho de lembrança viva dentro de mim, é pela escola. Era uma escola técnica. Eles aprendiam marcenaria, aprendiam a plantar. Porque ele era, o seu Olinto ele era agrimensor de profissão. Ele amava o que fazia e ele passava para as crianças com uma propriedade maravilhosa. Talvez eu tivesse uns dez anos. Época que funcionou a escola técnica. Eu era criança. Antes da doação com certeza. Certamente era do município.

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Quando eu ia, eu acompanhava a minha mãe e o meu pai Ele dava assistência. É diferente. Ele dava assistência como o seu Olinto também dava assistência. Eles não recebiam por isso. Era voluntário. Toda a vida ele foi voluntário. Foi uma pessoa benemerita. Uma pessoa que sempre se preocupou com o bem da sua cidade, do bem comum, de querer que todo mundo tivesse, que todo mundo pudesse, que todo mundo fosse feliz. Essa era a filosofia do meu pai. E tinha bastante gente. Era lotado. Sim, era o número que cabia ali. Eu não lembro se eles moravam ali, se ficavam ali ou se eles iam para suas residências. Ali tinha tudo, tinha cozinha, tinha um galpão para marcenaria, tinha uma horta belíssima que eles plantavam ali, colhiam ali para a própria escola. Não tenho nenhum registro porque eu era muito criança.

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Olha a acessibilidade é ótima porque eles asfaltaram toda a via do saladeiro. Eu te disse longe, mas para nós aqui três quadras é longe, a cidade é pequena. Talvez fique menos de dez quadras. É muito perto. Porque descendo o Hospital ali logo em seguida tu chega no saladeiro. Fica um pouquinho distante do centro, mas não chega a ser longe. Eu não tenho mais conhecimento porque se eu vou avaliar, vou ser injusta

porque eu não tenho ido lá. Eu não tenho conhecimento. Me despertou essa lembrança pelo pique nique da minha neta que foi lá com a professora e com os coleguinhas e aí eu lembrei. Mas isso, poderia ser ativado para o município dar uma finalidade.

9 - Qual sua opinião sobre: Não respondeu por não frequentar o Parque.

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Está se depredando com certeza

9.2 - Sobre segurança para os usuários

9.3 - Estrutura para o visitante:

9.4 - Manutenção e limpeza:

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Agora ela está inoperante da maneira que está. Está ociosa

11 - Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? É um lugar histórico, um lugar bonito que só contribui com a comunidade para os nossos estudantes e para a nossa juventude, para todos nós

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? A gente carece de lugares públicos aqui, de lugares para instalar coisas em benefício da comunidade, do cidadão quaraiense e ali é uma oportunidade. Já foi. Eu já tive conhecimento de que já foi. É uma forma de reativar

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer?

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Com certeza. Que desse uma utilidade

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Mas eu acho que a comunidade não foi acionada com relação a isso. Nem o prefeito foi acionado.

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Não sei, mas sei que o nosso prefeito ele é muito imbuído de coisas que trazem crescimento para Quaraí. Ele é uma pessoa muito sensível. eu acho que vai tocar nele, qualquer lembrança ... De repente pela atribuição e pela tribulação da vida, as coisas passam despercebidas. Mas no caso de tocar para ele, ele vai se preocupar. Ele vai pensar no que poderá fazer, se for da alçada dele se já não estiver noutra esfera governamental

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Primeiro lugar seria cercar. Não seria caro para a prefeitura cercar aquilo ali, aquela área. Porque cercando tu vai poder plantar. Vai poder fazer dela um verdadeiro Parque. Porque na realidade tem o nome de Parque, mas não é Parque. Porque não tem árvores ornamentais, coisas que a gente possa plantar. Tem tantas árvores que a gente pode plantar e que dão flor, que fica bonito, que fica bem cuidado. Poderia primeiro cercar e depois plantar para realmente fazer o Parque. Reconstituir essa área física que seria o prédio em si para dar uma finalidade, uma ocupação para aquilo ali que está ocioso. Não tenho ido lá, mas como faz tanto tempo assim, eu acho que não tem nada lá. Só pode se depreciar

19 - Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Acho que uma vez acionado, todo mundo vai se voltar, porque é um lugar bonito. É uma questão de satisfação. Acho que tudo quanto é prédio que a gente tem com uma finalidade que a gente possa direcionar para contribuir para a comunidade é válido. É isso que a gente quer. Acionar a quem de direito. Eu não sei qual é a figura jurídica hoje. Qual é a situação jurídica daquele local, daquele Parque. Em decorrência disso, daí buscar as forças vivas. Porque daí eu acho que todo mundo se engajaria, não só a prefeitura, mas clubes de serviço, escolas. Todas as pessoas que fossem chamadas, com certeza iriam contribuir com aquilo ali. Eu acho que primeiro é o chamamento. Não sei se o prefeito pode, se tem condições de mandar cercar aquilo ali. Não sei se é da alçada dele. Porque se não for da prefeitura, ele já não pode. Então tem que ver a situação jurídica desse local, como que ele se encontra. E a partir

daí, ver com que foças vivas eu posso contar como clubes de serviços como Lions, Rotary, como escolas. Isso tudo ajudaria, somaria porque são pessoas engajadas no bem da comunidade, só querem o bem da comunidade. Uma vez chamado, todo mundo somaria.

APÊNDICE F – ENTREVISTA V

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(E) Entrevista V.** [27 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010404 arquivo .mp3 (11'53").

Data: 27 de maio de 2022

Nome: **E**

Naturalidade: São Paulo, SP

Local de moradia: São Cipriano. Zona norte. Fica a dois quilômetros e meio do saladeiro.

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim.

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim.

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Parque do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Hoje, a prefeitura municipal.

5 - Para que serve o Parque? Olha, lazer, cultura, história

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Leitura. Para tomar um mate no inverno e para tirar fotos. Bastante fotos lá. Minha irmã é fotógrafa e tirou um monte de foto lá

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Limpeza pela atual gestão, nota dez. Segurança, ainda precisamos colocar em pauta. Mas, os cuidados em si, lá dentro. Desde que a atual gestão entrou, são bem ... eu estive na outra gestão lá, o matagal era muito grande. Não tinha como ver nada. a gente nem sabia que existia boa parte das ruínas, justamente porque não dava para visualizar. Depois da limpeza a gente pôde ver

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Eu estive na outra gestão lá, o matagal era muito grande. Não tinha como ver nada. a gente nem sabia que existia boa parte das ruínas, justamente porque não dava para visualizar. Depois da limpeza a gente pôde ver.

9.2 - Sobre segurança para os usuários. Ainda é preciso melhorar

9.3 - Estrutura para o visitante: Não tem banheiro lá. Somente coisa rápida. Se a pessoa quer ir ao banheiro, homem ou vai fazer de forma irregular ou vai embora. Não há banheiro no local

9.4 - Manutenção e limpeza: Está sendo realizada pela prefeitura

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Existiram placas de informação, porém foram depredadas pela população. Até mesmo a placa que indicava o bairro do saladeiro, foi furtada. Show de bola, toda colorida, bem chamativa, mas foi furtada. Tem que colocar no alto, pois tudo que for baixo é furtado ou depredado. Eu soube que tinham algumas placas no interior do Parque, porém não tem mais

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Culturalmente falando, mais na parte da cultura acho que todo o quaraicense e até mesmo o turista, Parque tem a sua importância histórica ali que atrai pessoas. Até mesmo pelo estado que eu acho que é a única ou uma das únicas ruínas que ainda sim tá em pé. Tem lá a sua importância de preservação

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Não. O que eu ouvi foi naquela reunião que a gente teve aquela outra vez lá no Parque que foi contado um pouco da história, mas até então eu não sabia nem como era produzido o charque. Lá para cima a gente não tem. Já tem aquele feitiños ali. Não ideia do processo em si.

12 – Que mensagem essa história traz pra você? De importância histórica

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? A cidade tá em crescimento. Nós estamos num crescimento constante até pela quantidade de prédios que estão sendo feitos. Então, quanto mais lazer, melhor. Acho que isso para toda a cidade de pequeno ou médio porte quando começa a ter um desenvolvimento maior, já é de se pensar nesse tipo de lazer até mesmo por famílias. Cada prédio desses são 20 andares, cada andar com quatro apartamentos, são 80

apartamentos. Cada apartamento com quatro pessoas em média, são 320 pessoas em média a mais. Tem lá a sua importância esse tipo de lazer

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Olha, atende a demanda porque o Parque é bem grande. É difícil ver aquilo totalmente preenchido. Mas, creio que depois de uma revitalização, ele passa a ser bem mais frequentado, mais usual. Algumas pessoas não frequentam por questões de segurança. Mas, depois se torna bem mais acessível

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Pelo que eu ouvi, essa gestão municipal é a primeira que cuidou mais efetivamente do Parque, de limpeza, de trazer um conhecimento, mostrar para os alunos da própria rede municipal. agora acho que a população criou um pouco mais de consciência, até porque lá tem muito espinilho. Antigamente as pessoas não frequentavam por isso, pelo medo. Hoje em dia já não. Criança já vai, já corre, pula, brinca

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Quando ele assumiu, ele já fez. Eu falo isso porque ele assumiu em janeiro e eu vim em abril para cá. Nesses quatro meses de início, quando eu cheguei eu vi uma ultra... eu tenho umas fotos que o mato naquela parte fechada o mato tava gigante. Você não via aquele degrau, que tem um degrau ali que parece até um palco. Você não via aquilo. Aí depois que cortaram que deu para ver

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Procurar manter uma característica antiga, evitar ferro, coisas do tipo. Usar mais madeira, até mesmo de reuso muitas vezes, para evitar o descarte irregular de madeira. Mais o reuso até mesmo da própria vegetação que é retirada de lá de dentro durante a limpeza. O próprio espinilho que dependendo da situação tu consegue criar uma barreira com ele. Uma barreira verde.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? No meu ver é mais uma educação, uma conscientização em si. Porque a prefeitura trabalha e a população depende de uma conscientização para manter aquilo da forma que a prefeitura cuida. Não dá pra tá investindo toda hora, tem que ter um pouco da conscientização. Foram espalhadas lixeiras, mas a população depredou. O pessoal quebra muita coisa então eu acho que falta um pouco de conscientização não só no Parque, mas na cidade inteira em si. Em Quaraí, em Livramento, qualquer cidade. É a conscientização do ser humano.

APÊNDICE G – ENTREVISTA VI

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(F) Entrevista VI.** [27 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010405 arquivo .mp3 (35'15").

Data: 27 de maio de 2022

Nome: **F**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Bairro Saladeiro

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? São Carlos

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Eu sabia que era um convênio com a prefeitura. Isso que eu sabia. Quando eu vim para cá, eu tinha o meu menino que tem 56 anos, ele tinha um ano e sete meses. Não tinha esse nem o outro. Me mandaram para cá foi o Santa Helena. Santa Helena (prefeito) que o meu marido era funcionário. Ele era pintor. Não sei se a senhora chegou a conhecer, o Barreto. Nunca ouviu falar no pintor Barreto? Como essa casa aqui tava vazia e nós não tinha, nos mandou pra cá para morar aqui. E tô aqui até agora nessa casa. Não caiu porque a gente prega um prego aqui outro ali. A vizinha era a mesma casa. Só que ela teve sorte que no tempo do prefeito Saul, ele mandou fazer para ela aí e a nossa ficou assim. Ela veio um ano antes de mim. Viemos só nós. Eu e os meus filhos e ela. Não tinha mais ninguém

5 - Para que serve o Parque?

Olha para mim é um ponto turístico. O pessoal vem para aí tomar chimarrão na sombra. Aqui eu considero um ponto turístico. Nos domingos tem movimento de tarde. Eu gosto porque eu me "interto". Porque se não é isso aí, não tem nada. Não tem nada aqui né? No saladeiro não tem nada, nada. Ninguém faz nada. Teve também a romaria que foi muito lindo. Bah eu nem me lembro o ano. Foi na época do prefeito Juarez.

Quando eu vim para cá tinha uma escola aí. Onde eles traziam os guris para aí.

A escolinha mesmo era lá no fundo, de madeira. Aqui era uma escola tipo internato. Que o seu Siqueira morava aí e cuidava de tudo. Eu cheguei a ver mas um mês só. Aí depois fechou. Já tava terminando quando eu cheguei. E a escolinha das crianças estudar, que o meu mais velho estudou, era lá na vila, depois que virou uma creche. Depois que fechou a escolinha, aí construíram a Emilio Calo.

Quem cuidou muito, muito desse Parque aqui, que conservou que era uma beleza, foi a dona Alda, a mulher do juiz. Aquela menina defronte do Banco do Brasil pro lado de cá, que não sei que fim ela levou, foi até miss, ela. Muito bonita, ela. Lá no lado do doutor Domingos, ali. Também que ajudava aqui. Nem um toco de cigarro não deixava largar. Parou por causa de politicagem. E as telas lá da frente levaram tudo. Aí começaram a levar. Os 55 anos que tenho aqui, nunca na minha vida eu cortei um eucalipto aí e chegam aí e derrubam eucalipto, botam por terra. Escolinha das crianças era lá na vila.

Com o tempo morava o seu Damasceno, lá embaixo. Morava no galpão lá. Morou tempo ali. Eu trabalhei dez anos na escolinha, aí.

Quando teve a romaria foi muito lindo. O meu guri é enfermeiro, foi ele quem veio com a ambulância e depois não tivemos mais nenhum evento. Que foi tombado, que não pode, né?

Agora a pouco vai ter um evento aqui...negócio de som. Eles iam fazer aí. Ia ter uma lona para não passarem para lá. Até deixaram tudo aqui em casa, para os carros não passarem para lá.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Ponto turístico

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Agora tá limpo porque a prefeitura está fazendo a limpeza

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos? Estão destruindo cada vez mais. Tá vindo um pessoal com aparelho aí. Eles andaram mexendo ali, porque tem uma parede desmanchada. Lá naquela parede do lado esquerdo de quem baixa, desmancharam um pedaço. Olha que para desmanchar umas pedras daquelas ali, tem que ... para ver se tem mina.

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Liberaram pro som das festas. À noite aqui é muito barulho. de noite a gurizada vem de moto, carro toda a noite e as vezes eu chego até ligar para a polícia. Não se sabem o que fazem lá embaixo. É perigoso. Ela é sozinha. Ela já foi assaltada. Ela mandou colocar grade na porta. É tudo aberto. Antes tinha tela e agora o portão fica aberto. Tiraram toda a tela e tinha até chave no portão. Quando tinha tela era mais protegido e o portão ficava fechado. Agora não. De noite é um movimento de carro, de moto. Sábado fica só eu e ela (a vizinha) . Mas, graças a Deus não vou me queixar que nunca ninguém, mexeu comigo. Chega seis horas da arde, seis e meia eu fecho as portas e no mais fica tudo bem

9.3 - Estrutura para o visitante: Não tem

9.4 - Manutenção e limpeza: Olha eles vêm limpar. Ontem ainda veio o rapaz limpar. Tem os coisinha azul que eles botam o lixo lá. Os que vem aí tem colocado por causa que ante ontem que eu comecei a caminhar ali, e eu vi as coisas no lixo. Mas, tem gente que não respeita, né? Ontem o rapaz andava limpando, juntando. esse governo tá cuidando muito bem. O rapaz botou aqueles pau, botou aquelas coisa pra botarem o lixo. Esse governo ele tá cuidando mais, melhorou. No mais tá tudo bem.

As pessoas mais antigas daqui era o seu Ico Siqueira , mas ele faleceu; a dona Lúcia Giudice, seu Bandeira; a dona Alda e depois nós que temo aqui nas ruínas.

A Jane andou fazendo um plano. Mas eu disse para ela que esse plano não vai dar certo. Já queria plantar árvore ali, fazer uma avenida. Mas eu disse: mas de que jeito? Os animal com tudo.

Eu as vezes vejo um saco lá no canto, vou lá, junto e trago aqui. Porque ela fica tão bonita. Ela, as ruínas. Porque houve uma época que eu chegava a nem ir lá para a rua, de tanto mato de espinilho que tinha aí. Eu tinha medo de sair de noite. Que às vezes eu invento de ir lá para a casa dela (amiga que estava junto). Eu vou e depois ela vem comigo. Mas eu tinha medo. Medo mesmo. Agora não. Agora tão conservando. Não tá muito conservado, fica meio sujo, a vegetação, mas pelo menos a gente enxerga para lá. Esse prefeito é bem interessado. Ele manda e os caras vêm limpar

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.. Não tem.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Lugar histórico e de turismo

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Não. A lenda essa história do tal de poço. Eu juro que esses anos que eu moro aqui, que às vezes te evento no piquete, na casa dela e eu vou por lá. Ela disse que eu sou fujona. Eu fujo e venho me embora. Eu nunca vi uma assombração. Dizem que aí na creche aí tem. Onde morava o Damasceno. Dizem que aparece um padre, que mexe no poço. Não sei. Para mim nunca apareceu. Só uma vez que meu marido me contou que ele vinha lá do centro. Vinha de noite e na ponte, atravessou um cachorro branco na frente dele e aquele cachorro sumiu. Só o que ele viu. Mas conto de mais de lenda... que diz que saiu de a cavalo, pra mim nunca saiu isso.

Quem sabia a história do charque, do gado era a minha mãe. Não tenho foto. As únicas pinturas que tenho são essas que meu marido José Darci Pires de Barreto, quem fez o quadro da creche e da ponte quando ela tava rachada nos lado. Antes de arrumarem ela. Ele era pintor da prefeitura

12 - Que mensagem essa história traz pra você? A história da cidade, da charqueada

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Não

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Arrumar o que tem

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Eu acho

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Olha, eu aqui vejo que eles cuidam. Agora lá pra baixo, eu não sei. Porque eu não vou para lá. No domingo, as famílias sentam ali, tomam chimarrão à tarde. É tranquilo. De noite é que tem barulho de moto, de carro. Mas, o que fazem eu não sei. Namorar de certo, né? É... isso aí faz parte, né?

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Estão limpando

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Mais limpeza, cuidar mais, conservar mais. Claro que o maquinário deles não pára. Como eles disseram. Botaram o trator e o trator estragou e pararam com as limpezas. Que inclusive o senhor ali, eu disse para o cara: e por que vocês não limpam ali para abrir um pouquinho? Para que a gente enxergue, né? Que ela tem duas crianças, né? Mas daí o trator estragou. Eu acho que o básico é conservar a limpeza, porque é um ponto turístico, o pessoal vem. Quando é feriadão vem muita gente para cá. Volta e meia o pessoal do Uruguai vem para cá. Agora até passaram umas senhoras aí que andavam com uns bastão assim, de cabeça branca, elas. Foram lá. Tiraram foto. Deixaram o carro lá na rua. Esses dias mesmo passou uma van cheia de gente aqui. Eu fiquei olhando. Pararam ali embaixo, caminharam. Tiraram foto e passaram a pé aqui deram boa tarde e comentaram: "Mas tá bonita as ruínas, né?". Eu respondi: "Tá ficando porque tão limpando"

Aquele banheiro lá, quando o Juarez montou, era melhor que o banheiro da praça. Tinha um espelho maior do que este. Lá foram os castelhanos que começaram a destruir. O meu guri trabalhava com a prefeitura, com o Gadret, esse que tá na Boa Vista e um dia caminhando lá embaixo lá eu disse: "Bah, tiraram os vasos do banheiro". aí eu vim nesse paredão que tem uma entrada ali, olhei no canto e pergunte: O que tem ali? Tava os vasos escondidos ali.

Tá, daí o guri veio aqui e eu disse para ele avisar para a prefeitura que os vasos do banheiro tavam escondido ali e vão ali levar de noite. Daí o Gadret mandou vim a caminhonete para levar. Aí começaram a tirar os azulejos da parede, as portas e destruíram. Era um banheiro lindo. Tinha até funcionário para limpar.

Pode dizer para a dona Alda que eu comentei o que ela fez aqui. sabe que vinha ele e ela nesse campo aqui que os guris jogam, eles cortavam grama. ele de máquina e ela. Ela plantou flor, botou as flor bonitinha e tudo. Eu acho que lá embaixo tem uma árvore ainda. Todos os dias o Marcelo levava água daqui de casa para ele molhar. A dona Alda vinha para cá. Pode dizer para ela que eu ainda tô viva. Que tô morando aqui.

Eu lembro que quando ela cortava a grama aí. Como ela tá? Ela tá bem?

Não querendo desprezar ninguém, mas aquela pessoa... Eles pegavam o machado e o facão e roçavam tudo

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Mais colaboração das pessoas.

APÊNDICE H – ENTREVISTA VII

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de (G). **Entrevista VII**. [27 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010406 arquivo .mp3 (37'03").

Data: 27 de maio d 2022.

Nome: **G**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Saladeiro

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Dyonélio Machado, mas aqui colocam quintos nomes. É ruínas do saladeiro. E o meu endereço atualmente, eu já não sei mais que endereço dar. Porque a casa aqui não tem número mesmo. Quando fizeram a casa, que eram duas casas, era um chalézinho de madeira que nem esse da vizinha ali. Só que o daqui se deteriorou primeiro e no governo do Saul ele mandou reformar, fazer as paredes de tijolo. Os vizinhos que vieram morar um ano depois de mim, que deram para eles morarem. Era para dois funcionários, quando fizeram concurso para a estação meteorológica. Aí daqueles que fizeram o concurso, só meu esposo passou. Quando fizeram o concurso que foram fazer o estágio lá na Serra, numa cidadezinha que não lembro o nome, de lá já saíram todos destinados. Eram 60 funcionários e passaram 33 e eram 33 estações e aí cada um foi para sua cidade de origem. O meu esposo veio para cá. Aqui o endereço que deram para a gente colocar, porque a gente recebia correspondência, era estação meteorológica no começo. Depois quando começaram a exigir nome de rua, colocaram prolongamento da Ascânio Tubino, 560. Era o número da caixa da luz, que é lá na rua. Então meu endereço tá assim. No banco é um, na conta da água é outro. Quando me perguntam, eu digo que é Ruínas do Saladeiro.

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Acho que é a prefeitura, né?

5 - Para que serve o Parque? Olha isso aqui já fizeram de tudo. No começo fizeram esse negócio de CTG, festas, gineteada. Estragaram muito a estação atando cavalos nos mourões. As pessoas não respeitam as coisas. Uma vez teve uma grande festa, não me lembro o ano. Um aniversário de um CTG que fizeram uma marcação aqui. Passaram meses fazendo coisa aqui. Foi quando fizeram mais umas cercas, dessas daí. Fizeram um galpão que depois deixaram abandonado aí e desmancharam aos poucos. Teve uma época que teve pista de moto, motocross. Foi bem movimentado, mas depois abandonaram também. Era mais para eventos que usavam. Agora o pessoal vem para cá. Quando começou a pandemia, que as pessoas não tinham pra onde ir, vinham tudo para cá. Botavam carro até aqui na minha porta da minha casa que eu não podia sair para fora. Agora voltou porque domingo passado tava bem friozinho, tava um dia bom e encheu de gente. Tinham parado de vir. Porque no verão, o sol é muito quente e não tem sombra, não vinham. No inverno o pessoal quer sol. E agora tão voltando. Vem bastante pessoal do Uruguai também. No forte da pandemia, vinha quantidade de gente de Artigas passar as tardes de domingo e nos feriados.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Moradia

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Já estiveram melhores.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos? Tinha umas coisas que foram destruídas. Tinha mais coisa. Bastante aqui atrás da minha casa. Um pedaço do paredão pra lá tinha um casarão enorme, que moravam famílias. Tinham uma quantas peças. eram umas peças grandes e moravam famílias ali. Depois uma tormenta derrubou tudo. Não sobrou nada. E lá embaixo onde tá o pedaço do banheiro, que ficou, tinha outro casarão

que atravessava lá embaixo, enorme casa. Ela era de frente pra cá e o fundo para lá. Tinha umas dez portas aqui para frente. Na época do saladeiro não sei o que foi aquilo ali. Mas, depois disso teve um senhor, daqui da Vila Olímpica, o seu João Soares, teve um armazém muito grande ali. A minha mãe contava que, a minha mãe nasceu em 1913. Ela disse que tinha uns 13 ou 14 anos (1927) que ela vinha aqui e já tava tudo quase parado. Não funcionava quase nada. Muita pouca coisa. Ela dizia que só faziam, fabricavam sabão, banha. Mas aquela coisa da charqueada, não tinha mais. eu sei que ela disse que era bem jovem. Diz que tinha a fábrica de sabão. Na época que a minha mãe esteve aqui, meados de 1920, tinha essa tal fábrica de sabão. Quando eu vim já não tinha nada, já tinham tirado. Quem deve ter coisas guardadas da história de Quaraí é a dona Lúcia. O doutor João Carlos era bem interessado. Desse aqui quem tinha, também não sei se guardou, é a Eva do Dagoberto Mendes. O Dagoberto tinha todo o histórico daqui

9.2 - Sobre segurança para os usuários. Segurança não tem. Já fui até assaltada aqui. Por isso que eu tô num rancho cheio de grade. Me assaltaram uns três anos atrás e três pessoas invadiram a minha casa. Um homem e duas mulheres. Foi de madrugada. Eles sabiam tudo que eu morava sozinha, que a vizinha não estava. Bateram na janela. Levaram uma coisa porque dinheiro eu não tinha. Fui registrar queixa no outro dia e no banco para bloquear a conta

9.3 - Estrutura para o visitante:

9.4 - Manutenção e limpeza: Agora tá bem. estão limpando

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc. Isso não tem.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É importante porque moro aqui muito anos.

11 - Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Não.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Acho que é a história do charque que faziam aqui.

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Não

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Arrumando o que precisa, colocando mais segurança.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Se melhorar, as pessoas podem vir mais aqui. Pessoas de fora da cidade.

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Eu não sei muito por que a gente não sabe quem destruiu.

Quando eu vim morar aqui nesse bairro tinham poucas casas. Só as casas das pessoas mais antigas. Não tinha essa vila aí mais para o fundo. Daí o Vieira quando era prefeito, ele doou terrenos no acostamento que dá para a cabanha dos Giudice. Aquela faixa de terra que tem casa da esquina até lá embaixo foi ele que doou na época que a Legião Brasileira de Assistência dava duas peças, faziam um banheiro e duas peças. Encheu essa vila de casinhas ali. Na vila, a maioria não é proprietário do terreno, é tudo da prefeitura. Muitos poucos têm a escritura do terreno

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? A limpeza.

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? A única coisa que eu gostaria é que dessem um jeito nessa ruazinha aqui da frente. Porque a gente sofre com a terra aqui com esse movimento de carro que vem e as pessoas passam correndo. Não respeitam. Isso aqui não tinha essa terra, porque isso era campo. Era um terreno batido, tinha grama. Então ficavam os carros e não levantava poeira. Claro tem muitas melhorias que se tem para fazer. Isso aqui é tudo desorganizado. Cada um faz o que quer. Ninguém cuida nada. Antes, nos anos 80 tinha uma moça que vinha para cá que era responsável de cuidar para não deixar entrar animais aqui dentro. Ela vinha para cá, ficava aqui em casa. Ela passava toda a manhã aqui. Ficava tomando chimarrão e conversando. Aí, ela pediu pro meu marido que era primo do prefeito Saul que

deixasse ela, que não tirasse. Mas era cargo de confiança e quando muda a prefeitura, muda tudo. Nunca mais botaram ninguém. aí começou a demolição, a desmancharem. O atual prefeito prometeu muito na campanha. Em seguida que ele já estava administrando, que ele já era prefeito cada vez que ele falava em entrevista na rádio ele botava o saladeiro no meio. Que ia fazer e acontecer, mas até agora não fizeram nada. Só limparam

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Imagino que as famílias que vem aqui a maioria, sejam bem interessadas porque todos vêm passear aqui nas ruínas. Trazem as crianças. Atualmente não tem ninguém ruim aqui. Já melhorou bastante.

Eu vim pra cá em março de 1966. Porque meu esposo era funcionário. Foi quando construíram a estação meteorológica aí. Os registros da estação foram para a Fepagro, em Porto Alegre. A gente não ficou com nada porque os dados a gente mandava para Porto Alegre. Não era com a gente. Isso era um convênio. Era coisa do estado com o município. nós era apenas funcionário. Não sei se o município tem por que eu precisei dos documento dessa casa porque meu esposo faleceu e ficou um carro no nome dele, daí é um monte de burocracia. Tinha que fazer inventário. Aí meu filho foi na defensoria pública pra fazer por lá e aí queria meu endereço, mas não tem nenhuma referência na prefeitura, da casa. Não acharam nada. O contrato, uma vez nós precisamos e não tinha. Do tempo que o doutor Santa Helena foi prefeito. Faz bem pouco que meu guri andou lá procurando na prefeitura. Lá no fórum pediram o endereço. Não paga IPTU porque isso aqui é da prefeitura. Não é minha essa casa. Então disseram não existe, que não tem nenhum registro. Faz de conta que essa casa não existe em parte nenhuma.

Teve uma época que foi bem cuidado aqui. No final da gestão do doutor Juarez. naquela época um pouquinho antes do Juarez entregar. Trocar o prefeito. Foi o Saul que foi eleito. Antes dele entrar, tinham feito um Parque bem bonito aqui. Tudo com jardim. Tudo bem cuidado, bem bonito. Cortaram grama. Tinha uns caras noite e dia cortando grama. não tinha esse monte de cerca que depois fizeram para essas coisas de rodeio, de gaúcho, essas coisas, deixaram tudo abandonado. Isso não tinha nada. Eram só as duas casas aqui e as ruínas ali embaixo. Inclusive o casarão era bom, era uma casa boa, morava uma família ali. E, 66 tinha família ali. Por muito tempo teve. Depois que saíram os que moravam aí, quando nós viemos, eles vieram morar ali na casa da frente, onde é a escolinha. O seu Damasceno morava ali no casarão e depois veio ali onde é a escolinha.

Isso aqui era da igreja. Foi doado para a Cáritas, pelo irmão Otão. Aquele da PUC. Aí foi doado para a igreja. A dona Teresinha, na época foi presidente da Cáritas. A doação foi para fazerem alguma coisa assim para benefício de criança, de jovem, de alguma coisa tipo internato, mas nunca fizeram. Aí a dona Teresinha arrendava para leiteiros isso aqui Teve três famílias de leiteiros que moraram. A última não era aluguel porque deram, pois já tava tudo abandonado. Esse internato que tinha aí, quando nós viemos para cá em 66 ele tava fechado já. Tinha dois meninos que ficaram aí, que não tinham para onde ir. Aí quando atingiram a maior idade foram embora.

Tinha um funcionário da prefeitura que morava aí. O seu Guinelo Siqueira, que era o responsável pelo internato esse. Mas, quando a gente veio para cá, já tava no fim. já tava fechando

Isso foi uma confusão, porque foi doado para a prefeitura. Como a prefeitura nunca fez nada do que era para fazer, a não ser esse internato que teve por um tempo e depois fechou, aí os que doaram, que foi o João Vieira de Macedo, arrecadou de novo. Pegou, tomaram conta e doaram para Cáritas. Eu me lembro muito bem. Fazia bem pouco tempo que nós estava aqui, quando veio o pessoal da PUC aqui. Veio o irmão Otão que andaram olhando tudo, quando receberam. Também não fizeram nada do que era para fazer, voltou para a prefeitura. Foi assim ó... nós temos uma capelinha da Igreja Católica ali em cima, na rua que sobe. Na época, quando a Igreja passou de volta para a prefeitura, porque nunca tinham pago o IPTU. Se fossem fazer as contas,

vendiam aqui e não pagavam IPTU. Aí fizeram uma permuta com a prefeitura. A prefeitura fechou todo esse canto aqui, pra cá da escolinha e deixou para fazer a Igreja e tomaram conta do resto. Mas, quando vieram engenheiro e coisa pra ver o terreno ali, era horrível. Era um buraco que tinha ali. disseram: Ba nem que a gente traga o Cerro do Jarau e encha esse buraco de pedra. Daí não fizeram. A prefeitura doou um terreno desapropriado ali em cima e a Igreja entregou isso aqui tudo para eles. A Igreja devolveu para a prefeitura. Deu aquele troca-troca. Cada um que entrava fazia o que queria. Inclusive essas casas aí. Pra mim é invasão. O homem diz que deram para ele fazer casa. Eu não sei. Eu nem conheço. Faz anos que moram ali, mas nem conheço. Eles não procuram, não se dão com vizinhança. Nunca se integraram na comunidade. São pessoas daqui o cara tava na cadeia cumprindo pena e largaram ele e moraram lá pela Gaudêncio e fez mais umas bagunças por lá e acho que veio meio fugindo pra cá e fez ali aquele rancho ali e ficou ali e ali ele tá. e tem uma casa mais ali para baixo. Essa era dentro da outra propriedade dos eucaliptos e a enchente derrubou a casa do senhor que morava ali. Era emprestado para ele morar. De tanto que teve enchente, veio a última e levou a casa dele embora. Aí diz ele que pediu na prefeitura e deixaram ele fazer uma de madeira mais pra cá um pouco. Ele veio pra aí quando tava tapada a ponte. a gente ficou 15 dias com enchente aqui. Destapou uns dois, três dias e voltou de novo. Uma vez que choveu setecentos e tantos milímetros em 15 dias. Ele tava esperando isso. Ele tava tentando para conseguir fazer uma casa mais para cá. Aí ele fez aquela casa de madeira ali. Ele nem mora mais aqui. Ele foi embora.

São outras pessoas que moram ali agora. Eu nunca convivi com eles direito para saber nada. Eu não sei nem que é responsável por essa área. Não sei se é do piquete, que comentam que é dele e que ele deu para essa família morar. Diz que ele comprou. Porque ali é uma coisa fácil, se tiver que tirar. É só uma casa de madeira e desmancha.

A dona Alda fez um trabalho muito bonito. Ela era paisagista. Ela vinha aqui. Ela chegava nas casas e tudo. Eu pelo menos lembro dela e a Zeni também. Ela fez uma coisa muito bonita. Tinham cercado tudo. Até chamavam ela de juíza, mas ela era esposa do juiz. Porque cercaram tudo isso daí. A coisa mais bonita que fizeram. Uma cerca de tela, mas bem-feita, bem bonita. Esse portão enorme, bonitão que agora tá todo amassado. Foi na época dela que fizeram tudo isso. E aí ela fez aqui dentro. E olha, não botavam vaca, não botavam cavalo. Nós tínhamos criação de galinha, eu e a vizinha aqui. Ela pediu para a gente terminar com as galinhas porque ela tinha medo que as galinhas fossem fuçar nos jardins que ela fez. Naquela parte onde tem uma árvore caída, era um jardim, a coisa mais bonita. Ali embaixo onde fizeram um açude, era um laguinho que ela encheu de flor, coisa mais linda de ver. E lá mais para baixo, quase perto do rio, tinha uma corticeira muito antiga e fizeram ao redor uma mureta. Tinham dois rapazes que vinham passar o dia aqui para cuidar tudo, para não deixar estragarem. Porque já tinham feito churrasqueira uma vez ali, nessa parte atrás da creche e anoitecia e as churrasqueiras amanheciam demolidas. Quebravam tudo e levavam. Porque era tudo bonito com aquelas mesinhas. Arrancavam e levavam as tábuas. E não sei por que demoliram as churrasqueiras que eram de tijolo. Não levavam, mas quebravam

Fizeram um banheiro maravilhoso, uma vez que teve uma festa da Garota Verão. Era um cunhado meu que era construtor quem fez com o filho dele. Mas era um banheiro de luxo, coisa mais linda. Com azulejo todo, cada peça, cada espelho mais bonito... demoliram.

APÊNDICE I – ENTREVISTA VIII

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(H) Entrevista VIII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010501 arquivo .mp3 (41'52").

Data: 28 de maio de 2022

Nome: **H**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia:

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Parque do saladeiro, Ruínas do saladeiro. Popularmente é ruínas do saladeiro ou ruínas

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Eu pelo menos sempre soube que era municipal, pertencia ao município

5 - Para que serve o Parque? Atualmente nenhuma. Da população usufruir? Nesse sentido? Nenhuma. Porque quando a gente recebeu o ano passado era um matagal só, era uma coisa impressionante. Teve um rapaz que se encarregou e motivou que nós fizessemos isso. Houve uma cobrança muito para que se mobilizassem num mutirão para fazer isso. Aconteceu e se deu uma limpada lá. E o pessoal utilizou muito. Foi muito bacana, porque utilizaram muito e ajudaram a conservar um pouco no período da pandemia. Como não podiam ir para a praça, tinham limitações. O pessoal então, começou a utilizar aquela área muito seguidamente nos sábados à tarde, nos domingos para tomar chimarrão e estarem ao ar livre. É um espaço de lazer para a população. É o que a gente ainda pretende torná-lo um espaço de visita histórica, em função da história das ruínas e um espaço de lazer. Se pensou em um primeiro momento estabelecer praças de esporte, praças de lazer para as crianças... o que deu uma fredda com esses estudos, desse pessoal que está cuidando da questão histórica do saladeiro, de que não se poderia fazer muitas alterações na estrutura do Parque, enfim. Mas, se pretende dentro daquele contexto fazer o cercamento, de fazer um chamamento mais organizado para a questão histórica com a identificação, com o cercamento, com a identificação de cada ponto ali histórico. Também fazer os banheiros, fazer estacionamento, gerar iluminação. Isso a gente pretende fazer. Se concluiu recentemente, custou R\$ 700.000,00 aqueles 700 metros que faltavam de asfalto. Então, hoje a via é totalmente asfaltada. Se pretende fazer uma ciclovia ali para incentivar a chegada até lá, de bicicleta. Tem estudos que lá tem água termal. Tem um geólogo de Porto Alegre, da Secretaria de Obras do estado, daquele pessoal que está sediado lá no Parque Assis Brasil em Esteio. Aquele geólogo diz que tem águas, ele mostra no mapeamento que tem águas termais no saladeiro. A profundidade que ele acha que é profunda. Teria que ter sondas especiais. O estado tem e a gente pleiteou, mas cederam para Uruguaiana que tem mais peso político.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Lazer

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque?

Era uma sujeira. Era um local onde o pessoal usava para encontros amorosos noturno e ali largavam tudo quanto era sujeira. Era também local muito utilizado pelos moradores ali do lado para largarem cavalos, vacas. Era totalmente desvirtuado a utilização até que se fez um trabalho de limpeza

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Tem que estabelecermos o cercamento das ruínas em si. Isso depende de pouca coisa para a gente fazer, para afastar o pessoal, impedi-los de ir lá para retirar as pedras.

9.2 - Sobre segurança para os usuários. É preciso melhorar com cercamentos

9.3 - Estrutura para o visitante: Atualmente não tem

9.4 - Manutenção e limpeza: Estamos realizando

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc. Tinham placas e tiraram.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Um retrato de Quaraí ainda inexplorado que poderia ser bastante melhor trabalhado essa questão para tê-lo até como símbolo

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Eu conheço no limite para não dizer que é ignorante. Não conseguiria dar uma aula sobre o saladeiro. A gente conhece o que sempre se ouviu... o que se lê, o que tá ao alcance de informação. A gente teve dois saladeiros da época pujante que era. Fotos históricas, a gente já viu. Mas, conhecer profundamente a história a ponto de ensiná-los alguma coisa nova, isso não me atrevo a dizer, não.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Acho que é um dos retratos de Quaraí. Quando se fala em uma fotografia de Quaraí, se pensa no Jarau, tu pensa no saladeiro, tu pensa no Butiazal que nos diferencia um pouco nessa região por ter ali somente aquele tipo de butiá que só dá ali. Pra mim o saladeiro representa isso. Mas já se usa bastante. Quantos festivais, quantos monumentos, quantos troféus que dão de lembrança, vêm a imagem do saladeiro, daquele muro vazado no redondo. Quantos casamentos, quantas lembranças as pessoas fazem dali. Eu acho que representa, sim, bastante. Precisa ser melhor trabalhada essa questão de marketing, de desenvolvimento da imagem em si, do próprio saladeiro.

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Sim, a carência é grande. A demanda existe. O grande problema aqui é a gente se acostumou a dizer que o melhor de Quaraí era Artigas. O que tem em Quaraí? Tem Artigas. Se eu for para Quaraí contigo, o que tem para nós fazer? Ah, nós temos que ir para Artigas. O melhor de Quaraí, era Artigas. A gente se acostumou a fazer lazer lá. Tu ia para lá namorar, ia para passear, para tomar "chopp" de noite com as namoradas, tu ia passear na "*Lecueder*", enquanto aqui eram umas ruas feias, esburacadas, escuras, sem atrativos e a gurizada não se juntava aqui. Depois teve uma mudança de hábito, mas precisamos investir mais

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Claro que sim. Ele é um atrativo. Desde que a gente crie uma certa infraestrutura para que se possa fazer eventos que atraia. Porque tem muita gente que nem conhece lá. Nós nos deparamos agora na pandemia com pessoas com famílias inteiras que nunca saíram do Matadouro (bairro), que nunca vieram no Centro da cidade, que não conhecem a lotérica, o banco. As gurias foram agora fazer estudos lá e tem pessoas que não conheciam o centro da cidade. Lá se criaram, lá viveram e vivem naquele mundo ali. Pessoas de idade que nunca vieram no Centro da cidade. Eram da campanha, se socaram lá e nunca mais saíram. Lá tem posto de saúde. O Parque Dyonélio Machado seria uma fonte de atração turística dentro de rotas com outros pontos de Quaraí, da região da fronteira. Das pessoas passarem para conhecer um pouco de história e saber que ali teve um momento pujante econômico que representou um momento da história do Brasil maravilhosa

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Melhorar a infraestrutura do local para tornar mais atrativo. Poderia ser bastante melhor trabalhado para tê-lo até como símbolo.

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? A comunidade é muito ausente. Também nunca se viu discussão sobre isso. A participação, tu começou a ver gente agora, foi nesse período da pandemia agora. Muita gente, nos domingos enchia de pessoas. Talvez aí muito mais gente tenha conhecido. Tenham passado a dar algum valor. Porque antes não acredito que nem historicamente fosse incentivado. Quantas escolas, quantas professoras um dia juntaram a gurizada e foram lá, tiveram uma aula presencial? Professora de história.

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Tem realizado limpeza, asfaltou a rua em frente, colocou placas.

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Fazer um cercamento, fazer banheiros, colocar iluminação.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Melhorar a infraestrutura do local para tornar mais atrativo. Porque se tu pegar um ônibus e encher de crianças e levar lá, tu vai contar a história rapidamente, tu vai mostrar. Não vai ter um apelo para as crianças, principalmente. Não vai chamar a atenção. Eles vão olhar aquilo ali, vão registrar e não vão ter mais o que fazer. No meu ponto de vista, tem que criar algumas outras alternativas que chamem a atenção e que prendam as pessoas lá, que levem as pessoas para desfrutarem do local. E ali se mistura a história, a cultura com lazer. Se tu não misturar lazer e entretenimento com o cultural, fica muito difícil. Uma chegada até aquele lago que tem lá, é muito importante. Turismo sem águas é muito complicado. Tenho certeza que chegando lá, tu vê a história das ruínas, mas, se tiver um caminho que te leve até a beira do rio para tu te deparar com o rio, com a água, é muito mais atrativo e isso chama muito mais atenção.

Então, nós temos que ter o encaminhamento até aquela beira do rio bem organizado, bem seguro. Fazer de repente, um mirante ali, porque tem uma pedra prontíssima para isso, onde era a roldana que passava de um lado para o outro, ali tu pode fazer um mirante maravilhoso com pouca coisa. Com ferro e madeira tu consegue até avançar para dentro do rio. Essa plataforma já chamaria muita atenção. Então, são coisas que não são caras. O investimento não é tão grande. Mas infelizmente o que mais nos judia é o arquiteto, é o engenheiro, é a criatividade, é a mão de obra. A pessoa que monte essas coisas. Quaraí, nós temos esse grande desafio de ter pessoas que se interessem por isso. Paulo. Nós temos o Custódio que está nos dando um apoio maravilhoso. Mas essas coisas a gente depende muito. Porque se botarem o projeto ao nosso alcance e nós tivermos capacidade de ter algo em cima da mesa, tu consegue trabalhar melhor. Porque uma coisa pode ficar registrada, não tem problema nenhum de registrar no teu gravador: dinheiro não falta. Vontade política não falta. O que nos falta efetivamente é se montar essas coisas com base em projetos sólidos, consistentes e executáveis. Porque também, o Custódio nos apresenta um projeto muito bacana e como é que a gente executa isso? Tu não consegue contratar pedreiro. É uma luta para contratar um pedreiro. Mete um processo seletivo e é uma dificuldade para se apresentarem. Ou, tu pede na Câmara de vereadores e tem que tá trocando favores com vereadores, ou tu manda para a Câmara de Vereadores e é um embate político sempre. Olha, eu quero dois pedreiros para arrumar a escola. O apelo da escola... ah tá, é pra escola, eu não posso negar. Tem que ter dois pedreiros para a saúde... ah tá para a saúde eu não posso negar senão eu perco voto. Agora, tenta contratar pedreiros, auxiliar de pedreiro para ir para o saladeiro... ah tão de brincadeira, não vai acontecer nada, não vão fazer nada. Então, essa, infelizmente é uma visão que se tem e que nos dificulta para fazer essas coisas. Agora nós vamos avançar, podem ter certeza que nós vamos avançar. Era nosso projeto político. É nossa bandeira política.

Nós temos que fazer esse, isso é urgente. Eu tenho falado muito de nós fazermos esse cercamento. Se fizer um muro lá, um muro bacana com um portão, recuperar aquele portão que é histórico. Um portão que já foi bastante tempo, foi projetado com base num estudo histórico, segundo nos falou a esposa do juiz, aquela vez. Então, se a gente recuperar isso, tendo um porteiro, um cara que cuide dos banheiros, tendo um funcionário. Só que isso, tu precisa de um concurso público. Porque é outro que se tu manda uma lei para a Câmara também, para a provar emergencialmente, tu vai ficar te incomodando. Terceirizar isso, é um problema. Tu bota o cara pra ficar lá de noite e o cara meia noite vaza e quem é que vai de madrugada lá controlar?

APÊNDICE J – ENTREVISTA IX

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. **(I) Entrevista IX.** [28 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010503 arquivo .mp3 11'54”).

Data: 28 de maio de 2022

Nome: **I**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Colinas Santa Tereza. Do outro lado da cidade. É longe do Parque.

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim. Com certeza

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Com certeza também

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Ruínas do saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? O Parque hoje pertence a prefeitura? Como teve o tombamento, não sei como é que fica... se é da prefeitura, se é da comunidade ...

5 - Para que serve o Parque? Hoje, atualmente ele serve mais para lazer. Hoje as famílias estão indo ali com mais frequência. Eu acredito que hoje mais para lazer. Porque o ponto turístico usa para tirar foto porque restou ainda, tem as poucas ruínas.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Freqüento quase todos os domingos

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Levo o meu filho para jogar bola. Eu vou para tomar mate, andar de bicicleta

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Hoje a limpeza tá bem melhor. Porque não existia limpeza antes. Agora a prefeitura tá se empenhando, parece. Eu vejo que a população só, que não ajuda. Nas segundas, eu vejo ali, os meninos limpando porque domingo deixaram restos de tudo ali. Mas, tá limpo agora.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Ah...teve bastante depredação. Fazem coisa com pichação. não foi só o tempo que tá destruindo, a comunidade tem bastante ajuda na destruição ali

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Nenhuma. Não tem. Não existe segurança nenhuma ali. Ali é livre. É ao ar livre. A segurança, cada um faz a sua.

9.3 - Estrutura para o visitante:

9.4 - Manutenção e limpeza: Atualmente tá mais limpo.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Não tem nenhuma

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Desde que, vamos dizer que de quinze anos, a gente fez um trabalho na escola e dali para cá ele teve uma importância bem maior do que antigamente e bem maior do que para muitas pessoas. Porque a gente se empenhou no trabalho e a gente viu que de lá pra cá, ele seguiu, não morreu. Ele tá renascendo sempre e a gente vê que futuramente vai nascer algo muito legal aqui para Quaraí. Tipo ponto turístico... alguma coisa vai acontecer e não dá para desistir. Porque eu vejo que tem bastante pessoas importantes, pessoas estudadas que tão estudando pra algo bom sair ali. Hoje eu me sinto parte de ver que poderá ter algo e que tão trabalhando para isso. Lá no início eu e vários colegas fizemos parte. É tipo um filho para nós que nós estamos gerando, tá na barriga. Tamo indo para a maternidade. É legal, é satisfatório de saber que tem bastante gente empenhada e que se conta a história e que gosta disso. É bom porque é o nosso Quaraí, né? Quem tá em Quaraí, que mora em Quaraí é porque gosta, pois tem outras cidades bem mais avançadas. Mas, que tá em Quaraí é porque gosta mesmo

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim. Sobre as charqueadas ali. A gente fez esse trabalho sobre esses assuntos. Na época acho que Quaraí

tinha uns 11 mil habitantes e mandávamos o charque lá para Artigas. Se parar, dá pra contar mais ou menos direitinho. Passei para o meu filho o que era ali porque como a gente tá sempre indo ali é bom, né? Saber que ali trabalharam pessoas que tinham um salário que pagou para muitas famílias sobreviverem naquela época. Então é legal passar para os filhos da gente, também.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Acho que de superação. Tá se superando de dia a dia. É o amor entre todas as pessoas que tão trabalhando pra isso. A gente vê que tão empenhadas... o amor e a superação por alguma coisa de antigamente para trazer essa história para os jovens de hoje que não conhecem.

13 - Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Com certeza

14 - Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Acho que precisaria mais. Eu acho que tem que ir de degrau a degrau para ver se consegue atender essa demanda

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Com certeza. A história é linda para quem conhece. Com certeza viria gente de outras cidades para conhecer. Uma pessoa estudada ir lá para falar sobre o saladeiro

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Eu, falando por mim, eu me empenho. Jamais vou deixar nada (lixo). Mas eu falo por mim. A comunidade em geral ela poderia ajudar em mais. Tipo levar um saquinho e colocar seu lixo e levar embora. Porque lá é assim se tu for na última hora da tarde de domingo, é uma judiaria de ver a quantidade de sujeira. Isso também ajuda a acabar com as ruínas. Porque é como eu digo que não é só o tempo que tá terminando com as ruínas, a comunidade tá ajudando a ela se terminar também

17 - O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Eu vejo que tem pessoas que estão fazendo mais limpeza

18 - Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? De uns anos para cá melhorou a limpeza. Fazer uma campanha de conscientização para a comunidade talvez. Falando, explicando coisas da casa... que lixinho vai no lixinho. Acho que é só conscientização

19 - Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Sobre a limpeza, essas coisas eu acho que já estão fazendo eu digo de fazer algum evento, alguma coisa que não fosse destruir, que não fosse afetar as ruínas, com certeza a prefeitura poderia se empenhar um pouquinho mais. Até, digo contos de folclore, alguma coisa nativista. Antigamente existia muito aqui e agora não tá mais.

APÊNDICE K – ENTREVISTA X

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. (J) **Entrevista X**. [28 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010505 arquivo .mp3 10'35”).

Data: 28 de maio de 2022

Nome: **J**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Centro

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Não. Imagino que a prefeitura tenha alguma participação. Mas, como não tem presença da prefeitura e tem invasão então, é lugar incerto e não sabido.

5 - Para que serve o Parque? Algo de lazer, algo de contrabando, algo de namoro. Eventualmente pessoas de fora aproveitam como ponto turístico. Por incompetência do poder público fazer o contrário.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Lazer, passeio, resgate da memória. Já fui lá com turmas de escola de outro município para visitação explicar e contar a história do saladeiro.

8 - Como você avalia as condi es atuais do Parque?

Limpeza agora está melhor do que já esteve. Acessibilidade também, Segurança horrível

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situa o dos remanescentes do saladeiro São Carlos? Acho que   um patrimônio que está em risco permanente. Não sei como ainda t  de p .   porque   muito bem feito para estar de p , principalmente o paredão.

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Péssima.

9.3 - Estrutura para o visitante:

Inexistente

9.4 - Manuten o e limpeza:

Péssima

9.5 - Apoio aos visitantes, como informa o, etc.

Inexistente

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? Uma oportunidade enorme pra o município, para a região, para a fronteira de ser explorado. Mas, totalmente abandonado e não reconhecido pelas mentes pensantes.

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informa o sobre ele? Sim.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Uma mensagem de coopera o fronteiriça, de empreendimentos na fronteira em uma época onde não se pensava nesse tipo de coisa. Na verdade, foi uma antecipa o do que muito tempo depois as pessoas entenderam como sendo o Mercosul. Provavelmente eles tinham naquele momento, naquela situa o histórica, uma visão de coopera o e de Mercosul muito mais moderno do que se tem hoje que   uma situa o muito mais de competi o do que de coopera o.

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer?

Sim. Mas, eu acho que os espaços de lazer, principalmente esse tipo de lazer que conversa com a cultura, nós temos um déficit extraordinário. Acho que cultura   uma coisa que t  ... substituíram lazer por festinha e cultura foi abandonada. A cultura e a memória.

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Já foi provado que no momento que limpavam e que proibiram a ida a outros espaços públicos, que ele pode ser, sim um espaço extraordinário de lazer. O problema é que agora viabilizando o acesso vai aumentar o trânsito de pessoas e o risco à depredação, à destruição de um patrimônio cultural do município é maior. Então, são coisas que deveriam ser levadas juntas, mas não são.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Através do turismo, através do resgate de memória. Através de projetos de cooperação binacional, de identidade, de selos de identidade. Daqui a pouco o charque do São Carlos. Achei fantástico já, como comentário, o Rodolfo, lá no “*Canelus*” tem uma bandeja que ele faz os lanches com o painel do saladeiro

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Não. Ignorância, falta de cultura, falta de empoderamento, falta de educação. Não veem aquilo como um potencial de geração de emprego e de renda. A cultura do "coitadismo" afeta barbaramente esse tipo de coisa. Porque todo mundo quer ser apoiado, tratado.

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Acho que tiveram alguns méritos. Acho que limpavam, acho que asfaltaram. Acho que cumpriram com alguns compromissos. Mas, não entenderam nada. Receberam ordens e estão fazendo. Mas, não entenderam o que estão fazendo. Era melhor que não fizessem nada e que entendessem do que fazer coisas que não entendem. Ou seja, estão tratando o Parque que nem um bueiro.

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Políticas públicas aprovadas pela câmara de vereadores, pelo executivo municipal e que façam cumprir as obrigações da prefeitura em relação a um monumento, um Parque que é aprovado por lei. Tem que ser feito um plano diretor, um plano de desenvolvimento, um plano de investimento e esse plano tem que ser um instrumento de gestão pública e ser internalizado pela prefeitura e pela câmara de vereadores. Coisa que a câmara de vereadores também não tem condições.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Todo mundo quer que a prefeitura dê, mas não entende que daqui a pouco, para a prefeitura dar tem que construir os meios para dar e ele pode participar no processo de construção. Mas isso é cultura, educação.

APÊNDICE L – ENTREVISTA XI

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de (K). **Entrevista XI**. [28 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010506 arquivo .mp3(05'40”)

Data: 28 de maio de 2022

Nome: **K**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Vila Popular

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Dyonélio Machado e Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Não. Achava que era da prefeitura, mas não sei.

5 - Para que serve o Parque? Atualmente para lazer. Para as pessoas irem visitar. Mas não tem muita acessibilidade

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim, desde pequena

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Lazer e pesquisa

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Precárias. A limpeza até melhorou. Mas, acessibilidade dentro das ruínas não. Não tem identificação e se uma pessoa tem alguma deficiência, ela não consegue andar por lá. Pode até se machucar.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Acho que depredação é feita pela própria população que não cuidam. Mas talvez eles não cuidem porque não têm uma educação patrimonial para saberem que tem que cuidar.

9.2 - Sobre segurança para os usuários:

Não tem segurança

9.3 - Estrutura para o visitante: Não tem banheiros

9.4 - Manutenção e limpeza:

Agora só tem limpeza.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Nenhuma. Era bom que tivesse. Na verdade, tem as placas que sobraram do Programa Marco. Mas, sobraram poucas e já tão depredadas pela própria população

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É importante para a história e cultura do município

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim, bastante

12 - Que mensagem essa história traz pra você? O saladeiro foi um marco econômico muito grande. Ele passa uma história do potencial que Quaraí tem e se perdeu no meio do caminho

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Sim. Mais espaço de lazer com segurança. Porque tem a praça, por exemplo, que as pessoas vão lá e os carros ficam cruzando e não tem segurança.

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Porque se for cercado, ali vai ter mais segurança. As pessoas vão ter lugar exato para ir. Não vão ficar soltas em pontos da cidade.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim, muito. Tanto no desenvolvimento da cultura como no turismo e conseqüentemente no desenvolvimento econômico. Porque no momento que tu traz turismo, gera mais receita pra a cidade

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Uma parte. Outra parte desconhece e outra nem liga

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? A limpeza e a complementação do asfalto da via.

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Seria colocar as placas de identificação, cercamento do Parque, delimitação das áreas que podem entrar carro e as que não podem; onde as pessoas podem andar, delimitação para as pessoas não escalarem. Tem fotos com as pessoas lá em cima naquele círculo que pode tanto derrubar a ruína como dar uma tragédia maior. Porque eles escalam e sobem para tirar fotos sentado lá em cima. Aí, não tem segurança. Teria que ter um policiamento interno do Parque.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Ações educativas. Até uma própria gincana que levasse conhecimento do Parque; que levasse as pessoas a saberem que tem que limpar tudo.

APÊNDICE M – ENTREVISTA XII

Entrevista concedida por TAL, Fulano/a de. (L) **Entrevista XII**. [28 de maio. 2022]. Entrevistador: Ana Lúcia Oliveira da Silva. Quaraí, 2022. 10010507 arquivo .mp3 10'18”).

Data: 28 de maio de 2022

Nome: L

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Vila Popular

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E os remanescentes históricos do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? No caso seria Dyonélio Machado. O nome mais usual é Ruínas do Saladeiro

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Em tese é a prefeitura. Enquanto não fizerem a parte legal, não sei

5 - Para que serve o Parque? Um ponto de cultura, turístico, de lazer, pode ser de esporte que pode ser de lazer. Onde se faça quadra de esporte ali.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Para estudo, para pesquisa, para dar palestras com alunos. Encontros com estudantes com turistas e também para lazer também.

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? A limpeza melhorou bastante. No entanto eu acho que a acessibilidade ainda tá muito fraca. Porque tá tudo junto, tá tudo misturado. Não sabe o que é parte da ruína e o que é parte para um carro entrar, para as pessoas. Tá complicado.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação dos remanescentes do saladeiro São Carlos?

Depredação bastante com vandalismo e degradação ano a ano

9.2 - Sobre segurança para os usuários

Zero. Porque não tem segurança para os usuários ali. Não tem nada que indique e é muito perigoso um bueiro, um buraco, um degrau. Não tem nada de aviso ou barreiras para evitar quedas, por exemplo.

9.3 - Estrutura para o visitante:

Não tem. Não existe. Só o mato

9.4 - Manutenção e limpeza:

Tá razoável.

9.5 - Apoio aos visitantes, como informação, etc.

Não tem. a gente tem o boca a boca. Não existe pela prefeitura. As pessoas conhecem um ou outro, aquele grupo que trabalha e quem vem, acaba perguntando pra esse grupo, principalmente pra gente que já tem uma caminhada de 17 anos.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É um lugar de cultura e de lazer, de esporte, de vivência da nossa história

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim, muita.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Que nós temos condições de ser um município grande. Porque no período do saladeiro nós éramos a quarta economia do estado do Rio Grande do Sul. Após, o município foi se degradando. Eu acredito que naquela época, segundo os depoimentos, parece que a comunidade acreditava e gostava daqui. E o que se nota hoje na cidade? Uma desmotivação quanto ao que é nosso. Então ali significa uma época de muito desenvolvimento e que nós podemos com eles conseguir evoluir.

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Necessita de lazer, de cultura... porque o lazer que se faz aqui em Quaraí é um show. Faz um show na praça e vai todo o povo lá dançar e gosta. Se vai algo cultural, é meia dúzia que vai ali. Então, precisamos educar o

povo a gostar do que é da cultura verdadeira. Nós só temos nesse sentido de shows. Mas, para o lado da cultura, não tem nada. E quando tem, o povo não é educado para tal.

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Ali se pode ter lazer e cultura junto, os dois. Unir a cultura, o esporte desde que seja um esporte que não tenha depredação. Pode fazer quadras ao longo, pode fazer churrasqueiras, pode fazer mateadas. Isso tudo desde que seja tudo demarcado. Aquele que vende artesanato, pode vender o artesanato, que vende o algodão doce, que vende a pipoca podem ir para lá também, gera renda, né? Principalmente para o pessoal ali do bairro. Então, essa revitalização acho que traria renda para o município, para população e para a juventude.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim. Onde ele deve ser explorado mesmo... trazer pessoas. Quaraí é um corredor de turistas. Os turistas passam por Quaraí e não chega. Se a gente tem, por exemplo, uma área de lazer e eu já ouvi de pessoas que disseram que não tem lugar para acampar em Quaraí. Aí vão para Artigas (Uruguai), nos Parques que tem lá. Vão ali para Artigas, debaixo da ponte, comer seu churrasquinho. Onde tivesse uma coisa bem organizada, as pessoas poderiam ir para lá.

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Não. Falta de empoderamento, de cultura. Eles querem, eles acham, mas não é minha responsabilidade. Muito fácil a gente, é fácil botar defeito no que os outros estão fazendo. Só grupos pingados se importam. Porque no geral diz que não da conta deles. Ah tem valor histórico e tal, mas não fazem campanha que tem que fazer e outros vão e sujam, depredam. Alguns veem que estão depredando, mas não têm responsabilidade e vão deixando assim. Dizem: Ah ..., mas vocês têm que fazer alguma coisa. Parece que eu fiquei "mãe" do saladeiro.

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? Fez a limpeza. Meia boca, mas limpou. Quanto a limpeza, a gente enquanto Associação Amigos do Saladeiro e eu enquanto cidadã e representando a Associação, junto com a Associação cobramos limpeza do poder público e a comunidade descobriu. Só que junto os baderneiros descobriram para fazer um monte de coisa lá à noite. Porque ele tá aberto e as pessoas entram lá dentro. É som alto e outras coisas como os carros e moto em meio as estruturas físicas e históricas. E estamos na briga para conseguir algo mais, que parece que vai sair. Promessa tem. Hoje tá dizendo que tem dez milhões. Imagina com dez milhões quanta coisa dá para fazer

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Melhorias na parte física... primeiro, precisa resolver toda a parte legal, desde os posseiros, ver se consegue tirar. Se algum político se animar, porque eles diz, falam e falam, mas, né? ... e depois as melhorias seriam o cercamento, delimitar o estacionamento, ter o banheiro ali na frente para as pessoas irem, churrasqueiras, de repente um restaurante ali no meio. Claro que isso aí com o conselho aprovando, estabelecendo cláusulas que aquela empresa que tá ali, tem obrigação de manter e cuidar daquele patrimônio. Não é só vou usufruir e ganhar o bem bom, é manter. Fazer quadras de esporte, de vôlei, circuito de bicicleta ali que não atinja as ruínas. Seria isso aí.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque?

Formar o conselho porque seria uma oportunidade. Essa é a primeira e aí ela coloca a comunidade dentro e diz que tá aceitando a comunidade. E conversar para fazer o planejamento. Ideias tem aos montes... falta sentar e fazer.

APÊNDICE N – ENTREVISTA XIII

Respostas enviadas por meio de aplicativo de telefone celular, por TAL, Fulano/a de. (M) **Entrevista XIII**. [28 de maio. 2022]. Quaraí, 2022. 1arquivo.doc.

Data: 28 de maio de 2022

Nome: **M**

Naturalidade: Quaraí

Local de moradia: Centro

1 - Você conhece o Parque Dyonélio Machado? Sim

2 - E as ruínas do saladeiro? Sim

3 – Com qual denominação/nome você conhece esse espaço? Parque Dyonélio Machado

4 - Você sabe a quem pertence o Parque? Concessão de Uso a Prefeitura Municipal de Quaraí, por concessão de Lauro Macedo.

5 - Para que serve o Parque? Deveria ser de uso para o Lazer e atrativo turístico estadual. É um remanescente do último período das Charqueadas, do sistema platino de produção.

6 - Já frequentou ou frequenta a área do Parque? Sim

7 - Qual seu objetivo ao utilizar a área do Parque? Passeios, Lazer e Encontros culturais em defesa do Patrimônio Histórico e Cultural de Quaraí e Artigas.

8 - Como você avalia as condições atuais do Parque? Problemática e preocupante, sem os cuidados adequados seja de infraestrutura como atrativo turístico.

9 - Qual sua opinião sobre:

9.1 - A situação das ruínas do saladeiro São Carlos

Infelizmente está exposta a situações de depredação, vandalismo, degradação

9.2 - Sobre segurança para os usuários: não existe proteção aos visitantes, especialmente crianças.

9.3 - Estrutura para o visitante: Não existe banheiros

9.4 - Manutenção e limpeza: Já esteve melhor graças a dedicação de um servidor municipal, que prestava serviços de limpeza. E trabalhos voluntários aos finais de semana.

9.5 - Apoio aos visitantes, informação – Já possuiu com melhores condições, foram depredados ou sofreram ação da intempérie.

10 - Qual o significado do Parque Dyonélio Machado para você? É uma referência de lutas. O fotógrafo quaraense João Alberto Martins da Silva realizou fotos na década de 70. Seu acervo está na Faculdade Ritter dos Reis onde foi professor. Nós iniciamos um processo de valorização em 1987 a partir de caminhada cívica ao local. No mesmo ano o ex-prefeito Carlos Alberto Pinto Vieira usa a imagem da fachada remanescente em publicidade na TV- RBS. A partir deste momento começa a valorização daquele espaço. Na sequência o prefeito Juarez Custódio Gomes, através da advogada Maria Cristina Conceição Brandolt abre negociação de doação da área. A informação que se tem que a negociação foi facilitada, pois já existia uma ação de usucapião que afetaria a área. Ainda na mesma gestão a Sra. Alda Shultz coordena a limpeza do sítio do Saladeiro São Carlos, tendo ela recebido apoio importante do Sr. Assis Mendes. Foi o momento em que o Parque esteve mais valorizado. Nas gestões seguintes ocorreram intervenções indesejadas para um sítio de valor histórico-cultural. Na gestão de Saul da Rosa foi instalada no local mangueiras e pistas de gineteada e de paleteada. Na gestão de Carlos Gadret foi instalada uma pista de vela terra, sendo que a pista passava sobre o túnel de esgotamento sanitário da antiga Charqueada. Na legislatura municipal 1992-1996 o vereador Mafini denomina o Parque de Dyonélio Machado, homenageando o grande escritor quaraense, que se destacou com a edição Os Ratos. Uma das justificativas é de que Dyonélio Machado teria atuado no escritório do antigo Saladeiro. Na ocasião estava na função de vereador e apoiou o projeto do vereador Mafini.

Registro que estive fora de Quaraí de 1999 a março de 2003, ocasião em que contribui na gestão de Olívio- Rossetto na Secretaria do Interior, na Casa Civil, período que aproveitei para fazer especialização da UERGS.

Ao retornar a Quaraí organizei a exposição comemorativa aos 100 anos de Lilá Ripoll, tendo ilustrado gravuras da poetiza quaraíense.

Em 2005, um grupo de alunos, motivados pela professora Terezinha Saldanha desenvolve pesquisa referente as ruínas. Na época sugeri a prof. Terezinha que fizesse o tombamento do Parque através de uma lei de iniciativa popular, contribui voluntariamente no processo através da redação da lei e dos formulários para a coleta de assinatura. Neste processo a professora Diva Simões também foi importante motivadora. Aproveitando o momento constituímos um grupo cultural com o propósito de pensarmos aquele espaço. O grupo era bastante significativo realizamos inúmeras reuniões, discutimos um Estatuto e redigimos, como toda ONG o obstáculo da continuidade foi a questão financeira. Contudo o nosso ápice de mobilização foi a partir da cedência de fotos para digitalização pela sra. Lúcia Giudice. Ação que foi realizada pela arquiteta Franchesca Diaz na faculdade de arquitetura Ritter dos Reis. Montei o designer dos painéis e busquei patrocínio para financiar as molduras e por consequência a exposição que denominamos de “Charqueadas de Quaraí”, era composta por entorno de 20 painéis. Sendo que as fotos da Sra. Lúcia se reportavam ao Saladeiro Novo Quaraí, o primeiro a ser criado em Quaraí, 1894. Cujas ruínas encontram-se nas terras da Cabanha Branca.

Após a exposição das Charqueadas fizemos outro movimento que surge por ocasião da elaboração do Plano Diretor Participativo em 2006, focado para a valorização do Turismo no município. Como resultado deste movimento realizo a exposição “Valores de Quaraí”, exposição que resgata e valoriza aspectos da cultura local e pontos de interesse turísticos. Pela conscientização criada a exposição atingiu seu objetivo. Era composta por mais de 30 painéis. Registro que 2009 a 2016 atuei em Bagé como Secretário de Habitação, tendo sido interino na Secretaria de Coordenação e Planejamento (9 meses), do Desenvolvimento Econômico e Turismo (1 mês) e Meio Ambiente (1 mês), onde exerci a função de vereador de out 2015 a 2016.

Neste período em que estive em Bagé um grupo liderado pela professora Terezinha Saldanha e Ivo Wagner viabilizaram programação visual para o Parque, tornando a auto visitação possível. Foi a primeira intervenção para valorizar o Parque como equipamento turístico.

Depois disso existem vários esforços para equipar o Parque e valorizar aquele espaço, mas mais por iniciativa de interessados do que por parte do executivo.

Destaco que no último período o Parque sofreu ocupações com risco de redução de sua área de 24 hectares.

11 – Você conhece a história do saladeiro ou já ouviu alguma informação sobre ele? Sim, tenho relativo conhecimento.

12 - Que mensagem essa história traz pra você? Que existindo acordos binacionais a fronteira norte do Uruguai e a Oeste do RS possui possibilidade de desenvolvimento industrial. Pois estamos equidistantes de pelo menos três regiões metropolitanas: Porto Alegre, Montevideú e Buenos Aires.

Quaraí já teve a oitava maior indústria nacional, o que tornou o município em pelo menos um ano na quarta praça arrecadatória estadual. Um exemplo mais recente através da FASA tivemos a terceira maior indústria de cintos do Brasil.

Hoje está história pode ser resgatada e os remanescentes poderão ser um ótimo atrativo turístico. E um ótimo Parque para o lazer de ambas as comunidades (Quaraí e Artigas).

13 – Na sua opinião a cidade necessita de mais espaços de lazer? Sim, mas deve ser dotado de infraestrutura.

14 – Como a revitalização do Parque Dyonélio Machado pode atender a demanda por mais espaços de lazer? Oportunizando espaços de convívio e de lazer aos visitantes, porque a

exemplo do Passeio 7 de Setembro. Podemos ter aqui um Parque Linear (Passeio 25 de agosto, já denominado no Plano Diretor) e um Parque de Lazer, Cultural e Turismo com o adequado investimento em infraestrutura, sinalização turística e porque não com equipamentos culturais.

15- Você acha que o Parque Dyonélio Machado poderia contribuir com o desenvolvimento local? Sim, tornando-se um dos atrativos turístico, cultural e de lazer para as cidades irmãs.

16- Na sua opinião a comunidade se empenha pra manter o Parque? Pode-se dizer que a Pandemia tornou o Parque em um Oásis do convívio social para a juventude. Se valorizado pelo município será muito utilizado pelas comunidades.

17 – O que a administração municipal realizou para que a comunidade pudesse usufruir do Parque? No passado já teve ações: Sanitários e limpeza.

18 – Que sugestões de melhorias poderiam ser dadas? Quando se procura o Desenvolvimento do Turismo o principal propósito é tornar o local um destino turístico. Pela posição geográfica e facilidade de trâmite aduaneiro Quaraí já é um destino preferido por mais de 45 mil pessoas que transitam pela fronteira em períodos normais (não pandêmico). O Uruguai hoje é uma Potência turística na América do Sul, recebe mais turistas que a sua população. Quaraí possui uma população estimada, em 2021, de 22.531 habitantes. E já recebe o dobro de sua população. Temos que desenvolver Políticas Públicas para o Desenvolvimento do Turismo Local, nosso desafio não é tornar Quaraí como destino e sim cativa os turistas que cruzam nossas fronteiras para permanecer aqui por 1 ou 2 dias, já teria um impacto econômico impressionante. Sem falar que também podemos explorar o Turismo Comercial como hoje faz Livramento, assim como temos história, cultura e potenciais paisagísticos que outros não possuem.

19 – Que ações efetivas poderiam ser realizadas pela prefeitura em conjunto com a comunidade para revitalizar o Parque? Eu acredito que as ações para serem valorizadas e respeitadas devem envolver cultura, lazer e turismo. Com envolvimento da comunidade no debate e formulação.

APÊNDICE O – ENTREVISTA XIV

Respostas enviadas por meio de aplicativo de telefone celular, por TAL, Fulano/a de. (N) **Entrevista XIV**. [28 de maio. 2022]. Quaraí, 2022. 2 arquivo.doc.

Data: 28 de maio de 2022

Conheço como ruínas do saladeiro. Particpei ativamente da aquisição da área pelo município e do restauro e revitalização do local durante a segunda gestão de Juarez custodio Gomes 1989 1992. A professora Alda Calvete dez um trabalho extraordinário lá.

Em 31 de dezembro de 1992 finda a gestão Juarez custodio Gomes. Inicia a gestão Saul Castro e medidas absurdas foram tomadas. Utilizam a área para rodeios e até para pista de corrida de motos. Prejuízo para o habitat das aves. A partir daí nada é feito tanto pelo município como pela comunidade. Banheiros, cercas de primeira qualidade colocadas e tudo é depredado e dilapidado sem nenhuma medida tomada por ninguém. Todo o esforço foi em vão. Somente e tão somente o casarão onde funciona a escola de educação infantil vem sendo conservado.

Os prefeitos que vieram a partir de 1993 foram completamente desleixados, foram omissos. A família Macedo, de João Vieira de Macedo desfez-se de uma área nobre, doando-a para o município durante a gestão municipal 1989/1992 e somente esta gestão honrou tal responsabilidade. Sequer o nome João Vieira de Macedo foi respeitado e levado consideração. Mesmo reconhecendo a importância de Dyonélio Machado penso que o nome do Parque do saladeiro por uma questão de justiça deveria ser João Vieira de Macedo.

Dyonélio machado já é homenageado no centro cultural da praça general Osório. Então, a verdade é que todos os esforços da família João Vieira de Macedo; da gestão Juarez Custódio Gomes e da professora Alda Calvete foram jogados no lixo. Se a professora Alda um dia retornou ou caso retorne no saladeiro vai ter uma decepção, uma dor pelo que fizeram ou não fizeram- pela sua "menina dos olhos".

[13:58, 28/05/2022]

APÊNDICE P – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE – UFRGS



TERMO DE CONSENTIMENTO INFORMADO, LIVRE E ESCLARECIDO

Trabalho de Conclusão de Curso
INSTITUIÇÃO RESPONSÁVEL – UFRGS

NOME: _____

RG/CPF: _____

Este **Consentimento Informado** explica o Trabalho de Conclusão de Curso para o qual você está sendo convidado a participar. Por favor, leia atentamente o texto abaixo e esclareça todas as suas dúvidas antes de assinar.

Aceito participar do **Trabalho de Conclusão de Curso** “Parque Dyonélio Machado: história, situação atual, importância para a comunidade de Quaraí, RS e perspectivas futuras” – **do Curso Bacharelado em Desenvolvimento Rural – PLAGEDER**, que tem como objetivo “Contextualizar a situação atual e discutir acerca da preservação e valorização do patrimônio cultural representado pelo Parque Dyonélio Machado e os remanescentes do saladeiro São Carlos”.

A minha participação consiste na recepção da aluna “Ana Lúcia Oliveira da Silva” para a realização de entrevista.

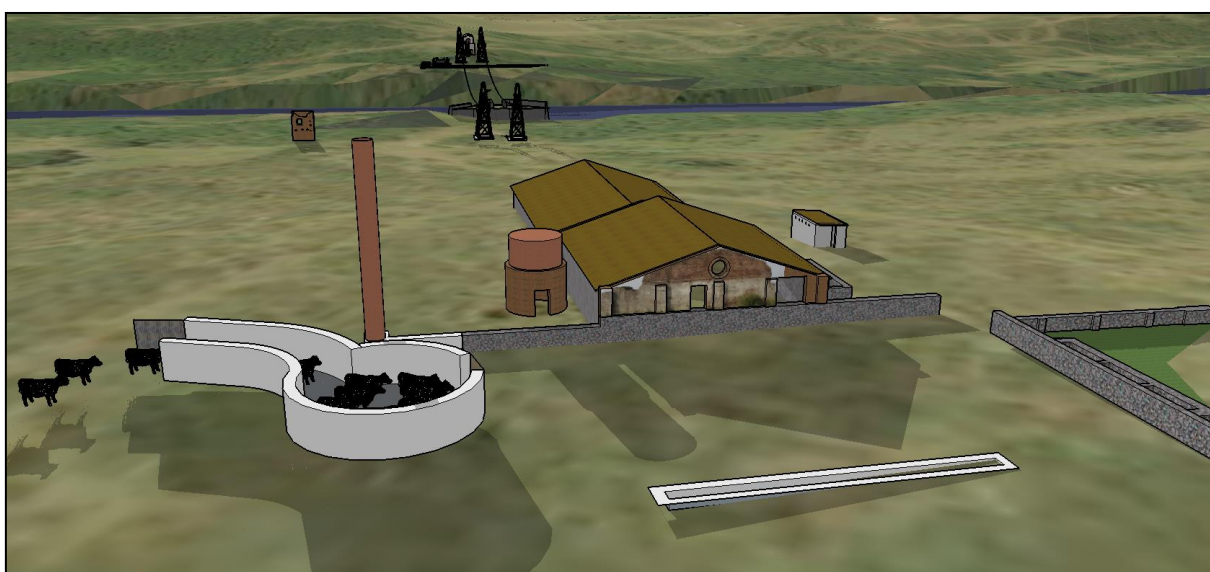
Fui orientado de que as informações obtidas neste Trabalho de Conclusão serão arquivadas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS e que este projeto/pesquisa resultará em um **Trabalho de Conclusão de Curso** escrito pela aluna. Para isso, () **AUTORIZO** / () **NÃO AUTORIZO** a minha identificação para a publicação no TCC.

Declaro ter lido as informações acima e estou ciente dos procedimentos para a realização do Trabalho de Conclusão de Curso, estando de acordo.

Assinatura _____

Quaraí, ____/05/2022

ANEXO B – Maquete eletrônica do saladeiro São Carlos



Fonte: D'Orleães Fernando B. de Freitas. Maquete eletrônica do Saladeiro São Carlos para a Associação Amigos do Saladeiro. [Maquete eletrônica tridimensional com base em estudos realizados *in-loco* e pesquisa documental] (2022). Quaraí/RS.

ANEXO C – Decreto N° 8.547 de 1° de fevereiro de 1911

164

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

DECRETO N. 8.547 — DE 1 DE FEVEREIRO DE 1911

Dá regulamento para o serviço relativo á exportação de artigos de produção nacional para portos brasileiros, em transitio por territorio estrangeiro

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brazil: usando da attribuição que lhe confere o art. 48, n. 1, da Constituição da Republica, decreta:

Art. 1.º No serviço relativo á exportação de artigos de produção nacional para portos brasileiros em transitio por territorio estrangeiro serão observadas as disposições do regulamento que a este acompanha, assignado pelo ministro de Estado da Fazenda.

Art. 2.º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1911, 90º da Independencia e 23º da Republica.

HERMES R. DA FONSECA.

Francisco Antonio de Salles.

Regulamento para o serviço relativo á exportação de artigos de produção nacional para portos brasileiros, em transitio por territorio estrangeiro

Art. 1.º A exportação de artigos de produção nacional para portos da Republica, em transitio por territorio de qualquer das nações limitrophes, será feita mediante certificado de exportação, expedido pela repartição fiscal no Estado de origem da mercadoria, e certificado consular, expedido pelo Consulado Brasileiro no paiz estrangeiro por cujo territorio transitar a mercadoria, e será regulada pelas seguintes disposições:

§ 1.º O exportador pedirá por escripto ao inspector da Alfandega ou ao administrador da Mesa das Rendas que designe conferente para proceder á conferencia e á expedição dos artigos que pretender exportar, consignando na petição a quantidade, especie, marca e numero dos volumes; qualidade, quantidade e peso da mercadoria; nome e séde do saladero, fabrica ou propriedade agricola e pastoril que a produziu; nome do proprietario, logar do deposito, territorio estrangeiro por onde tenha de transitar, porto de mar onde tenha de embarcar com destino a porto brasileiro; nome, especie e nacionalidade da embarcação que a tiver de transportar; porto de destino no Brazil.

§ 2.º Designado o conferente, procederá este á conferencia e assistirá á expedição da mercadoria em estrada de ferro ou outra qualquer via de transporte, tendo em vista as especificações constantes do § 1.º, e, concluidas a conferencia e a expedição, lançará por escripto na petição de que trata o parographo citado o resultado da verificação a que tiver procedido,

passando-a em seguida ao chefe da repartição para mandar expedir o certificado de exportação.

§ 3.º O certificado de exportação será expedido de accôrdo com o modelo que acompanha o presente regulamento e constará de quatro vias.

A primeira será entregue ao exportador, de quem se cobrará recibo na quarta via ; a segunda a repartição expedidora remetterá directamente pelo Correio, em sobrescripto lacrado, appondo a este o carimbo de que fizer uso, ao Consulado Brasileiro no paiz por cujo territorio tiver de transitar a mercadoria ; a terceira será tambem remettida pelo Correio á repartição do porto de destino da mercadoria ; a quarta ficará archivada na repartição de origem, collada na petição que serviu de base á conferencia e expedição da mercadoria, com indicação dos numeros e datas dos officios referentes ao destino da 2ª e 3ª vias.

§ 4.º Só pagará sello a 1ª via do certificado, consignando-se, entretanto, na 4ª via a importancia do sello pago.

§ 5.º O certificado de exportação será assignado pelo chefe da repartição que o expedir e pelo empregado que o passar.

§ 6.º Logo que a Alfandega ou Mesa de Rendas expedir o certificado de exportação, telegraphará á Alfandega do porto do destino no Brazil, obedecendo o telegramma o modelo seguinte :

«Nesta data expedi certificado de exportação
(*quantidade*) fardos xarque nacional, marca.....
.....pesando..... exportados sa-
ladero (*nome*) por (*nome do exportador*), destino (*logar
do destino*) transito territorio (*nome do territorio*). Se-
gue Correio 2ª via certificado. O inspector F...»

§ 7.º O exportador apresentará a 1ª via do certificado de exportação no Consulado Brasileiro no paiz limitrophe por cujo territorio a mercadoria transitou, afim de ser visado e ser expedido o certificado, declarando a origem da mercadoria ; mas este documento só poderá ser expedido depois que o Consulado receber a 2ª via do certificado de exportação.

§ 8.º A 1ª via do certificado de exportação, depois de visada no Consulado Brasileiro, será restituída ao exportador.

§ 9.º O certificado consular, declarando a origem da mercadoria, em hypothese alguma poderá ser entregue ao exportador. Compete ao Consulado expedil-o directamente á repartição fiscal do porto de destino por intermedio do Correio, em sobrescripto lacrado, com o carimbo consular.

§ 10. Si, por qualquer motivo, o exportador fôr obrigado, á ultima hora, a transferir de um para outro vapor a mercadoria a exportar, e isto quando já lhe não seja possivel rectificar nessa parte a petição dirigida á repartição fiscal do logar de origem, será esta circumstancia communicada ao Consulado Brasileiro, antes da expedição do certificado consular, afim de que o mesmo Consulado possa verificar *de visu* a exactidão do allegado e consignar no certificado a expedir esta alteração de ultima hora, justificando-a com as razões allegadas, si as julgar procedentes.

§ 11. Os Consulados Brasileiros, bem como as Alfandegas dos portos do destino da mercadoria, são obrigados a cotejar as assignaturas constantes das 1.^a, 2.^a e 3.^a vias do certificado de exportação com os autographos existentes nos respectivos archivos.

§ 12. Serão recusados os certificados de exportação contendo emendas, borrões, rasuras e entrelinhas, que não forem devidamente resalvados, ou que estiverem em desaccôrdo com o modelo que acompanha o presente regulamento, devendo desde logo a mercadoria ser reputada como de procedencia estrangeira para o pagamento dos direitos devidos.

Art. 2.^o As Alfandegas e Mesas de Rendas dos Estados de Matto Grosso, Paraná e Rio Grande do Sul, logo que tiverem conhecimento das presentes disposições, remetterão ás demais Alfandegas e Mesas de rendas da Republica, bem assim aos Consulados Brasileiros nas nações limitrophes, os autographos de todos os seus empregados de entrancia, nas primeiras, e o do respectivo administrador e escrivão, nas segundas, afim de ficarem archivados em uma e em outros, attendidas as alterações que se forem dando nos respectivos quadros.

O autographo será precedido do titulo ou cargo que o empregado estiver exercendo.

Art. 3.^o Serão reputadas falsas nos consulados e repartições fiscaes brasileiras as 2.^{as} e 3.^{as} vias de certificados de exportação que lhes forem apresentadas pelos donos, exportadores ou seus legitimos representantes.

§ 1.^o Tambem serão reputados falsos os certificados consulares da origem da mercadoria, de que trata o art. 1.^o, quando forem entregues ás Alfandegas pelos interessados.

Art. 4.^o Os empregados fiscaes e consulares que transgredirem as disposições contidas nos §§ 9.^o, 11.^o e 12.^o do art. 1.^o e art. 3.^o, § 1.^o, ficam sujeitos ás penas regulamentares que lhes forem applicaveis.

Art. 5.^o Logo que cheguem á repartição fiscal do destino o telegramma de que trata o § 6.^o do art. 1.^o, a 3.^a via do certificado de exportação e o certificado consular e tenha embarcação dado entrada no porto, poderá o dono da mercadoria promover o respectivo despacho livre, como de procedencia nacional, despacho que lhe será concedido, si pelo chefe da repartição for verificada a authenticidade dos documentos.

Art. 6.^o Si na conferencia da mercadoria no porto do destino fôr verificado accrescimo de peso ou quantidade, ficará este sujeito ao regimen das de procedencia estrangeira para o pagamento de direitos de importação para consumo, que deverão ser cobrados em dobro si a respectiva differença exceder de 100\$000.

Paragrapho unico. No caso de se verificar descrescimo, se procederá de accôrdo com o disposto no art. 490 da Consolidação das Leis das Alfandegas e Mesas de Rendas.

Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1911. — *Francisco Antonio de Salles.*

ACTOS DO PODER EXECUTIVO

467

MODELO

Alfandega de Uruguayana

CERTIFICADO DE EXPORTAÇÃO

N....

1ª Via

Certifico que seguem desta localidade para o porto do Rio de Janeiro, em transitó pelo territorio uruguayo, tres mil fardos de xarque de produção nacional, da marca C. N., sem numero, pesando, bruto nos saccoes, trescentos mil kilogrammas, exportados por Braulino Costa, do saladero brasileiro S. Paulo, sito nesta localidade, de propriedade de José Saraiva, os quaes vão ser embarcados no porto de Montevideo no vapor nacional *Parahyba*, com destino ao referido porto do Rio de Janeiro.

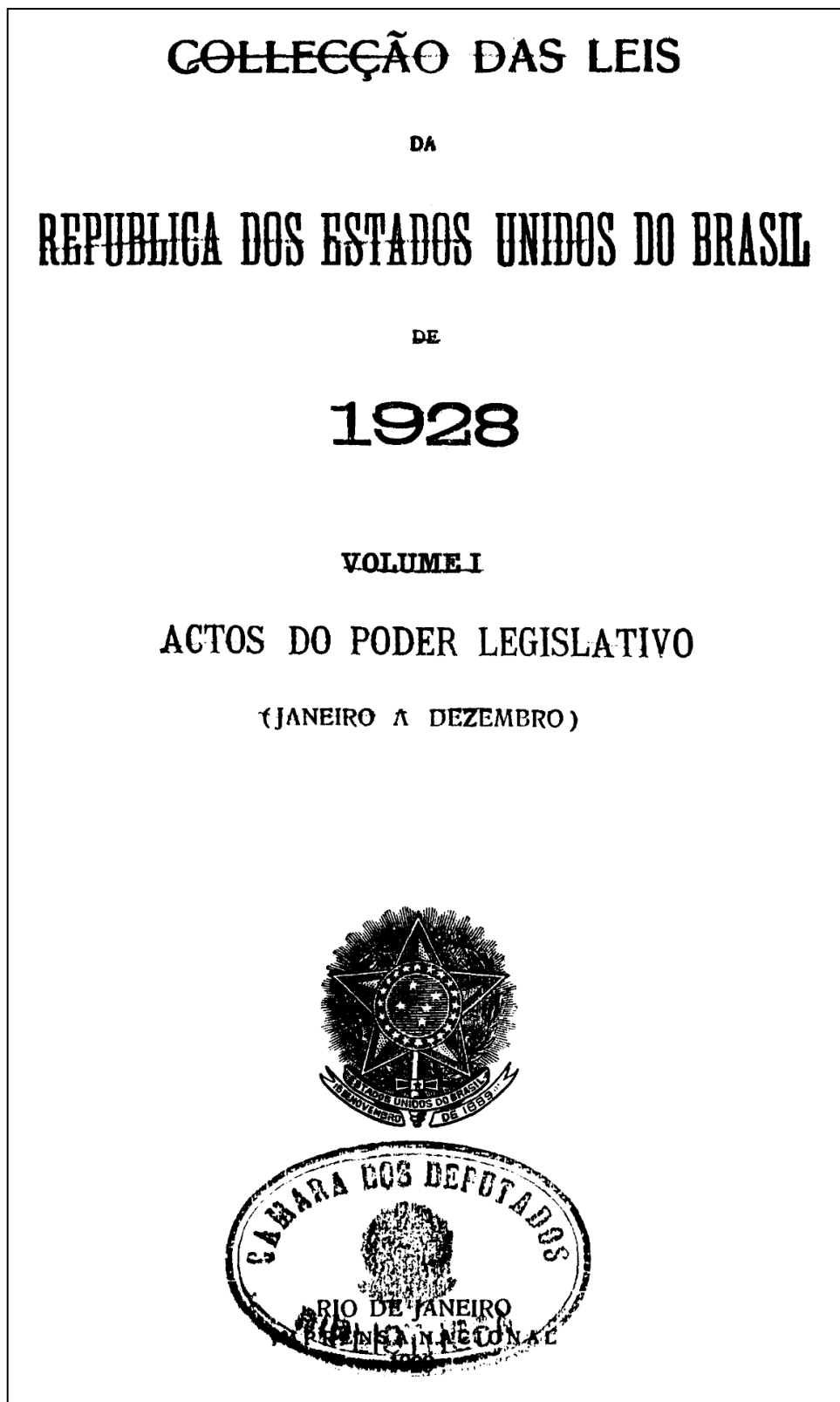
O presente certificado foi expedido em quatro vias, tendo sido a primeira entregue ao exportador, a segunda remettida pelo Correio ao Consulado Brasileiro em Montevideo, a terceira, tambem pelo Correio, á Alfandega do Rio de Janeiro, ficando a quarta archivada nesta Alfandega. E, para constar, eu, F..., escripturario dessa repartição, passei o presente aos doze dias de janeiro de mil novecentos e onze e o assigno conjunctamente com o Sr. inspector.

(Assignatura por extenso precedida do titulo.)

NOTA — Pagou de sello na 1ª via ...\$...

(Assignatura do empregado.)

ANEXO D – Decreto Nº 5.574 de 14 de novembro de 1928.



Fonte: Coleção anual de Leis. Câmara dos Deputados. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/legislacao/colecao-anual-de-leis/colecao4.html>. Acesso em: 22 de abril de 2022.

DECRETO N. 5.574 — DE 14 DE NOVEMBRO DE 1928

Autoriza a remodelar o regulamento do serviço de repressão ao contrabando nas fronteiras do Brasil e dá outras providências

O Presidente da Republica dos Estados Unidos do Brasil:
Faço saber que o Congresso Nacional decretou e eu sanciono a seguinte resolução:

Art. 1.º O xarque de produção nacional fica excluído das disposições relativas ao transito, a que se refere o decreto

n. 8.547, de 1 de fevereiro de 1911, e não gosará da isenção prevista no § 9º do art. 2º das Disposições Preliminares da Tarifa das Alfandegas.

Art. 2º Nos termos do art. 2º da lei n. 123, de 11 de novembro de 1892, navegação de cabotagem é a que tem por fim a communicação e o commercio directo entre os portos da Republica, dentro das aguas destes e dos rios que percorram o seu territorio.

§ 1º E' livre ás mercadorias nacionaes o commercio que se fizer por essa navegação, bem como ás estrangeiras, depois que tenham pago os direitos de importação estabelecidos nas leis em vigor.

§ 2º Desde que a navegação seja interrompida em portos estrangeiros, ficam os respectivos navios sujeitos ao pagamento de direitos de entrada, e as mercadorias transportadas pagarão, nos portos brasileiros de desembarque, impostos de importação e todos os outros marcados nas leis em vigor.

§ 3º O Poder Executivo providenciará para que o Lloyd Brasileiro estabeleça uma carreira mensal de navegação directa entre Corumbá, ou entre outro qualquer porto no Rio Paraguay, dentro de aguas exclusivamente brasileiras, até os portos maritimos do Brasil, podendo dar subvenção para tal fim.

§ 4º O Poder Executivo providenciará para que as estradas de ferro, que ligam Porto Esperança ao Rio de Janeiro, reduzam os seus fretes sobre xarque e couros, de modo que, sejam elles inferiores aos que actualmente são pagos por via fluvial e maritima.

Art. 3º Constitúe crime de contrabando, sujeito ás penalidades do Codigo Penal, art. 265:

a) concorrer, de qualquer modo, directa ou indirectamente, para preparo, apresentação ou processo de guias, facturas consulares ou commerciaes, certificados, talões, conhecimentos ou de quaesquer outros documentos, com o fim de permittir ou facilitar, pelo transito em territorio estrangeiro, apresentação, majoração ou substituição de volumes, alteração de peso ou conteúdo, de genero de produção nacional, com similar estrangeiro e assim permittir a entrada deste em territorio brasileiro como genero de produção nacional;

b) permittir, embora sem haver concorrido para o preparo do documento, tenha elle curso ou andamento para produzir o effeito da alinea a;

c) adquirir por compra, receber em consignaço no deposito, occultar ou guardar generos ou mercadorias entradas no paiz, pela fórma descripta.

Art. 4º Si os actos forem praticados por funcionario publico, será elle passivel de prisão em dobro, estabelecida no Codigo Penal, art. 265, perda do emprego e inhabilitação para exercer qualquer outra funcção publica.

Paragrapho unico. Verificado que o funcionario agiu sem dolo, soffrerá a pena de perda do emprego ou cargo, com inhabilitação para o exercicio de qualquer outro.

Art. 5º Fica o Poder Executivo autorizado a abrir os creditos necessarios para a execuço desta lei até a quantia de mil contos.

Art. 6º Fica o Poder Executivo autorizado a remodelar o regulamento do serviço de repressão do contrabando nas

ACTOS DO PODER LEGISLATIVO

189

fronteiras do Brasil, por meio de uma superintendencia especial ou de convenios com os Estados interessados.

Art. 7.º Na reorganização desse serviço admittirá como auxilio directo para a repressão do contrabando a interferencia dos intendentes ou prefeito municipaes e dos representantes das associações ou federações ruraes.

Art. 8.º Esta lei entrará em execução trinta dias após sua publicação.

Art. 9.º Revogam-se as disposições em contrario.

Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1928, 107º da Independencia e 40º da Republica.

WASHINGTON LUIS P. DE SOUSA.

F. C. de Oliveira Botelho.

ANEXO E - Projeto de Lei Nº 1.390/1995 - Denominação do Parque Dyonélio Machado

CÂMARA MUNICIPAL DE VEREADORES			
Data entrada na casa	16/05/95	Hora	12:40
Lido em plenário:	17/05/95	Rub.	037
Prazo:	URGÊNCIA		
Enviado à Comissão em	/ /	Hora	Rub.
Prazo de devolução pela Com.		Hora	Rub.
Apreciado pelo plenário dia:			

provido por unanimidade - 07/06/95
Quarai

CÂMARA MUNICIPAL
QUARAÍ - RS
VEREADOR
LUIZ ANTÔNIO FELICE MAFFINI

PROJETO DE LEI Nº 1.390/95 DE 07 DE junho DE 1995.

DENOMINA: Parque Dyonélio Machado
a Área onde encontram-se localiza
das as Ruínas e Prédios do Sala-
deiro.

SAUL FERNANDO ROSA DE CASTRO, Pre
feito Municipal de Quarai, no uso de suas atribuições.

FAÇO SABER, que a Câmara Municipi-
pal, aprovou e Eu sanciono e promulgo a seguinte LEI.

ART. 1º - Fica denominado de PAR-
QUE DIONÉLIO MACHADO a Área onde encontram-se localizadas
as Ruínas e Prédios do Saladeiro.

ART. 2º - Revogadas as disposições
em contrário esta LEI entra em vigor na data de sua publica
ção.

GABINETE DOS SENHOR PREFEITO MUNI
CIPAL DE QUARAÍ-Rs, em de de 1995.

SAUL FERNANDO ROSA DE CASTRO
PREFEITO MUNICIPAL



CÂMARA MUNICIPAL
QUARAI - RS
VEREADOR
LUIZ ANTÔNIO FELICE MAFFINI

JUSTIFICATIVA

Homenagear Dionélio Machado, não necessita justificativa, pois não cabem palavras mas sim sentimentos que por melhor que possamos expressar serão pequenos diante da magnitude de sua existência de sua expressão intelectual que transcende fronteiras tornando sua obra universal.

Dionélio vai além do romancista do ontem, do hoje, certamente será o do amanhã. Sua obra não se limita em tempo e espaço traz consigo as marcas do conflito social, do eterno drama da sobrevivência.

Sua própria existência retrata a grandiosidade do seu "SER" manifestada a cada momento da vida política do País.

De 1895 ano do nascimento de Dionélio Machado, a 1995 ano em que gostaria de ver acolhida esta homenagem, passaram-se: 100 anos de Nossa História; 60 anos de sua estréia como romancista com " OS RATOS"; 10 anos de sua morte, ou melhor de seu afastamento físico pois apesar da discriminação que lhe possa ter sido imposta pelo sistema, pelos conservadores, este nosso conterrâneo Ilustre tornou-se imortal pela sua obra que em muitos momentos retrata sua existência como Médico, Psiquiatra, Analista, Político e Revolucionário.

Denominarmos de Parque Dionélio Machado a área onde se encontra o acervo arquitetônico do Saladeiro é sem dúvidas darmos o primeiro passo no sentido de criarmos um grande acervo reunindo não apenas elementos que venham a compor a sua biografia, como a de tan




CÂMARA MUNICIPAL
QUARAÍ - RS

VEREADOR
LUIZ ANTÔNIO FELICE MAFFINI

cont...

tos outros Quaraíenses, vindo talvez no futuro ali instalar-se o mai
or acervo cultural do Rio Grande.

Sala das Sessões 16 de maio 1995


LUIZ ANTONIO FELICE MAFFINI
Vereador do PMDB

ANEXO F - Registro da área do Parque Dyonélio Machado de 1987

Página 1 de 3

OFÍCIO DO REGISTRO DE IMÓVEIS DE QUARAI-RS
Rua: CEL. MIGUEL CORREA Nº456, CENTRO - QUARAI-RS - 97.560-000 - Fone: (55) 3423-4343

CERTIDÃO

CERTIFICO, em razão do meu cargo e a pedido verbal de parte interessada, que revendo neste Cartório o Fichário do Livro 2 - REGISTRO GERAL dele verifiquei constar matrícula do seguinte teor:

MATRÍCULA 3921 FOLHA 01

CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS
QUARAI-RS.

LIVRO N. 2 - REGISTRO GERAL

Quarai, 13 de novembro de 1987.-

IMÓVEL: Uma área de terras com a extensão superficial de duzentos e vinte e nove mil, cento e quarenta e um metros quadrados (229.141m²), situada na primeira zona desta cidade, zona suburbana, no local denominado "Saladeiro", em cuja área funcionará a Escola Agro Industrial "João Vieira de Macedo", limitando ao Norte, com a estrada para a zona urbana de Quarai; Sul, com o rio Quarai; Oeste, com um logradouro público municipal e ao Leste, com área pertencente ao Banco Nacional do Comércio S/A e a área prometida vender a Luiz Pacheco Prates e Jarbas Pinheiro.-

REGISTRO ANTERIOR: 70.-Livro 3/D.-Fls.40v/42.-
567.-Livro 3/A.-Fls.62v/64.-
569.-Livro 3/A.-Fls.63v/65.-

PROPRIETÁRIO: Banco Nacional do Comércio S/A, com sede à rua 7 de Setembro, 1020, em Porto Alegre-Rs.-
Deovaldo A. Fernandes
Oficial.-

R.1-3921.-DATA: 13 de novembro de 1987.- **TÍTULO:** Compra e cessão de direitos e ações.- **FORMA DO TÍTULO:** Escritura pública de compra e venda, nº 14.616, lavrada em 26/11/1966, no 3º Tabelionato de Porto Alegre-Rs. **IMÓVEL:** Uma área de terras com a extensão superficial de 229.141m², situada na zona suburbana desta cidade, local denominado "Saladeiro", em cuja área funcionará a Escola Agro Industrial "João Vieira de Macedo", imóvel constante da presente matrícula, com as confrontações e demais características ali exaradas.- **TRANSMITENTE:** Banco Nacional do Comércio S/A, com sede à rua 7 de Setembro, 1020, em Porto Alegre-Rs., neste ato representado por seu Diretor, senhor José Rodrigues de Almeida Neto, brasileiro, casado, banqueiro, residente em Porto Alegre-Rs.- **INTERVENIENTE-CEDENTE:** João Vieira de Macedo, brasileiro, viúvo, criador, residente em Porto Alegre-Rs.- **COMPRADORA e CESSIONÁRIA:** PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, neste ato representada por seu Reitor Magnífico Engenheiro JOSÉ SYEFANI, irmão JOSÉ OTÁVIO, brasileiro, solteiro, religioso, residente em Porto Alegre-Rs.-

OBSERVAÇÃO: O outorgante-cedente João Vieira de Macedo cede todos os direitos e ações de correntes do contrato datado de 15/05/1945, adquiridos de Luiz Pacheco Prates e Jarbas Pinheiro, de comum acordo com o Banco Nacional do Comércio S/A, relativamente à fração de terras acima.-
Deovaldo A. Fernandes
Oficial.-

AV.2-3921.-DATA: 13 de novembro de 1987.-
Proceda-se a presente averbação, "de ofício", para constar que o Interveniante-Cedente, impõe a essa cessão a cláusula de benfiteira, com suas benfiteiras, atuais, reverter ao seu poder, ou a de seus herdeiros ou sucessores, em qualquer tempo, no caso de ficar extinta a mencionada Escola de ensino agrícola ou mudada a sua finalidade e subtraída ou mudada a denominação "João Vieira de Macedo", a qual encerra o prenome e os nomes do pai do Doador, pois que deseja que esta doação e a criação do referido estabelecimento de ensino técnico, o sejam "in-memoriam" de seu progenitor.-
O referido é verdade e dou fé.-
Deovaldo A. Fernandes
Oficial.-

R.3-3921.-DATA: 13 de janeiro de 1.992.- **TÍTULO:** Revogação de Doação. **FORMA DO TÍTULO:** Escritura Pública de Revogação de Doação por Acordo, nº 12.454, lavrada em 26/12/1991, pelo Tabelião João Pezo - Comarca desta Comarca.- **OBJETO DA REVOGAÇÃO:** João Vieira de Macedo, doador da R.1-3921 fez doação a Pontifícia Universidade Cat

Fonte: Acervo de Terezinha Saldanha (2021)

MATRÍCULA

3921

FOLHA

01

VERSO

a doação antes mencionada, voltando o imóvel objeto do R.1-3921, a plena propriedade de mesmo aos outorgantes, como sucessores de João Vieira de Macedo, os quais poderão, a partir desta data, dispor do para o fim que lhes aprouver. - VALOR: Cr\$. 25.000.000,00. - TRANS- MITENTE: União Sul Brasileira de Educação e Ensino, com sede em Porto Alegre-Rs., na rua Irmao José Otão, nº11, CGC/MF nº92.706.308/0001-75, entidade mantenedora da PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, localizada em Porto Alegre-Rs., na Av. Ipiranga, nº6681, CGC/MF nº92.706.308/0019-02, neste ato representada pelo Bel. Luiz Pozzer, brasileiro, casado, advogado, inscrito no OAB/RS sob nº5.024, CIC/MF nº059.819.640/49, residente nesta cidade, na rua - Baltazar Bruem, nº104. - ADQUIRENTES: Os sucessores de João Vieira de Macedo: ILSA DE MACEDO LINHARES, brasileira, viúva, pecuarista, CIC. nº553.419.930/04, CI/SSP/RS nº 1003823431, residente em Porto Alegre-Rs., na rua Luciano de Abreu, nº415; MARIA LILIA MACEDO MASCARENHAS, casada com Arthur Santayana Mascarenhas, brasileiros, pecuaristas, ele portador de CI/SSP/RS nº6004158108 e CIC/MF nº001.034.030/00, residentes em Porto Alegre-Rs. e JOÃO VIEIRA DE MACEDO NETO, brasileiro, casado, pecuarista, portador de CI/SSP/RS nº5007979437 e CIC/MF nº005.592.450/68, residente na Estância Santo Izidro, município de Uruguaiana-Rs., sendo que a primeira e o casal de outorgantes, são, neste ato representados pelo último, conforme pro- curação. - O referido é verdade e dou fe. -

Devaldo A. Fernandes
Oficial -

R.4-3921. - DATA: 13 de janeiro de 1.992. - TÍTULO: Doação c/ Encargos. - FORMA DO TÍTULO: Escritura Pública de Doação Sujeita a Encargos, nº 12.455, lavrada em 26/12/1991, pelo Tabelião, José Pozo Camargo, desta Comarca. - IMÓVEL: Uma fração de terras, situada na zona urbana desta cidade, lugar denominado "Saladeiro", com a extensão de 229.141m2, confrontando-se ao Norte, com o prolongamento da rua Ascânio Tubino; Sul, com o rio Quaraí; Leste, com Mariano Saldanha e ao Oeste, com a Vila do Saladeiro, constante do R.3-3921 da presente matrícula. - VALOR: Cr\$. 25.000.000,00. - DOADORES: Sucessores de João Vieira de Macedo: ILSA DE MACEDO LINHARES, brasileira, viúva, pecuarista, CIC/MF nº553.419.930/04, CI/SSP/RS nº1003823431, residente em Porto Alegre-Rs., na rua Luciano de Abreu, nº415; Maria Lília Macedo Mascarenhas, casada com Arthur Santayana Mascarenhas, brasileiros, pecuaristas, ele portador de CI/SSP/RS nº6004158108 e CIC/MF nº001.034.030/00, residentes em Porto Alegre-Rs., na rua Luciano de Abreu, nº417 e João Vieira de Macedo Neto, brasileiro, casado, pecuarista, portador de CI/SSP/RS nº5007979437 e CIC/MF nº005.592.450/68, residente na Estância Santo Izidro, município de Uruguaiana-Rs., sendo que a primeira e o casal de outorgantes, são, representados pelo último, conforme procuração. - DONATÁRIA: PREFEITURA MUNICIPAL DE QUARAÍ, inscrita no CGC/MF sob nº88.123.492/0001-53, neste ato representada pelo Prefeito Municipal, Dr. JUAZEL CUSTÓDIO GOMES, brasileiro, casado, médico-veterinário, inscrito no CPF/MF sob nº125.394.570/53, residente nesta cidade. - OBSERVAÇÃO: A presente doação é feita mediante as seguintes condições: a) a donataria se compromete a manter íntegra a área e as edificações, realizando todos os reparos que se fizerem necessários a conservação do "Saladeiro", de acordo com projeto idealizado pela Secretaria de Lazer e Turismo, sob a responsabilidade técnica do setor respectivo da Prefeitura, durante a administração do Dr. Juazel Custódio Gomes, especificamente durante o ano de 1991; b) o prédio da antiga "Escolinha", destinado-se-a à Administração do "Saladeiro", onde funcionará a mercearia e as oficinas destinadas ao ensino profissionalizante; a donataria deverá, dentro da área doada, destinar uma área de 5.000m2, que servirá à Paróquia - São João Batista, desta cidade; em caso de não cumprimento dos encargos antes mencionados, por parte do donatário, como órgão da administração desta, a Prefeitura Municipal obriga-se a instituir uma Fundação Pública, para essa finalidade, a qual será dirigida -

Continua na ficha 2....

CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS
QUARAI-RS.
 LIVRO N. 2 - REGISTRO GERAL


MATRÍCULA **3921** FICHA **02**

por um Conselho da Comunidade, sendo que este e a Direção da Fundação, deverão, obrigatoriamente, participar os seguintes membros: um representante da família dos doadores; os prefeitos e as primeiras damas, o atual e os futuros; um representante da Associação Comercial; um representante da Associação dos Produtores Rurais; um membro do Rotary e outro do Lions Club; um representante da Câmara de Vereadores e um representante da Paróquia local e, finalmente, no caso do não cumprimento dos encargos antes mencionados, incluindo este último, o bem ora doado, deverá retornar ao patrimônio dos Doadores. - O referido é verdade e dou fé. -
 Devaldo A. Fernandes
 Oficial. -

REGISTRO DE IMÓVEIS
 Marcelo Michels Vidarte
 CPF: 748.663.970-04
 Registrador Titular

CERTIDÃO ATUALIZADA DE INTEIRO TEOR DA MATRÍCULA/REGISTRO 3921
 15/09/2015
 Tel. (55) 3423-4343
 Rua Coronel Miguel Correa nº456 - Quaraí-RS

Busca em livros e arquivos - Valor fixo..... R\$ 7,00 0479.01.1200001.45608(1 ato) R\$ 0,40
 Certidão 3 Páginas - Valor fixo..... R\$ 13,40 0479.03.1400001.04722(1 ato) R\$ 0,70
 Processamento Eletrônico (por ato) - Valor fixo..... R\$ 3,60 0479.01.1200001.45614(1 ato) R\$ 0,40
 Emolumentos Total: R\$ 24,00 + R\$ 1,50 = R\$ 25,50


LAURA C. G. SALDANHA
 CPF: 770.334.420-88
 Registradora Substituta
 Registros Públicos de Quaraí-RS

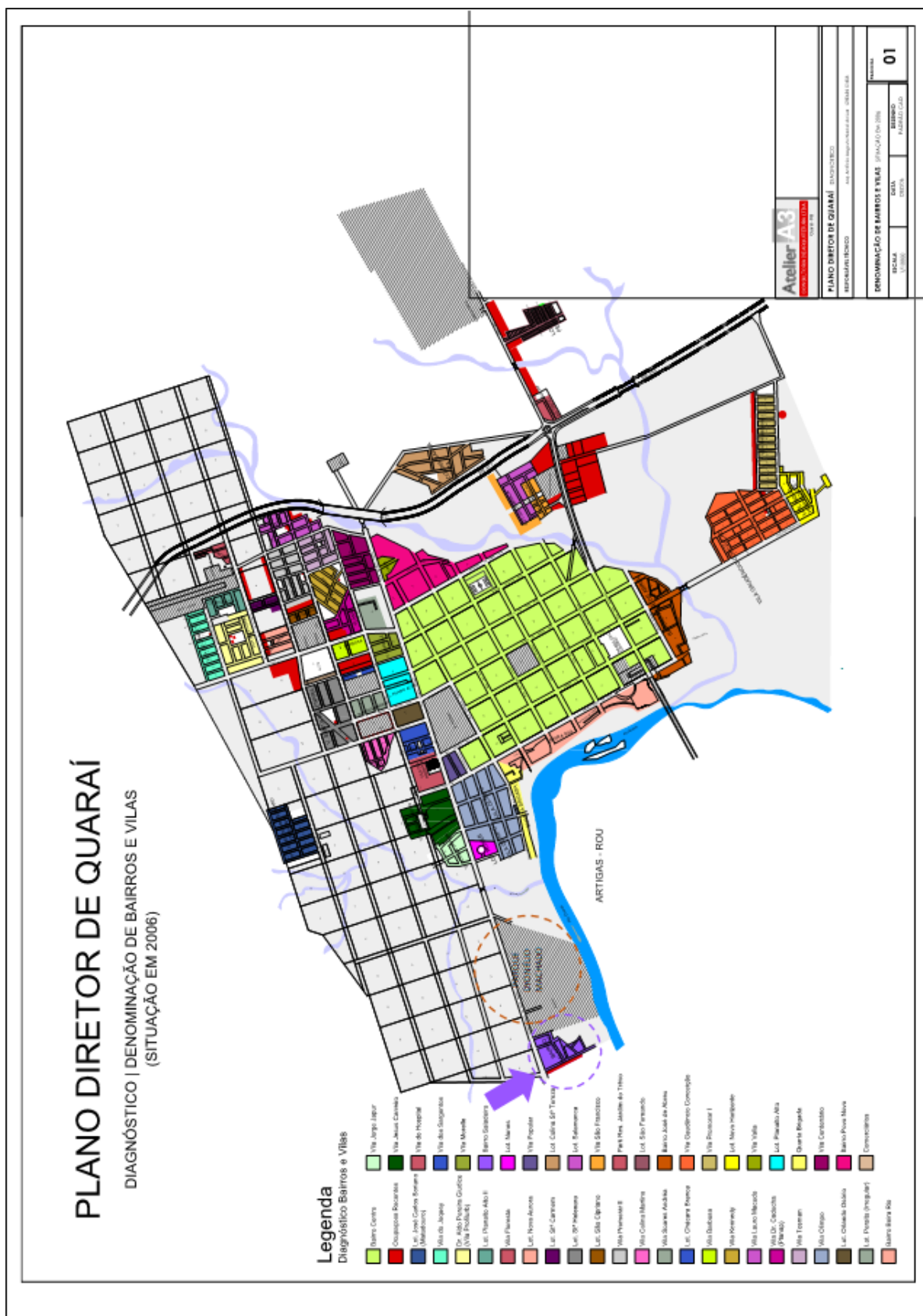
Fonte: Acervo de Terezinha Saldanha (2021)

ANEXO G - Relação dos Prefeitos de Quaraí

PREFEITO-GESTÃO	PERÍODO
Jeferson da Silva Pires	2021-2024
Ricardo Gadret-Mario Raul Da Rosa Corrêa	2017-2020
Ricardo Gadret	2013-2016
João Carlos Viera Gediel	2009-2012
João Carlos Viera Gediel	2005-2008
Carlos Silveira Gadret	2000-2004
Carlos Silveira Gadret	1997-2000
Bel Saul Fernando Rosa de Castro	1993-1996
Dr Juarez Custódio Gomes	1989-1992
Dr Carlos Alberto Pinto Vieira	1986-1988
Dr Juarez Custódio Gomes	1979-1985
Dr Heraclides Santa Helena	1964-1978
Dr Saul Brum Saldanha	1960-1963
Dr Aldo Pereira Giudice	1956-1959
Dr Saul Brum Saldanha	1952-1955
Sr Bernardo Simões Fernandez	1947-1951
Dr Saul Brum Saldanha	1947-1947
Dr Bento Lima Júnior	1937-1947
Sr Álvaro de Souza Tubino	1937-1937
Dr Aldo Pereira Giudice	1935-1937
Dr Junio Marcelino de Souza	1933-1935
Dr Francisco da Cunha Corrêa	1928-1931
Dr João Ascânio de Moura Tubino	1925-1928
Dr José Conrado Wagner	1917-1924
Sr Miguel da Cunha Corrêa	1912-1916
Dr João Vieira de Macedo	1911-1911
Sr João Máximo dos Santos	1909-1911
Sr Olavo Alves Saldanha	1907-1908
Sr Olavo Alves Saldanha	1904-1905
Sr Francisco Flores da Cunha	1901-1904
Sr Miguel da Cunha Corrêa	1898-1900
Sr Dartagnan Tubino	1896-1897
Sr Francisco Macedo Couto	1891-1892

Fonte: Elaborado pela autora (2022) (Adaptado de Quaraí, Prefeitura Municipal, 2022. Disponível em: http://www.quaraí.rs.gov.br/GABINETE_galeria_ex_prefeitos.htm. Acesso em: 21 de abril de 2022.

ANEXO H - Delimitação e denominação dos bairros de Quaraí



Fonte: Plano Diretor municipal de Quaraí (2006)

ANEXO I - Imagem do bairro Saladeiro



Fonte: Google Earth (2022)

ANEXO J - Ofício enviado à Secretaria Municipal de Educação e Cultura pelo arquiteto Antônio Augusto de Nadal, em 1998

Quaraí, 27 de Maio de 1998.

Ilma Sra.
Nadja Boelter da Rosa
Secretária Municipal de Educação e Cultura

Considero os poderes executivos, em todas as instâncias, os responsáveis pela Política de Preservação do Patrimônio Histórico e Cultural. Portanto, a nível municipal cabe ao Poder Executivo Municipal zelar pelo seu Patrimônio.

A timidez das ações da atual administração e das anteriores nos traz preocupações. O abandono do Parque "Dyonélio Machado" respalda nossa manifestação.

No momento em que fui procurado em razão do ofício nº 0019/98/SEDAC, prontifiquei-me atender como profissional que sou, no entanto os rumos que foram dados como "colaborador", não atendem meus objetivos profissionais, além do que a pouca disponibilidade de tempo impede a elaboração de um estudo como o caso requer.

No entanto, minha visão de Patrimônio Histórico Municipal e a ética profissional faz com que eu dê minha contribuição pela Associação dos Engenheiros, Agrônomos e Arquitetos de Quaraí a este Patrimônio que muitos Quaraíenses amam com certeza. **Portanto grifo que esta contribuição é ao Patrimônio Histórico Municipal e não a atual administração. Assim com já dei contribuições anônimas em defesa deste Patrimônio, em outras vezes foi o caso do estudo de cores da Pintura para a primeira Prefeitura de Quaraí.**

Sinceramente, Secretária faço a leitura deste ofício até mesmo pela sua baixa numeração de nº 19/98, veja que estamos em Maio de 98, como uma forma desesperada da atual Administração Estadual de mostrar serviço em uma área de pouca atuação. Pois temos visto é a venda do Patrimônio dos Gaúchos para atender interesses outros que não os nossos, acarretando a todos nós a elevação das tarifas de água, luz e telefone.

No entanto, é possível colhermos de fato ações de nosso interesse aproveitando este momento eleitoral. Entendo que a inclusão das Ruínas e da Ponte do Saladeiro no Inventário Bens Históricos do Estado do Rio Grande do Sul será uma grande vitória e um respaldo que nos dará no futuro para requerer recursos junto ao Governo Estadual provavelmente na futura administração através do Orçamento Participativo que será implementando de fato.

Sra. Secretária ao encerrar, ratifico a impossibilidade de um trabalho mais completo em decorrência da brevidade do tempo (menos de 48 hs), agravado pela falta de luz, na madrugada do dia 26, ocasionada pela deficiente distribuição da empresa privada AES-Sul que substituiu a CEEE, ao encerrar desejo sucesso no pleito, e que o Patrimônio Quaraíense seja preservado da melhor forma possível.

Atenciosamente,

A. Nadal
Arquiteto Antônio Augusto Nadal da Luz
CREA.....51.803-D

Fonte: Acervo de Terezinha Saldanha (2021)

1-DESCRIÇÃO DA NECESSIDADES

A Ponte do Saladeiro construída no início deste século é um dos elementos de engenharia que compõe um conjunto arquitetônico representativo a uma das fases mais importantes do desenvolvimento econômico da metade sul : a indústria saladeril.

Provavelmente, as ruínas do saladeiro de Quaraí, devem ser uma das últimas que preservam o sistemas de escoamento dos efluentes de uma maneira quase que completa, além de possuir praticamente intactos os tanques de salga.

O Saladeiro de Quaraí, em decorrência da distância dos grandes centros, foi pioneiro na integração econômica entre o Brasil e Uruguai - países membros do MERCOSUL- isto porque, o charque produzido em território brasileiro era transportado para os estados nordestinos através do porto de Montevidéu. O transporte para o território Uruguiaio também era peculiar , uma vez que era feito através de cabos aéreos que atravessavam o rio Quaraí por um distância bastante significativa. Instalações da época que ainda possuem marcos presentes nas barranqueiras do rio Quaraí.

Sendo assim, entendo que de imediato uma das maiores contribuições que o Estado do Rio Grande do Sul poderia agraciá-lo Município de Quaraí- sem ônus algum- seria incluir as Ruínas do Saladeiro e a Ponte do Saladeiro no Inventário dos Bens do Patrimônio Histórico do Estado do Rio Grande do Sul.

Num segundo momento para a efetiva preservação deste patrimônio são necessárias algumas ações tais como:

- 1- Levantamento Topográfico Completo;
- 2- Projeto de Restauração e Estabilização da Ponte;
- 3- Execução da Restauração e Estabilização da Ponte;
- 4- Proj. de Paisagismo do Entorno da Ponte (1,78 ha) área de pres. ambiental;
- 5- Execução das Obras de Paisagismo do Entorno da Ponte;
- 6- Pavimentação do Acesso as Ruínas do Saladeiro;
- 7- Projeto Paisagístico das Ruínas do Saladeiro (22,4 ha);
- 8- Projeto de Estabilização das Ruínas do Saladeiro;
- 9- Execução das Obras de Paisagismo e Estabilização das Ruínas do Saladeiro.

2- DISCRIMINAÇÃO DOS SERVICOS DE ENGENHARIA

2.1- Levantamento Topográfico Completo-

Precede a qualquer intervenção o levantamento topográfico do entorno da obra a ser restaurada;

2.2- Projeto de Restauração e Estabilização da Ponte-

Embora a ponte apresente sinais graves de conservação seu estado atual permite que uma intervenção imediata recupere totalmente sua estrutura e a beleza do seu arco. Para esta intervenção é necessário um levantamento detalhado , a realização de uma pesquisa fotográfica assim como o estudo de soluções de engenharia que possibilite a perfeita estabilização da Ponte com os cuidados estéticos que o bem histórico requer.

2.3- Execução da Restauração e Estabilização da Ponte

A intervenção na Restauração e Estabilização da Ponte do Saladeiro basicamente requer a utilização de tirantes transversais de aço, visando estabilizar o muro de arrimo de contenção existente, a reconstrução dos muros de arrimo de contenção em alvenaria de pedra de arenito irregular, a remoção do aterro excedente, a restauração do peitoril do guarda-corpo em arenito, a restauração das calçadas laterais em lajes irregulares de grês, restauração e do lastro da base da ponte

2.4- Projeto de Paisagismo do Entorno da Ponte

A ponte esta localizada em uma área totalmente inundável pelo represamento do rio Quaraí, e por conseqüência é considerada área de preservação ambiental . No entanto as enchentes do rio Quaraí são eventuais e rápidas que possibilita que o entorno seja utilizado para atividades de lazer .

Arquiteto Antônio Augusto Nadal da Luz. CREA -51.803-D Doação ao Patrimônio Histórico Quaraíense

2.5- Execução das Obras de Paisagismo do Entorno da Ponte do Saladeiro

A urbanização do entorno de um bem tombado é fundamental para a valorização do mesmo, pois possibilita o convívio comunitário e conseqüentemente o fortalecimento da consciência popular no tocante a preservação da história e da cultura.

Por tratar-se um entorno contíguo a um córrego a vegetação nativa deverá ser mantida e complementada sem contudo concentrar árvores de médio e grande porte junto as laterais da ponte possibilitando uma melhor preservação e contemplação da mesma.

2.6- Pavimentação do Acesso as Ruínas

A futura implantação do Terminal Turístico e do Portal Turístico no nosso município e localização privilegiada de nossa cidade possibilitando a ligação mais curta do norte do Uruguai ao Brasil favorecerá um maior fluxo de turistas.

Quaraí possui vários pontos atrativos que necessitam serem melhores apresentados e com acessos mais adequados. Um destes pontos é a Ponte do Saladeiro que localiza-se na metade dos dois quilômetros que ligam Quaraí e as Ruínas do Saladeiro, portanto a pavimentação desta ligação é importante para que Quaraí resgate seus atrativos e não torne-se simplesmente em um corredor, mas quem sabe em uma pousada ou melhor ainda uma estada do Mercosul para os turistas dos países do Prata.

2.7- Projeto de Paisagismo do Parque do Saladeiro

Os mesmos argumentos do item anterior reforçam a importância da valorização do conjunto das Ruínas do Saladeiro. Se a ponte é importante, imagine o quanto não é o fato gerador da Ponte-a Indústria Saladeril-do final do século passado e a do início deste

2.8- Projeto de Estabilização da Ruínas do Saladeiro

Um ruína requer cuidados diferentes de uma obra arquitetônica completa, portanto é de fundamental importância planejar algumas intervenções que garantam a estabilização dos elementos construtivos existentes de forma que possibilite segurança a visitação e a durabilidade da ruína.

2.9- Execução das Obras de Paisagismo do Parque e Estabilização das Ruínas

A Execução da Obra transporta para elementos físicos as soluções técnicas planejadas sem estas não existe razão do planejar, pois é o mesmo que não existir qualquer ação.

3- DISCRIMINAÇÃO DOS VALORES CORRESPONDENTES A CADA ETAPA

São poucos os elementos realmente definidos para a elaboração de um orçamento preciso até mesmo o prazo inferior a 48 horas, mesmo com um esforço sobre humano impossibilita um estudo técnico de precisão.

Sendo assim, será realizado uma estimativa de Custos para cada item.

Discriminação dos Serviços	Quantidade	Estimativa-RS
2.1-Levantamento Topográfico	2 ha	Sem ônus
2.2-Projeto de Restauração e Estabilização da Ponte	Diversos	2.400,00
2.3-Execução da Restauração e Estabilização da Ponte	Diversos	27.000,00
2.4-Projeto de Paisagismo do Entorno da Ponte	2 ha	2.000,00
2.5-Execução das Obras de Paisagismo do entorno da Ponte	2 ha	18.000,00
2.6-Pavimentação do Acesso as Ruínas do Saladeiro	2 km- 32.000 m2	983.640,00
2.7- Projeto Paisagístico das Ruínas do Saladeiro	22,4 ha	6.000,00
2.8- Projeto de Estabilização das Ruínas do Saladeiro	Diversos	3.000,00
2.9-Execução das Obras de Paisagismo do Parque e Estabilização da Ruínas	22,4ha e Diversos	120.000,00
Estimativa de Custo Total -RS		1.162.040,00

Arq. Antônio Augusto Nadal da Luz- CREA-51.803.D Doação ao Patrimônio Histórico Quaraíense.

ANEXO K - Matéria do jornal *Folha de Quaraí* - trabalho escolar vencedor da Amostra de Artes e Ciências na Escola Estadual Dartagnan Tubino de Quaraí, em 2005.

6 GERAL

MOBILIZAÇÃO

Saladeiro uma história a ser resgatada urgente

Mobilização através de ação popular tenta efetivar o tombamento da ruínas do Saladeiro São Carlos hoje um ponto turístico local

O trabalho, " Saladeiro, uma história ser resgatada", vencedor na 4ª Amostra de Artes e Ciências da Escola Estadual de Ensino Médio Dartagnan Tubino, que trata da preservação dos complexos das ruínas do Saladeiro e que iniciou na semana de Quaraí 2005; arquivando assinaturas para através de uma ação popular levar a indicação para a Câmara de Vereadores elaborar um projeto de tombamento do Saladeiro São Carlos.

A preservação estrutural e arquitetônica, o valor histórico e as múltiplas alternativas para transformar o referido local numa área de turismo é tema que vem sendo levantado à muitos anos.

Em 29 de maio de 1999 por indicação do então vereador e presidente da Câmara, Saul Rosa de Castro, foi apresentado o projeto de Lei que declara o valor histórico, cultural e arquitetônico da antiga escola do Saladeiro e das ruínas do matadouro São Carlos.

O projeto de Lei foi aprovado por todos os vereadores, incluindo a emenda do então vereador João Alberto Martins da Silva incluindo no complexo Saladeiro a ponte que leva ao mesmo.

Na referida reunião manifestaram-se favoráveis e complementando a necessidade do tombamento os seguintes vereadores: Maria Celarina Peres, Mamedes R. de Quadros, Mário Augusto Teixeira de Souza, Lourdes Menegola da Silva, João Alberto Martins da Silva, Luis A Maffini, Antônio Barcelos de Souza, Antonio Pedro e La Hire Neto. Não houve retorno do executivo nem lei que efetivasse o referido projeto.

Sendo assim os professores, alunos e a comunidade que estão assinando as listas; cientes do que representa em termos históricos, cultural, de lazer e econômico encabeçam novamente a tentativa de tornar viável esta antiga aspiração.

O trabalho está sendo coordenado pelas professoras Terezinha Saldanha e Tânia Castro, sendo executado pelos alunos do EJA deste educandário e defendido pelos alunos Cália Souza, Ziele Silva, João Batista Rodrigues Soares, Jorge Luis Soares da Silva, Edgar Moro e Mirian Regina Fritzsche.

Para colaborar, assinem as listas, pois por determinação da Lei Orgânica do Município, são necessárias 1800 assinaturas.



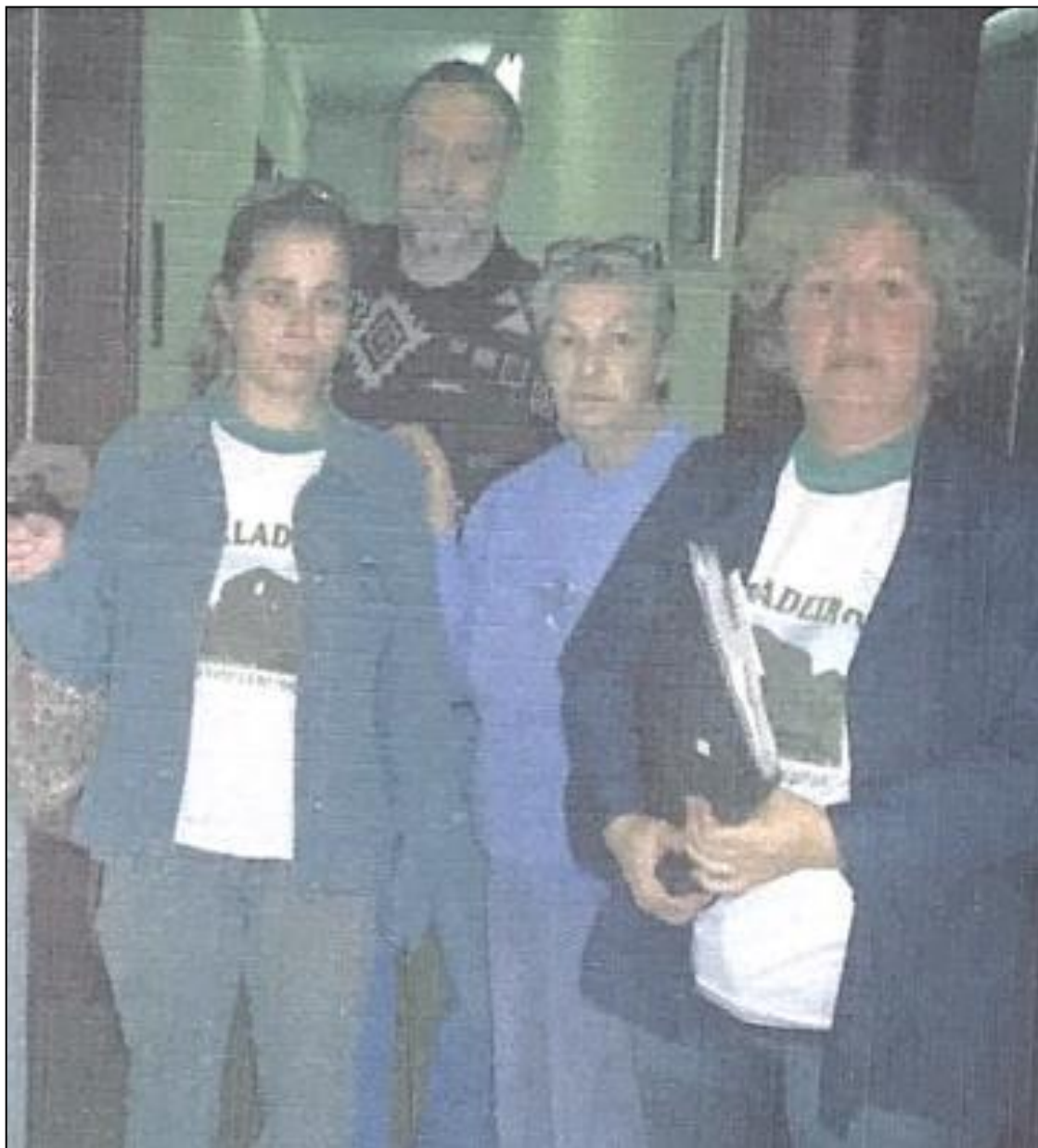
MOBILIZAÇÃO PELO

Alunos apresentaram trabalho sobre o Saladeiro na Feira de Ciências

Folha de Quaraí
Sexta-Feira e Sábado, 12 e 13 de Agosto de 2005

Fonte: *Folha de Quaraí*. Acervo pessoal da professora Terezinha Saldanha (2021)

ANEXO L – Foto com Professoras Terezinha Saldanha, Diva Simões, arquiteto Antônio Augusto Nadal e a estudante Ceila Silva na Câmara de Vereadores de Quaraí protocolando o Projeto de Lei (2005)



Fonte: Acervo pessoal da professora Terezinha Saldanha (2021)

ANEXO M - Lei Estadual Nº 12.491 de 16 de maio de 2006

ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa

LEI Nº 12.491, DE 16 DE MAIO DE 2006.
(publicada no DOE nº 093, de 17 de maio de 2006)

Declara integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul o conjunto arquitetônico remanescente do antigo Saladeiro São Carlos, existente no Parque Dyonélio Machado, localizado no Município de Quaraí.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica declarado como integrante do patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio Grande do Sul, nos termos e para os efeitos dos arts. 221, 222 e 223 da Constituição do Estado, o conjunto arquitetônico remanescente do antigo Saladeiro São Carlos, existente no Parque Dyonélio Machado, localizado no Município de Quaraí.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 16 de maio de 2006.

FIM DO DOCUMENTO

ANEXO N - Formulário de priorização de ações e de avaliação do Iº Encontro Binacional Saladeiro Patrimônio e Memória

I Encontro Binacional

SALADEIRO

PATRIMÔNIO & MEMÓRIA

SALADEIRO SÃO CARLOS-QUARAÍ/RS

CONSULTA DE PRIORIDADES DE AÇÕES

DEZEMBRO-2019

A Associação Amigos do Saladeiro São Carlos promoveu o 1º Encontro Binacional do Saladeiro: Patrimônio e Memória realizado nos dias 29 e 30 de novembro de 2019 no Centro Cultural de Quaraí/RS.

O evento contou com diversas atividades como palestras, almoço temático, abraço ao Saladeiro São Carlos e iniciativas para a revitalização da área do Saladeiro. O evento teve apoio de diversas entidades brasileiras e uruguaias.

Este formulário tem como objetivo priorizar as ações identificadas pelos dois grupos de trabalho na oficina participativa, do 1º Encontro Binacional do Saladeiro.

A priorização de ações vai de 1 a 5 sendo:

- 1 - curto prazo (maior prioridade)
- 3 - médio prazo (média prioridade)
- 5 - longo prazo (menor prioridade).

A proposta de priorizar as ações em uma escala de 1 a 5, também, está relacionada ao tempo de execução das ações, ou seja:

- 1 - ação a ser executada no primeiro mês;
- 2 - ação a ser executada no segundo mês;
- 3 - ação a ser executada no terceiro mês;

PESQUISA DE OPINIÃO SOBRE O 1º ENCONTRO BINACIONAL DO SALADEIRO: PATRIMÔNIO E MEMÓRIA - SALADEIRO SÃO CARLOS - QUARAÍ/RS DEZEMBRO/2019

A Associação Amigos do Saladeiro São Carlos promoveu o 1º Encontro Binacional do Saladeiro: Patrimônio e Memória realizado nos dias 29 e 30 de novembro de 2019 no Centro Cultural de Quaraí/RS.

O evento contou com diversas atividades como palestras, almoço temático, abraço ao Saladeiro São Carlos e iniciativas para a revitalização da área do Saladeiro. O evento teve apoio de diversas entidades brasileiras e uruguaias.



Este formulário tem o objetivo de obter respostas relativas ao seminário com temas referentes a organização, aos palestrantes, ao local, etc.

A resposta aos questionamentos será muito importante para a organização do próximo seminário.

As respostas variam de 1 a 10 sendo 1 péssimo e 10 excelente.

Agradecemos suas respostas e para que seja impessoal não há necessidade de identificação.

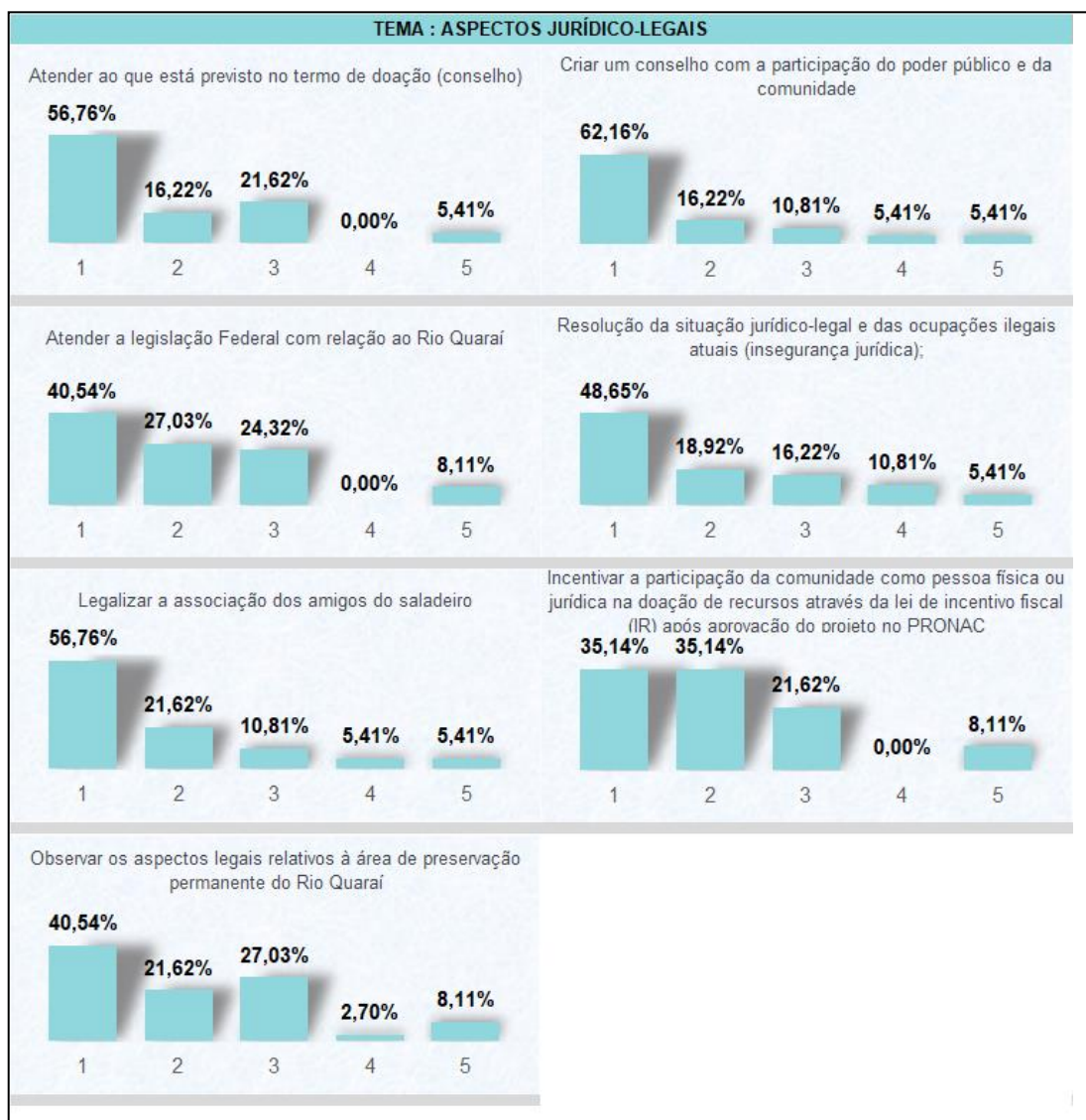
Muito obrigado.

 projetosalga.saladeirosgauchos@gmail.com 
 (não compartilhado) [Alternar conta](#)

*Obrigatório

Fonte: Relatório Iº Encontro Binacional Saladeiro São Carlos Patrimônio E Memória /Brasil – Quaraí Uruguai – Artigas (2019)

ANEXO O - Gráficos priorização de ações do tema “aspectos jurídico-legais”



Fonte: Relatório Iº Encontro Binacional Saladeiro São Carlos Patrimônio E Memória /Brasil – Quaraí Uruguai – Artigas (2019)

ANEXO P - Carta de Intenções entre Quaraí e Artigas

CARTA DE INTENCÕES

A Prefeitura Municipal de Quaraí e a Intendencia Departamental de Artigas, considerando:

Os laços fraternos e amistosos que de longuíssima data ligam as comunidades das cidades de Artigas e Quaraí;

O fato das cidades de Artigas e Quaraí serem irmãs (Lei Municipal nº3803 de 18 de maio de 2021);

A existência de um passado histórico comum, magnificamente representado pelo conjunto arquitetônico e patrimonial dos saladeiros fronteiriços, com destaque especial ao antigo Saladeiro São Carlos/ San Carlos, localizados as margens brasileira e uruguaia do Rio Quaraí;

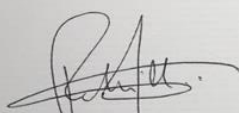
A necessidade de resgate e promoção da cultura e do patrimônio material e imaterial representado pelos saladeiros para as comunidades de Quaraí e Artigas;

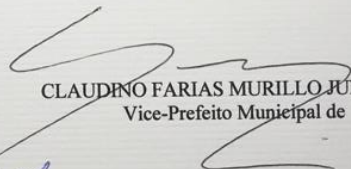
O potencial turístico e cultural que o patrimônio cultural e histórico dos remanescentes do saladeiro São Carlos possuem para o desenvolvimento local e regional.

Acordam o seguinte:

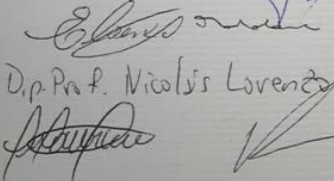
1. As instituições signatárias envidarão seus melhores esforços para implementar diretrizes e ações que busquem promover a preservação, qualificação e promoção dos espaços públicos abrangidos pelo antigo Saladeiro São Carlos/ San Carlos, localizados as margens do Rio Quaraí.
2. As instituições signatárias se comprometem a implementar as ações e diretrizes relacionadas com esta Carta de Intenções no menor tempo possível e de forma articulada e cooperativa, incitando o estabelecimento de canais de diálogo e intercâmbio.
3. Os aspectos técnicos e operacionais que eventualmente se façam necessários para a implementação desta Carta de Intenções serão estipulados em acordos firmados entre as instituições signatárias.

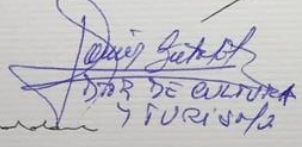
Artigas e Quaraí, 05 de novembro de 2021.



PABLO CARA
Intendente Artigas
Quaraí

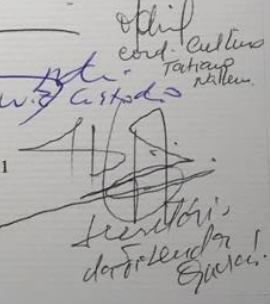

CLAUDIO FARIAS MURILLO JUNIOR
Vice-Prefeito Municipal de

Testemunhas:


Dip. Prof. Nicolás Lorenz


DIP. PROF. NICOLÁS LORENZ


DIP. PROF. NICOLÁS LORENZ


DIP. PROF. NICOLÁS LORENZ

Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro (2021)

ANEXO Q - Lei Diva Simões, que institui o Dia da Valorização e Conscientização do Patrimônio Cultural do município de Quaraí



CÂMARA MUNICIPAL DE QUARAI
PODER LEGISLATIVO

Lei N.º 3.872 DE 21 DE DEZEMBRO DE 2021.

**LEI DIVA SIMÕES - INSTITUI O DIA DA
VALORIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DO
PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE
QUARAI**

O Prefeito Municipal de Quaraí, Estado do Rio Grande do Sul, no uso das atribuições que lhe são conferidas FAZ SABER que a CAMARA MUNICIPAL, APROVOU e EU, PROMULGO E SANCIONO a seguinte LEI

Art. 1º Fica instituído a Lei Diva Simões - Dia da valorização e conscientização do patrimônio cultural do município de Quaraí em 11 de fevereiro, fazendo referência a data de inauguração do Saladeiro São Carlos.

Art. 2º As comemorações da data ocorrerão no segundo final de semana do mês de fevereiro, podendo contemplar atividades de sensibilização e de educação patrimonial, bem como de estímulo à preservação, proteção, valorização e salvaguarda de bens culturais.

Art. 3º Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação.

GABINETE DO SENHOR PREFEITO MUNICIPAL DE QUARAI, em 21 de Dezembro de 2021.

JEFERSON DA SILVA PIRES
Prefeito Municipal

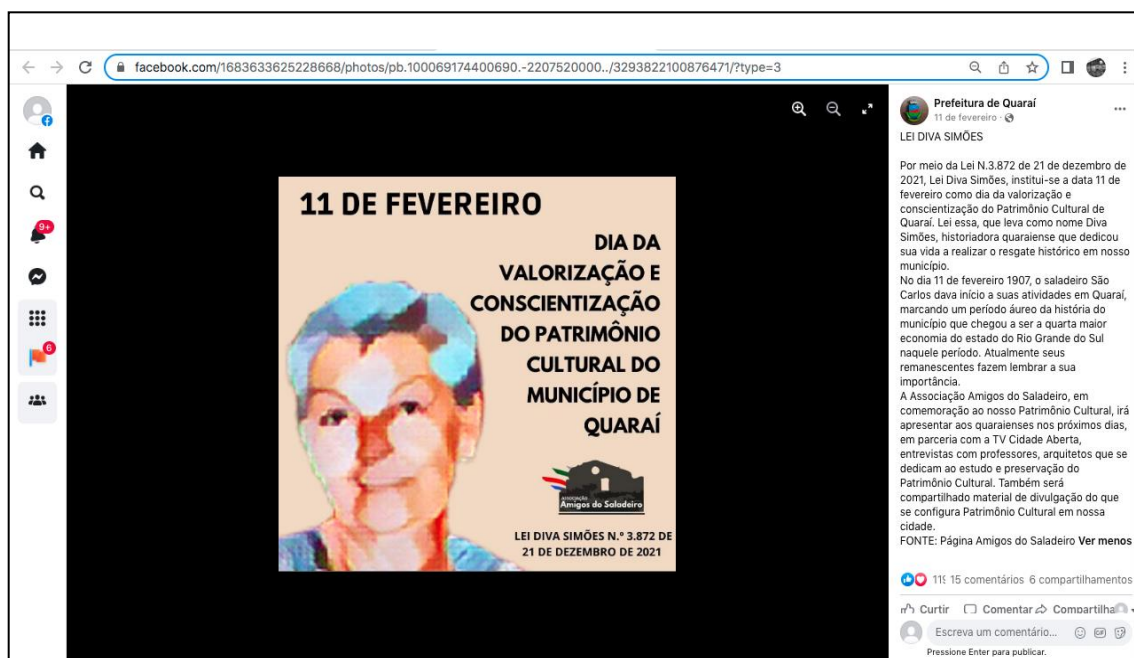
Maurício Mera de Castro (União Brasil)

Página 1 de 1

Quaraí, RS, CEP: 97560-000, Av. Artigas, nº310, Centro.
Contato: (55)3423.1251 e (55)3423-5618
cmquaraí@camaraquaraí.rs.gov.br
www.camaraquaraí.rs.gov.br

DOE ÓRGÃOS! DOE SANGUE! SALVE VIDAS!

ANEXO R - Lei Diva Simões - Publicação em fevereiro de 2022 na página da Prefeitura de Quaraí/RS



facebook.com/1683633625228668/photos/pb.100069174400690.-2207520000../3293822100876471/?type=3

11 DE FEVEREIRO

DIA DA VALORIZAÇÃO E CONSCIENTIZAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL DO MUNICÍPIO DE QUARAI

LEI DIVA SIMÕES N.º 3.872 DE 21 DE DEZEMBRO DE 2021

Prefeitura de Quaraí
11 de fevereiro ·

LEI DIVA SIMÕES

Por meio da Lei N.3.872 de 21 de dezembro de 2021, Lei Diva Simões, institui-se a data 11 de fevereiro como dia da valorização e conscientização do Patrimônio Cultural de Quaraí. Lei essa, que leva como nome Diva Simões, historiadora quaraíense que dedicou sua vida a realizar o resgate histórico em nosso município.

No dia 11 de fevereiro 1907, o saladeiro São Carlos dava início a suas atividades em Quaraí, marcando um período áureo da história do município que chegou a ser a quarta maior economia do estado do Rio Grande do Sul naquele período. Atualmente seus remanescentes fazem lembrar a sua importância.

A Associação Amigos do Saladeiro, em comemoração ao nosso Patrimônio Cultural, irá apresentar aos quaraíenses nos próximos dias, em parceria com a TV Cidade Aberta, entrevistas com professores, arquitetos que se dedicam ao estudo e preservação do Patrimônio Cultural. Também será compartilhado material de divulgação do que se configura Patrimônio Cultural em nossa cidade.

FONTE: Página Amigos do Saladeiro [Ver menos](#)

116 15 comentários 6 compartilhamentos

Curtir Comentar Comoartilha

Escreva um comentário...

Pressione Enter para publicar.

Fonte: <https://www.facebook.com/1683633625228668/photos/pb.100069174400690.-2207520000../3293822100876471/?type=3> (2022)

ANEXO S - Matéria *Jornal Zero Hora*. Edição de 03 de abril de 2021

ALMANAQUE GAÚCHO

Com Giordana Cunha | giordana.cunha@zerohora.com.br



RICARDO CHAVES

ricardo.chaves@zerohora.com.br
almanaque@zerohora.com.br

Ruínas resistem e preservam memórias

ESTÉLIO PEREIRA CAMPOS/PROPEC, DIVULGAÇÃO

Em Quaraí, na Fronteira Oeste, o Parque Dyonélio Machado abriga remanescentes de estruturas que representam a pujante indústria saladeiril da fronteira gaúcha do final do século 19 e início do século 20. O texto é uma colaboração da Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos.

Os saladeiros eram estabelecimentos industriais dedicados a produção em grande escala de charque no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina a partir do final século 19. Estes empreendimentos sucederam as famosas charqueadas da zona sul, que, até então, realizavam a produção de charque nas terras platinas.

Além de utilizarem mão de obra assalariada, usavam modernas tecnologias e procedimentos industriais de concepção inglesa, em especial as máquinas a vapor, que permitiam o aproveitamento total das reses abatidas; o tratamento primário do couro, a



Abraço ao Saladeiro São Carlos, no dia 29 de novembro de 2019. As ruínas são objeto de iniciativas de revitalização envolvendo a Prefeitura Municipal de Quaraí, a Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos e a UFRGS

produção de farinha de ossos, graxas e outros subprodutos. O sal utilizado vinha da região de Cádiz, Espanha, via Uruguai.

No início do século 20, na cidade, havia dois saladeiros em funcionamento: o Novo Quaraí e o São Carlos. O segundo foi construído pelo brasileiro Francisco Carlos Reverbel e

pelo uruguaio Carlos Mendive, e foi inaugurado em 1907. Dentre seus setores, havia escritório, charqueada, graxaria, ferraria, carpintaria, galpões de secagem, área de carnes elaboradas e depósito de charque.

A produção era transportada para Artigas, no Uruguai, por meio de um sistema de cabos aéreos instalado sobre o Rio Quaraí, o Aerocarril. Depois era enviada de trem, ao porto de Montevideo. Dali, os produtos seguiam de navio para venda em capitais brasileiras e outros países. Desta forma a indústria saladeiril permitiu, no primeiro quarto do século 20, que esta região fosse considerada como uma das principais áreas industriais no Rio Grande do Sul.

Com contexto fiscal desfavorável e a crescente concorrência dos modernos frigoríficos o saladeiro São Carlos entrou em concordata e encerrou suas atividades em 1927. Com o término das atividades, começou um longo processo de decadência e

degradação de suas instalações e benfeitorias.

Dignas representantes da arquitetura industrial do início do século 20, as ruínas do saladeiro São Carlos são um rico testemunho da relevância que a produção de charque teve para a economia do nosso estado e, sobretudo, para a região da fronteira.

Atualmente, elas integram o Parque Municipal Dyonélio Machado e são objeto de iniciativas de revitalização envolvendo a Prefeitura Municipal de Quaraí, a Associação dos Amigos do Saladeiro São Carlos e a UFRGS. Estas instituições têm como propósito preservar e valorizar este importante patrimônio histórico e cultural gaúcho.



A produção de charque era transportada para Artigas, no Uruguai, por meio de um sistema de cabos aéreos instalado sobre o Rio Quaraí, o Aerocarril

GZH

Leia outras colunas em
gauchazh.com/almanaquegauxho

ANEXO T - Anteprojeto que dispõe sobre a criação e organização do Conselho Gestor do Parque Municipal Dyonélio Machado



CÂMARA MUNICIPAL DE QUARAI PODER LEGISLATIVO

INDICAÇÃO N.º 150/2021

Anteprojeto em anexo que Dispõe sobre a criação e organização do Conselho Gestor do Parque Municipal Dyonélio Machado

Os VEREADORES com assento nesta Casa, usando de sua atribuição legal, abaixo assinado, INDICA ao Senhor Prefeito Jeferson da Silva Pires, que dentro das possibilidades seja apreciado o Anteprojeto em anexo que Dispõe sobre a criação e organização do Conselho Gestor do Parque Municipal Dyonélio Machado.

JUSTIFICATIVA

O presente anteprojeto foi elaborado por meio da Associação Amigos do Saladeiro, e assinado junto com o vereador que subscreve e tem como justificativa que:

A proposta de constituição, por parte da Prefeitura Municipal de Quaraí (Prefeitura), do Conselho Gestor do Parque Dyonélio Machado atende ao disposto na Escritura Pública de Doação Sujeta a Encargos Nº 3921, registrada no Ofício de Registro de Imóveis, em nome da Prefeitura Municipal em 13 de janeiro de 1992, estruturado de acordo com a legislação vigente.

A criação do Conselho Gestor do Parque Dyonélio Machado permitirá uma efetiva e perene atuação do poder público, em especial na Prefeitura Municipal de Quaraí, neste importante logradouro municipal, assegurando os meios de proporcionar a melhoria e qualificação dos serviços prestados à comunidade de Quaraí e arredores.

O Conselho Gestor tem por objetivo envolver a comunidade nas políticas públicas de planejamento, administração, preservação e fiscalização de ações e atividades no Parque Dyonélio Machado, onde se encontram os remanescentes históricos do saladeiro São Carlos, bem tombado como patrimônio cultural do município de Quaraí.

Sua instituição deve constituir um núcleo de articulação, consulta e deliberação entre poder público, representações da sociedade civil e comunidade local.

Atenciosamente.
Em anexo o anteprojeto.

Sala das Sessões, 05 de novembro de 2021.

Maurício Mera de Castro (União Brasil)
1º Secretário

Página 1 de 1

Quaraí, RS, CEP: 97560-000, Av. Artigas, nº310, Centro.
Contato: (55)3423.1251 e (55)3423-5618
cmquaraí@camaraquaraí.rs.gov.br
www.camaraquaraí.rs.gov.br

DOE ÓRGÃOS! DOE SANGUE! SALVE VIDAS!

ANEXO U - Material didático do curso de Procedimentos básicos para a manutenção dos remanescentes do saladeiro São Carlos

PROCEDIMENTOS BÁSICOS PARA A MANUTENÇÃO DOS REMANESCENTES DO SALADEIRO SÃO CARLOS

Orientações para limpeza de área com estruturas históricas a serem preservadas





Por ser um patrimônio já tombado é indicado que todo o trabalho a ser realizado no local seja acompanhado por um responsável técnico.

Realizar um trabalho com equipamentos pequenos perto de qualquer ruína e nos locais onde há valas ou vestígios.

Remover a vegetação. Nunca arrancar. Cuidar para **não** retirar, também, o material que deve ser preservado como rebocos, juntas ou tijolos.

Apenas cortar a vegetação e remover os resíduos com cuidado.

RETIRADA DE VEGETAÇÃO DA ÁREA





Usando as mãos

Em alguns locais a remoção da vegetação deve ser somente manual para **preservar** os resquícios históricos (nas bases das torres onde existem os ganchos, por exemplo).

Atenção

Cuidado com máquinas/equipamentos (cortadores, enxadões) junto às bases das paredes que são firmes, mas **não** resistem a golpes.





Cuidado!

Ao realizar o trabalho de limpeza, tenha atenção para que pessoas, animais e equipamentos não venham a cair. Ainda **não** há barreiras de proteção em locais onde existem estruturas com profundidade.



PARA MAIS INFORMAÇÕES ENTRE EM CONTATO
ENGENHEIRO D'ORLEANS FERNANDO (51) 99985 5024
ARQUITETO LUIZ CUSTÓDIO (51) 99114 6047

Fonte: Acervo Associação Amigos do Saladeiro (2021)

ANEXO V - Projeto de revitalização do Parque Dyonélio Machado elaborado por Bruna Copetti

PROJETO FINAL - PARQUE CULTURAL DYONÉLIO MACHADO

Intervenção em Patrimônio Histórico

O Sítio

O projeto será desenvolvido em um sítio histórico do município onde funcionava a Charqueada do Saladeiro São Carlos, hoje este local é denominado de Parque Dyonélio Machado pela lei municipal de nº 2.356.

Está área é dotada de infraestrutura, pois abriga hoje uma creche municipal em um dos prédios da antiga charqueada. Com topografia irregular o sítio possui em sua maior parte mata ciliar.


A área compreende 9,7 ha e está localizada no Bairro Saladeiro, a oeste do município no prolongamento da Rua Ascânio Tubino.

Charqueada - Saladeiro São Carlos


Saladeiro é todo o estabelecimento onde prepara-se a carne-seca (charque no Rio Grande do Sul), ou charqueada (FERREIRA, 2004).

Segundo estabelecimento de produção de charque do município de Quaraí funcionando de 1907 a 1929, sendo o último a encerrar suas atividades no Rio Grande do Sul.

Infelizmente esse mercado foi perdendo forças e lentamente encerrando a produção do charque gaúcho. Hoje restam apenas lembranças de um passado histórico as quais podemos desfrutar das ruínas do Saladeiro São Carlos.




Fachada principal do escritório da Charqueada São Carlos no séc. XX.
Fonte: Acervo Arq. Augusto Nader



Base do cabo aéreo, onde o charque era transportado para a sua fronteira Arigás através de cabos de aço.
Fonte: Acervo Cultural de Quaraí

Implantação do projeto



LEGENDA:

1- Guaritas	8- Exposição
2- Museu	9- Praça
3- Administração	10- Bar/Lancheria
4- Estacionamento	11- Sanitários e depósitos
5- Playground	12- Anfiteatro
6- Áreas de convívio	13- Mirante
7- Escola de Arte	13- Ruínas

O Parque Cultural Dyonélio Machado caracteriza-se por uma intervenção em patrimônio histórico, anexando novos usos e intenções ao local, assim, valorizando a cultura, turismo e economia local.

Com esse intuito o local irá abrigar um Museu que será o 'Portão' de entrada para o Parque, onde nele estarão todas as informações que o turista deverá saber antes de conhecer o restante do parque e suas pré-existências.

Os demais prédios estão localizados ao longo do terreno, distribuindo seus fluxos e funções, juntamente com áreas de convívios, praças, anfiteatro e mirante.

Eixos visuais são os principais parâmetros obedecidos na implantação do parque, distribuindo equipamentos, árvores e construções em suas extremidades, assim, favorecendo a visualização da paisagem e suas presenças históricas (ruínas).

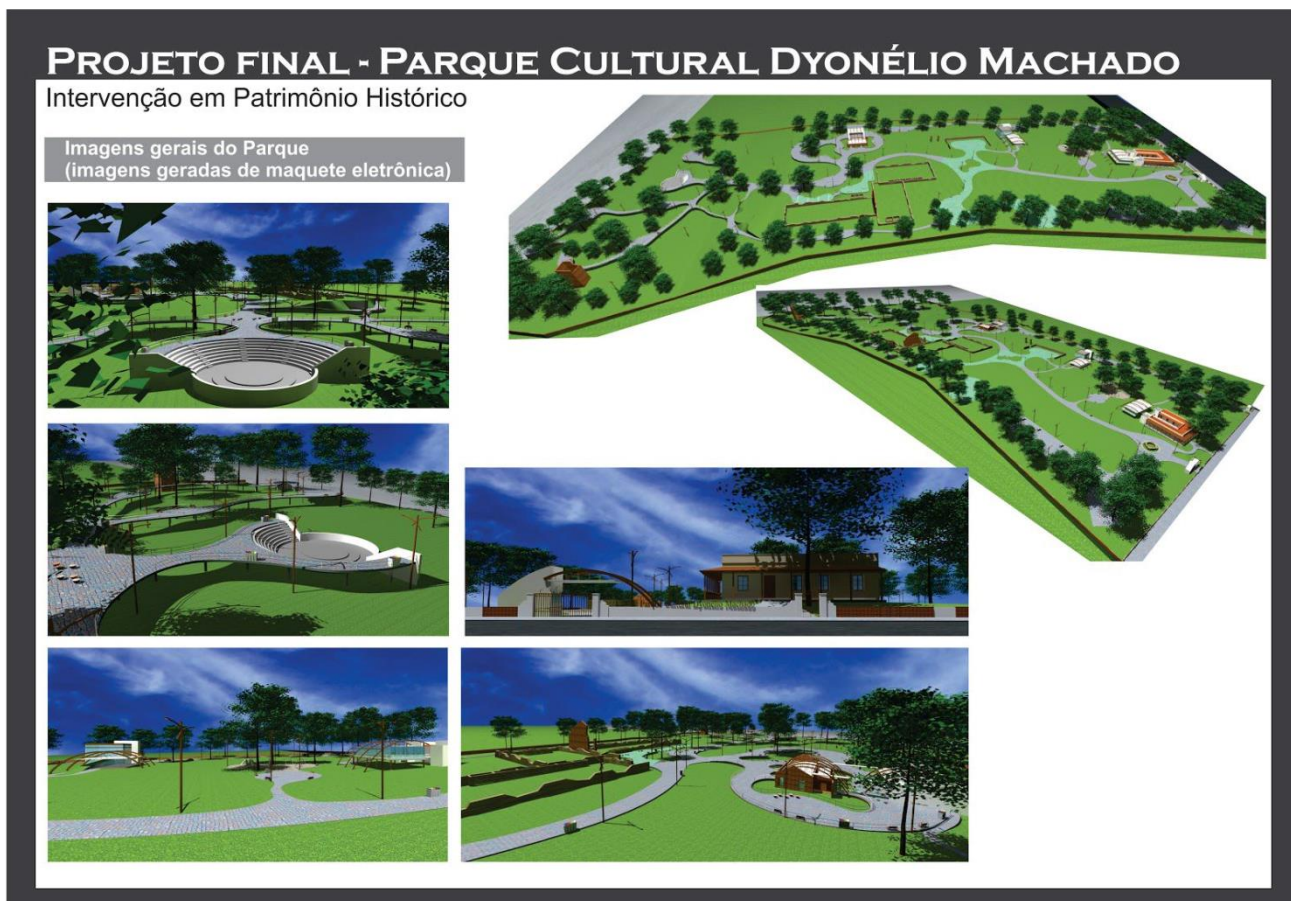
Caminhos orgânicos demarcam um percurso de contemplação, sendo este o mais natural possível através do uso de materiais da região como a pedra granito (paralelepípedo).

Nas ruínas foi mantido o terreno natural e livre de caminhos, convidando o visitante a percorrer o espaço das antigas construções.

Ao final do passeio encontramos um anfiteatro, onde será palco para eventos sociais e culturais do município, juntamente com caminhos e áreas de convívio em seu entorno.


Fonte: Acervo pessoal da arquiteta Bruna Copetti (2012)

ANEXO W - Projeto de revitalização do Parque Dyonélio Machado elaborado por Bruna Copetti



Fonte: Acervo pessoal da arquiteta Bruna Copetti (2012)

ANEXO X - Receita de carreteiro de charque



Carreteiro de Charque

Rendimento: 10 porções

Ingredientes

500g de charque picado e dessalgado
 2 un. (200g) de cebola branca picada
 2 dentes (20g) de alho picados
 800g de arroz agulhinha
 ¼ de xícara (60ml) de óleo vegetal
 1,25 lt. de água filtrada
 2 un. ovos cozidos e bem picados
 ½ xícara (100g) de salsa picada

Modo de Preparo

Refogar o charque no óleo vegetal, com a cebola e o alho, até amaciar a carne. Adicionar o arroz e o louro. Refogar, mais ou menos, por um minuto. Adicionar o caldo de charque até cobrir por 2 cm acima do arroz. Cozinhar por 15/ 18 min aproximadamente, cuidando para não secar demais o arroz. Desligar o fogo e deixar a panela tampada por mais 5 minutos. Servir com a salsa e os ovos picados.

Feijão Mexido

Ingredientes

500 g de feijão cozido e temperado com caldo, 1 colher de sopa de banha de porco ou, 2 colheres de sopa (30 ml) de óleo vegetal, 100 g de cebola bem picada, 2 dentes (20g) de alho bem picados, ½ xícara (120 g) de farinha de man

BRASIL PRINCIPAL

10

Fonte: Publicação “A cozinha do Palácio Piratini” (2021)

ANEXO Y - Receita de creme de moranga com charque



Creme de Moranga com Charque

Rendimento: 10 porções

Ingredientes

- 100 g de charque
- 2 litros de caldo de charque
- 1 un. grande (1,5 kg) de moranga cabotiá
- q.b de sal
- q.b de noz moscada
- 2 colheres de sopa (30 g) de manteiga


Modo de Preparo

Desfiar o charque, depois do dessalgue (ferver o charque três vezes trocando a água a cada vez) e da obtenção do caldo. Fritar o charque em uma frigideira com a manteiga e escorrer em papel para ficar crocante. Reservar. Cortar a moranga em cubos, retirar a casca e as sementes. Cozinhar no caldo de charque por, aproximadamente, 1 hora ou até a moranga ficar macia e liquidificá-la. Passar por uma peneira. Voltar ao fogo brando e temperar com sal e noz moscada a gosto. Decorar com o charque desfiado e salteado, servir.

88

Fonte: Publicação “A cozinha do Palácio Piratini” (2021)

ANEXO Z - Receita de risoto de charque e moranga



Risoto de Charque e Moranga

Rendimento: 20 porções

Ingredientes

700 g de arroz arbóreo 500 g de charque dessalgado 500 g de purê de moranga cabotia * 150 g de cebola picada 1,2 L de caldo de legumes q.b de sal 1/2 xícara (100g) de manteiga 100 g de parmesão ralado q.b. Salsinha para decorar 1/2 xícara (150 ml) de vinho branco seco de boa qualidade

Modo de Preparo

Em uma panela, com a manteiga, saltear a cebola até que fique suada. Adicionar o arroz arbóreo, mexer por 30s cuidando para que não grude na panela, em seguida, adicionar o vinho e continue mexendo em fogo baixo até que ele seque. A partir deste momento, vá adicionando o caldo aos poucos até o arroz ficar al dente, isto dá em torno de 18 min. À parte, salteie o charque na manteiga. Adicione o purê de moranga ao arroz, sempre em fogo baixo, até incorporar completamente. Adicione o charque e depois o parmesão. Desligue o fogo e finalize com a manteiga. Sirva imediatamente com a salsinha polvilhada.

59

Fonte: Publicação “A cozinha do Palácio Piratini” (2021)